

## Instituto Sedes Sapientiae

### Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2011/2013

Anna Mehoudar (Representante da Comissão de Admissão), Eva Wongtschowski (Publicações), Heidi Tabacof (Grupos de Formação Contínua), Isabel Mainetti Vilutis (Relações Internas e Representante do Departamento no Núcleo de Departamentos), Mara Caffé (Transmissão e Pesquisa), Maria Antonieta Whately (Administração e Tesouraria), Maria Aparecida Kfoury Aidar (Cursos), Maria Beatriz Costa Carvalho Vannuchi (Relações Externas), Maria Marta Azzolini (Clínica) e Noemi Moritz Kon (Eventos)

# Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE - ANO XXIII - DEZEMBRO DE 2012

### Conselho Editorial

Eliana Borges Pereira Leite, Leda Maria Codeço Barone, Lilian Quintão, Mania Deweik, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Maria Elisa Pessoa Labaki, Nelson da Silva Junior

### Grupo Administrativo

Eva Wongtschowski, Maria Antonieta Whately, Maria Elisa Pessoa Labaki

### Grupo de Entrevistas

Andréa Carvalho Mendes de Almeida, Bela M. Sister, Danielle Breyton, Darcy Haddad Daccache, Deborah Jean de Cardoso, Silvio Hotimsky, Susan Markuszower

### Grupo de Debates

Cristiane Abud, Gisela Haddad, Vera Zimmermann

### Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves (coordenadora), Maria de Lourdes Caleiro Costa, Renata Udler Cromberg, Sergio Telles

### Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena Stahl (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlevsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luís Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder Bacha (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Nelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificacion Barcia Gomes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia)

### Linha editorial

*Percurso* é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

### Digitação de originais

Angela Maria Vitorio • Tel.: (11) 6799-8255 • [angela.vitorio@uol.com.br](mailto:angela.vitorio@uol.com.br)

### Revisão

Simone Zaccarias • Tel.: (11) 9897-1362 • [simonezac@yahoo.com.br](mailto:simonezac@yahoo.com.br)

### Projeto e produção gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Ideias • Tel.: (11) 3062-6086 • [amaquina@aclnet.com.br](mailto:amaquina@aclnet.com.br)

### Assinaturas

Angela Maria Vitorio • Tel./Fax: (11) 3081-4851

### Capa

Malu Pessoa. *Vasos comunicantes*. Foto digital impressa sobre papel de arroz banhado em cera de abelha, 200 x 280 cm, 1986 • [www.malupessoa@hotmail.com](mailto:www.malupessoa@hotmail.com)

### Coordenação editorial / Recepção de originais para publicação

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010 São Paulo • Tel./Fax: (11) 3081-4851

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Site na Internet: [www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso) • e-mail: [percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)

*Percurso* é indexada em *Psychoanalytic Abstracts*, Washington, D.C., USA.



Instituto Sedes Sapientiae  
R. Ministro de Godoy, 1484  
05015-900 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3866-2730  
Secretário dos Departamentos:  
Juliano Pedrosa Chrisostomo  
[deptodepsicanalise@sedes.org.br](mailto:deptodepsicanalise@sedes.org.br)



Gráfica e Editora Santuário  
Rua Pe. Claro Monteiro, 342  
12570-000 Aparecida SP  
Tel.: (12) 3104-2000  
Fax: (12) 3104-2036  
0800-16-00-04

Ficções em Psicanálise

# Percursos 47

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXIII : DEZEMBRO DE 2011

# Sumário

## Table of contents

3 Sumário  
*Table of contents*

7 Editorial  
*Letter from the editors*

### TEXTOS PAPERS

---

9 Trauma e perversão  
*Trauma and perversion*  
Annie Topalov + Heitor O'Dwyer de Macedo

27 Conrad Stein no Brasil  
*Conrad Stein in Brazil*  
Renato Mezan

35 O dispositivo grupal como realidade fantasiada  
*Group device as fantasized reality*  
Tiago Corbisier Matheus

43 Sobre o grupo psicanalítico e a difusão da Psicanálise –  
contribuições de uma experiência de rede.  
*About the psychoanalytical group and diffusion  
of Psychoanalysis – contributions of a network  
experience*  
Fernando da Silveira; Clarissa Metzger; Paula Regina Peron

55 Por uma metapsicologia dos restos diurnos  
*Toward a metapsychology of the diurnal residues*  
Flávio Carvalho Ferraz

- 63 O problema do diagnóstico na clínica psicanalítica com crianças  
*The problem of diagnosis in the psychoanalytic work with children*  
Angela Maria Resende Vorcaro + Júlia de Sena Machado + Lucas Fernandes Loureiro
- 73 Psicanálise, constituição subjetiva e biografia: a recordação infantil de Leonardo da Vinci  
*Psychoanalysis, constitution of the subject and biography: a childhood recollection of Leonardo da Vinci*  
Douglas Emiliano Batista
- 85 Literatura e psicanálise: a poética de Raduan Nassar  
*Literature and Psychoanalysis: the poetics of Raduan Nassar*  
Renato Cury Tardivo
- 91 Os artistas, os lugares e as obras possíveis  
*Artists, Places and possible works*  
Alessandra Monachesi Ribeiro

## ENTREVISTA

---

### INTERVIEW

- 101 Zygmunt Bauman  
A certeza da incerteza  
*The certainty of uncertainty*

## DEBATE

---

### DEBATE

- 117 Gestão de conflitos  
*Management of conflicts*  
Ane Araujo + Eva Chaska Tesch + Maria Esther Soares + Rosa R. Krausz

## LEITURAS

---

### BOOK REVIEWS

- 127 Mães e filhas, ligações inevitáveis [*Electra vs Oedipus, the drama of the mother-daughter relationship*]  
*Mothers and daughters, inevitable bonds*  
Susan Markuszower

- 131 Forma literária e *forma* de um psicanalista [*Cartas a uma jovem psicanalista*]  
*Literary form and the form of a psychoanalyst*  
Tales A. M. Ab'Sáber
- 137 Da razão ao conflito, do excesso à criação, a questão da entrada do feminino na cena cultural da modernidade [*A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade. Novas configurações da diferença sexual*]  
*From reason to conflict, from excess to creation, the question of the inclusion of the feminine in the cultural scene of modernity*  
Elaine Armênio + Flávia Branco Volpe + Roberto Villaboim + Sílvia Gonçalves
- 143 Sobre 100 anos de novidade – A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno, de Sigmund Freud (1908-2008) [*Cem anos de novidade – A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno de Sigmund Freud (1908-2008)*]  
*On 100 years of innovation– Freud’s “Cultural” sexual morality and the modern nervousness*  
Glaucia Peixoto Dunley
- 147 Psicanálise e cultura em Guimarães Rosa: a travessia poética de Adélia Bezerra de Menezes [*Cores de Rosa. Ensaio sobre Guimarães Rosa*]  
*Psychoanalysis and culture in Guimarães Rosa: the poetic journey of Adelia Bezerra de Menezes*  
João A. Frayze-Pereira
- 151 Uma psicanalista entre os índios [*Na fronteira – das relações de cuidado em saúde indígena*]  
*A psychoanalyst among the Indians*  
Maurício Castejón Hermann
- 155 Clínica contemporânea: questões e propostas [*Acontecimento e linguagem*]  
*Contemporary clinic: issues and proposals*  
Maria de Lourdes Caleiro Costa

- I59 Do navegar à transmissão da Psicanálise em nossos tempos [*Entrevistas Preliminares em Psicanálise*]  
*From sailing to the transmission of psychoanalysis in our time*  
Betty B. Fuks
- I61 Uma lente implicada e outras lentes [*Intervenções*]  
*An implied lens and other lenses*  
Luís Claudio Figueiredo
- I65 A imagem e o corte [*Cinema e Psicanálise: o conceito de castração em transversal*]  
*The image and the cutting*  
Renata Udler Cromberg
- I70 Dor psíquica, corpo e histeria: “ela está onde nossos olhos não estão olhando” [*Crise pseudoepiléptica*]  
*Psychic pain, body and hysteria: “it’s where our eyes are not looking at”*  
Daniele R. Sanches
- I75 Colaboradores deste número  
*Contributors to this issue*
- I77 Normas para envio de artigos e resenhas  
*Rules for contributors*
- I79 Onde encontrar *Percurso*  
*Where to find Percurso*
- I83 Para assinar *Percurso*  
*How to subscribe to Percurso*

# Editorial

O que é uma leitura? Qual sua natureza, quais seus efeitos? Se não há escrita originária, isto é, se não há escrita que não seja sobre outro texto, como distingui-la da leitura desse outro texto? E, se escrever é ler, então como distinguir ler de escrever? Não seria ler, sempre uma espécie de re-escritura sobre o texto lido? E o leitor, seria ele a cada vez uma re-encarnação compulsória do visionário personagem de Borges “Pierre Menard, autor do Quixote”, que buscava em vão recuperar a necessidade de cada sentença do clássico de Cervantes? A verdade possui uma estrutura de ficção. O abismo aberto por esta afirmação de Lacan, seja naquilo que tem de provocativa, seja de iluminadora, parece estar presente em diversos registros da experiência analítica, tal como o demonstram os artigos desse número.

No artigo “Trauma e perversão”, acompanhamos o relato de um paciente cuja organização perversa se construiu como uma proteção contra a psicose. Apenas no terreno da transferência – não por acaso, também chamada por Freud de *neurose artística* e de *neurose artificial* – é que lhe foi possível instalar um terceiro espaço no qual ele não se sente mais indispensável à sua mãe, de cujo domínio absoluto buscou escapar através da invenção singular de seus sintomas.

Se, no seio da patologia, a distância da ficção que inicialmente protege o sujeito acaba por separá-lo de sua verdade, no trabalho analítico podemos ter a sorte de observar o inverso. O espaço de ficção, distinto em natureza da brutalidade traumática e de sua ausência de sentido, assim como da ficção primeira, na construção psicanalítica resultante do trabalho em conjunto entre analista e analisando permite ao sujeito a experiência de uma verdade sobre si. Uma mesma duplicidade de tal funcionamento da ficção é encontrável no artigo “O dispositivo grupal como realidade fantasiada”. Na situação de grupo, a ilusão pode se prestar tanto à organização de um sentido prévio, inquestionável, quanto se mostrar capaz de suportar uma abertura ao diferente, ao seu outro e portanto à função paterna. De modo análogo, a ficção possui uma função norteadora junto ao grupo de psicanalistas, como se lê no artigo “Sobre o grupo

psicanalítico e a difusão da psicanálise – contribuições de uma experiência de rede”, no qual os autores trazem a espessura ético-política da formação enquanto tal.

No artigo “Por uma metapsicologia dos restos diurnos”, reencontramos a ficção no próprio âmago da função onírica. Em seu trabalho, o autor demonstra como é precisamente a dimensão aferente do sonho que é a criadora e organizadora do inconsciente. Os restos diurnos que sofrem períodos de latência são aqueles que podem ser elaborados pelo sonho. Assim, recalcados, tais restos adquirem paradoxalmente a condição de representação e de inscrição psíquica, elevando desse modo o trabalho de ficção a uma função estruturante nas relações do psiquismo com suas exterioridades.

No artigo “O problema do diagnóstico na clínica psicanalítica com crianças”, a dimensão da ficção se mostra insubstituível desta vez na clínica psicanalítica, na medida em que, na figura do diagnóstico, ela permite orientar a escuta. O texto mostra ainda que a *diagnóstica* de inspiração lacanianiana não se limita à decisão entre as estruturas clínicas e que a topologia é modelo eficaz quanto à psicanálise com crianças, oferecendo-nos um belo exemplo de como à teoria cabe sempre ser re-escrita a partir de impasses da clínica.

Três artigos fazem da ficção seu próprio objeto de reflexão. Em “Psicanálise, constituição subjetiva e biografia: a recordação infantil de Leonardo da Vinci”, o autor procura mostrar que a psicanálise contribuiu para a compreensão biográfica de Leonardo da Vinci ao dispor de um modo singular de conceber a constituição subjetiva, permitindo assim que o personagem Leonardo da Vinci irrompesse como um sujeito que, embora tributário de uma forma histórica de socialização, não se limitou a ser um espelho dela.

Em “Literatura e psicanálise: a poética de Raduan Nassar”, podemos ler como a psicanálise pode se deixar fertilizar pela literatura. Ao analisar o estilo do escritor, o autor demonstra como os processos narrativos solicitam uma ressignificação do passado homóloga àquela que ocorre ao longo de um processo analítico.

Já o artigo “Os artistas, os lugares e as obras possíveis, ou onde a subjetividade ainda encontra lugar de existir” explora o destino que o conceito de ausência de obra de Michel Foucault teve em outros campos da existência e da subjetividade na contemporaneidade. Em sua análise do trabalho de Nazareth Pacheco, a autora relê o corpo e o feminino enquanto possibilidade de fazer obra, ou subjetivação.

*E last but not least*, a ficção ressurgiu no centro da obra do grande psicanalista Conrad Stein, texto apresentado na homenagem que lhe foi feita em Paris dias 30 de setembro e primeiro de outubro passados. Podemos seguir o caminho e a história do contato de Stein com o público brasileiro, caminho marcado pelo afeto, e por uma radical postura analítica, baseada na indissociabilidade da análise pessoal da clínica do analista: em seu pensamento a ficção novamente encontra uma função de abertura e enriquecimento, como por exemplo na figura essencial da *Criança Imaginária*, livro de Stein recentemente reeditado na França.

Em resumo, a presença da ficção nos pontos cardeais da clínica e da teoria psicanalítica do sujeito nos parece plenamente recuperada por essa seleção de trabalhos. O que foi dito de forma simples e sem rodeios por Shakespeare, nome igualmente essencial à Psicanálise: *we are such stuff as dreams are made of...*

\* \* \*

Essa é também a ocasião de lamentar a morte de mais um dos grandes daquela que pode ser considerada uma geração ímpar da psicanálise francesa: Pierre Fédida, Conrad Stein, Joyce McDougall, e, agora, André Green. Sem dúvida, com sua curiosidade e sensibilidade clínica, inteligência e imensa erudição, André Green soube articular o melhor da psicanálise inglesa e francesa em sua rica obra. Seus trabalhos sobre a estrutura *borderline*, sobre o narcisismo e a alucinação negativa fazem parte das obras que mantêm vivo o pensamento em Psicanálise. Obrigado, André Green!



# Trauma e perversão<sup>1</sup>

**Annie Topalov** é psicanalista. Possui extensa experiência clínica com pacientes psicóticos em hospital psiquiátrico. Atualmente conduz um grupo de pesquisa, “O trabalho da transferência”, na Federation des Ateliers de Psychanalyse. É autora de “D’un corps à l’autre” (*Le coq héron*, n. 190, 2007) e *Freud avec Halbwachs: les conditions d’une inscription symbolique*.

**Heitor O’Dwyer de Macedo** é psicanalista radicado na França desde 1968, tendo trabalhado em várias instituições de saúde mental. Foi professor na Universidade de Paris VII. Entre seus trabalhos, encontram-se traduzidos para o português *Ana K., a conjugação do corpo: história de uma análise* (Via Lettera), *Do amor ao pensamento* (Via Lettera) e *Cartas a uma jovem psicanalista* (Perspectiva). Atualmente, realiza junto à Federation des Ateliers de Psychanalyse de Paris um trabalho de releitura de toda a obra de Dostoiévski – “La clinique de Dostoiévski”.

**Tradução** Cláudia Berliner

**Resumo** Este texto apresenta os momentos fortes de um tratamento: a do paciente Henri, cuja organização perversa se construiu como uma proteção contra a psicose. O mecanismo dissociativo, reconhecível neste trabalho, permitiu-lhe, num primeiro tempo, isolar o universo traumático no qual viveu, onde a sexualidade e a violência são indissociáveis. As cenas de grandes excitações que lhe foram infligidas precocemente inscrevem marcas que se mantêm em estado selvagem dada a carência de representações verbais tranquilizantes. Com a diminuição progressiva da dissociação, Henri descobrirá pouco a pouco o caráter totalitário e alienante do domínio materno, que lhe impõe o *segredo* como uma forma de contrato íntimo. Quem é ele, se deixa de ser aquele que é tudo para sua mãe? Seria presunçoso afirmar que Henri aceita hoje plenamente a ideia de uma versão paterna do mundo na qual ele poderia se reconhecer. O que é certo: o terreno da transferência lhe permitiu instalar um terceiro espaço no qual ele não se sente mais indispensável à sua mãe. Por outro lado, sua paternidade reforça uma conexão através das gerações e integra cenas perversas até então dissociadas.

**Palavras-chave** terapia com perversos; dissociação, alienação interna; excitação precoce; perversão.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado durante o ano de 2010, em Paris, e de forma ligeiramente diferente no seminário *Clínica de Dostoiévski*, ministrado por Heitor O’Dwyer de Macedo no âmbito da *Federação dos Ateliês de Psicanálise*.

Annie Topalov  
Heitor O’Dwyer de Macedo

## I. Apresentação: Henri, a reinterpretação dos sexos

[Annie Topalov]

Escolhi a escrita para lhes falar esta noite do tratamento de Henri.

A escrita de um tratamento impõe a organização de um imenso material clínico em que se mesclam várias histórias de transferência.

A escrita de um tratamento põe em destaque temas essenciais que, embora tivéssemos enunciado, nem sempre tínhamos inscrito como pedra angular ou como momento de virada no tratamento.

Apresento-lhes, portanto, a composição de todas as conversas que tive a respeito deste tratamento, conversas que o nutriram e apuraram.

Ao receber Henri pela primeira vez, mergulho numa atmosfera estranha: seu físico de homem parrudo me remete ao ambiente de *Querelle*, romance de Jean Genet que li faz vários anos. Chego a fantasiar que ele poderia estar saindo da prisão. Seu falar é curto, sem desenvolvimentos, seco, e os silêncios ficaram rapidamente incômodos.



*o que caracteriza as manifestações  
pulsionais de Henri é a satisfação  
imediate, nos moldes  
de um toxicômano que move céus  
e terra para obter sua droga*

Recém-casado, sofre de falhas de ereção que não suporta, e ele me procura aconselhado pela mulher, que já passou pela experiência da psicanálise. Sua profissão lhe impõe deslocamentos permanentes para locais distantes. Por isso, a periodicidade das sessões será mutável, mas combinamos em garantir duas sessões por semana.

A dureza de seu pensamento irá se atenuar com suas confissões, e o trabalho da análise só trará frutos quando seus atos tiverem ganho sentido numa história da qual, ao menos por enquanto, ele não é dono. O termo confissão [*aveu*] não é inocente: refere-se a um inconfessável e, ao mesmo tempo, ao desmentido [*désaveu*].

E é toda a questão do desmentido, termo que discutirei mais adiante, que vai se desenrolar e ser escutada nesse tratamento, nos meandros dos próprios enunciados.

### O indecível como primeiro aparecimento do conflito psíquico

A homossexualidade de Henri se apresenta de início na forma de encontros efêmeros com homens sempre mais jovens que ele, detalhe importante, em que o fim buscado é a felação e em que estabelecer qualquer tipo de relação duradoura estava fora de questão. Findo o ato, Henri se sente sujo e larga rapidamente o parceiro, buscando o anonimato do sexo e não o vínculo. O que caracteriza as manifestações pulsionais de Henri é a satisfação imediata, nos moldes de um toxicômano que move céus e terra para obter sua droga. Portanto, é principalmente na rede da prostituição que Henri encontra seu “objeto sexual”.

É a primeira vez que Henri revela esse segredo, embora tenha acabado de se casar. Casamento vivido como um alívio, vitrine social que o protege das questões que seus atos homossexuais poderiam suscitar. O temor de ser descoberto sempre esteve presente em sua vida desde a adolescência, e logo no começo do tratamento Henri me falará da oscilação, traduzida em porcentagens, entre sua sexualidade com a mulher e seu prazer homossexual. Essa dualidade tingida de angústia retornará como questão a ser resolvida: “sou homossexual? Sou heterossexual?”, com uma verdadeira sensação de conquista quando ele consegue gozar com a mulher, gozo, no entanto, bem mais problemático do que com parceiros masculinos: “Com minha mulher, entro num esquema de tudo ou nada, quando não funciona e perco o desejo, me digo que sou homossexual e que não vou conseguir nunca. Quando funciona, sou um homem feliz”.

Henri fica transtornado com essa oscilação permanente que ele se ouve pronunciar nas sessões, até o momento em que, voltando de férias, fala do alívio em me rever, pois está totalmente invadido pela indecisão de estar em um ou outro de seus dois espaços de sexualidade: “Eu já não sabia quem era... tinha a sensação de um branco... era impossível tomar minha mulher nos braços, eu o teria feito com qualquer um que passasse na rua... estava mais frio que um pedaço de pau”. Essa sequência, que interpreto como levantamento brutal de uma clivagem, abre as portas para uma vivência de aniquilamento ante o envolvimento de Henri com sua mulher. Ele se sente invadido pelo retorno de uma posição psíquica em que prevalece a convicção de que é homossexual. Henri se consola “tornando-se ele mesmo rígido”, um pedaço de pau, para se sentir “um pênis” com o risco de ser aniquilado.

Ter um pênis adquire aqui o valor do corpo inteiro no sentido de um Eu pênis, o que Ferenczi<sup>2</sup> ressaltou bem, mostrando que o corpo assume o lugar de um pênis insuficientemente erétil. Para Ferenczi, cito, “essa identificação do corpo inteiro com os órgãos genitais” é de grande importância, e quando submete a Freud essa des-

coberta clínica, Freud lhe responde, cito: “que os impotentes que carecem de coragem para as relações sexuais realizam o coito com todo seu corpo em suas fantasias, e talvez esteja aí a fonte de toda fantasia intrauterina”.

Impressionada pela intensidade de seus afetos entre frieza e pavor, arrisco dizer que, se está em dúvida quanto ao seu envolvimento com a mulher, não é oportuno decidir a questão da escolha de seu objeto sexual por ora. Sua sexualidade bissexual é um fato que tem de ser pensado e desdobrado em sua análise antes de qualquer decisão apressada. Foi muito depois que Henri me contou o quanto minha intervenção o tinha aliviado. Mas, de quê? De um questionamento precipitado da homossexualidade que ele construiu para si como pseudoresposta identitária incestuosa com uma mãe que o idolatra contra um fundo de abandono, o que o tratamento mostraria mais tarde e que eu ainda não sabia.

A amarração existencial de Henri, no começo desse tratamento, depende do lugar que ocupa para a mãe. Eu o resumiria assim: “É minha mãe que centraliza tudo, meu pai não entendeu nada, ele não entra na dança, e eu sou quem confirma essa regra para a minha mãe, condenado a ser o mensageiro ativo de seus desejos para um homem que foge dela”.

O que Henri tentou? Tentou se casar para manter em segredo uma sexualidade proibida? Ou, ao contrário, foi seu casamento que o precipitou num conflito psíquico em que é sua homossexualidade como outro gozo que ele vem questionar com uma analista mulher? Se Henri tivesse usado seu casamento apenas com a finalidade de iludir, poderíamos nos indagar sobre os motivos que o levaram a vir nos procurar. Uma transferência perversa consistiria em recompor ficticiamente uma relação com o analista como testemunha, cúmplice impotente, voyeur e ouvinte desarmado de suas práticas sexuais.

2 S. Ferenczi, “Psychanalyse des habitudes sexuelles” (1925), p. 332. [“Psicanálise dos hábitos sexuais”, in *Psicanálise III – Obras completas*, p. 335.]

»  
*a amarração existencial de Henri,  
no começo desse tratamento,  
depende do lugar  
que ocupa para a mãe*

Optamos pelo conflito, e os desdobramentos do tratamento nos mostraram que, embora Henri tivesse tudo para afundar em práticas autoeróticas e numa passagem ao ato pedófila que principia na adolescência, a transferência não se organizou de modo instrumental. Parece-nos, portanto, essencial diferenciar uma clínica da perversão de uma transferência perversa, distinção que foi sendo construída no decorrer de uma discussão com Heitor de Macedo. Nosso lugar de analista possibilitou para Henri um acesso ao “eu não sabia”, ou seja, a uma pergunta feita a partir de um “não sabido” ali onde, no começo, havia uma certeza: a de jamais ter questionado o saber de sua mãe, sua única e indispensável interlocutora.

### Os termos do contrato

A escolha do sexo do analista que Henri fez aponta para uma clivagem de que ele não tem consciência como tal, mas que ele introduz numa sessão por meio de um relato: durante um jantar, fica indignado com um primo que, na frente dos convidados, critica abertamente a sua mãe, ausente naquela noite. Ele não só não consegue nem cogitar um arranhão na imagem dela, mas ser-lhe-ia insuportável imaginar ter de escolher entre a mãe e a mulher se elas viessem a se desentender, embora ele no fundo soubesse que sua mãe levaria vantagem. Teria ele vindo buscar uma analista mulher para interrogar o desejo de sua mãe?

Expresso deliberadamente um grande espanto, sublinhando assim o caráter embaraçoso e a opacidade de sua posição subjetiva, que ele nunca pôde pensar por medo de questionar um narcisismo frágil totalmente construído no e pelo olhar da mãe.



*é ela quem distribui os lugares  
psíquicos de uns em relação aos outros,  
subentendendo uma queixa insidiosa  
e permanente de insatisfação*

Foi desde muito cedo, me diz ele, que o idílio deles começou: “meu pai não sabe falar direito, ele é rude com minha mãe. Ela se sente muito negligenciada e, quando fica deprimida, eu fico mal, isso me afeta, eu me sinto impotente... com ela a coisa corre solta, é fácil conversar, ao passo que, com ele, os silêncios são pesados”. No seu discurso manifesto, ele descreve a mãe como uma supermãe. No entanto, em várias oportunidades irá evocar um aspecto mais sombrio de sua infância, em que a mãe estava muito desvalida e sozinha para cuidar de seus três filhos. Naquela época, por motivos de trabalho, seu pai viajava muito, e o relato lancinante de sua mãe insiste no fato de que ela só saiu de casa sozinha uma vez, quando os filhos eram pequenos. Sob a dominação do desamparo materno, Henri se constituiu como consolador: “Se eu ligo para o meu pai duas vezes seguidas, já esprieto a reação da minha mãe, pois fico com medo de decepcioná-la... evito os assuntos que poderiam deixá-la inquieta... não posso ter uma alteração com ela e, se ela fica triste por minha causa, é insuportável. Eu preferiria de longe que ela me mandasse às favas, isso me faria menos mal”.

Logo no começo da análise, Henri percebe até que ponto ele ocupou o lugar do pai: “Quando minha mãe não está bem, meu pai não a ajuda, ao contrário, pode ser ignóbil com ela... a depressão da mulher dele o remete à sua própria mãe e daí... bloqueio total. Por isso minha mãe espera tudo de mim desde sempre”. Henri está evidentemente preso numa identificação maciça com a dor da mãe, com todos os ingredientes de uma posição masoquista reunidos. Posteriormente, em seu tratamento, ele me dirá: “É como se eu fosse minha mãe e a defendesse quando é preciso defendê-la”. Ante a notícia da

morte próxima de uma de suas antigas colegas de liceu em decorrência de um câncer, ele me dirá que o que mais o toca é imaginar a dor da mãe dessa amiga. Essa montagem identificatória lhe permite não pensar sua mãe e, ao mesmo tempo, não se pensar nessa catástrofe. Em vez de falar de identificação, seria, a meu ver, mais correto ver nisso uma técnica de incorporação que consiste em se tornar o objeto mãe. Masud Khan<sup>3</sup> fala, nessas situações, de um Eu que se apresenta como uma colagem em que as fases libidinais estão superpostas em vez de estarem integradas umas às outras.

A apoteose dessa “colagem” ocorre quando, adolescente, ele se pronuncia rejeitando abertamente o pai na presença da mãe. Na sua lembrança, o pai não disse nada, saiu de casa pelo menos uma noite e deixou de falar durante três dias. Depois de Henri ter se desculpado, a relação teria se restabelecido, graças, diz ele, à intermediação da mãe. É ela quem distribui os lugares psíquicos de uns em relação aos outros, subentendendo uma queixa insidiosa e permanente de insatisfação em relação ao marido ao qual demonstra, ao mesmo tempo, uma grande devoção. Ela encontra em Henri uma orelha compreensiva. Este último, quando me procura para falar de suas falhas de ereção com a mulher, não tem a menor ideia do contrato perverso de que é objeto. Acredita plenamente que o casal que forma com a mãe deve-se tão-somente às dificuldades de seu pai, e que desde sempre seu dever foi socorrer a mãe. Será no tratamento que irá descobrir aos poucos o caráter totalitário da dominação materna e, assim, adquirir maior certeza de que seus pensamentos são confiáveis, pensamentos que até então eram flutuantes “em função”, diz ele, “de quem teve a última palavra”.

As cenas perversas:  
pôr em cena para dar sentido

Logo no começo do tratamento, Henri me fala de sua sexualidade, que ele qualifica de “pirada”. Entendo imediatamente que ele quer me falar de



algo que não são seus encontros homossexuais. De fato, Henri expõe com meias palavras uma cena sexual de intensa excitação com uma criança de menos de dois anos de quem ficou cuidando uma noite quando tinha dezessete anos. Escutei suas palavras, ditas sem afeto, com uma sensação de vertigem. Foi somente mais tarde que Henri, em resposta a uma de minhas perguntas, falou de seu ato: “Acho que lhe fiz uma felação... depois ele [o menininho] quis ir ao banheiro... ele fez cocô... ao limpá-lo, senti nojo, paramos tudo, eu o pus na cama.. A respeito de felação, duvidei das palavras de Henri perguntando-me: quem fez felação em quem? Pois a reversibilidade dos papéis no ato da felação tem um interesse clínico. Ele conta essa cena com dificuldade e segue-se o silêncio... nenhuma associação... nenhum esboço de tentativa de dar sentido. Somente uma observação sobre a idade da criança: “dois anos não é uma idade que me atrai, mas eu sabia que ele não diria nada”.

Henri estava me contando um cenário isolado dentro de um longo rébus em que a descarga sexual só pode encontrar expressão fora, diz ele, das normas convencionais. Esse “fora”, esse “não convencional” retorna com insistência, embora Henri não faça nenhuma associação consciente com o fora do casal que ele forma com a mãe, num trio em que seu pai é tacitamente aceito apenas como espectador impotente.

Parece-me importante reconstituir o desenrolar dos encontros de Henri nos quais sexualidade e violência são indissociáveis e nos quais as cenas de superexcitação, inicialmente padecidas, tornam-se mortíferas. A posição sádico-agressiva que tinha sido suprimida na relação com a mãe fica completamente desinibida nessas passagens ao ato. Todas elas têm em comum um fundo incestuoso evidente e não têm o estatuto de lembranças, mas sim de um “sempre presente” que não conhece a temporalidade e, portanto, o recalque. Henri viveu num universo traumático, que ele isola para sobreviver. O conceito de clivagem

»  
*Henri estava me contando um cenário isolado em que a descarga sexual só pode encontrar expressão fora das normas convencionais*

narcisista de Ferenczi é muito útil aqui, pois designa o que permite que o sujeito não seja totalmente tragado pela mãe.

Com seis anos, Henri é o alvo de maus-tratos de primos cinco anos mais velhos, que encontra regularmente nos fins de semana. “Eles eram *trash*”, me diz Henri, “eles me diziam: a gente vai te mostrar como a vida é... eu não tinha nenhum senso crítico sobre o que eles me mandavam fazer”. É com um deles que tinha frequentemente o que chama de “jogos sexuais de adultos”: “A gente ficava nu, muito excitado”. A dominação dos primos é maciça, a idolatria de Henri em relação a eles, impressionante. Ele imagina ser o mascote deles, mas não é bobo e teme a brutalidade deles.

A diferença de idade é um detalhe importante, que irá reaparecer mais tarde no tratamento quando Henri insistir na inversão de papéis: fazer o menorzinho sofrer o que ele sofreu com os mais velhos. As escolhas homossexuais de Henri na idade adulta põem-no na posição de controlar um outro suficientemente desvalido. Ele acrescenta que os encontros com homens que tomam a iniciativa não foram bons para ele. Isso não tem nada a ver com uma escolha homossexual em que o outro é um objeto de amor, o outro é um instrumento de seu gozo, única condição para se assegurar de uma função pseudo-fálica reparadora.

Prova disso é que, dos dez aos treze anos, ele tem uma relação incestuosa com sua irmãzinha em que só é admitida a felação. Virá se juntar um priminho do lado materno e depois, mais tarde, outro primo, também do lado materno, quatro anos mais novo que ele. “Eles pensaram um pouco”, me dirá Henri. Depois de novo a irmã mais velha de um dos primos é objeto de sua cobiça.

3 M. Khan, *Figures de la perversion*, cap. 5.



*o império do pré-genital,  
aqui uma poça, serve de supermercado  
para sua excitação efêmera e que tem  
de recomeçar sempre*

Foi bem no começo de sua adolescência, durante uma estada no exterior na casa de uma tia paterna, que Henri, com doze anos, experimentou uma grande excitação ao sair nu de um banheiro que dava para uma escada de incêndio, consciente do risco de ser visto. Nesse momento de sua vida, os banheiros são o local preferido para suas interrogações: passa neles horas pelado e às vezes fantasiado com batom e saia, imagem emblemática de uma mãe dotada de um pênis, expressão muito assustadora da recusa da castração, tanto da sua como da de sua mãe. A ideia de que uma mulher seja atravessada pelo desejo de um homem é para Henri uma língua estrangeira. O que ele compartilha com a mãe é erogeneidade e não sexualidade. Ele não cessa de questionar seu pênis de modo compulsivo e excitatório, numa relação circular com uma mãe que só lhe dá acesso ao pai por meio de um aviltamento permanente.

Que dizer de suas vontades de nudez senão que elas interrogam um momento que prepara para a diferença dos sexos? Se sua mãe é dotada da potência fálica, o que ele pode fazer com o que lhe resta da ideia mais que medíocre de seu pênis? Senão, como bem diz Joyce McDougall<sup>4</sup>, “ressuscitá-lo eternamente para ser outra vez reparado ou dominado na cena sexual perversa”. Ali onde, na neurose, a base da identificação aos pais possibilitou uma representação simbólica da diferença dos sexos e do transgeracional, a história de Henri nos mostra um caminho completamente diferente, que ele reconhece numa sessão ao falar do casal que forma com a mãe: “fiz com minha mãe tudo o que ela deveria ter feito com meu pai”. Como escreve Clavreul<sup>5</sup>, não há um an-

tes e um depois que caracterizariam o desejo de Henri, não há um antes em que a criança se ilude sobre seu desejo por sua mãe, não há um depois em que a desilusão de seu desejo dá lugar à entrada na dança da castração.

Numa noite particularmente chuvosa – sendo a chuva um elemento que reforça sua sensação de nudez –, Henri sai nu e vai se meter numa poça d’água, com o sexo erguido em grande excitação. Só uma cloaca, na falta de representação da cavidade materna, lhe garantiria uma aparência de posse fálica. O império do pré-genital, aqui uma poça, serve de supermercado para sua excitação efêmera e que tem de recomeçar sempre. Naquela época, o onanismo era compulsivo, com um ritual repetitivo: assumir posições como se estivesse urinando sobre si mesmo, muitas vezes nu, na banheira, e gozar de pensar que está sujo. Esse caráter compulsivo marca a suposta incapacidade do bebê Henri de internalizar experiências apaziguadoras, e sua relação com a mãe só é pensável em termos de identificação externa, ou seja, de colagem, fazer o que sua mãe quer que ele faça. Portanto, não há ou há pouca representação interna.

No colégio, Henri nem sequer imaginava que uma moça pudesse se interessar por ele. No melhor dos casos, ele é o confidente gentil e transparente delas. Sua falta de iniciativa e seu pouco interesse por brincar quando criança contrastam incrivelmente com sua empatia muito marcante com a mãe. Naquela época de sua vida, a transgressão é generalizada: ele rouba nas lojas, pega escondido o carro dos pais embora não tenha carta, faz tudo o que não se deve fazer. Mais tarde, durante seus anos de estudo, Henri se muda para longe da cidade natal e divide um quarto com outros estudantes. As compulsões masturbatórias acordaram-no muitas noites com o temor de ser ouvido ou descoberto. Naquela época, Henri tem desejos de suicídio, está longe da família e vive essa separação como um trauma de efeito retardado que o remete ao desinvestimento regular de que era objeto, quando criança, nos períodos depressivos pelos quais a mãe passava.

A primeira relação sexual por penetração com uma mulher ocorre com Laura, uma parente com trissomia, da mesma idade que ele. Ele tem vergonha dela, acha-a autoritária e mandona. Essa mulher encarna o calvário de toda a linhagem paterna. É quem carrega o monstruoso e a inumanidade da história dos avós paternos.

## O risco narcísico

Foi portanto bem tarde que Henri conheceu algumas mulheres, com as quais os casos não deram certo, pois ele não consegue pensar nem o enfrentamento com a mãe, nem a impossibilidade de se identificar com o pai – outra vertente que vou desenvolver um pouco mais adiante. Virá, portanto, me procurar para reconhecer e limitar a potência materna e para se ouvir dizer a inconsistência afetiva de sua relação com o pai. Será essa a trama essencial que irá se impor ao longo da análise, sabendo que essa descoberta implica imperativamente levar em conta o risco narcísico que ela supõe: o que aconteceria com Henri se ele deixasse de ser aquele que é tudo para a mãe?

Portanto, o risco não está somente na ação psíquica que consiste em se interrogar sobre seus pais<sup>4</sup>, mas também no acesso a uma vivência em que seu pensamento não lhe pertence. Com efeito, uma parte do psiquismo de Henri vive e pensa segundo a vontade do outro a fim de que este último tenha uma boa imagem dele. É uma proibição que chega ao ponto de deixar uma faxineira impor um preço injustificado para “ser como se deve ser”, de dizer à sua mulher que ele é muito ativo no seu trabalho para que ela não imagine que ele poderia não fazer nada. Cito Henri: “Não se trata do conteúdo do pensamento, mas do julgamento dos outros, do fato de que eles não vão mais me amar... Em grupo, fico sempre com medo, prefiro não entender a intervir e fazer per-

4 J. McDougall, “Scène primitive et scénario pervers”, p. 90-1.

5 Jean Clavreul, “Le couple pervers”, p.107. [O desejo e a perversão]

6 A noção de “retorno” em direção aos pais seria mais apropriada. Ela vem de Philippe Réfabert, que a desenvolveu in *De Freud à Kafka*.

o risco não está somente na ação psíquica que consiste em se interrogar sobre seus pais, mas também no acesso a uma vivência em que seu pensamento não lhe pertence

guntas... ou então... eu me sinto muito sensível, se um melodrama faz as adolescentes chorarem, eu também choro. A forma rapidamente prevalece sobre o fundo”.

A forma seria esse pensamento a serviço do outro que eu interpreto como uma defesa contra o desmoronamento psíquico. O fundo é essa dissociação que Henri integrou bem cedo na vida: ser o objeto indispensável da mãe para não se perder nela. É o que provavelmente ele revive nas suas passagens ao ato homossexuais: uma necessidade imperiosa de algo no outro que ele pega, sem consideração pelo parceiro. Portanto, está em jogo tanto sua identidade: “se sou o que você quer que eu seja, então quem sou para mim?”, quanto suas identificações: “sou um camaleão, e impor meu ponto de vista é impossível”. Henri ora é influenciável, a serviço da dominação materna, ora está às voltas com um mundo onde até agora a sexualidade viu-se reduzida à excitação sexual. É esta que ele renova incessantemente numa relação de predação/abandono para fazer frente à angústia do vazio pulsional. Retomo aqui a tese de Masud Khan que vê a perversão mais como uma fixação a uma atividade do que a um objeto. Ele sugere que esses estados de excitação são uma defesa maníaca contra sensações de desarticulação do Eu, em que o “fazer” predomina sobre o “ser”.

Numa sessão, Henri me contará: “quando pequeno, havia um menino espontâneo. No dia em que comecei a dizer o que queriam que eu dissesse, tenho a impressão de que estava cavando meu espaço e, desde aquela época, eu funciono assim”. No entanto, seu gozo se organiza com esse espaço cavado, e nele se instalou sem texto, compulsivo e repetitivo. Quando tinha por volta





*sua mãe se outorgou a reinterpretação da história do marido a fim de afastar Henri de uma eventual curiosidade ou interesse pelo pai*

de dez anos, um menino de uma turma de amigos lhe disse: “eu não gosto de você!” e Henri rememora ter escutado essas palavras como uma verdade que vinha desmascará-lo, confirmá-lo em sua posição de criança diferente desde sempre. Essa sensação vai muito além das primeiras cenas de abuso sexual por seus primos, ele sabe disso desde sempre.

Há uma sessão que ficou marcada para mim, porque ela cruza com a questão identificatória, a questão identitária, no sentido de que o que Henri percebe como afeto não leva a nenhuma representação simbólica que ele possa processar. Por isso, a saída que ele encontra é calcar o afeto na demanda do outro. Assim, a respeito da depressão de sua irmã menor, ele me dirá: “certa noite, ao telefone, percebi que o fato de ela estar muito mal não me afetava e eu me forcei a ficar afetado, eu funciono assim... não quero que as pessoas me julguem por minha insensibilidade... isso não mexe nem um pouco comigo e é algo que me questiona... e quando acaba me atingindo, fico aliviado, como se eu fosse culpado de não dar a resposta adequada”.

Nas organizações psicóticas, o afeto se reduz a um sistema perceptivo destituído de existência em si, pois está cortado de toda representação. Estou pensando num paciente melancólico que, embora sentisse que a carne que estava comendo estava estragada, só tomou consciência disso quando sua mulher lhe disse. A percepção é sentida, mas não é operante, flutua à espera de ser alocada pela emoção de uma palavra. Em Henri, a resposta afetiva é aquela que o outro espera, ou seja, estamos diante de uma organização que Winnicott qualificaria de “falso self”. Masud Khan<sup>7</sup>, por sua vez,

descreve um fenômeno de dissociação da experiência de si em que a criança, desde muito pequena, integra que aquilo que sua mãe quer dela é algo muito especial e não a sua pessoa como um todo.

Mas, diferentemente da resposta psicótica que pode chegar até o delírio, Henri constituiu para si um “fora” da dominação materna, aquilo que ele chama de “fora das normas” e que constitui para ele um equivalente de “espaço outro”. Assim, a transgressão seria não só a única resposta à dominação materna, mas também um modo de impor ferozmente seu pseudopênis ali onde, na neurose, o homem o tem de modo a poder colocá-lo em risco. A transgressão, longe de inscrevê-lo no espaço de seu pai, nos indica também que Henri não tem nenhuma representação de um espaço materno acolhedor, no sentido de um espaço psíquico cavo. Ser dotado de uma função fálica não é apenas questão de castração, implica inevitavelmente uma passagem pelas identificações maternas. Aliás, a ereção não contém em si mesma a virtualidade da cavidade em que virá se alojar?

### Dar-se outra imagem de pai

Tudo o que Henri pode dizer do pai, ele aprendeu da boca da mãe. Logo, ela é o porta-voz, o pistolão, a alcoviteira. O próprio Henri reconhece que desde sempre integrou a não palavra de seu pai. Sua mãe se outorgou a reinterpretação da história do marido a fim de afastar Henri de uma eventual curiosidade ou interesse pelo pai. Como objeto do desejo da mãe, Henri não convoca nem o saber nem o desejo do pai. Concordo com a tese de Clavreul<sup>8</sup> de que, para o perverso, não há precessão do pai. É a anterioridade de seu saber sobre o desejo que faz que um pai possa permitir o reconhecimento, por seu filho, da diferença das duas funções parentais e, por isso mesmo, da diferença dos sexos. Ora, o pai de Henri sabe tão pouco de si quanto ele. A ilusão de Henri de ser o objeto do desejo da mãe não é modulada pelo pai.



Não haver precessão do pai significa que, para Henri, é sempre a partir do desejo da mãe que ele entra em contato com o pai. Assume o lugar de negociador do desacordo entre eles com a íntima convicção de que é a favor de sua mãe que negocia. Seja por compras diversas ou por desejos de saída, Henri estava até agora encarregado de administrar o desejo do pai para satisfazer a mãe. Apenas paulatinamente é que ele tomará consciência de que é usado.

Descobre também que seu pai é mais desvalido do que imaginava. Uma grave somatização no olho anulará um projeto muito aguardado por sua mulher. Embora vá regularmente passar bons momentos com os amigos, aparece nas palavras do filho como um homem que não quer ficar sozinho com a mulher. Ante cada uma das demandas desta, ele responde de uma ou de outra maneira, pela desistência ou pela esquivia. Somente mais tarde no tratamento é que Henri irá se questionar sobre a ligação entre a loucura da mãe de seu pai e a posição de seu pai em relação à própria mulher.

Outra descoberta concerne à posição de salvador que seu pai ocupa em relação a toda a sua família ampliada, que ele nunca deixou de ajudar financeiramente, recuperando várias falências financeiras de uns e outros. O efeito da constatação por parte de Henri desse apoio ilimitado é humanizar um pai que até então carecia de todo interesse. Essa descoberta, embora tenha mudado a direção de seus pensamentos, não modificou realmente a ausência de desejo pelo pai, mas abalou sua crença no que diz respeito à mãe. O pai de Henri, “Noé universal”, se construiu em cima do desmoronamento psíquico de seus próprios pais. É elogiado por sua retidão, mas aqueles que ele ajudou não reconhecem a dívida que têm com ele. Fez tudo com as próprias mãos e sua ética é: “querer é poder”. Essas afirmações paternas não fomentam o diálogo, apenas alimentam a exclusão de sua palavra, que, por isso, não é levada a sério.

7 M. Khan, *Figures de la perversion*, cap. 1, p. 19.

8 J. Clavreul, “Le couple pervers”, p. 105.

»  
*o pai de Henri nunca fala  
dos próprios pais; seu silêncio a respeito  
da loucura da própria mãe é sinal  
de um distanciamento radical*

A impotência do pai de Henri é um enigma para ele, apesar de hoje perceber mais claramente a recusa e a onipotência da mãe. Assim sendo, dois vetores irão se cruzar e ganhar destaque no tratamento: por um lado, a filiação transgeracional de seus dois pais tomados isoladamente em sua história, mas sobretudo o efeito sobre ele do encavalamento inconsciente de seus dois mundos psíquicos. Sua mãe, como veremos adiante, fazendo-se a guardiã da loucura da história do marido, e seu pai, por seu apagamento, cedendo espaço para o discurso e para a lei das mulheres. Henri se lembra, ao voltar do exterior, do reencontro com o pai, que lhe disse: “Tua mãe está contente de te rever”. O pai de Henri nunca fala dos próprios pais; seu silêncio a respeito da loucura da própria mãe é sinal, nos diz Henri, de um distanciamento radical.

Num momento posterior do tratamento, por ocasião de uma caminhada de Henri com o pai, este lhe contará que compartilhou muitas coisas com seu próprio avô materno, mas que nunca voltou a vê-lo depois de ter ido embora. Essa confiança paterna é recebida por Henri como uma informação, mas sem qualquer afeto, o que ele enuncia claramente com uma ausência de interesse: “Fiquei muito excitado ao ficar sabendo coisas do meu pai para trazê-las para você como um troféu de caça”. Eu: “Como se fosse preciso satisfazer quem?” Ele: “Sim, como se eu tivesse feito direitinho minha lição de casa durante as férias”. Eu: “A ligação entre essas duas histórias é a relação de exclusividade que você tem com sua mãe”. Ele: “É, mas eu também sou assim com minha mulher, brinco de marido perfeito”. Esse marido perfeito, ou melhor, essa criança que esconde o jogo por não conhecer suas regras, me convida frequente-



*a cumplicidade perversa prevalece  
aqui sobre a vivência mórbida  
da psicose, pois introduz  
de forma ilusória um afeto vivo,  
frágil base narcísica*

mente na transferência a participar das justas femininas entre sua mulher, sua mãe e suas irmãs, quando, na verdade, o que está em questão para ele é sustentar uma palavra de homem.

É no cerne de seus enunciados que o desejo de Henri pelo pai está ausente. Diz nunca tê-lo pensado como modelo nem ter tido qualquer cumplicidade com ele quando era pequeno. Lia a decepção no seu rosto quando lhe mostrava sua ausência de interesse por todas as atividades que lhe eram propostas. “Com meu pai, tem um lado doente, fico pensando que ele teria que falar, isso faria bem a ele e a mim. Nada é espontâneo, não vem de dentro, é um exercício prático, sinto-me pescando e faço de tudo para que ele morda a isca”. Quando seu pai, num momento de intimidade, lhe faz confidências sobre dois de seus irmãos mortos ainda crianças, Henri não se implica afetivamente.

No entanto, aos vinte e cinco anos, Henri decide, além de seu trabalho no comércio, formar-se como guia de montanha, seu sonho desde a adolescência. Será nesse momento que receberá o apoio do pai contra a angústia da mãe. Seu pai aproveitará a oportunidade para também se formar em escalada, apoiando-se no desejo do filho. Henri reconhece que ter escolhido essa atividade como verdadeiro compromisso libertou-o da pressão do olhar do pai, mas também de uma pressão social “convencional”, como diz ele, que lhe era penosa quando trabalhava no comércio: “meu desejo de ser guia de montanha é meu cantinho, onde ele me reconhece, não o decepcionei. Eu me sinto o referente nesse esporte [sic].”

Reiterando a questão do vínculo cerebral com o pai e do afeto reservado para a mãe, ele enunciará

sua fantasia da seguinte maneira, graças a uma colocação equivocada da minha parte: “Se eu escolhesse meu pai, seria como me passar para o outro lado”. E eu lhe digo: “como se você abandonasse sua mãe!”. Ele: “Não, como se eu a enganasse, porque nessas coisas sempre há cumplicidade. Se eu o disser para o meu pai, eu a traio, traio um segredo”. A nuance que Henri introduz poderia, a meu ver, ser objeto de um desenvolvimento clínico interessante sobre o medo do abandono na experiência psicótica e, por outro lado, sobre o medo da traição no contrato perverso, que também pode dar em abandono, mas de outro modo. Da mesma forma, podem ser encontradas muitas manobras perversas no vínculo psicótico. Contudo, o suporte do segredo assentado sobre um contrato íntimo é o que de fato amarra Henri à sua mãe.

A ruptura do contrato é vivida como traição. A cumplicidade perversa prevalece aqui sobre a vivência mórbida da psicose, pois introduz de forma ilusória um afeto vivo, frágil base narcísica que permitiu que Henri não se sentisse abandonado. Concordo aqui com a tese de Clavreul de que não há, verdadeiramente, dimensão ilusória nas psicoses, e muitas vezes notei que, quando a verdade surge, a resposta delirante vem dizer o quanto o mundo psíquico do sujeito não pode integrar essa verdade. A questão da violência da verdade se constrói apaziguando-se no decorrer de longos anos de análise. Querer ir rápido demais na revelação subjetiva sempre contém o risco de uma resposta delirante.

Proponho a tese de que o sentimento de cumplicidade num contrato perverso é um equivalente do fetiche por seu caráter ilusório, por um lado, e substitutivo por outro. Ilusório, pois a cumplicidade dá a Henri uma aparência de existência viva pelo lado de um afeto tacitamente reconhecido por ele e pela mãe. Substitutivo, pois essa cumplicidade o põe no lugar do pai e, mais que isso, o põe na expectativa de fazer melhor que ele. É sobre essa montagem que ele se constrói uma aparência de função fálica.

## O que vêm nos dizer os sonhos

“Hoje à noite eu não dormi bem, fiquei imaginando a minha reação se minha mãe morresse, e minha primeira reação seria ficar com raiva da minha mulher”. O contexto dessa fantasia é a incessante advertência de sua mulher contra a invasão materna, que mergulha Henri numa ambivalência e numa dificuldade de se posicionar. Toda uma série de iniciativas de sua mãe será sentida pela mulher como invasões e terá um efeito impressionante sobre ele, e cada sessão de análise ficará saturada pela ideia perturbadora de uma escolha, isto é, de uma mudança radical de quadro de pensamento. Seu mal-estar interno está hoje a céu aberto, tomar posição equivale para ele a sustentar uma palavra diferente da da mãe, uma palavra de homem da qual não tem nenhum saber.

Um ano depois, explode uma nova crise. Novamente, Henri passa do papel de confidente da mulher para o papel de confidente da mãe, com todo esse turbilhão vertiginoso sendo descarregado por telefone, *a posteriori* com a mãe, num cotidiano doloroso com a mulher. Dividido entre sua culpa de excluir a mãe e a constatação de nunca ser escutado ou levado a sério quando tenta intervir, Henri me traz nesse contexto um sonho recorrente: “Estou num time de futebol e sou mais que o elo fraco. Não consigo dar um chute na bola, não consigo correr, nem andar. Aproximo-me da bola e chuto ao lado, é frustrante”. Todas as sessões que se seguem a esse sonho anunciam um começo de agressividade: “resmungar é algo novo para mim”, ele declara, ao mesmo tempo que reconhece que a palavra do pai não é escutada pela mãe. É Nadine, sua mulher, que a limita, a frustra, moldando para si o lugar de uma perseguidora engajada que pretende desmascarar a dominação materna sobre seu marido.

Um sonho, que acredito ser fundamental no seu efeito de *a posteriori*, marca uma guinada transferencial no tratamento de Henri. Cito-o: “É uma saída em grupo; dois grupos tinham se formado e eu estava excluído e estava completamente nu sobre um banco. Estava virado para um

»  
*um sonho, que acredito ser fundamental no seu efeito de a posteriori, marca uma guinada transferencial no tratamento de Henri*

grupo que me ignorava e que depois me vê; na verdade, perdi o bonde de me enturmar”.

Engatam-se várias associações, entre as quais a ideia recorrente de que, quando pequeno, ele não se sentia enturmado na escola, no colégio, no liceu. Sentia-se, nas suas próprias palavras, uma peça fora de lugar. O fato de estar completamente nu em algum lugar é um sonho recorrente acompanhado de vergonha.

Na sessão seguinte, fala de novo da questão da nudez relacionada com o medo de ser descoberto, “posto a nu”, como se diz. Com seus colegas, evita qualquer encontro que possa convocá-lo subjetivamente. Tem também a impressão de que não escolhe suas atividades em função do que quer, mas em função do que acha que os outros gostariam. Por exemplo, prefere declarar ter visitado uma cidade em vez de dizer que ficou sem fazer nada no quarto de hotel, o que significaria para ele um começo de confissão de suas atividades masturbatórias. Em seguida, na continuidade da nudez/verdade, confessa sua vergonha pelo fato de que sua mãe ainda o veste às vezes, como ela sempre fez. “Quando ela compra para o meu pai, ela compra para mim”, diz ele.

Na sessão seguinte, volta a evocar seu sonho e eu lhe proponho uma tradução que reúne, creio, um grande número de ideias que ele trouxe para a análise. O grupo para o qual ele está voltado seria o grupo das mulheres, sua mãe, suas tias, que na realidade é muito poderoso e não o nota como homem, mas se certifica de sua solidariedade clânica com elas. Como se enturmar nesse grupo? Esta é a sua questão, à qual ele não cessa de responder calando sua resposta no desejo esperado do outro. O outro grupo, o dos homens, ainda não o interessa.



*com o relato desse sonho,  
Henri tenta, parece-me, partilhar  
na transferência o esboço  
de uma reinterpretação  
da diferença dos sexos*

Com o relato desse sonho, Henri tenta, parece-me, partilhar na transferência o esboço de uma reinterpretação da diferença dos sexos, ali onde nada viera questionar suas próprias fundações psíquicas. Cito novamente Clavreul: “Portanto, a descoberta da diferença dos sexos para o menino é, antes de mais nada, uma oportunidade de reinterpretação da causa do desejo, e é essa reinterpretação que, afinal, o perverso deixa de fazer”. Interrogar seu lugar no desejo da mãe equivale a interrogar, no seu sonho, o modo como é visto pelo grupo das mulheres.

Será também nessa mesma sessão que Henri irá insistir na pouca idade de seus parceiros masculinos para garantir o controle de sua excitação, e aceitará a ideia de que provavelmente trata-se de recuperar o vínculo de uma dominação materna invertida: identificado com sua mãe, ele pode gozar do corpo dos outros excluindo qualquer vínculo que o confrontaria com o vazio de seu pensamento. Contudo, o que ele ainda não consegue formular claramente é sua vivência de criança abusada confrontada com a alternância entre uma cumplicidade ilusória com a mãe e um abandono absoluto do garoto em construção.

### Reinterpretação dos sexos

O trabalho do sonho não deixa de ter efeitos: é a primeira vez que Henri me liga para pedir uma sessão urgente. Está voltando de uma temporada passada com a mulher e a filha a convite de sua mãe. Está muito mexido, completamente zonzo. Descobre uma mãe muito manipuladora, que

quer sempre ter a última palavra, e ele confessa já não saber quem ela é. Ela passou todo o tempo dando ordens à sua mulher sobre o modo de educar a filha deles. Além disso, percebe a manipulação insidiosa permanente por meio da qual sua mãe se empenha em monopolizar sua filha denegrindo-os, os pais.

Não há nenhuma culpa ou mal-estar nessa dominação materna, o que Henri sente equivocadamente como ingenuidade da parte dela. Ela não hesita em contar-lhes um “segredo” que ela teria compartilhado muitos anos atrás com o filho de uma de suas amigas: “Me diz que você também gosta muito de mim, como da sua mãe, mas não diz nada para ela”. O imperativo de amor: “me ama”, numa cumplicidade a dois, que, para a criança, faz passar para segundo plano qualquer outra relação de amor, é próprio do mecanismo perverso. O amor colhido numa relação de objeto “suficientemente boa” é algo que, por definição, não se ordena, a garantia do amor do outro não sendo nunca definitiva e tendo sempre de ser conquistada. A manobra perversa da mãe de Henri se impõe por meio de uma confissão a respeito de uma criança, modalidade do que Masud Khan chama de “técnica de intimidade”.

Henri fica transtornado com o que vê desenhar-se nesses dias. A dominação de sua mãe sobre sua própria filha lhe aparece com toda clareza, e claríssima será a primeira construção psíquica que ele poderá imaginar na sua análise, sobre o que podem ter sido as relações de sua mãe com ele quando criança. Os efeitos transgeracionais vão ser vividos através de todas as emoções de Henri e na descoberta de uma outra mãe, até então intocável. Ele passa a reagir ao menor detalhe e a rejeita ferozmente. Sobre aqueles dias, sua mãe dirá que foram fantásticos, negando o mal-estar, o que Henri percebe com acuidade, assim como percebe a recusa da realidade de sua mãe no tocante ao seu pai, que usa de qualquer pretexto para evitar o face a face.

Sua decepção gera uma nova relação com a mãe, ao mesmo tempo que abre um espaço para



pensar seu lugar de pai. No entanto, a vacilação está presente. Henri irá repetir muitas vezes: “É impossível eu lhe dizer o que penso hoje, é impossível ela ficar infeliz, prefiro ocupar o lugar do malvado... não é que eu tenha medo de que ela não me ame...”. Ao mesmo tempo, a influência de sua mãe sobre seu modo de *estar com a filha* lhe é cada vez mais intolerável, e às vezes ele arrisca dizê-lo, o que lhe valerá reações amuadas em represália. Henri está temeroso e fantasia que sua mãe considera sua mulher responsável por sua mudança de atitude.

A vacilação da posição de Henri pode ser escutada nos próprios enunciados e, várias vezes, noto que ele emprega a dupla negação e que isso não é um mero acaso linguístico. A respeito do autoritarismo da mãe, ele diz: “Não é que minha mãe me peça para concordar com ela, é que ela não me deixa a possibilidade de não concordar”, ou então, “Não posso não concordar com ela”. Com a dupla negação, ele abarca dois espaços: o de sua adesão ao contrato fixado pelo outro e, ao mesmo tempo, a possibilidade de um espaço em que ele não seria dependente.

Ali onde, na psicose, a adesão ao contrato do outro é, na verdade, adesividade psíquica que não permite, ou mal permite, a diferenciação de dois sujeitos, a dupla negação de Henri designa um vínculo possível para ele, mas impossível para o outro. Essa dupla negação formula um saber em impasse, que ele tem de evacuar, “senão”, diz ele, “a família não poderia mais funcionar”, pois ele mesmo se constituiu como a pedra angular de uma arquitetura que ele agora tem de manter artificialmente, pelo tempo necessário até que consiga garantir pensamentos internos mais consistentes. O que retorna da evacuação do saber de Henri é a ilusão de ser indispensável ao lado da mãe, ao passo que, na psicose, a evacuação das representações pode sempre reaparecer de uma forma delirante.

O lugar da mulher de Henri é central para que ele se dê conta de que a abordagem cúmpli-

»  
*Henri abandonou o lugar  
de filho modelo, de alcoviteiro  
junto do pai – que é  
o que a mãe deseja*

ce de sua mãe está relacionada com uma técnica de aproximação, a do lobo disfarçado de vovó, pronto para devorar sua presa. É essa aproximação pela intimidade como máscara do ódio que Heitor de Macedo<sup>10</sup> mostra perfeitamente na sua análise das “memórias do subsolo” de Dostoievski. O *homem do subsolo* finge entregar-se num discurso verdadeiro para melhor seduzir Lisa e destruí-la. A mulher de Henri não é boba e se recusa a deixar-se submeter pela sogra. É o discurso dela que, à medida que o tratamento de Henri avança, ocupa o lugar do terceiro e aponta a sua mãe como tendo participação no mal-estar familiar. Henri me dirá: “Aos poucos vou aceitando que minha mulher fique zangada com minha mãe, já não é insuportável nem catastrófico”.

## Redistribuição

Henri abandonou o lugar de filho modelo, de alcoviteiro junto do pai – que é o que a mãe deseja. Passou de uma representação de uma mãe vítima e frágil para uma figuração mais ameaçadora, mais atacante, que até então tinha permanecido na sombra. Hoje, ele se sente menos em guarda e a fachada que constituiu para si é mais permeável, tanto no trabalho como com sua família. A ameaça de desilusão afetiva em relação à mãe pode ser abordada, sem que ele tenha necessidade de redobrar a intensidade perdida em suas práticas masturbatórias voyeuristas em sites pornográficos. Suas vontades de visitar os sites homo continuam presentes, mas já não são irresistíveis como antes, quando ficava esperando,

9 Idem, p. 104.

10 Seminário em curso de Heitor O’Dwyer de Macedo, “La clinique de Dostoïevski”, 2009-2010, no âmbito da Federação dos Ateliês.



*as associações de Henri nos fizeram descobrir um vínculo estreito entre sua busca do mistério feminino nos sites de homossexualidade e a gravidez de sua mulher*

muito excitado, que a mulher saísse para neles se enfiar compulsivamente.

Recentemente, seu interesse está voltado para sites de homossexualidade feminina, onde são mulheres de idade madura que se emprestam suas próprias filhas para que elas descubram os prazeres do corpo feminino. As associações de Henri nos fizeram descobrir um vínculo estreito entre sua busca do mistério feminino nesses sites e a gravidez de sua mulher. Vemos com precisão como Henri resolve o enigma da feminilidade e talvez o da sexualidade em geral. Nesse site, a representação simbólica do que uma mulher é no olhar de sua mãe é obturada por uma excitabilidade permanente do corpo: amar a filha transforma-se em fazê-la gozar. Podemos certamente reconstruir, a partir dessa obsessão voyeurista de Henri, como seu corpo foi superinvestido de maneira totalitária por estímulos excitatórios. Os traços pulsionais perduram em estado selvagem por não terem sido investidos de representações verbais apaziguadoras.

O que ele diz de sua sexualidade com a mulher? Embora Henri tenha se sentido muito rejeitado em termos sexuais durante a gravidez da mulher, com aversão a seus seios gordos, ele se realizou plenamente depois do nascimento da filha. Suas falhas de ereção são mais raras e, sobretudo, ele as suporta melhor. Contudo, alternam-se fases em que Henri se sente bem na sua sexualidade com a mulher e períodos em que se sente culpado de ser outro do que aquele que ela imagina, de ter um segredo que não pode lhe revelar, o de ter tido uma mãe seio-falo (segundo a expressão de Masud Khan) que ele conservou como um fetiche.

Com a escalada, Henri se fabricou um pseudofalo social que lhe permitiu sentir-se aceito pelo pai e talvez encontrar uma mulher. Embora o tratamento o tenha libertado da dominação materna, será que ele aceita hoje plenamente a ideia de que existe uma versão paterna do mundo da qual ele poderia se sentir cúmplice? No caso de Henri, ainda não se pode falar de identificação paterna, mas certamente de instalação de um terceiro espaço onde ele não se sente mais indispensável para a mãe.

A recusa da realidade da percepção da castração, ou o desmentido desta realidade nesse tratamento, podem ser lidos e percebidos em vários níveis. No nível manifesto, é a impossibilidade que Henri expressa no começo de seu tratamento de pensar a castração de sua mãe. Ela não só é inatacável, como também constrói um casal indispensável com o filho, onde exprime sua insatisfação em relação ao marido. O desmentido se manifestou para Henri pelo interdito de pensar a mãe, interdito mantido por um contrato com ela, que tem toda a aparência de um contrato de amor e do qual jamais se deve sair sob o risco de fortes represálias. Essa injunção de amor, contudo, não abarca tudo: o pai permanece ali, com a condição de ser desprezado para existir.

O desmentido da realidade da percepção é um momento incontornável e estruturante para toda criança e que Freud reconstruiu: “minha mãe tem algo ali onde não tem nada”. Essa proposição, que prosseguirá metonimicamente como “sei que não tem nada, mas assim mesmo...”, encontrará várias saídas, entre as quais a bem conhecida das teorias sexuais infantis, do aparecimento de sintomas neuróticos, ou seja, de um arranjo fantasístico que organiza a diferença dos sexos entre os pais.

Ora, o arranjo fantasístico viu-se reduzido, para Henri, a uma cena fechada com sua mãe em que a questão do terceiro está presente, mas não é funcional na economia do desejo. Henri viu-se, portanto, proibido de funcionar com dois pais. A manutenção e a persistência da recusa da realidade que faz da mãe a única saída possível na circulação do desejo é a resposta de Henri a um imperativo

que lhe foi imposto. Segue-se daí uma clivagem radical entre duas representações: aquela, recusada, de que poderia haver um outro além dela; aquela, mantida, de que ela é a única para ele.

Enquanto a recusa da realidade, em sua aceção estruturante, encontra uma saída para a criança no recalçamento de seu desejo pela mãe bem como numa integração progressiva de um mundo possível fora dela, a recusa da realidade que persiste e que organizará a sexualidade perversa é um mecanismo mais violento, por falta de um espaço de jogo fantasístico da mãe.

Falar de fantasia perversa na verdade não é apropriado: trata-se, antes, da urgência de uma encenação pobre em imaginação, pouco criativa, que se repete compulsivamente de maneira idêntica para sustentar uma clivagem como sobrevivência narcísica. Nesse sentido, esse tratamento é o progressivo levantamento de uma clivagem.

Termino essa exposição com dois relatos em que a função do *a posteriori* indica um mundo interno bem mais integrado para Henri.

## II. Comentário

[Heitor O'Dwyer de Macedo]

Considero que o texto de Annie Topalov é um *complemento metapsicológico às teorias sobre a perversão*. Seu trabalho, que segue o fio da transferência, permite instalar a questão do trauma no centro da defesa perversa.

Para começar, gostaria de assinalar três pontos que me parecem essenciais.

1. a diferença entre sexualidade e excitação. Cito: “O que ele compartilha com a mãe é erogeneidade e não sexualidade”. E mais adiante: “Henri está [...] às voltas com um mundo onde até agora a sexualidade viu-se reduzida à excitação sexual. É esta que ele renova incessantemente numa relação de preda-

»  
*a sexualidade perversa  
também é algo diferente  
de uma tentativa  
de reparação psíquica por  
uma neossexualidade*

Seu pai sai de viagem; ele liga para Henri e lhe pede para se informar como está sua mãe, pois, de novo, ela se sente mal. Henri se espantou por não ter reagido a essas palavras e nota em sessão que, quando seu pai está, ele não se ocupa da mãe e, quando parte, joga o problema para o filho.

Por ocasião de um acontecimento envolvendo a mãe, Henri aconselha o pai sobre a forma de tratar a questão e seu pai aquiesce passivamente. Num segundo momento, Henri pensa que o pai deveria tê-lo posto no seu devido lugar dizendo-lhe que não deveria se ocupar da mãe. Libertação?

ção/abandono para fazer frente à angústia do vazio pulsional”. Portanto, se seguirmos essa proposição, a sexualidade perversa é algo diferente da fixação a uma zona erógena, como a define Freud. Annie Topalov tampouco considera o perverso na infância com sendo o *falo* da mãe. Cito-a: “Ter um pênis adquire aqui o valor do corpo inteiro no sentido de um Eu pênis”. A sexualidade perversa também é algo diferente de uma tentativa de reparação psíquica por uma neossexualidade, como diria Joyce McDougall. Esse tratamento nos ensina que a sexualidade perversa não repara nada.

Essa é uma diferença rica em desdobramentos. Eu a recolhi em Winnicott faz muito tempo,



*se não há tratamento psíquico da excitação, então nenhum meio de descarga da excitação tem condições de proporcionar o relaxamento*

para propor o seguinte: é preciso haver um lugar psíquico de onde a vida sexual possa ser reconhecida como uma fonte que aumenta o sentimento de ser real. Se esse lugar não existe, a experiência sexual tampouco é real. Ela se torna um puro acontecimento sem relação com a história. Mas se a experiência sexual é um puro acontecimento sem tradução psíquica, no que ela se transforma? Annie Topalov responde: pura excitação – que se manifesta pelo aumento de tensão muscular ou arterial. Mas, por se tratar de um sujeito humano, coloca-se um problema: se não há tratamento psíquico da excitação, então nenhum meio de descarga da excitação tem condições de proporcionar o relaxamento, o repouso, o bem-estar. Se excluirmos o sentimento de realização que o orgasmo traz como coroamento do circuito que vai da excitação somática à descarga, toda satisfação psíquica fica colocada fora de jogo. O sujeito, como Henri, fica condenado a uma economia do gozo. Mas o que é uma economia do gozo? É uma economia do funcionamento psíquico sem satisfação, e na qual, *para que o sujeito tenha assegurada a sua existência, exige-se que haja sempre um grau elevado de tensão, e que qualquer coisa vire material de tensão. Até mesmo a excitação sexual não passa de tensão e ela vem no lugar de uma excitação psíquica que é impossível de ser vivida como tal pelo sujeito.*

Essas reflexões merecem ser articuladas com a teoria sobre a agressividade de Winnicott. Segundo Winnicott, a agressividade está inicialmente a serviço da motricidade, portanto, do fortalecimento do Eu. Mas, se a agressividade estiver a serviço da libido antes de ser integrada à motricidade, a experiência da sexualidade trará sempre o selo de uma certa irrealidade.

2. Esse tratamento me ensina uma coisa. Sempre afirmei que o trauma não pode ser nem recalçado nem esquecido. Mas, ao dizer isso, estava sempre pensando na criança que *sofreu o trauma*. Annie Topalov mostra que seu sujeito nunca esqueceu o trauma do qual *ele foi o agente*.

3. O cerne da questão da perversão está situado aqui no pacto de segredo que liga o sujeito à sua mãe. Isso se situa na filiação ferencziana. No seu famoso ensaio sobre a “Confusão de línguas”, Ferenczi escreve que, na cena perversa em que uma criança é violentada psíquica ou fisicamente por um adulto, é a criança que toma para si a culpa que o adulto perverso evacua. (Esse ensaio de Ferenczi também devolvia ao trauma o lugar de uma causalidade primeira – e Freud não gostou nada disso, porque temia que essa teorização, que descartava a fantasia como única causa eficiente da organização psíquica, abrisse caminho para um retorno a uma concepção naturalista do funcionamento psíquico, caminho que ele mesmo tomara durante sua autoanálise.)

Portanto, Ferenczi falava da culpa. Essa culpa não é estranha a Henri. Para Annie Topalov, contudo, e eu concordo com sua avaliação, ela não é o mais importante. O mais importante é o pacto entre a mãe e o filho, pacto selado por um segredo. Mas... qual é esse segredo? Ou melhor: esse segredo concerne a quê?

Ele concerne, evidentemente, ao amor.

Antes de seguir adiante, gostaria de lhes lembrar uma passagem de *O homem do subsolo* que esclarece a *autorrepresentação* do personagem, a de ser incapaz de amar. Para ele, amar é tyrannizar o outro. Mas, como tantas vezes ocorre com os personagens de Dostoiévski, o conhecimento que *o homem do subsolo* tem do inconsciente é de uma acuidade impressionante. Ele observará, cito, “que era incrível não tê-la amado ou então, ao menos, não ter apreciado seu amor”. E, para concluir: “Eu estava desabitado da vida viva [...] Para mim era insupportável saber que ela estava ali [...] Eu queria ficar sozinho no meu subsolo [...] A vida viva tinha



me esmagado por falta de hábito, e eu tinha dificuldade de respirar”.

Portanto, o que caracteriza o *homem do subsolo* é sua *impotência psíquica*, com sua inveja de qualquer vida viva. Os *homens do subsolo* são indiferentes, insensíveis, natimortos. Incapazes de qualquer generosidade, autocentrados e avaros no que se refere a qualquer investimento que não lhes diga respeito. É no dia a dia que se revelam sua apatia, sua incapacidade para qualquer iniciativa, sua falta de imaginação crônica. Toda a energia é posta a serviço da manutenção de uma economia narcísica muito frágil. Por isso, qualquer demanda dirigida a eles é vivida como uma ameaça. Um desejo em relação ao outro ou qualquer sinal de desejo no outro, como uma violência. Essa economia narcísica de sobrevivência gera uma prática de destruição em que o assassinato psíquico é um expediente defensivo, uma estratégia de evitação do encontro – todo encontro faz sangrar uma velha ferida de amor-próprio. Essa prática de destruição também transformará todo sofrimento em dor moral – o que é uma maneira de excluir definitivamente o outro como causa de qualquer sentimento. Essa prática encerra de antemão todo acontecimento, toda novidade, no já conhecido de uma reiteração. Essa reiteração reduz a temporalidade exclusivamente aos avatares de uma subjetividade monstruosa, que se pretende insensível às circunstâncias, impermeável à mudança, sempre idêntica a si mesma.

Henri conhece o segredo da mãe: sua *impotência psíquica*, seu ódio de toda vida viva. E eis o pacto que ela lhe propõe: se você me ama, deve calar sobre meu desejo de aniquilamento do outro; se você me ama, deve amar meu ódio. Lembro-lhes o que a mãe de Henri disse a uma criancinha: “Me diz que você também gosta muito de mim, como da sua mamãe, mas não diz nada para ela”. Em outras palavras: para amá-la, a criança deve aceitar excluir sua mãe de seu amor. Lembremos o comentário feito por Annie Topalov: “O imperativo de amor: ‘me ama’, numa cumplicidade a dois, que faz passar para segundo plano, para a criança, qualquer outra relação de amor, é próprio do mecanismo perverso”. O equilíbrio narcisista da

»  
*são estes os termos da alternativa inconsciente do pacto que liga Henri a sua mãe: ou a aceitação de uma relação de dominação, ou a morte*

mãe de Henri exige que o outro nunca exista fora dela – é sob essa condição que ela não tentará destruí-lo. Podemos supor que todo reconhecimento da exterioridade do outro mobiliza nela uma inveja intolerável e irreprimível, uma inveja mortífera.

São estes os termos da alternativa inconsciente do pacto que liga Henri a sua mãe: o *ódio ou a morte*; ou a aceitação de uma relação de dominação, ou a morte. Com sua consequência: depois de o sujeito ter interiorizado o pacto psíquico proposto pelo genitor, qualquer tentativa de escapar da dominação o precipita num real perigo de morte. Annie Topalov escreve que Henri construiu a homossexualidade como “pseudoresposta identitária incestuosa com uma mãe que o idolatra contra um fundo de abandono”.

*Portanto, a relação se desenvolve numa paisagem de destruição. O único benefício possível é o gozo proporcionado pelo ódio, gozo que pressupõe uma cena de assassinato.*

Annie Topalov notará que as passagens ao ato de Henri “têm todas em comum um fundo incestuoso evidente e não têm o estatuto de lembranças, mas sim de um ‘sempre presente’ que não conhece a temporalidade e, portanto, o recalque. Henri viveu num universo traumático, que ele isola para sobreviver”. A direção dos tratamentos em que reina o trauma, em que o recalque *está por fazer*, e isso graças à *relação transferencial*, impõe um enorme trabalho de presença do psicanalista.

Três observações sobre esse enorme trabalho que se impõe:

1. Na discussão que se seguiu à apresentação desse tratamento, ante uma pergunta sobre o manejo da relação transferencial, Annie Topalov nos disse

que expressava para Henri seu espanto diante do que ele dizia. Também nos falou de sua preocupação de que ele se sentisse em confiança com ela.

Essas observações mostram a prioridade das *qualidades afetivas* do intercâmbio entre o psicanalista e seu paciente. Penso que essa possibilidade de prestar atenção na tonalidade afetiva do encontro transferencial, de ter a preocupação de inflecti-lo, de modulá-lo para que o paciente fique *confortavelmente instalado na transferência*, é algo que se adquire na clínica psiquiátrica – que Annie Topalov conhece muito bem, aliás. Os teóricos da psicoterapia institucional propuseram a expressão *técnicas de ambiência* para essa preocupação com a atmosfera sensível.

2. Segunda observação: nos tratamentos em que o trauma é central, o mais importante é o que não se repete, a relação com o analista *inaugura* uma experiência do outro até então desconhecida pelo sujeito.

3. Terceira observação: a preocupação com o ambiente afetivo da transferência e o reconhecimento de que o mais importante é o que não se repete na relação transferencial cruzam-se com a teoria winnicottiana da importância do brincar no tratamento, teoria que coincide com a do espaço transicional. Cito Winnicott: “Não tenho a intenção de fazer uma comparação entre a psicoterapia e a psicanálise e nem mesmo de tentar definir esses dois processos para traçar uma linha de demarcação nítida entre ambos. O princípio geral que me parece válido é *que a psicoterapia se dá ali onde duas áreas de jogo se superpõem, a do paciente e a do terapeuta. Se o terapeuta não consegue brincar, isso significa que ele não foi feito para esse trabalho. Se o paciente não consegue brincar, é preciso fazer algo para lhe permitir ter a capacidade de brincar, depois do que a psicoterapia poderá começar. Se o jogo é essencial é porque é brincando que o paciente se mostra criativo.*”

#### Referências bibliográficas

- Clavreul J. (1967). *Le couple pervers*. In: *Le désir et la perversion*. Paris: Seuil. [O desejo e a perversão. Campinas: Papirus, 1990.]
- Ferenczi S. (1974). *Psychanalyse des habitudes sexuelles (1925)*. In: *Psychanalyse III. Oeuvres complètes. 1919-1926*. Paris: Payot. [Psicanálise dos hábitos sexuais. In *Psicanálise III – Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.]
- Khan M. (1981). *Figures de la perversion*. Paris: Gallimard.
- McDougall J. (1972). *Scène primitive et scénario pervers*. In: *La sexualité perverse*. Paris: Payot.
- Réfabert P. (2001). *De Freud à Kafka*. Paris: Calmann-Lévy.

#### Trauma and perversion

**Abstract** This paper presents some strong moments of the treatment of Henri, whose perverse organization was a protection against psychosis. The scene of excitation inflicted upon him at an early age left marks that have a savage character, because no verbal representations appeared to block their effects. With the diminution of splitting, Henri will discover the totalitarian character of this mother's domination upon him.

**Keywords** therapy with perverse organizations; dissociation; internal alienation; early excitation; perversion.

**Texto recebido:** 11/2010

**Aprovado:** 04/2011

# Conrad Stein no Brasil

Renato Mezan

**Renato Mezan** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde coordena a revista *Percurso*, e professor titular da PUCSP. É autor de *Figuras da Teoria Psicanalítica* (Casa do Psicólogo, 2010) e *Intervenções* (Casa do Psicólogo, 2011), entre outros. Este texto foi escrito para o Colóquio em homenagem a Conrad Stein promovido pela *Association pour Médecine et Psychanalyse* realizado em Paris em setembro de 2011.

**Resumo** Situando a visita de Conrad Stein ao Sedes (1988) no contexto da época em que ocorreu, o autor delinea os processos mais amplos nos quais ela se inscreve, examina a influência do seu professor sobre alguns escritos de analistas brasileiros, e sugere alguns motivos para o ler na atualidade.

**Palavras-chave** Conrad Stein; Psicanálise francesa; Psicanálise brasileira; processo analítico; autoanálise.

Paris, abril ou maio de 1978. Um jovem filósofo brasileiro, então amadurecendo o desejo de se tornar psicanalista, telefona para o autor de um livro recomendado por sua orientadora, cuja leitura o havia impressionado vivamente. O autor o recebe, sugere nomes para que ele retome sua análise, dá-lhe cartas de recomendação para alguns colegas franceses, e o convida ao seu seminário no Instituto de Psicanálise.<sup>1</sup>

O autor em questão era Conrad Stein; o livro, *L'Enfant Imaginaire*; e vocês já adivinharam o nome do jovem filósofo. Assim começou uma das relações mais importantes em minha vida, que, em parte por vias casuais, em parte por fatores dos quais falarei em seguida, está na origem da presença do meu professor na Psicanálise brasileira.

Para bem entender por que, é necessário evocar brevemente algumas características da época, tanto de um lado do Atlântico como do outro, pois entre aquela tarde de primavera e a visita de Stein a São Paulo transcorreram dez anos. Dividirei portanto esta comunicação em duas partes: o período que precedeu essa estada, e depois os caminhos pelos quais certos aspectos do pensamento dele encontraram acolhida em nosso país.

## Contextos

Na época em que fui para a França para preparar meu doutorado em Filosofia, que devia tratar da teoria freudiana da cultura, estavam ocorrendo na Psicanálise brasileira importantes transfor-

<sup>1</sup> Cf. Renato Mezan, "Traces durables d'une rencontre", *Cliniques Méditerranéennes*, n. 43-44, p. 95-101. A tradução brasileira deste artigo está em "Homenagem a Conrad Stein", em *Figuras da Teoria Psicanalítica*.



*a vocação do Instituto era fornecer um “guarda-chuva” a certos movimentos sociais que começavam a se organizar, e também a cursos “alternativos” nas diversas áreas da psicoterapia*

mações, que estão na origem da sua configuração atual. Do lado francês, após um período bastante movimentado do ponto de vista institucional, as armas pareciam um pouco em repouso, a tal ponto que René Major podia propor um diálogo entre analistas de diferentes sociedades – é certo que num terreno neutro, o desta instituição notável chamada *Confrontation*. Mencionemos rapidamente alguns elementos destes processos:

a. No Brasil, o monopólio da IPA quanto à formação dos analistas, bem como a predominância do kleinismo na prática e no ensino, se viam contestados por dois fatos originalmente independentes um do outro, mas que vieram a se cruzar ao redor dos anos 1975-1976: de um lado, a chegada de muitos psicanalistas argentinos, que fugiam da barbárie militar instalada em seu país; de outro, os inícios do movimento lacaniano, vindo simultaneamente da França, da Argentina e da universidade belga de Louvain.

b. Por razões diferentes, mas que do ponto de vista prático tinham efeitos similares, estes dois grupos eram muito críticos em relação à instituição oficial, que lhes parecia politicamente reacionária e cientificamente estéril. Em São Paulo, este mesmo sentimento havia feito surgir um projeto *sui generis*, nascido do espírito audacioso de Madre Cristina, uma religiosa alinhada com as perspectivas da Igreja progressista: o Instituto Sedes Sapientiae. A vocação do Instituto era fornecer um “guarda-chuva” a certos movimentos sociais que começavam a se organizar, e também a cursos “alternativos” nas diversas áreas da

psicoterapia. Em 1977, Regina Schnaidermann, uma psicanalista aberta à produção francesa em virtude de seus estudos de filosofia, juntou-se a Madre Cristina, a alguns emigrados argentinos e a três ou quatro analistas da Sociedade insatisfeitos com o estado de coisas então vigente nela, e com eles criou um curso de Psicanálise – o que tem importância para esta comunicação, pois foi nesse espaço que em 1988 Conrad Stein foi convidado a dar conferências e supervisões.

c. Por “produção francesa”, entendo a de alguns analistas entre os quais deve se contar meu professor, cujas obras chegavam à maturidade mais ou menos na mesma época em que se situam os desenvolvimentos mencionados: André Green, Piera Aulagnier, Jean Laplanche, Pierre Fédida, Serge Viderman, Joyce McDougall e outros. Eles não formavam um grupo no sentido usual do termo, ou seja, com objetivos comuns, uma estrutura, etc. Contudo, compartilhavam um traço que iria se mostrar decisivo nos seus respectivos percursos: todos haviam sido próximos de Lacan, eram sensíveis à renovação trazida por ele, sem no entanto aderirem formalmente à Escola Freudiana de Paris (com exceção de Piera Aulagnier, que porém se desligou dela – batendo a porta, é o caso de dizer – quando da discussão sobre o passe). Dito de outra forma, todos reconheciam a necessidade de um retorno a Freud, mas não se satisfaziam com a forma que este retorno tomara nas mãos de Lacan. Seguindo os passos do mestre, todos retomaram a obra freudiana desde os fundamentos, e – cada qual à sua maneira – procuraram reconstruir a Psicanálise de modo a expurgá-la do que (pelos motivos mais diversos) lhes parecia inaceitável na versão herdada do fundador.<sup>2</sup>

d. Este movimento se inscrevia na esteira da recepção francesa de Freud, marcada como se sabe pela preocupação de distinguir o “bom” do “mau” Freud. Este é o traço mais característico da maneira pela qual o pensamento do mestre de Viena encontrou audiência na França – primeiro entre filósofos como Roland Dalbiez, Georges Politzer, e mesmo Sartre – em seguida pelo re-manejamento lacaniano. Não é este o lugar para



me estender sobre este ponto<sup>3</sup>, mas convém ao menos precisar uma diferença capital entre a forma como esses filósofos absorveram Freud e a dos psicanalistas a que me referi acima: enquanto aqueles visavam a acomodá-lo a seus respectivos sistemas (essencialmente a fenomenologia e o marxismo), os analistas queriam chegar a um freudismo mais coerente e mais sólido que o presente nos textos freudianos. É isso que faz a originalidade desses pensadores, e em boa medida explica o interesse que seus trabalhos suscitaram, não apenas para os analistas agrupados no Sedes, mas também em outros lugares do Brasil, e mais tarde também na Argentina. Foi tal interesse que, na década de 1980, motivou os convites para que viessem a São Paulo, e também a outros centros analíticos latino-americanos.

Mas não avancemos rápido demais. Quando Conrad me acolheu tão generosamente, esses desenvolvimentos no Brasil pertenciam ainda ao futuro. Na tela de fundo que acabo de esboçar, é preciso agora situar fatos mais precisos. Peço desculpas a vocês por dever falar um pouco de minhas próprias atividades – mas como foi por meu intermédio que ele se tornou conhecido no Brasil, não há muito como escapar disso...

De 1978 a 1981, quando retornei ao Brasil, assisti ao seu seminário da Rue St. Jacques, li tudo o que ele publicava – em particular *La Mort d'Oedipe* e *Aussi, je vous aime bien* – e redigi meu doutorado, no qual se encontram umas boas vinte referências a *L'Enfant Imaginaire* e a outros textos de Stein. Além dos efeitos transferenciais (compreensíveis, me parece, dada a relação que se estabeleceu entre nós), isso se deve ao fato de que ele havia explorado em profundidade uma série

»  
*até então, Stein era para mim  
um autor cujas reflexões  
me apaixonavam pelo estilo  
e pela imaginação teórica  
da qual davam prova*

de temas centrais para o argumento que estava desenvolvendo no que viria a ser o livro *Freud, Pensador da Cultura*: a importância da autoanálise de Freud para a elaboração de suas teorias, a questão da paternidade, as referências gregas sem as quais seria impossível formular conceitos como o de Complexo de Édipo, e uma série de outros.

Até então, Stein era para mim um autor cujas reflexões me apaixonavam pelo estilo e pela imaginação teórica da qual davam prova. Só quando comecei a trabalhar na clínica é que pude me dar conta da importância de suas ideias sobre a situação analítica e sobre os processos em ação no tratamento: *L'Enfant Imaginaire* se tornou então um dos meus guias na aprendizagem do ofício.

Querendo expressar minha gratidão quanto a ele, dediquei-lhe uma pequena introdução à vida e à obra de Freud, *A Conquista do Proibido*<sup>4</sup>. Como outros volumes da coleção de bolso da qual fazia parte, este volume encontrou um grande sucesso, menos por seus eventuais méritos que pelo momento no qual foi publicado.

Com efeito, na primeira metade dos anos oitenta a sociedade brasileira passava por transformações capitais. O regime militar imposto em 1964 começava a fazer água; o desejo de liberdade política e cultural tomava corpo, primeiro em manifestações isoladas, em seguida na campanha pelas eleições diretas que ganhou as ruas em 1983. Os livros da editora Brasiliense vinham saciar a sede de conhecer de uma geração que crescera sob a censura de tudo o que pudesse “colocar em perigo a segurança nacional” – e por isso se vendiam como pão quente.

2 Desenvolvi este argumento em “Trois conceptions de l'originnaire”, *Etudes Freudiennes* n. 32, p. 159-198 (tradução brasileira em *Figuras da Teoria Psicanalítica*).

3 Ver a este respeito Luiz Roberto Monzani, “Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico”, in Bento Prado Jr. (org.), *A Filosofia da Psicanálise*; e Renato Mezan, “A Recepção da Psicanálise na França”, in *Interfaces da Psicanálise*.

4 São Paulo, Brasiliense, 1982, atualmente no catálogo da Ateliê Editorial.



*o estilo de escuta,  
a inventividade clínica, a  
maneira simples e direta  
de apresentar suas ideias  
encantaram os participantes*

Os ventos da mudança sopravam também sobre o pequeno mundo analítico. Aos processos descritos acima, acrescentavam-se agora dois outros: a relativa democratização das sociedades pertencentes à IPA<sup>5</sup>, e – o que nos concerne mais de perto – o retorno ao Brasil de vários analistas formados na França. Na bagagem, estes traziam as ideias daqueles com quem haviam se analisado, estudado e supervisionado – escolhidos em geral naquele grupo mais ou menos heterogêneo de analistas que sofreram a influência de Lacan, e em seguida tomaram rumos próprios.

Durante a abertura que se seguiu ao fim da ditadura militar (início de 1985), as obras destes autores começaram a ser traduzidas. Isso era ao mesmo tempo efeito e causa do aumento do público interessado em Psicanálise, que crescia a cada ano – sinal de que, contrariamente à década anterior, quando era considerada “elitista” e bem minoritária frente a terapias como a reichiana e outras – esta começava a ser percebida como uma prática e como uma experiência capazes de promover liberdade interna e melhores relações interpessoais. Em 1988, este fenômeno tornou possível a criação de uma editora especializada no território psi, a Escuta, que obteve os direitos de tradução de muitas obras psicanalíticas produzidas na França e na Argentina.

E foi neste ano que teve lugar a visita de Conrad ao Sedes. Ela coincidiu com a publicação do segundo livro da Escuta, *O Psicanalista e seu Ofício*, uma coletânea de artigos organizada por mim e traduzida por Nelson da Silva Jr.

O grupo que o trouxe havia se dado conta de que o esforço considerável que representa a organização da visita de um convidado estrangeiro não podia produzir resultados duráveis a não ser que fosse além de conferências e supervisões pontuais, como então era o costume. A razão disso é simples – a Psicanálise, mesmo em seu aspecto teórico, só pode ser transmitida no contato pessoal, indutor de transferências e de um interesse diferente da mera curiosidade. Ouvir palestras sem continuidade, ou ler algum artigo de um autor, não basta para engendrar esse efeito: tenho certeza de que, se meu contato com as ideias de Stein tivesse se limitado à leitura, ele seria apenas um autor a mais entre tantos mencionados em *Freud, Pensador da Cultura*. Uma vez passado o entusiasmo por aquilo que ele pudesse ter contribuído para o argumento, seu livro teria sido recolocado na prateleira, e outros autores, interessantes para outros aspectos da pesquisa, teriam tomado seu lugar na minha mesa de trabalho.

Pouco antes da visita de Conrad, por sugestão de Luís Carlos Menezes, um grupo de colegas havia convidado Pierre Fédida para uma estada prolongada em São Paulo. Ele ficou conosco um mês, trabalhando várias vezes por semana com grupos que tinham estudado seus escritos e apresentavam casos para serem discutidos; destes relatos, partiam comentários clínicos e técnicos, e também desenvolvimentos teóricos apropriados às características da situação ou sessão que servia como disparador.

Foi uma fórmula semelhante que o Sedes propôs a Conrad. Durante duas semanas, ele trabalhou conosco, tanto em pequenos grupos como em conferências mais formais. O estilo de escuta, a inventividade clínica, a maneira simples e direta de apresentar suas ideias encantaram os participantes<sup>6</sup>. A disponibilidade de uma amostra representativa do seu pensamento – resenhada na *Folha de S. Paulo*, na época o jornal mais progressista do país – contribuiu para chamar a atenção sobre esse psicanalista, então desconhecido no Brasil. O sucesso da visita fez com

que Stein fosse convidado para um congresso a ocorrer no ano seguinte, no Rio de Janeiro; para a ocasião, a Escuta publicou um segundo livro dele, *As Erínias de uma Mãe*, igualmente traduzido por Nélson da Silva Jr.

## Estudos e citações

Pouco tempo depois, Nélson viajou para a França, a fim de escrever seu doutorado, que seria orientado por Pierre Férida. Querendo continuar sua análise em Paris, ele escolheu o divã de Conrad, o que elevou a dois o número de brasileiros a ter um contato mais estreito com ele. Enquanto professores do Sedes (nós dois), do Instituto de Psicologia da USP (ele) e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP (eu), ambos continuamos a difundir o pensamento de Stein em nossos cursos e publicações.

Segundo uma comunicação pessoal de Nélson, *As Erínias de uma Mãe* é o texto de Stein mais utilizado e citado por seus alunos, pela pertinência clínica da tese ali exposta sobre o ódio de si mesmo ancorado na identificação ao ódio que a mãe pode sentir por seu filho. Este fato é confirmado por minha experiência de orientador: uma de minhas alunas escreveu sobre “a depressão em

em “*Plaisir d’Enfant*” quis seguir o movimento de tantos trabalhos dele, tomando como base da teorização um fragmento (publicável...) de autoanálise

Freud e em Stein”<sup>7</sup>, na qual o livro sobre as “cadelas enfurecidas” tem lugar eminente. A obra continua a ser mencionada por autores que se debruçam sobre fenômenos que apresentam um componente ligado ao ódio – por exemplo, a violência<sup>8</sup>, a agressividade ou o suicídio.

Quanto a mim, dediquei dois estudos a aspectos do pensamento de Conrad: “Três Concepções do Originário” e “*Plaisir d’Enfant*”. O primeiro confronta sua visão do originário – que ele localiza nos fenômenos induzidos pela situação analítica – às de Jean Laplanche e de Claude Le Guen. O que me levou a compará-las foi a perplexidade diante do fato de que estes três “escaladores do castelo analítico”, como diz Le Guen, partem da mesma inquietação, mas chegam a conclusões completamente diferentes. A inquietação é aquela de que lhes falei: a necessidade de reconstruir a Psicanálise, tendo como interlocutor o mesmo Freud a ser despojado de certos resíduos ideológicos; suas conclusões dão lugar a três teorias fundadas sobre uma vasta experiência clínica e sobre uma leitura rigorosa dos textos freudianos – e no entanto muito afastadas uma da outra.

“*Plaisir d’Enfant*”, cuja tradução em português deve sair numa coletânea prevista para 2013, sugere um vínculo entre os processos de identificação e de sublimação. Foi minha contribuição para o *Festschrift* organizado por Danièle Brun para festejar os oitenta anos de Conrad<sup>9</sup>; ali, quis seguir o movimento de tantos trabalhos dele, tomando como base da teorização um fragmento (publicável...) de autoanálise.

5 Não foi coisa simples : entre outros fatores, contribuíram para isso o caso Amílcar Lobo (um torturador candidato à Sociedade Rio de Janeiro, protegido por seu analista), a contestação nos tribunais da expulsão dos membros daquela Sociedade que haviam tomado a defesa de Helena Bessermann Vianna, que havia denunciado o escândalo (cf. *Não Conte a Ninguém*), e uma eleição duríssima na Sociedade de São Paulo, vencida pelo grupo mais progressista por pequena diferença de votos).

6 E também suas simpatias socialistas: a estada coincidiu com a eleição de Luíza Erundina à prefeitura de São Paulo, e ele se alegrou com isso. Mesmo anos depois, quando o via em Paris, Conrad queria saber notícias dela. Além disso, nós da *Percurso* guardamos uma lembrança afetuosa da sua presença na festa de lançamento da revista, no longínquo mês de outubro de 1988 – e, como que para manter o vínculo que assim se formou, durante muitos anos lhe enviamos os exemplares que iam saindo.

7 Ana Cleide Moreira, “A Depressão em Freud e em Conrad Stein, com uma Ilustração pelo Personagem Eva de *Sonata de Outono*”, PUC SP, 1992.

8 Entre outros, Isabel Kahn Marin, *Violências*.

9 Renato Mezan, “*Plaisir d’Enfant*”, in Danièle Brun (org.), *L’écriture et la parole : mélanges en hommage à Conrad Stein*, p. 139-151.





*a valorização da obra freudiana e o constante diálogo com ela constituíam uma novidade da qual é difícil exagerar a importância.*

Querendo apresentá-lo a uma nova geração de leitores, incluí na edição revista e ampliada de *Figuras da Teoria Psicanalítica* publicada em 2010 uma “Homenagem a Conrad Stein”, contendo o essencial do artigo escrito em 1994 para *Cliniques Méditerranéennes* mencionado atrás, que permanecia inédito em nossa língua, e os prefácios redigidos para os livros publicados pela Escuta. Seria fastidioso repertoriar as citações dos seus trabalhos naqueles que pude escrever; são numerosas, como se pode ver pelos índices remissivos das coletâneas em que figuram. Tratam em geral de temas nos quais as ideias de Stein continuam a me parecer instigantes, como a eficácia da palavra do analista, a autoanálise de Freud, a identificação do psicanalista com ele, Freud, a relação entre incidentes da sua vida (refratados, é claro, por suas fantasias) e certos elementos das teorias que elaborou, a supervisão, o infantil, e outros ainda.

Em retrospecto, e à medida que esse tipo de avaliação é possível, parece-me que uma das contribuições da geração de analistas da qual faço parte foi introduzir o pensamento de nossos mestres franceses num meio até então quase exclusivamente impregnado pela influência inglesa. Mesmo se os laços transferenciais que nos uniam a eles têm nisso algum papel, os efeitos das nossas iniciativas ultrapassam largamente este domínio mais pessoal. A combinação de diversos fatores – alguns ligados ao estilo e ao conteúdo das obras desses pensadores, outros ligados às condições de recepção de não importa qual obra estrangeira na cultura nacional, outros

ainda específicos do meio psicanalítico – determinou uma consequência cujo alcance é sem dúvida considerável: a presença significativa da Psicanálise francesa na prática, nos colóquios e na produção escrita destes últimos vinte ou vinte e cinco anos.

Pode-se dizer que, na época em que Conrad Stein veio ao Brasil, a Psicanálise brasileira ainda procurava sua própria voz. De modo geral, a geração dos pioneiros tinha se contentado em validar pela prática as teorias kleinianas absorvidas na Inglaterra ou na Argentina: quando comecei a estudar Psicanálise, em meados dos anos 1970, contavam-se nos dedos as obras verdadeiramente originais escritas em português. A paisagem é hoje muito diferente: a produção escrita dos brasileiros não deve nada, em quantidade e em qualidade, à dos centros psicanalíticos mais antigos. Entre os motivos deste fenômeno, o exemplo dos franceses tem com certeza um lugar de relevo – e, entre eles, os escritos de Stein fecundaram um bom número de produções.

Assinalei acima a importância, neles, de Freud como interlocutor. Isso pode parecer evidente a um público francês; entretanto, num ambiente no qual ela era muito menos lida que a de Klein e seus continuadores, a valorização da obra freudiana e o constante diálogo com ela constituíam uma novidade da qual é difícil exagerar a importância. Nesse panorama, uma particularidade da obra de Conrad lhe confere um relevo especial, e a torna indispensável, a meu ver, para as novas gerações de estudantes e de profissionais: o lugar central da autoanálise, seja a de Freud, seja a do psicanalista.

Por outro lado, é preciso reconhecer que a radicalidade do pensamento de nosso autor o torna tão *unzeitgemäss* no Brasil quanto o foi na França dos anos 1960. Ao empregar este termo de Nietzsche<sup>10</sup>, que traduzido literalmente significa “não conforme ao tempo”, “fora de medida em relação ao tempo”, quero sublinhar que ela é tudo salvo vetusta ou ultrapassada: ao contrário, o termo alemão tem uma forte conotação crítica em relação ao que absorvemos sem nos darmos



conta, apenas porque é aquilo em que todo mundo acredita, ou ao que todos aderem.

Um exemplo entre outros: buscaríamos em vão nos escritos de Stein uma discussão da psicopatologia análoga à que encontramos em outros autores, contemporâneos seus, e que conduzem a conceitos inteiramente psicanalíticos, como os de neossexualidade em Joyce McDougall ou de psicose branca em André Green e Jean-Luc Donnet: ele considerava que este tipo de debate tem mais a ver com a psiquiatria que com a Psicanálise. Isso ganha destaque ainda maior se levarmos em conta que, como nos foi contado neste Colóquio, na sua juventude ele foi um psiquiatra de grande talento. À primeira vista, tal fato a tornaria pouco atraente para quem procura na literatura analítica pontos de referência para a clínica – mas essa impressão, a meu ver, é completamente equivocada.

Digamo-lo de outro modo: o foco do qual emanam as concepções fundamentais de Stein é a situação analítica clássica, que se repete várias vezes por semana durante um tratamento igualmente clássico. É neste contexto que o paciente pode regredir até temer a queda no informe, que a fala do analista pode ser fazer esperar por várias sessões, e assim por diante. Ora, esse tipo de trabalho vem se tornando cada vez menos frequente, por razões conhecidas de todos e que não é necessário evocar aqui; no lugar dele, têm surgido formas de trabalho diferentes, inclusive algumas derivadas da Psicanálise clássica.

Este fato tornaria ultrapassada, para não dizer inútil, uma reflexão que tem como base precisamente processos que dependem de parâmetros ausentes ou muito modificados nos tratamentos mais comuns na atualidade? De modo algum, penso. E isso não por alguma idealização do paraíso perdido, mas porque, para bem conduzir as “psicanálises complicadas”, como Pierre Fédida



*um paciente que Stein  
menciona em L'Enfant Imaginaire  
lhe disse um dia: “je ne veux pas que  
vous restiez intact de moi”  
(não quero que o senhor  
fique intacto de mim)*

denominava as “psicoterapias de base freudiana”, é preciso um sólido conhecimento e uma experiência igualmente sólida do funcionamento de uma psicanálise “clássica”. São eles que permitem uma certa desenvoltura no manejo de situações diversas daquelas em que prevalecem as condições ideais.

Ora, ocorre que são justamente aqueles que se iniciam no *métier* que, no mais das vezes, se veem confrontados a situações deste gênero, porque raramente dispõem das condições econômicas ou de prestígio que possibilitam a prática ampla em consultório. É por isso que, a meu ver, os trabalhos de Stein devem ser recomendados a esses jovens colegas, pois neles encontrarão análises e exemplos de todas as vertentes do processo analítico – e ter uma ideia clara deles, ao menos teoricamente, pode certamente auxiliar quem faz psicoterapias a se orientar nos fenômenos com que se confronta a cada dia.

Um paciente que Stein menciona em *L'Enfant Imaginaire* lhe disse um dia: “*je ne veux pas que vous restiez intact de moi*” (não quero que o senhor fique intacto de mim). Quem quer que se disponha a seguir o caminho que ele abriu em seus textos, nascidos de um profundo compromisso com a Psicanálise, tampouco ficará “intacto” dele.

Obrigado, Conrad!

### Referências bibliográficas

- Mezan R. (2004). Plaisir d'Enfant. In: Brun Danièle (org.), *L'écriture et la parole: mélanges en hommage à Conrad Stein*. Paris: P.A.U.
- \_\_\_\_\_. (2002). A Recepção da Psicanálise na França. In: *Interfaces da Psicanálise*, São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1994). Traces durables d'une rencontre, *Cliniques Méditerranéennes* n. 43-44. Trad. bras.: Homenagem a Conrad Stein. In: *Figuras da Teoria Psicanalítica*, 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1991). Trois conceptions de l'originaire, *Etudes Freudiennes*, n. 32. Trad. bras. In: *Figuras da Teoria Psicanalítica*, 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1982). *A conquista do proibido*. São Paulo: Ateliê, 2000.
- Marin I. K. (2001). *Violências*. São Paulo: Escuta.
- Monzani L. R. (1990). Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico. In: Bento Prado Jr. (org.). *A Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Moreira A. C. (1992). A Depressão em Freud e em Conrad Stein, com uma Ilustração pelo Personagem Eva de *Sonata de Outono*. PUC/SP.
- Vianna H. B. (1998). *Não Conte a Ninguém*. Rio de Janeiro: Imago.

### Conrad Stein in Brazil

**Abstract** This paper discusses the influence of Conrad Stein on some writings of Brazilian psychoanalysts. For this, he presents some traits of his thought, examines the context in which it was produced (the French scene of the sixties and seventies) and received in Brazil (the two last decades of the past century). He also suggests some reasons for which it is still valuable in the present.

**Keywords** Conrad Stein; French Psychoanalysis; Brazilian Psychoanalysis; analytical processes; self-analysis.

**Texto recebido:** 09/2011

**Aprovado:** 11/2011

# O dispositivo grupal como realidade fantasiada

Tiago Corbisier Matheus

**Tiago Corbisier Matheus** é psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Graduado em Psicologia pela PUCSP, em Filosofia pela USP e doutor em Psicologia Social pela PUCSP. Exerce também a atividade docente na FGV e no CEP. É autor dos livros *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*, publicado pela Annablume/FAPESP, em 2002, e *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*, pela Casa do Psicólogo, em 2007.

**Resumo** Este trabalho busca discutir a noção de realidade em uma situação de trabalho de grupo e a tensão constante e inevitável entre a busca da verdade e a busca de sentido, quando se tem em vista, por exemplo, um grupo de formação. Nem ilusão pura, nem realidade positivamente determinada, a condição de um grupo enquanto tal se dá pela paradoxal condição de uma realidade imaginariamente determinada.

**Palavras-chave** grupo; fantasia; realidade; verdade; sentido.

## Introdução

A questão acerca do estatuto de um grupo continua demandando reflexão não somente em função da exigência teórica e conceitual que suscita, ou da complexidade que a experiência de grupo porta, ao se considerar a vasta gama de variáveis implicadas em cada aproximação de indivíduos em torno de um fim comum. A questão sobre o estatuto de um grupo ganha destaque quando se considera a importância do imaginário na cultura atual e dos efeitos deste sobre cada realidade específica e socialmente determinada. Num mundo midiático e pautado pelo incremento do espaço virtual, se torna premente investigar o peso conquistado pelo campo imaginário no cotidiano dos indivíduos e nas relações entre eles estabelecida, pois, cada vez mais, fantasia e realidade se confundem e se implicam, inevitavelmente. Como lembra Zizek, a condição de cada sujeito não está determinada apenas pela aparência que cada um possui perante os demais e pelas condições de sustentação desta aparência. Hoje, é a imagem da imagem que é a referência privilegiada em cada cena social, pois cada indivíduo se orienta pela aparência que acredita possuir frente ao olhar de seus pares, compondo um jogo especular que, direta ou indiretamente, orienta e determina as experiências individuais e cotidianas dos sujeitos<sup>1</sup>.

No entanto, o destaque dado ao imaginário, neste momento da cena contemporânea, é a contrapartida de um traço cultural que lhe é complementar, que é a busca por uma referência

<sup>1</sup> Sobre a ordem das aparências sociais, ver S. Zizek, *A visão em paralaxe*, p. 193, 231. Exemplo claro da determinação da realidade a partir do imaginário é o boato: ao se alastrar uma informação fictícia, ela produz um efeito direto na atitude das pessoas, como ocorre na oscilação da bolsa e seus efeitos na realidade das organizações e no mercado de capital.



a busca por uma referência  
real seria expressão  
de um anseio por ir além  
das ilusões e poder alcançar  
algo mais tangível e  
menos sujeito a dúvidas

36

PERCURSO 47 : dezembro de 2011

*real*, supostamente isenta de ideologia: o descrédito de ilusões e utopias que se intensifica, em diferentes partes do globo, a partir da década de 1970, instigou tal movimento<sup>2</sup>. Porém, logo se nota que a busca do real acaba expondo a presença do imaginário na configuração da realidade, o que pode ser percebido em diversos fenômenos recentes ou atuais, como, por exemplo, na exaustiva exposição do ataque às torres gêmeas no fatídico 11 de Setembro, no espaço conquistado pelos *reality shows* na mídia e no crescente interesse pela literatura e cinegrafia biográfica – que supostamente exporiam a vida *real* das pessoas –, ou, ainda, na ênfase economicista das análises políticas e sociais nas últimas décadas – como se os *dados* fossem mais reais do que suas interpretações e como se a economia *fundamental* fosse composta por números.

A busca por uma referência real seria expressão de um anseio por ir além das ilusões e poder alcançar algo mais tangível e menos sujeito a dúvidas. Concomitantemente, a exposição da *realidade* em sua nervura viria denunciar, de modo contundente e dramático, a condição de desamparo que acompanha o ser humano, em suas distintas inscrições sociais. Tais ocorrências seriam sintomas sociais que funcionariam como indicadores da falta de referências e parâmetros

durante este momento histórico<sup>3</sup>, bem como da tentativa de reagir a tal situação.

Porém, nota-se o caráter performático destas exposições da *realidade*, que ora são construídas e vividas em função da cena que produzem (*reality shows*), ora são visões vertiginosas incessantemente repetidas em cenas midiáticas, produtoras de um fascínio atormentado nos expectadores, que então se tornam responsáveis pelas imagens reproduzidas (ataque às torres gêmeas). Logo, a busca de algo real não deixa de sofrer a mediação de imagens, que por sua vez interferem na própria realidade a que estão remetidas; em cada um dos exemplos citados, real e imaginário se confundem e se interpenetram, inevitavelmente. Logo, a realidade da cena social, em si, depende das imagens que a ela são referidas – como o filme *Matrix* bem ilustra<sup>4</sup> –, mostrando que o imaginário não é simplesmente uma distorção da realidade, mas sua parte constituinte, sem a qual não seria capaz de ser percebida ou anunciada<sup>5</sup>.

### Os objetos impossíveis num grupo de formação

Pensar no estatuto do dispositivo grupal exige pensar no contexto no qual ele se inscreve, a fim de não promover um reducionismo naturalizante em relação a esta operação tão recorrente na experiência humana<sup>6</sup>. Uma situação de grupo ganha diferentes contornos conforme o cenário em que seu enredo transcorre, suscitando distintas tonalidades às questões que cada sujeito transporta a seus pares. No caso de um grupo de formação (de profissionais que têm o humano como objeto de estudo e suas relações), por exemplo, lugar e imagem atribuídos ao saber almejado e ao grupo de pertinência ganham um colorido peculiar na atualidade. Ambos (saber e grupo) são alvo de um paradoxal e ambivalente investimento libidinal, oscilando entre uma alienada idealização e um melancólico descaso frente às possibilidades efetivas de se fazer uso deste saber. Se a

ambivalência é traço próprio ao humano, a força da imagem na cultura atual e a descrença frente a projetos coletivos de transformações sociais colocam estes dois objetos, saber e grupo, em posição estratégica.

Saber não é mera imagem, mas produz imagens: em várias culturas do mundo atual, marcadas pelo espaço urbano, pela agilidade dos processos mercantis e pelo chamado processo de globalização, a imagem do saber é objeto de um paradoxal valor e sentido. Por um lado, o saber ainda é aquilo que supostamente confere a alguém uma imagem de destaque e reconhecimento em seu meio (a venda de livros de filosofia em bancas de jornal e a valorização das titulações acadêmicas em vários segmentos profissionais sugerem isso). Por outro, em sentido inverso, é objeto de dúvida e suspeita, sobretudo a partir do viés pragmático e utilitarista que ganhou terreno nas últimas décadas, neste mundo globalizado e economicista, em função do desinvestimento de utopias coletivamente estabelecidas e politicamente direcionadas (ex: *a teoria, na prática, é outra, ou quem sabe faz, quem não sabe ensina*).

Porém, como se sabe, o *saber* é um objeto, em si, inatingível – objeto *a*, na notação lacaniana – e encontra seu valor na economia pulsional nas diferentes composições humanas em decorrência desta impossibilidade. Ao se modificar sempre num objeto outro, conforme as fantasias que o delineiam (entre cursos, publicações, autores ou mestres), o saber se mantém como objeto causa de um desejo incessantemente renovado, produzindo movimento de convergência ou dissidência entre tantos que em torno dele se mobilizam. Isto porque, como diz Zizek, “onde há total conhecimento, o reconhecimento é sem

»  
o saber é um objeto, em si,  
inatingível – objeto *a*, na notação  
lacaniana – e encontra seu valor  
na economia pulsional nas diferentes  
composições humanas  
em decorrência desta  
impossibilidade

sentido”<sup>7</sup> e, portanto, a impossibilidade do saber instaura um dos vértices de sustentação da experiência humana em grupo, que é a disputa por reconhecimento.

Entra em cena, então, o segundo dos objetos em pauta – o grupo: não é apenas um dispositivo operacional largamente utilizado na busca do saber, entre os indivíduos, com modalidades e formatos variados. É, também, uma imagem que possui maior ou menor sustentação numa experiência concreta da realidade e tem função estratégica no jogo pulsional entre os sujeitos que se reúnem em torno de um objeto impossível que é, neste caso, o saber. É porque o conhecimento é sempre parcial que a luta por reconhecimento se torna premente em cada situação de grupo (de formação) conforme a rede de transferências que nela se estabelecem. Em tais contextos (de grupo), cada sujeito é confrontado com o olhar e julgamento dos demais, à medida que estes se prestam a funcionar, conforme as palavras de Lacan, como a “assembleia imaginária daqueles que são os suportes do discurso, a presença das testemunhas, e mesmo (o) tribunal diante do qual o sujeito recebe a advertência ou o aviso ao qual é intimado a responder”<sup>8</sup>. Assim, a presença de um conjunto de pessoas que se aproximam em torno da busca de um saber suscita, para cada

2 Ver S. Zizek, *Bem-vindo ao deserto do Real!*

3 Ver E. Hobsbawm, *Era dos extremos*, p. 334-335.

4 E. Hobsbawm, *Era dos extremos*, p. 29.

5 A bolsa de valores expressa com clareza a participação do imaginário na constituição da realidade.

6 Sobre a crítica, ver, por exemplo, A. M. Fernández, *O campo grupal*, p. 72, 183.

7 S. Zizek, *A visão em paralaxe*, p. 295.

8 J. Lacan, *O seminário, livro 3*, p. 339.





a demanda por reviver,  
numa situação grupal, a fantasia  
da harmonia em uníssono  
é também a busca por uma nova  
oportunidade para elaborar  
o que não foi possível

38

PERCURSO 47 : dezembro de 2011

um, a fantasia de ver concretizada a assembleia imaginária que anunciaria o veredicto definitivo acerca de sua condição e existência, provocando-lhe paixões e fantasias.

Numa cultura marcada pelo descrédito de utopias coletivamente estabelecidas (*vãs ilusões?*), mas também, paradoxalmente, pelo anseio da conquista de imagens legitimamente reconhecidas por parte das assembleias imaginárias de cada um (*utopias vãs!*), a situação de grupo torna-se um palco particularmente provocador. Quanto mais desamparado ou indiscriminado se encontrar o sujeito, quanto mais fragilizado estiver frente à castração que o constitui, tanto maior será a sua expectativa de encontrar uma imagem totalizante para si, como uma identidade harmônica e definitiva, a partir de um veredicto positivamente legitimado por uma assembleia coesa que assiste a ele. Mas, como se sabe, a incompletude constitui a ambos, sujeito e objeto, inevitavelmente. Tanto o sujeito é obrigado a se defrontar, em algum momento, com sua incompletude, quanto o conjunto de pessoas que compõe o Outro da cena fantasmática do sujeito se mostra aberto, que não encerra em si, para além do imaginário, uma totalidade coesa. O confronto com a incompletude do sujeito e do grupo produz angústia e frequentemente negação,

pois, como diz Viñar, “essa maravilha da mesmidade da série, da harmonia do uníssono, busca um desfrute no homogêneo, em que a alteridade é percebida como perigo de ruptura da unidade; perigo necessário, porque a gemelaridade primordial tanto protege quanto asfixia”<sup>9</sup>.

A demanda recorrente pelo dispositivo grupal indica a busca por uma completude capaz de paralisar o sujeito numa alienação idealizada ou melancólica, em meio às fantasias totalizantes que se produzem em cada cena grupal. Porém, tal experiência pode ter também a função de suporte à produção simbólica, quando se consideram as possibilidades que um momento alienante representa num processo de elaboração psíquica. A demanda por reviver, numa situação grupal, a fantasia da *harmonia em uníssono* é também a busca por uma nova oportunidade para elaborar o que não foi possível, como uma nova tentativa em meio às repetições que compõem a história singular de cada um. Este arranjo se assemelha ao que ocorre no *processo adolescente*, no qual a experiência entre pares serve de suporte para a ressignificação dos ideais de cada sujeito e seu posicionamento frente ao mundo em que almeja participar<sup>10</sup>. Trata-se, em ambos os casos, da possibilidade de participar de um *todo nirvânico*, ser mais uma vez *um-com-os-outros*, a fim de poder melhor suportar o insuportável, a saber, a castração que constitui a condição de cada sujeito e cujo reconhecimento (e luto) lhe dá o privilégio de acesso à posição neurótica. É a possibilidade de realização da *função fraterna* a fim de poder tornar efetiva a *função paterna*, como propõe Poli<sup>11</sup>.

Neste sentido, a ilusão de viver a completude especular com um Outro pleno oferece condições para – conforme os recursos psíquicos de cada sujeito, o modo como o saber pode circular entre pares e a sustentação da coordenação de grupo – reconhecer e explorar a possibilidades de um Outro múltiplo no qual cada circulação da palavra promove o deslocamento do objeto de desejo em pauta, que é o saber. Como diz O’Donnell,

... a terceiridade do assinalamento, do olhar dos demais (... e) também instituída pela posição do observador [...]

faz aparecer a castração, a impossibilidade do gozo cúmplice e, por consequência, falar dele, comentá-lo, (*permitir o*) acesso ao simbólico através da palavra que distancia e vivifica a cada vez<sup>12</sup>.

Tal exercício, porém, não exige pouco, pois implica, como foi dito, o reconhecimento tanto da castração do próprio sujeito, quanto da impossibilidade de acesso ao *objeto causa do grupo*, que é o saber, bem como a experiência fragmentada da situação de estar entre pares não homogêneos, ao se constatar a multiplicidade e a incompletude do Outro. Este movimento constitui uma exigência que se mostra tanto maior quando se considera o contexto contemporâneo e a recorrente suspeita de utopias e o apego a imagens plenas e definitivas. Mas talvez seja em função desta mesma exigência que a experiência grupal mostre seu papel e importância, quando a sedução totalizante não paralisa, mas dá sustentação às possibilidades de elaboração para cada sujeito, conforme o contexto específico.

Assim como no caso do grupo, também em relação ao saber o imaginário cumpre uma função relevante, quando se considera a discrepância inevitável entre a busca de *sentido* e da emergência da *verdade*, como sugere Žizek. Sentido é um arranjo singular entre significantes disponíveis (numa situação de grupo, neste caso) que permitem ao sujeito construir uma narrativa própria acerca de uma questão que em algum momento formulou. A verdade, por sua vez, é aquilo que interrompe o sentido e denuncia a incompletude deste; é a estranheza que surge quando um ato

»  
*assim como no caso do grupo,  
também em relação ao saber  
o imaginário cumpre uma  
função relevante, quando  
se considera a discrepância  
inevitável entre a busca  
de sentido e da emergência  
da verdade*

falho ou acontecimento involuntário emergem na cena grupal, fazendo ver que algo ficou de fora do arranjo significante estabelecido<sup>13</sup>.

A construção de sentido implica, num instante, a fantasia da conquista de um arranjo harmônico entre significantes, até o momento em que emerge o real, quebrando esta composição, chacoalhando sua estrutura e exigindo nova produção significante. De modo similar à relação entre as funções fraterna e paterna, a construção do sentido é o que permite suportar a estranheza que a emergência da verdade produz, a fim de que os restos do real não simbolizado possam ser (até onde for possível) apropriados na nova produção significante. O conhecimento, por consequência, é o resultado deste percurso e suas turbulências. É o efeito de um movimento errático e inconstante que gira em torno da busca de sentido e da interrupção da verdade, deixando marcas nas ausências produzidas durante um caminho indeterminado.

Sujeito, saber e grupo não são instâncias em si completas, como unidades que portem uma identidade que lhes dê constância em sua existência. Cada qual porta sua incompletude e insuficiência, mas nem por isso suas imagens de totalidade deixam de cumprir uma função relevante para o posicionamento do sujeito e na produção simbólica que realiza<sup>14</sup>. O sujeito, em

9 M. Viñar, O reconhecimento do próximo, p. 190-191.

10 Ver T. C. Matheus, *Ideais na adolescência*.

11 Ver M. C. Poli, *Clínica da exclusão*, p. 27-33, 77. Lemoine abordou esta questão a partir da ideia de transferência lateral estabelecida entre os pares de um grupo – citado por P. O'Donnell, *El análisis freudiano de grupo*, p. 77.

12 P. O'Donnell, *El análisis freudiano de grupo*, p. 76.

13 Sobre a diferença entre sentido e verdade, ver S. Žizek, *A visão em paralaxe*, p. 244-245.

14 Žizek fala na *diferença mínima* para anunciar o fundamento ontológico do ser como cindido, ou melhor, não todo: é “a não coincidência do Um consigo mesmo” – *A visão em paralaxe*, p. 23. Neste sentido, não são apenas estes os objetos incompletos, mas todo ser é, portanto, não todo.



*a imagem de um corpo grupal,  
pleno e homogêneo,  
funciona como receptáculo  
alienante, que opera como  
um amparo às fantasias singulares  
dos sujeitos e oferece estofo  
às suas produções simbólicas*

sua condição de ser castrado e descentrado, toma sua própria imagem como se fosse completa (*eu ideal*), a fim de encontrar suporte para constituir um norte (*ideal de eu*) para onde converge seu ambivalente movimento desejante. Algo afim parece ocorrer com o saber e com o grupo. No primeiro caso, a experiência de construção de sentido indica a relevância que a ligação entre significantes e a suposta harmonia momentaneamente estabelecida entre estes possui no processo de busca do conhecimento, tendo em vista a dialética presente neste exercício de construção e desconstrução que gira em torno do saber.

No caso do grupo, a imagem de um *corpo grupal*, pleno e homogêneo, funciona como receptáculo alienante, que opera como um amparo às fantasias singulares dos sujeitos e oferece estofo às suas produções simbólicas, conforme suas demandas específicas e possibilidades de circulação significativa em cada situação de grupo. De modo que, independentemente do estatuto ontológico de um grupo, de ser ele portador ou não de um aparelho psíquico próprio, transindividual, como supõem alguns<sup>15</sup>, a situação de grupo (aproximação e interação de pessoas em torno de tarefas consciente ou inconscientemente compartilhadas), quando porta a inscrição do terceiro elemento (aquele que sustenta a castração) em seu dispositivo operativo (função de observação, por exemplo), permite que a fantasia

de um Outro único (*Um*) sirva de suporte para que o Outro múltiplo da dinâmica grupal entre em cena. A imagem de sua existência, ao ser vivida como real, oferece maiores condições aos sujeitos para suportarem a vertigem da emergência da verdade na situação de grupo e permitir aos sujeitos fazer uso dos fragmentos significantes disponíveis em suas produções simbólicas.

Assim, a condição da realidade de estar entre pares permite ao imaginário encontrar o grão de realidade de que necessita para que a fantasia de uma pertença possa ser vivida e, consequentemente, ofereça o lastro necessário para a inscrição do elemento terceiro ou a operação da função paterna, condição necessária a qualquer trabalho de simbolização. Este grão de realidade funciona como elemento mínimo da realidade (concreta) para que o imaginário possa operar em favor de suas fantasias, e estar numa situação de grupo funciona como uma provocação destas, que, ao ganharem *realidade*, servem de contraponto à dolorosa castração. A *fantasia de grupo*, a partir da *experiência de estar em grupo*, é um amparo ao desamparo que vive o homem em seu mal-estar social, intensificado num momento em que utopias coletivas encontram-se sob suspeita. Pensar o dispositivo grupal é também uma função política, quando se considera a importância que a imagem e a presença dos pares possuem não só no processo coletivo de busca por um saber, mas nos processos de produção simbólica de modo geral e na ação que daí pode emergir.

## A nomeação do grupo

### *Fragmento clínico*

Saidon, já há alguns vários anos, dizia que “o problema a resolver está colocado em como enfrentar esse círculo que nos confina a um prazer sem realidade ou a uma realidade sem prazer”<sup>16</sup>. Tal formulação valeria como síntese da questão norteadora de um conjunto de jovens reunidos num curso eletivo de *Dinâmica de grupo* numa instituição destacada de formação em administração



de nosso País. Provêm, em sua maioria, de classes sociais privilegiadas da população e, em função de sua escolha profissional, trazem como campo de referência o mundo corporativo e seu ideário próprio, pautado por uma lógica objetiva e instrumental, orientada em favor de uma competitividade orientada pelo desempenho (*performance*) individual<sup>17</sup>. A instituição de ensino se organiza conforme esta cultura e possui em seu projeto pedagógico uma composição entre o que poderia ser chamado de uma perspectiva generalista (ênfase na formação geral e ampliação das referências teóricas) e outra gerencialista (voltada às técnicas e saberes específicos da prática de gestão). A oportunidade de fazer uma disciplina que tem como tema a *dinâmica de grupo* é citada como motivo de interesses díspares, que variam entre a facilidade na condução das tarefas (em comparação a outras disciplinas supostamente mais exigentes), a possibilidade de se aprimorar numa situação que costuma ser exigida nos processos de seleção, ou, ainda, o interesse por temas e práticas subjetivas, tais como as relações pessoais e experiência de grupo, que se diferenciam de outras disciplinas mais objetivas e instrumentais.

A postura inicial destes jovens alunos acompanha seu discurso, demonstrando ora uma reserva constrangida em meio aos silêncios que surgem numa disciplina que não oferece um conteúdo teórico formalmente organizado em slides projetados (*powerpoint*), ora uma irreverência espirituosa, capaz de interromper tal situação e introduzir um riso provocador, ou, ainda, um descaso frente a uma modalidade de atividade

»  
*a oportunidade de fazer  
uma disciplina que tem como tema  
a dinâmica de grupo é citada  
como motivo de interesses  
díspares surge de início  
como uma abstração distante*

que pouco “agrega valor” quando se considera o tempo gasto “sem fazer nada”. A estranheza frente à proposta de assumir a palavra na discussão de textos propostos – sobre vários temas acerca da experiência grupal e seus desafios no contexto organizacional – suscita diferentes reações, desde a realização detalhada dos apontamentos relevantes a serem discutidos, a facilidade de produzir associações com situações cotidianas da experiência de estágio, junto a uma dificuldade de contrapor ao conteúdo lido, ou também um alheamento à tarefa proposta. Neste contexto variado, a ideia de grupo surge de início como uma abstração distante: “não somos um grupo”, “nos reunimos aqui uma vez por semana, mas mal nos falamos fora daqui”, “o que nos reúne é estarmos inscritos nessa matéria”.

É num segundo momento que a noção de grupo ganha outra perspectiva...

15 É o caso, por exemplo, de Anzieu – *O grupo e o inconsciente*, p. xx. Em outro trabalho foi possível apontar alguns aspectos conceituais que, na tradição da psicanálise francesa, acabaram desqualificando o grupo como objeto de investigação e trabalho no meio psicanalítico – *Congresso Brasileiro de Psicanálise das Configurações Vinculares*, maio de 2009, Serra Negra, SP.

16 O. Saidon, *O grupo operativo de Pichon-Rivière*, p. 175.

17 Sobre desempenho individual, ver, por exemplo, P. Bendassoli, *Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira*.

### Referências bibliográficas

- Anzieu D. (1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bendassolli P. (2009). Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.49, n.4, out/dez. p. 387-400.
- Fernandéz A. M. (2006). *O campo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hobsbawm E. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan J. (2002). *O seminário, livro 13: as psicoses (1955-56)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Matheus T. C. (2000). *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- O'Donnell P. (1984). *El análisis freudiano de grupo*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- Poli C. (2006). *Clínica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente*. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP.
- Saidon O. (1986). O grupo operativo de Pichon-Rivière. In: Baremlitt et alli. (org.) *Grupos: teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Graal.
- Viñar M. (1998). O reconhecimento do próximo. In: Koltai C. (org.) *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Zizek S. (2003). *Bem-vindo ao deserto do Real!: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_. (2008). *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo.

### Group device as fantasized reality

**Abstract** The paper discusses the notion of reality in a situation of work with a group. Tension between search for truth and search for sense is unavoidable in such cases. Neither pure illusion nor a positively determined reality, what emerges in them is a paradoxical “reality determined according to imagination”.

**Keywords** fantasy; reality; truth; sense.

**Texto recebido:** 04/2010

**Aprovado:** 08/2011

# Sobre o grupo psicanalítico e a difusão da Psicanálise

contribuições de uma experiência de rede

Fernando da Silveira + Clarissa Metzger +  
Paula Regina Peron

**Fernando da Silveira** é psicólogo, mestre em Psicologia pelo IPUSP, psicanalista pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Membro do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Dinâmicas Grupais deste departamento. Professor de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Membro da Rede de Atendimento Psicanalítico.

**Clarissa Metzger** é psicanalista, membro do Laboratório Psicanálise e Sociedade do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, mestre em Psicologia Social pelo IPUSP, doutoranda em Psicologia Clínica pelo IPUSP, coordenadora dos cursos de Acompanhamento Terapêutico do Instituto A CASA.

**Paula Regina Peron** é psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP, professora de Psicologia da PUCSP, COGEAE e CEP. Aluna do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Resumo** O artigo apresenta a Rede de Atendimento Psicanalítico, problematiza seu funcionamento e discute a questão da grupalidade, da ética e da montagem de redes de trabalho na formação do psicanalista. Partindo de uma breve retomada da história da psicanálise e de suas formações grupais, e de certas maneiras de conceber a grupalidade, os autores situam a Rede em um projeto ético-político de formação continuada do psicanalista.

**Palavras-chave** grupo; fantasias; ética; história da Psicanálise.

1 Ao longo do presente artigo, usamos as grafias rede e Rede. A primeira se refere às redes de modo geral, enquanto a segunda se refere especificamente à Rede de Atendimento Psicanalítico.

2 R. Kaës, *O grupo e o sujeito do grupo*.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de construção de uma rede de psicanalistas, a Rede de Atendimento Psicanalítico<sup>1</sup>, seus objetivos e vicissitudes, e refletir sobre essa construção em articulação com a constituição de grupos e instituições na história do movimento psicanalítico. A difusão da psicanálise traz uma série de desafios para os psicanalistas na contemporaneidade, inclusive naquilo que diz respeito a se estabelecer como analista reconhecido por seus pares, adotando uma filiação e aderindo – ou não – às instituições. Finalizamos o artigo com uma discussão sobre a questão da ética em articulação com a nossa concepção da Rede de Atendimento Psicanalítico.

## Pluralidade do campo e grupos psicanalíticos

O exame da história do movimento psicanalítico, incluindo suas rupturas e expulsões, constitui uma das facetas do estudo da teoria psicanalítica. Para René Kaës<sup>2</sup>, o grupo é a matriz fecunda e traumática da psicanálise. É no agrupamento que a psicanálise pode ser construída e transmitida. Freud precisou de um grupo para levar adiante a psicanálise, e o movimento analítico é herdeiro da teoria desenvolvida por ele. Mas é no grupo que os conflitos entre psicanalistas são atualizados ao longo da história: quem seria o legítimo herdeiro de Freud? Ao estudarmos essa história,



*na historiografia psicanalítica,  
a pesquisa das gerações  
de psicanalistas permitiu muitos  
esclarecimentos*

conhecemos como se construíram determinados referenciais teóricos e o que os torna diferentes de outros e, principalmente, compreendemos em que consiste o campo psicanalítico. Nem sempre estão em jogo apenas questões teóricas e muitas vezes as questões institucionais têm grande peso no surgimento ou desaparecimento destes referenciais<sup>3</sup>.

Na historiografia psicanalítica, a pesquisa das gerações de psicanalistas permitiu muitos esclarecimentos: a genealogia dos sucessores de Freud, o encadeamento das interpretações da obra original, a formação e sucessão das escolas, a dialética dos conflitos que levaram às cisões e às diferenças implícitas na compreensão teórica.

Os primeiros trabalhos historiográficos foram redigidos pelo próprio Freud, e ele entendeu que, por mais isolado que trabalhasse um intelectual, pertencia a uma comunidade de pesquisadores e a determinado momento histórico<sup>4</sup>.

Nascida no coração do Império Austro-húngaro, a psicanálise seduziu uma primeira geração de pioneiros de língua alemã e posteriormente conquistou a Suíça, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Ao longo de toda esta expansão e desenvolvimento, Freud elegeu seus grupos favoritos e rompeu com outros. Houve grupos privilegiados como, por exemplo, o Comitê Secreto (1912-27), que objetivava preservar a doutrina psicanalítica de qualquer forma de desvirtuamento ou má interpretação.

A primeira geração internacional compôs-se dos primeiros discípulos de Freud, reunidos em Viena, no seio da Sociedade Psicológica das Quartas-feiras (1902), que formava um grupo de discussão. Foi, entretanto, dissolvido em 1907 por Freud, já que estava repleto de divergências e rixas. Freud restabeleceu formalmente a Sociedade das

Quartas-feiras como Sociedade Psicanalítica de Viena; mais tarde, em 1910, será fundada a Associação Internacional de Psicanálise e, a partir daí, outras Sociedades Psicanalíticas locais. Com estas breves informações *históricas*, percebemos que os psicanalistas, desde o início, constituem-se em grupos e que as relações intragrupo são bastante complexas e nem sempre pacíficas.

Nos grupos iniciais certamente não havia unidade entre as leituras da teoria freudiana e os trabalhos desenvolvidos por seus discípulos, embora Freud atribuísse grande importância à uniformidade da psicanálise, tendo rompido com partidários e trabalhado para a vigilância da sua difusão. Conforme vemos em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”<sup>5</sup>, se, por um lado, as regras técnicas são suprapessoais, por outro, Freud admite que as mesmas regras têm alguma relação com a sua própria individualidade e que, portanto, profissionais diferentes podem gerar diferentes práticas psicanalíticas. Felizmente, embora a psicanálise tenha sido institucionalizada sobre uma base firme, não se transformou em uma teoria fossilizada. No entanto, para garantir coerência em meio às diferentes leituras e práticas psicanalíticas, Freud propõe princípios básicos que definem a psicanálise:

*As pedras angulares da teoria psicanalítica* – A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e recalque, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista.<sup>6</sup>

Aceitos estes princípios, a experiência clínica dos novos analistas e o aprendizado que dela deriva poderiam transformar a psicanálise.

No entanto, se já com a presença de Freud não havia consenso, após sua morte a situação não melhorou. Se Freud era antes o fiador da verdade sobre a psicanálise, na sua ausência, faz-se necessário instituir normas que delimitem o que é válido, ou não, no campo psicanalítico – tarefa que parece

nunca ter sido totalmente levada a cabo, dadas as eternas discordâncias entre as linhas sobre o que é ou não é psicanálise.

Não se pode deixar de levar em conta também que qualquer teoria psicanalítica resulta do cruzamento de muitas perspectivas envolvidas na elaboração da experiência psicanalítica: formulações conceituais, análise do analista, momento cultural, discurso dos pacientes, etc<sup>7</sup>. Depois de Freud, surgiram na psicanálise desdobramentos e modificações teóricas relacionadas à prática clínica dos psicanalistas, influenciadas por suas personalidades e biografias, que, submetidas a determinadas comunidades de analistas, foram aceitas ou refutadas.

Mezan exemplifica tal diversidade apontando que um analista kleiniano e um lacanianiano não escutam a mesma coisa porque partem de teses bastante diferentes sobre a natureza do inconsciente, sobre as finalidades do processo analítico, sobre o que significa escutar. Nenhum dos dois está fora da psicanálise, já que produzem teses psicanalíticas sobre objetos psicanalíticos, respeitando o que Freud propõe como pedras angulares da teoria psicanalítica.

Como em outros grupos psicanalíticos, na Rede, da qual nos propomos a falar, a teoria de Freud está em um plano diferente da teoria de outros autores; ela não foi suplantada por nenhum pós-freudiano e continua sendo elemento constitutivo do que veio depois. Desta maneira, Freud segue fornecendo os parâmetros básicos do campo balizado pelo inconsciente, bem como a prática clínica, de onde advêm processos psíquicos a serem examinados por escutas singulares de analistas cuja formação está codeterminada por análise pessoal, cursos e supervisões oriundas de diferentes contextos.

3 F. Silveira, *O Grupo e o Movimento Analítico Brasileiro: 1967 a 1966*. Dissertação de Mestrado, USP, 2007.

4 S. Freud, "Psicologia de grupos e análise do ego".

5 S. Freud, "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise".

6 S. Freud, "Dois verbetes de enciclopédia", p. 300.

7 R. Mezan, "Klein, Lacan: para além dos monólogos cruzados".

8 S. Freud, "Psicologia de grupos e análise do ego".

»  
*não se pode deixar de levar  
em conta também que qualquer  
teoria psicanalítica resulta do  
cruzamento de muitas perspectivas*

Em nossa experiência de Rede, verificamos que a questão da pluralidade do campo, apesar de complexa, aponta para a vitalidade da psicanálise. Se a diversidade teórica traz o risco da fragmentação do campo psicanalítico, o predomínio de uma única forma de se fazer psicanálise aponta para o risco do enrijecimento e da estereotipia.

As instituições psicanalíticas são formadas pela consolidação de normas que regulam o campo, aquilo que, a partir do jogo de forças entre psicanalistas, torna-se instituído e fornece a base na qual toda prática se desenvolve. Levando em conta o fato de que o movimento psicanalítico é, desde sua fundação por Freud, formado por grupos, conforme já abordado nesse texto, entendemos que o estudo sobre eles pode trazer importantes contribuições para nos auxiliar na reflexão sobre o que está em jogo nos agrupamentos formados pelos psicanalistas, principalmente naquele que nos interessa especialmente nesse artigo, qual seja, a rede de analistas e a relação dos seus membros com a rede em si.

### A questão do grupo e a teoria psicanalítica

Em "Psicologia de grupos e análise do ego"<sup>8</sup>, Freud entende a psicologia do grupo como voltada para o estudo da igualdade, da equalização entre os membros do grupo em um todo homogêneo, cabendo apenas ao líder a possibilidade de diferenciação:

o pai primevo impediria os filhos de satisfazer seus impulsos diretamente sexuais; [...] ele os forçara, por assim dizer, à psicologia de grupo. Seus ciúmes e intolerância





*para ampliar a compreensão da relação entre os sujeitos e os grupos, René Kaës apoia-se no conceito de narcisismo de Freud*

sexual tornaram-se, em última análise, as causas da psicologia de grupo<sup>9</sup>.

Este modelo de agrupamento se repete como um retorno do recalcado, ao longo da história do movimento analítico, com a formação de escolas em torno de um líder: os analistas tomariam seu líder como ideal de eu e assim alimentariam o narcisismo daquele, em troca da possibilidade de identificar-se com esse líder, desde que respeitado o interdito de tomar seu lugar.

No entanto, se o líder imprime uma marca quando inaugura um grupo, se mantém a libido dos membros do grupo voltados para si por certo tempo, não podemos esquecer que as rupturas dentro dos grupos são praticamente regra entre os psicanalistas, por motivos os mais variados. Exemplos não faltam na história do movimento psicanalítico desde suas origens, conforme comentado no início desse artigo, até os dias de hoje.

René Kaës propõe ampliar a compreensão da relação entre os sujeitos e os grupos. Apoiado no conceito de narcisismo de Freud, entende que o sujeito vive uma dupla existência: por um lado, procura atingir seu próprio objetivo de sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, é membro de uma cadeia geracional à qual está submetido. Na sua relação com o grupo, ora o sujeito tende a se diluir e a perder suas fronteiras, ora tende a se diferenciar. Freud referiu-se a alguns aspectos do grupo que Kaës entenderá como um de seus polos, o isomórfico: aquilo que Freud descreveu como massa, objeto comum a todos os membros, com perda dos limites individuais, predominando a homogeneidade mental, negando as diferenças, separações entre o aparelho psíquico grupal e o espaço psíquico subjetivo. É, sem dúvida, neces-

sária para a manutenção do grupo. O grupo se constitui neste polo como uma entidade específica, dando a ilusão de massa, corpo indivisível, imortal, onipotente. Esta construção imaginária acalma, mas, por outro lado, também ressuscita angústias arcaicas<sup>10</sup>.

Se o caráter homogeneizante do grupo é inevitavelmente uma de suas facetas, não podemos desconsiderar que os grupos não são apenas contrários ou opostos à singularidade, mas também servem como suporte para que ela possa emergir, contanto que certas condições sejam observadas. Kaës entende que o polo homomórfico mantém uma relação dialética com o isomórfico:

O polo homomórfico é o da diferenciação entre o aparelho psíquico grupal e o individual e faz possível que a relação entre cada um com o grupo possa ser elaborada. Para isto, as proibições estruturantes devem ser enunciadas e integradas e a Lei de grupo precisa suportar e conter conflitos, contradições, separações. A integração das diferenças se produz no mesmo momento em que se efetua o acesso ao simbólico: uma palavra individual pode surgir na medida em que o jogo de assinalamentos está regulado pela Lei de grupo e não pela onipotência de um tirano, de um ideal cruel e mortífero da lei do grupo<sup>11</sup>.

A Lei ganha função central nesse polo por ser fiadora dos ganhos obtidos mediante inibição dos impulsos hostis e das vantagens advindas da inibição da expansão do narcisismo. Tal função era anteriormente exercida pela figura do líder, mas neste caso, como proposto por Kaës, com a vantagem de ser supraindividual e o fruto da interação entre diferentes agentes. Entendemos que, quanto mais *horizontal* for o funcionamento de um grupo, maior será a possibilidade de a Lei ser o fruto dos acordos estabelecidos entre os pares e mais aberta estará para a revisão em função de novas proposições. Tal proposição de relação com o espaço coletivo é extremamente condizente com os princípios de um modelo de organização em rede. Metaforicamente falando, a rede pode ser concebida como um grupo cujos integrantes, entendidos como os *nós* que amar-

ram essa rede, se relacionam a partir de certos combinados coletivos, que os unem e ganham o valor de *lei* grupal a qual, por sua vez, interfere na *amarração* desses nós que constituem a rede, fortalecendo-os ou desfazendo-os e eventualmente mudando a maneira de amarração.

Diversos grupos psicanalíticos vêm procurando trabalhar a partir da horizontalidade. A própria fundação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae é fruto do questionamento da estrutura piramidal das Sociedades de Psicanálise associadas à International Psychoanalytical Association, IPA. O grupo que especificamente nos interessa aqui apresentar e discutir é a Rede de Atendimento Psicanalítico. Ela surgiu em 2001, pela iniciativa de analistas ligados ao Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae.

### Rede de atendimento psicanalítico – um projeto ético-político

Partindo da concepção acima, a Rede tem como principal objetivo: o fortalecimento da clínica de seus analistas, por meio da interlocução e discussão clínica entre psicanalistas de diferentes linhas e que estejam em diferentes etapas de sua formação, assim como pela formação de uma rede de encaminhamento.

O modelo de funcionamento em rede coloca-se como um horizonte ético-político, ainda que sua radicalidade e inovação dificultem sua realização plena. Segundo Whitaker<sup>12</sup>, uma das dificuldades em se implementar uma rede é que a nossa educação tradicional é muito mais voltada para estruturas piramidais, pautadas na hierarquia, do que no modelo de rede. Trabalhar em rede envolve uma mudança de paradigma que na prática nem sempre é simples. Há uma forte tendência em se delegar funções e responsabi-

»  
*o modelo de funcionamento em rede  
coloca-se como um horizonte ético-  
político, ainda que sua radicalidade  
dificulte sua realização plena*

dades em detrimento de uma ação mais ativa dos membros. Segundo este autor, na medida em que as responsabilidades são divididas, uma rede depende da iniciativa dos seus membros para que possa ser mantida. Neste caso, o investimento libidinal, em vez de ser voltado para um líder, como descreveu Freud nos grupos organizados, deve ser voltado para a realização de uma tarefa comum; neste caso, a tessitura e manutenção da rede. Para que uma rede possa funcionar plenamente, deve haver, portanto, o predomínio do polo homomórfico, embora o polo isomórfico esteja sempre presente.

Como todo grupo, a Rede também oscila entre estes dois polos. Não podemos nos iludir com a ideia de que a Rede não apresente características do polo isomórfico, tais como: a tendência ao indiferenciado, a busca por um líder, a crença de que somos todos iguais ou a ilusão de que na Rede estamos protegidos. Tais características do polo isomórfico também estão presentes em todas as instituições psicanalíticas. Discutimos acima que estas são tradicionalmente piramidais e organizadas em torno de líderes, e que as diferenças representam muitas vezes rupturas e formação de novos grupos. Embora apresente uma estrutura de organização muito compatível com princípios fundamentais da psicanálise, tais como a alteridade e respeito às diferenças, a cultura de trabalho em rede entre psicanalistas é pouco conhecida. Psicanalistas estão muito mais habituados a cuidarem individualmente dos seus consultórios do que de um espaço compartilhado, e a Rede exige a manutenção de um espaço coletivo que depende da iniciativa de cada analista.

Ao longo dos 8 anos de existência, este grupo vem buscando se lançar aos desafios de se

9 S. Freud, “Dois verbetes de enciclopédia”, p. 157.

10 R. Kaës, *Las teorías psicoanalíticas del grupo*.

11 R. Kaës, *op. cit.*, p. 77. Tradução livre do original espanhol.

12 F. Whitaker, “Rede: uma estrutura alternativa de organização”.



*trata-se, isso sim, de uma prática solidária que surge como alternativa à prática solitária frequentemente associada à clínica psicanalítica*

constituir como um grupo gerido de maneira horizontal e que respeite as diferenças sem que elas se tornem inferiorização ou instrumento de opressão. Este é um grande desafio, principalmente no campo psicanalítico, onde tradicionalmente as instituições são formadas em torno de homogeneidade teórica. Em uma rede, a diversidade é mais do que bem-vinda e deve ser trabalhada no sentido da ampliação dos horizontes. A lei de grupo, supraindividual, tem a função de conter os conflitos advindos da diferenciação de seus componentes sem que a diferença se torne ameaça ao fundo comum do grupo, evitando com isto que determinado componente predomine sobre os demais no tocante ao poder que exerce.

Claro que, na prática, esta é uma questão que traz uma série de dificuldades, afinal muita coisa pode ser encoberta em torno de uma suposta diversidade. Enfrentamos o desafio de lidar com diferentes linhas teóricas, momentos de formação, experiência clínica e concepções sobre a gestão dos bens coletivos: há, entre nós, alunos recém-formados dos cursos de especialização, analistas com um percurso um pouco maior, assim como professores universitários. Como não pretendemos um controle estrito sobre a prática de cada membro, entendemos que todos que pretendem participar da rede devem estar comprometidos com suas formações – o que é critério para aprovação na seleção feita com os interessados em ingressar na Rede como membros. Assim, a lei de grupo que rege a Rede e garante a coesão grupal é dada pelo próprio campo psicanalítico e, para fazer parte da Rede, todos os membros devem estar situados neste horizonte normativo.

No entanto, desvencilhar-se de um líder não representa tarefa simples. A fundação e os pri-

meiros anos da Rede estiveram ligados a um profissional mais experiente que ocupava o lugar de líder do grupo, no qual se manteve por alguns anos. No entanto, para que pudesse colocar em prática de modo pleno seus princípios, a Rede precisou romper com o modelo frequentemente estabelecido no campo analítico de agrupamento, descrito por Freud, em torno de um líder: uma rede não pode ter um líder ou pertencer a uma pessoa, caso contrário não será uma rede, mas outra forma de organização. Não existe uma rede de x ou y mas x e y que compartilham um projeto comum organizado como rede.

A contribuição que esta Rede tem a trazer ao movimento analítico não é a de ser um novo polo de produção teórica no campo psicanalítico, embora diversos membros da Rede possuam produções individuais. Não visa se tornar uma nova escola de psicanálise, que se agrupa em torno da produção teórica de uma ou outra linha dentro da psicanálise: muitos de seus membros são ligados às escolas de psicanálise reconhecidas. Também não tem como objetivo ser uma rede de apoio de um analista com maior percurso na psicanálise que, por sua vez, alimentaria a rede com seus encaminhamentos. Trata-se, isso sim, de uma *prática solidária* que surge como alternativa à *prática solitária* frequentemente associada à clínica psicanalítica e que busca, apesar das dificuldades, trabalhar predominantemente no polo homomórfico, onde há a possibilidade de diferenciação sem que isto represente a ruptura com a lei do grupo.

Tal como no movimento entre o narcisismo e a alteridade, a abertura para o mundo torna-se um princípio fundamental do funcionamento em rede. Reconhecendo que toda instituição é incompleta e não pode dar conta de tudo, a Rede e seus participantes devem estabelecer conexões com o mundo, seguindo o princípio da incompletude institucional. Nela, um lugar de pertencimento não dará conta de todas as necessidades. Os membros da Rede estão engajados em outros projetos nas mais variadas instituições do movimento analítico fazendo suas formações, grupos de estudo, pesquisas. Mas encontramos na

Rede um grupo de pertencimento que nos ajuda a pensar e estruturar as nossas práticas, que permite um diálogo horizontalizado entre analistas em diferentes pontos de sua formação e fomenta também a clínica de seus membros sem *depende*r de encaminhamentos de um analista mais experiente – embora a rede receba encaminhamentos inclusive de analistas com percursos longos dentro da psicanálise.

Certamente este modelo está em oposição com outro modelo típico de instituição psicanalítica, onde predominam a hierarquia, a interdição do questionamento às normas e aos poderes narcísicos instituídos, a repetição dos circuitos de circulação de poder e saber e as identificações narcísicas. Nenhum psicanalista deve estar livre de questionar sua própria posição: “Cada analista, não importa o que pode fazer a sociedade em que está inserido, não cessa de ter que construir, de modo interminável, seu lugar de analista e seu reconhecimento”<sup>13</sup>, mas para isto teremos que admitir nossos pontos de vista e formular soluções, mesmo que provisórias.

Há ainda um ponto a discutir: a formação de redes de encaminhadores, uma tarefa árdua para todos. Com frequência, as redes constituem-se em torno de pessoas com renome na área e/ou que ocupam posições estratégicas nas associações e escolas de psicanalistas. No início dos anos 1970, no Brasil, quando a principal questão do movimento analítico era a busca da *verdadeira psicanálise*, a garantia de um bom analista supostamente era dada pelo seu *pedigree*: a que associação de psicanalistas pertence? Com quem fez análise, com quem fez supervisão? Aqueles que se intitulavam herdeiros diretos de Freud, que haviam feito análise com Melanie Klein ou Bion, tornavam-se os herdeiros legítimos e, portanto, os *bons psicanalistas*; por mais absurdas que pudessem ser suas práticas, seus consultórios viviam lotados. Grupos eram formados em torno destas figuras na tentativa de uma espécie de reserva de

»  
*a psicanálise não é uma mônada:  
propõe-se a ser um campo aberto ao  
diálogo e às intersecções com as mais  
diversas áreas da sociedade e do saber*

mercado. A luta pelo controle do mercado era tão acirrada que, com exceção de São Paulo, no Brasil, somente os médicos podiam realizar formação em psicanálise neste período<sup>14</sup>. A questão da expansão da psicanálise esteve por muito tempo associada à ideia de sua distorção, tanto teórica quanto prática. Nesse contexto, o *pedigree* tinha como fundamentação a busca de controle de qualidade. No entanto, com o fim do *boom* da psicanálise no Brasil, que teve vez ao longo dos anos 70 e 80 do século passado, o esvaziamento de muitos consultórios forçou o movimento analítico a se rever.

Se, por um lado, a discussão entre as diversas linhas da psicanálise sobre quem detém a verdadeira psicanálise tornou-se um tanto anacrônica, uma vez que a pluralidade de linhas está colocada, a formação de redes de encaminhamento continua sendo um desafio para os analistas. Os jovens analistas com frequência iniciam sua clínica apoiados em figuras notórias a quem pedem supervisão, por exemplo. Ao mesmo tempo que o supervisor ajuda o analista a iniciar a tessitura de uma rede de encaminhamentos indicando a ele pacientes, mantém a sua própria rede na medida em que o jovem analista também indica a ele pacientes e supervisionandos. Como é sabido, os próprios psicanalistas formam um grande mercado para a psicanálise. Por outro lado, a psicanálise não é uma mônada, muito pelo contrário: propõe-se a ser um campo aberto ao diálogo e às intersecções com as mais diversas áreas da sociedade e do saber, como a saúde, educação e trabalho, atendendo sujeitos com formações profissionais completamente distantes da formação psicanalítica. Resta abordar com mais detalhe outro aspecto: a espinhosa questão da difusão da psicanálise.

13 P. Rocha, A.E. Cavalcanti, C. Cardoso, *op.cit.*, p. 126.

14 F. Silveira, *op. cit.*





*há um grande contraste entre o que Freud e os primeiros psicanalistas fizeram para a difusão da psicanálise e o que diziam sobre isto*

Difusão = distorção?

Desde Freud, a questão da difusão da psicanálise e da sua ampliação trouxe muita discussão. Em alguns momentos, Freud falava da difusão como distorção, enfraquecimento, popularização, vulgarização, abastardamento, simplificação, diluição, etc<sup>15</sup>. Por outro lado, é sabido que onde há psicanálise há difusão e penetração nos aspectos significativos de uma cultura. Mas será que é possível que haja difusão sem banalização, simplificação da psicanálise?

Há um grande contraste entre o que Freud e os primeiros psicanalistas fizeram para a difusão da psicanálise e o que diziam sobre isto. Se em 1919<sup>16</sup> Freud afirmava que “É muito provável, também, que a aplicação em larga escala da nossa terapia nos force a fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta”, também sabemos que ele tinha enorme interesse na difusão e no reconhecimento da psicanálise (a ponto de ter sonhos sobre o assunto), proferindo conferências para muitas plateias, construindo instituições e estratégias para garantir a existência e a expansão do conhecimento e da profissão psicanalíticas.

Certamente, em alguma medida a psicanálise difundida, ou seja, acessível a mais e mais pessoas, utilizada como teoria de referência em diferentes instituições, produziu concepções de normalidade e funcionamento mental que tendem para versões adaptativas e reducionistas da própria psicanálise. Por outro lado, essa mesma difusão permitiu um retorno a Freud (como o compreendido por Lacan, por exemplo) que busca justamente resgatar a fidelidade à proposta freudiana naquilo que ela tem de mais subversivo: o reconhecimento do sujeito do inconsciente e de

sua singularidade, sustentando o ponto de vista de que a adaptação egoica está longe de ser a saída para o sujeito e seu desamparo. A entrada de psicanalistas na rede pública e privada, o trabalho de vários psicanalistas em hospitais e dispositivos de tratamento da Saúde Mental, por exemplo, também dão testemunho de como a ampliação pode acontecer, sem que haja deturpação da teoria. Ampliar o campo de atuação do psicanalista não é, portanto, um caminho óbvio para a banalização dos nossos princípios.

No número especial da Revista Francesa de Psicanálise sobre a Psicanálise Contemporânea, André Green<sup>17</sup> aponta algumas tendências atuais em nossa prática. Por um lado, uma corrente pragmática, para quem a psicanálise é antes de tudo uma terapêutica, responsável por seus resultados, que deve conhecer seus meios, limites e preço. Esta corrente introduz variações na cura, nos métodos, e é em geral favorável a uma simplificação da teoria em proveito da busca prioritária de eficácia. Por outro lado, uma corrente preocupada com a complexidade da experiência psicanalítica, que procura aprofundamento e reúne adeptos de diversas escolas, sem reivindicar exclusividade de filiação a Freud. Este último grupo contém um núcleo que continua a defender a ideia de que é a partir de sua própria prática que a psicanálise deve proceder às revisões teóricas necessárias, porque continua sem igual e não se reduz a nenhuma outra forma de saber. Certamente, nós da Rede estamos aliados a esta segunda tendência.

Ainda há mais um ponto a pensar, embora ele não seja discutido de forma aprofundada aqui – a questão da psicanálise nacional. Figueira<sup>18</sup> problematiza um aspecto muito interessante da nossa psicanálise – seria ela imitação ou criação? Como se dá nossa relação com os modelos do campo internacional – absorvemos, imitamos ou criamos algo novo? Certamente, em todo lugar onde chegou, a psicanálise trouxe influências dos discípulos diretos e indiretos de Freud e, por outro lado, sofreu marcas dos valores e singularidades dos campos locais. Ainda que seja difícil pensar particularidades culturais da psicanálise, deve-



mos insistir nesta questão e trabalhar aspectos peculiares da expansão da psicanálise no Brasil. A busca pela verdadeira psicanálise marcou fortemente os anos 1970. A fundação do curso de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae representa uma importante ruptura da tendência do movimento analítico brasileiro em reconhecer apenas a psicanálise importada da IPA como legítima. Mesmo que dependente da psicanálise inglesa e argentina para a formação dos primeiros analistas, o movimento analítico brasileiro consolidou suas instituições de formação, ligadas à IPA ou não, conquistou lugar nas universidades e representa uma importante referência na formação de diversas áreas do conhecimento, como a psicologia e a pedagogia, e recebeu posteriormente as influências diretas da psicanálise francesa.

É neste cenário múltiplo, peculiar e desafiador, que estamos inseridos. Na Rede, estamos preocupados, simultaneamente, com o fomento da clínica dos analistas e com a manutenção de uma posição política, levando em consideração os princípios éticos da psicanálise. Então, fazemos a divulgação conjunta de nossas clínicas privadas, ampliando as possibilidades de acesso da população em geral à psicanálise e, concomitantemente, fomentamos a prática clínica dos participantes da Rede. Isto significa reconhecer que não há clínica psicanalítica sem pacientes (o que parece óbvio, porém muitas vezes precariamente concretizado...), mas que para realizá-la não é necessário banalizar nem distorcer a psicanálise.

Para finalizar: sobre a ética da psicanálise e sua relação com a formação do analista

Não há como problematizar a formação de grupos de psicanalistas sem abordar a questão da

embora a expressão lacaniana não apareça nos textos freudianos, podemos encontrar o cerne daquilo que Lacan concebe como desejo do analista em textos freudianos

ética da psicanálise. A discussão poderia, inclusive, começar por aí: existe uma ética da psicanálise? Uma, no sentido de que, dependendo da linha teórica a que nos filiamos, a ética pode tender para ênfases bastante diversas. Ética da psicanálise no sentido de que podemos nos perguntar, junto com Goldenberg<sup>19</sup>, se existe uma ética da psicanálise, diferente da ética do cidadão. A direção apontada por esse autor é a do desejo do analista, que discutiremos brevemente.

A questão da ética é extensa e complexa, não temos a intenção de esgotá-la, mas sim de comentar em linhas gerais alguns norteadores de nossas concepções e suas relações com a contínua formação do analista.

O tripé que sustenta o analista – sua própria análise, a sua prática supervisionada e o estudo teórico – deve sustentá-lo em uma posição específica: a de analista. Podemos dizer, a partir da teorização de Jacques Lacan, que esse tripé precisa estar necessariamente orientado por um desejo peculiar: o desejo do analista, expressão por ele cunhada<sup>20</sup>.

Embora a expressão lacaniana não apareça nos textos freudianos, podemos encontrar o cerne daquilo que Lacan concebe como desejo do analista em textos freudianos, como, por exemplo, “Linhas de progresso na terapia psicanalítica”:

Assim formulamos a nossa incumbência como médicos: dar ao paciente conhecimento do inconsciente, dos impulsos recalçados que nele existem e, para essa finalidade, revelar as resistências que se opõem a essa extensão do seu conhecimento sobre si<sup>21</sup>.

Ou seja, o psicanalista tem como função analisar, revelar as resistências de modo a permitir que

15 S. Figueira, *Freud e a difusão da psicanálise*.

16 S. Freud, “Linhas de progresso da terapia psicanalítica”, p. 211.

17 A. Green, “Psicanálise contemporânea”.

18 S. Figueira, *op.cit.*

19 R. Goldenberg, “A ética é o estilo”.

20 J. Lacan, *O seminário, livro 7 – A ética da psicanálise*.

21 S. Freud, “Linhas de progresso...”, *op. cit.*, p. 201.





*na psicanálise, a atenção está voltada para o desejo, que é singular em cada analisando, independente da coerência desse desejo com o Bem*

aquele que se dispõe a ser analisado se aproprie de seu singular desejo inconsciente – por mais *estranho* que este possa parecer. Veremos adiante que não é tarefa do psicanalista desejar o *bem* para seu analisando – na concepção do Bem Supremo, ou seja, como se o analista soubesse o que é melhor para seu analisando, o que seria o seu *bem* – por exemplo, que ele tivesse um desejo *menos estranho*. Isso só seria possível partindo da concepção de que há um bem que é igual para todos. Já adiantando nosso raciocínio, é justamente da concepção contrária que a psicanálise parte: o bem é singular, assim como o desejo inconsciente também o é. De forma sucinta, poderíamos dizer que nisso reside a ética da psicanálise. Segundo Lacan,

Para que se trate do campo que pode ser valorizado como puramente ético, é preciso que não estejamos, de modo algum, interessados em nada<sup>22</sup>.

Assim, a escuta ética na psicanálise é aquela orientada pelo desejo; desejo do analista, que tem como norte a escuta do desejo de seu analisando e não está interessado em alguma outra coisa – como no bem do paciente, conforme dissemos acima, ou em obter qualquer benefício daquela análise.

Na psicanálise, o principal objetivo não está na terapêutica, como ocorre nas psicoterapias. Nessas, o terapeuta sabe o que é o bem para o paciente e o auxilia a atingi-lo. Ou seja, há uma concepção apriorística do que seja o bem, uma vez que o Bem Supremo é universal, derivado do imperativo categórico kantiano: para avaliar nossa ação, devemos imaginar se qualquer outro em nosso lugar tomaria a mesma atitude: é isso que devemos desejar para o outro – inclusive para

nosso paciente. Seria essa a atitude que qualquer um tomaria em meu lugar? Em caso afirmativo, aqui estaria o Bem na concepção kantiana. Não é difícil deduzir que essa concepção se alia ao imperativo categórico *superegoico*: o Bem é um só e deve ser igual para todos. As psicoterapias, uma vez que não tenham uma ética própria que as norteie, ou que a derivem de campos do saber que não tenham a escuta do inconsciente como seu principal objetivo, visariam então, pelas vias mais variadas e de diversas formas, adaptar o indivíduo ao universal social, calcado na ideia de Bem Supremo. Desse modo, as psicoterapias, sem se dar conta, podem se aproximar perigosamente da moral e do senso comum.

Na psicanálise, a atenção está voltada para o desejo, que é singular em cada analisando, independente da coerência desse desejo com o Bem, independente de seu caráter adaptativo. Aliás, não podemos esquecer da descoberta freudiana de que a sexualidade humana é sempre infantil e não adaptativa desde sua origem. Com efeito, se a sexualidade não é instintivamente definida, uma vez que é recoberta pela pulsão, então o desejo também não o é, uma vez que é um derivado da sexualidade. Assim, abre-se um campo virtualmente infinito de possibilidades desejantes<sup>23</sup>. Ora, isso tem como consequência uma sexualidade desde sempre desadaptada e um desejo singular e mutante, não definido *a priori* ou universal<sup>24</sup>.

É quanto à postura do analista perante essa singularidade que Freud nos alerta no artigo “Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise”<sup>25</sup> quando diz:

Nas condições atuais, o sentimento mais perigoso para um psicanalista é a ambição terapêutica de alcançar, mediante este método novo e muito discutido [a psicanálise], algo que produza efeito convincente sobre outras pessoas. [...] A justificativa para exigir essa frieza emocional no analista é que ela cria condições mais vantajosas para ambas as partes: para o médico, uma proteção desejável para sua própria vida emocional e, para o paciente, o maior auxílio que lhe podemos hoje dar.

Encontramos já aqui a preocupação freudiana com o que pode nortear o trabalho psicanalítico e o alerta de que o objetivo da análise deve ser, por redundante que pareça à primeira vista, apenas que a própria análise aconteça e não alguma outra coisa. Neste sentido, o termo “desejo do analista” está intimamente associado à própria ética da psicanálise – para Lacan, a ética do desejo. Ética regida pela escuta, por parte do psicanalista, do desejo do analisando, de modo que também este escute seu desejo próprio. Essa escuta, a serviço do trabalho analítico, busca trazer à tona o desejo inconsciente do analisando e permitir sua constante renovação enquanto tal, e, por outro lado, permitir que o desejo continue deslizando de um significante ao outro.

O que não significa que a análise faz um trabalho narcísico, algo como colocar o desejo individual acima da coletividade e seus valores de modo inconsequente, como pensam alguns. A assunção do próprio desejo, objetivo da análise, exige uma implicação, tanto com o desejo, quanto com suas consequências, e é evidente que o outro, o social, está aqui implicado. Tal implicação não deve resultar em culpa pelos desejos singulares e desadaptados (sentimento que o neurótico já nutre de forma exagerada e que pouco o auxilia na resolução de seus conflitos, como bem sabem os analistas), mas sim responsabilidade por seus desejos e escolhas.

Também não se pode tratar o desejo do analista com leviandade; não se trata de simplesmente querer ser analista, como de fato acontece em certos casos, nos quais o indivíduo está motivado

»  
*os dispositivos de formação permitem ao analista depurar seu desejo, no sentido de tê-lo mais avisado*

apenas pelo *status*, poder ou lucro financeiro que isso possa trazer. Não há nada de ilegítimo em ganhar reconhecimento e dinheiro, mas isso nada tem a ver com o desejo do analista – e, portanto, com a ética própria à psicanálise. Esse desejo tem relação com analisar, com a busca do lugar de escuta que melhor elucida o desejo do analisando em suas filigranas – e, portanto, elucida aspectos de seu inconsciente, objeto, por excelência, do trabalho psicanalítico.

Paradoxalmente, o desejo do analista se constrói na formação do analista, em sua própria análise e em sua clínica, ao mesmo tempo que é a origem da busca contínua de formação, de análise e de supervisão – o que não quer dizer, é claro, que todos que procuram formação estejam movidos por esse desejo, conforme comentado acima.

Os dispositivos de formação permitem ao analista depurar seu desejo, no sentido de tê-lo mais avisado. É isso que permite ao analista não colocar em jogo na análise de outros sujeitos o seu próprio desejo e manter a escuta o mais livre possível para escutar seus analisandos orientado pelo desejo do analista – que é, sem dúvida, uma das versões do desejo do sujeito analista, mas uma versão bem específica.

## A Rede de Atendimento Psicanalítico

Estabelecer e manter uma clínica particular pode ser condizente com esse desejo do analista. Aqui encontramos a Rede, que se propõe como um articulador que permite a um analista se dar a conhecer enquanto tal por seus interlocutores, ao mesmo tempo que entra em contato e interlocução com outros analistas em discussões sobre a clínica

22 J. Lacan, *O seminário...*, op. cit., p. 378.

23 A sexualidade humana é marcada pela incompletude: como o homem, uma vez tendo saído da natureza e entrado na cultura, não funciona no registro do instinto, não há objeto de completude, de satisfação completa, como há para os outros animais. Isso lança o homem em uma procura sem parada por novos objetos de desejo, uma vez que apenas satisfações parciais são possíveis. Ao mesmo tempo, esse funcionamento da sexualidade humana permite destinos pulsionais tão diversos da satisfação direta quanto a sublimação, com todas as consequências que isso pode ter. A esse respeito, consultar a dissertação de mestrado *Derivações da sublimação em Freud*, defendida por C. Metzger no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 2008.

24 A. Garcia-Roza, *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 33.

25 S. Freud, “Recomendações...”, op. cit., p. 153.

e sobre o funcionamento da Rede. Concomitantemente, pode receber encaminhamentos da Rede e encaminhar para colegas interlocutores. Assim, o fortalecimento da clínica de cada membro e o fortalecimento da Rede acontecem de maneira recíproca.

*Com o passar dos anos, o tipo de exigência feita pela Rede em relação aos candidatos a membro se modificou. Se em um primeiro momento bastava estar ligado a uma instituição de formação em Psicanálise reconhecida, atualmente se exige uma implicação com a psicanálise, com sua própria formação e com a Rede. Esse tipo de exigência nos parece apontar para o desejo do analista como norteador do trabalho; aqueles que buscam a Rede porque estão interessados apenas em receber encaminhamentos*

para seu consultório ou em ter o *status* de analista pertencente a um grupo de analistas frustram-se e dificilmente permanecem.

Essa exigência da Rede reflete um amadurecimento conquistado ao longo de anos, que fez com que o grupo tivesse cada vez mais clareza sobre o que esperar da Rede e, portanto, que tipo de interlocutor é interessante ter como membro. Sem dúvida, o desejo do analista, tal como brevemente o expusemos nesse trabalho, se apresenta como um denominador comum entre os diversos analistas, de filiações variadas, que formam hoje a Rede de Atendimento Psicanalítico e se empenham em discutir a clínica de forma implicada, investindo constantemente em sua própria formação.

#### Referências bibliográficas

- Figueira S. A. (1994). *Freud e a difusão da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud S. (1912/1987). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1987). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1921/1987). Psicologia de grupos e análise do ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. (1987). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XVIII.
- Garcia-Roza L. A. (2004). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. vol. 3.
- Goldenberg R. (2001). A ética é o estilo, *I Encontro Latino-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo – 12, 13 e 14 out. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/encontro/a\\_etica\\_e\\_o\\_estilo.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/a_etica_e_o_estilo.shtml)>.
- Green A. (2001). Psicanálise contemporânea. *Revista Francesa de Psicanálise*, n. especial. Rio de Janeiro: Imago [org. André Green].
- Kaës R. (1997). *O Grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Las teorías psicoanalíticas del grupo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Lacan J. (1997). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Metzger C. (2008). *Derivações da sublimação em Freud*. Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 176p.
- Mezan R. (1998). Klein, Lacan: para além dos monólogos cruzados. In: *A vingança da esfinge*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1990). Existem paradigmas na psicanálise? (sobre um artigo de R. Bernardi), *Percorso*, ano II, n. 4.
- Rocha P. S.; Cavalcanti A. E.; Cardoso, C. (2000). Reflexões sobre a instituição psicanalítica na contemporaneidade. In: Kehl M. R. (org.) *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Delume-Dumará.

Silveira F. (2007). *O Grupo e o Movimento analítico Brasileiro: 1967 a 1966*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 199 p.

Whitaker F. *Rede: uma estrutura alternativa de organização*. Disponível em: <[http://inforum.insite.com.br/arquivos/2591/estrutura\\_alternativa\\_organizacao.PDF](http://inforum.insite.com.br/arquivos/2591/estrutura_alternativa_organizacao.PDF)>. Acesso em: 22 jun. 2009.

#### About the psychoanalytical group and diffusion of Psychoanalysis – contributions of a network experience

**Abstract** This paper presents a network of psychoanalytic treatment and reflects about its functioning. In addition, it discusses the notion of “groupness”, some ethical questions, and the function of networks in the training of an analyst. To contextualize this last issue, the authors go to the history of Psychoanalysis. Finally, they argue that their network is part of an ethical-political and continuous formation of psychoanalysts.

**Keywords** group; fantasies; Ethics; history of Psychoanalysis.

**Texto recebido:** 03/2010

**Aprovado:** 04/2011



# Por uma metapsicologia dos restos diurnos<sup>1</sup>

Flávio Carvalho Ferraz

**Flávio Carvalho Ferraz** é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e livre-docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Resumo** O trabalho expõe a função aferente do sonho, por meio da qual as impressões diurnas que permaneceram em latência são perlaboradas e podem completar o processo de inscrição. Essa função difere da função “deferente” do sonho, bastante conhecida, que é a da expressão do inconsciente recalçado. Embora sejam complementares e simultâneas, as duas funções ocorrem em sentido oposto na tópica psíquica. Para consolidar a ideia proposta, aborda-se a natureza enigmática dos restos diurnos como situações complexas que pedem inscrição, e que merecem ser melhor examinadas pela metapsicologia.

**Palavras-chave** Sonhos; restos diurnos; perlaboração.

1 Apresentado no dia 14 de abril de 2011, na mesa “Para além da interpretação dos sonhos”, como parte do ciclo de debates *Psicanálise em trabalho*, promovido pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; agradeço a Janete Frochtengarten pela leitura e pelas sugestões.

2 S. Freud, *A interpretação dos sonhos*.

3 Para ficar apenas no nosso meio, posso citar as seguintes produções que trazem esta preocupação: os livros *O sonhar restaurado*, de Tales A. M. Ab’Sáber e *Sonhar, dormir e psicanalisar*, de Decio Gurfinkel. Remeto o leitor também aos artigos “Algumas coordenadas de leitura de *A interpretação dos sonhos*”, de Renata Udler Cromberg, “A interpretação dos sonhos”, de Janete Frochtengarten e “A experiência de sonhar – O prazer de existir”, de Maria Laurinda Ribeiro de Souza).

4 C. Dejours, *O corpo entre a biologia e a psicanálise*.

O sonho aparece na obra de Freud como “a via régia para o inconsciente”<sup>2</sup>. E foi assim que ele veio a ser tratado pela psicanálise: como manifestação ou formação do inconsciente, expressão psíquica de enorme valor para a investigação na clínica psicanalítica. De modo muito sucinto, eu diria que esta abordagem inaugural – e que sempre prevaleceu – privilegiava o aspecto “deferente” dos sonhos, ou seja, sua função expressiva e demonstrativa do inconsciente que, ao lado dos sintomas e da transferência, permitia o acesso ao mundo das representações recalçadas do paciente neurótico. E assim foi pela razão de que se tratava de uma clínica da neurose.

A literatura psicanalítica contemporânea, entretanto, tem dado ênfase ao valor que o sonhar, em si mesmo, tem para vida psíquica<sup>3</sup>. Assistimos ao deslocamento de uma parte da preocupação com o sentido do sonho para a abordagem da função do sonhar. O aprofundamento da compreensão psicanalítica das psicopatologias não neuróticas tornou irrefreável esse encaminhamento da pesquisa em torno do sonhar. Os problemas relativos ao processo de sonhar nos pacientes psicóticos e a pobreza dos processos oníricos nos somatizadores introduziram desafios para a teoria dos sonhos que, para serem devidamente enfrentados, exigiram o exame de uma outra dimensão do sonhar, que chamarei aqui de “via aferente” do sonho. Numa palavra, trata-se de sua função recalçadora do sonho, que responde pelo seu papel no processo de inscrição psíquica e, portanto, na constituição das representações mentais. Trata-se de um desdobramento daquilo que Christophe Dejours<sup>4</sup> chamou de *perlaboração pelo sonho*.





*as dimensões deferente  
e aferente do sonho  
devem guardar alguma  
complementaridade*

O sentido deferente do sonho é bastante conhecido na psicanálise. Todavia, quando se observa a quase ausência de sonhos em pacientes psicossomáticos, há que se indagar a razão de tal falha. Ela não se explica por um excesso de recalçamento, que impediria as representações de se manifestarem no sonho. Ao contrário, o déficit onírico verificado resulta da falha daquele mecanismo. No caso da psicose, a ausência de uma *barreira de contato*<sup>5</sup> entre inconsciente e consciente introduz uma dificuldade na caracterização do sonho à moda do que se passa na neurose. Portanto, as dimensões deferente e aferente do sonho devem guardar alguma complementaridade. Parece haver simultaneidade entre o processo de inscrição e a expressão onírica de seu objeto, que nos exigirá o exame das percepções emocionalmente significativas na vigília e as vicissitudes de seu processamento psíquico, que vai se dar de acordo com a estrutura em questão. Por fim, o exame da percepção nos conduzirá, certamente, à consideração da natureza dos chamados *restos diurnos*. Vejamos passo a passo o que busco demonstrar.

De acordo com o esquema teórico apresentado por Dejours<sup>6</sup>, o destino da percepção da realidade durante a vigília será bastante diferente, conforme a estrutura psíquica em questão. Claro que por “realidade” entende-se aqui não a materialidade dos objetos (que ele chama de “físico-química”), mas sim a natureza do *encontro com o outro*. Tal realidade – o outro – é o que efetivamente solicita os sujeitos, do ponto de vista da resposta emocional. O encontro com a realidade solicitante, entretanto, contém algo de enigmático, que não se desvenda tal como se dá na percepção de coisas. Daí o recurso a uma noção

que, de certo modo, não é estranha ao texto freudiano: trata-se da *zona de sensibilidade do inconsciente*, que responde por um modo de percepção difuso, lateral, que mobiliza o mundo emocional, mas cujo objeto não se exprime, de partida, pela modalidade discursiva<sup>7</sup>. Ou seja, não se transforma diretamente em representação de palavra, exatamente por tocar de imediato em inscrições inconscientes prévias, que põem em marcha as mais variadas formas de defesa psíquica. O inconsciente recebe o estímulo da realidade diretamente da percepção, e não da representação.

É aí que os diferentes modos de processamento da percepção vão se desencadear. De forma muito sucinta, pode-se dizer que, no caso dos não neuróticos, a percepção será atacada diretamente. Por meio do *acting out* pode-se procurar destruir, na realidade, a própria fonte da percepção. Ou então, podem-se suprimir seus efeitos neutralizando-os graças à somatização. Nesses casos, com a expulsão da excitação, perde-se a oportunidade de dar início ao trabalho de inscrição e de perla-boração. Já o neurótico poderá colocar a percepção em latência e recalá-la *por ocasião* do sonho. Vê-se aí, precisamente, a dimensão aferente do sonho, que é a sua própria dimensão funcional. Apenas quando se põe uma percepção da vigília em latência, evitando-se a descarga, é que o sujeito se encontra apto ao trabalho de inscrição dela. Dejours<sup>8</sup> sustenta que isso ocorre durante o processo de sonhar e *por meio* dele. Assim, se o sonho é um afloramento de representações que emergem por meio de símbolos (dimensão deferente), ele é também ocasião de produção de simbolização (dimensão aferente).

Ora, o inconsciente dinâmico ou recalçado, mediante tal processo, vai ganhando sucessivamente novas inscrições e, assim, tornando-se mais denso. A cada novo encontro com solicitações da realidade, ele não será mais o mesmo. As percepções advindas da realidade o encontrarão cada vez mais apto a responder de forma criativa às suas solicitações<sup>9</sup>.

A parte do inconsciente implicada nos retornos do recalçado é somente a dinâmica, que

foi, naturalmente, representada e recalçada. A outra parte seria o inconsciente primário, não representado, sede dos instintos, do qual o inconsciente representado vai se clivando, num processo que se dá de modo mais completo na estrutura neurótica. O sonho desempenha aí um papel central, por meio de sua função recalçadora que, como propus, é a sua dimensão aferente, ou seja, criadora e organizadora do inconsciente representado. Trata-se de uma função conservadora em relação ao aparelho psíquico, visto que tem como resultado manter dentro da tópica os pensamentos decorrentes da percepção que, de outro modo (na patologia não neurótica), seriam expulsos logo a partir de sua recusa pelo pré-consciente, dada a sua natureza inquietante e, por vezes, seu potencial desagregador.

Eis, em síntese, o esquema proposto por Dejours<sup>10</sup>:

- ✦ o encontro com a realidade (percepção) forma uma *Gestalt* que não se exprime discursivamente, mas que desencadeia associações, por analogia, com as representações do sujeito, já inscritas no decorrer de sua história de vida singular;
- ✦ as associações que daí surgem são postas em latência pelo pré-consciente;
- ✦ isso leva ao surgimento de excitações (afeto);

5 W. R. Bion. *O aprender com a experiência*.

6 C. Dejours, *op. cit.*

7 Penso que Freud, nos “Estudos sobre a histeria”, já tinha essa noção de que o inconsciente reage a percepções que podem passar ao largo da consciência. Ele afirma que, após um período livre de ataques, o histérico pode ter um novo ataque desencadeado por uma nova experiência que guarda uma semelhança com a experiência patogênica.

8 C. Dejours, *op. cit.*

9 Penso tratar-se aqui daquilo mesmo que Bion chamou de *aprender com a experiência*, que vem a ser um contínuo desenvolvimento do mundo representacional e das possibilidades de respostas psíquicas não estereotipadas. Se, num exercício de imaginação, aplicássemos o pensamento de Dejours ao de Bion, nesse quesito, colocaríamos a ênfase no fato de que a transformação de elementos-beta em elementos-alfa tem, no sonhar, seu *locus* privilegiado. O surgimento de elementos disponíveis para o pensamento e para o sonho estaria na dependência do próprio sonhar.

10 C. Dejours, *op. cit.*

11 C. Dejours, *op. cit.*, p. 138.

»  
depreende-se então  
que recalçar equivale  
a representar, e que a função  
aferente do sonhar seria  
a de inscrever.

✦ desencadeia-se uma luta contra o afeto, no sentido de suportá-lo sem ceder à descarga; isso, no caso do neurótico, pois no não neurótico o afeto se descarrega por meio de *acting out*;

✦ os pensamentos que suportaram o período de latência são elaborados pelo sonho durante o sono, e assim são recalçados e adquirem, simultaneamente, a condição de representação mental.

Depreende-se então que *recalçar* equivale a *representar*, e que a função aferente do sonhar seria a de inscrever. A deficiência ou a perturbação do sonhar nas patologias não neuróticas lançou luz sobre a importância dessa dimensão, que passou então a ser considerada lado a lado com a já conhecida dimensão deferente.

A possibilidade de manter em latência os pensamentos despertados pela percepção, para posteriormente recalçá-los pela via do sonho, propicia o enriquecimento do inconsciente representado. Disso resulta a organização e a capitalização das experiências e a consequente edificação da historicidade singular de um sujeito. Trata-se de um trabalho que se dá no registro da pulsão de vida, à medida que foi possível sustar a compulsão repetitiva e desorganizadora proveniente da atuação da pulsão de morte. Os destinos patológicos da pulsão de morte relacionam-se ao *acting out* e à violência, enquanto o seu destino não patológico é exatamente o de “pôr em latência a percepção e os pensamentos que derivam dela quando a prova de realidade não tem um caráter traumático e a excitação pode ser retida momentaneamente em vez de ser imediatamente descarregada”<sup>11</sup>. Trata-se de um processo de perlaboração que se inicia na economia da percepção e se completa no sonhar.



*o simbolismo verbal tem como propriedade a discursividade, que requer que nossas ideias sejam “enfileiradas” no tempo da linguagem*

\* \* \*

Uma vez definida a ideia da via aferente do sonho, é hora de se examinar a natureza da percepção que desencadeia o afeto e os pensamentos que a ela se associam. Ingressamos, portanto, no campo de uma possível *metapsicologia dos restos diurnos*. Começemos com as considerações de Freud<sup>12</sup> sobre tais elementos.

No capítulo v de “A interpretação dos sonhos”, ele afirma que “em todo sonho, é possível encontrar um ponto de contato com as experiências do dia anterior”<sup>13</sup>. A questão que nos toca aqui é a de saber qual a relação orgânica entre o resto diurno e a representação simbólica que emerge no sonho. Às vezes o resto diurno aparece na teoria como um elemento inócuo da experiência de vigília, capturado de modo contingente pelo processo de elaboração onírica apenas por servir de intermediário simbólico para a representação recalcada que, por força própria, busca emergir no sonho durante o sono, quando a vigília do ego se atenua. Outras vezes, parece ser a própria natureza do resto diurno o agente provocador do sonho. Neste caso, o agente que desencadeia o trabalho de elaboração onírica, em vez de situar-se no campo da representação e, assim, exigir um representante simbólico externo, eleito na realidade percebida, situa-se no próprio campo da percepção. Esse é o caso que nos interessa quando investigamos a dimensão aferente do sonho, pois aqui o resto diurno funciona como agente provocador de todo o processo que vimos esquematizado acima. O resto diurno, então, não é contingente, mas deve reunir *em si* elementos estéticos capazes de solicitar o trabalho

psíquico do sujeito. Em síntese, o resto diurno seria, nesse caso, um traço da realidade impregnado por um sentido de *encontro com o outro*. De tal encontro provém uma solicitação do sujeito em forma enigmática, que introduz uma perturbação mas não pode receber, de imediato, uma nomeação. Trata-se de uma forma – uma *Gestalt* – que dispara o trabalho e a defesa, mas cuja natureza é não verbal.

Recorro aqui à filosofia das formas simbólicas de Susanne Langer<sup>14</sup> para compreender melhor a natureza do percepto que não cabe numa forma discursiva. O simbolismo verbal tem como propriedade a discursividade, que requer que nossas ideias sejam “enfileiradas” no tempo da linguagem. Mas seus objetos, em si, permanecem simultâneos, “um dentro do outro”. Langer afirma que, por causa da exigência inerente à discursividade, “apenas os pensamentos passíveis de um arranjo nessa ordem peculiar podem em geral ser falados; qualquer ideia que não se preste a tal projeção é inefável, incomunicável por meio de palavras”<sup>15</sup>. Ora, isso responde com exatidão à característica fundamental do sonho descrita por Freud, que é a da figurabilidade (e, portanto, não discursividade). Além disso, o sonho comporta um caráter de simultaneidade, solidário à figurabilidade, que faz dele uma *Gestalt* atemporal – erigida segundo as regras do processo primário – que somente a duras penas será transformada em discurso por meio do relato. Mas aí, diz Freud, já estamos no campo da elaboração secundária.

Contudo, o foco para o qual eu gostaria de chamar a atenção ainda é outro, que não o da não discursividade do pensamento do sonho: trata-se de sua ligação solidária com o resto diurno quando este é o encontro com o outro solicitante. Todo um trabalho de elaboração psíquica se desencadeia à margem da consciência. A zona de sensibilidade do inconsciente é que foi tocada pela percepção. O percepto resultante, por sua vez, tem também o caráter de *Gestalt* irreduzível ao discurso. Não vejo melhor conceito para caracterizar tal percepção do que o de *signifi-*

*cante enigmático* de Laplanche<sup>16</sup>, por pelo menos duas razões. Em primeiro lugar, por tratar-se de emissão provocativa emanada necessariamente do campo do *outro*, e, em segundo, por ser enigmática, isto é, por escapar da possibilidade de apreensão consciente imediata – não sujeitar-se à palavra –, ao mesmo tempo que ativa o trabalho de associação psíquica em sentido retrospectivo. Sugiro mesmo que aquilo que Freud chamava de “umbigo do sonho” seja o ponto final da linha associativa regressiva no inconsciente representado, ponto que tange o recalque originário que, para Laplanche, tem base realística material, conquanto situe-se no plano imemorial.

Prosseguindo um pouco mais no exame do texto freudiano, a fim de caracterizar a essência do resto diurno, encontramos, em “A interpretação dos sonhos”, a seguinte afirmação:

[...] o agente instigador de todo sonho encontra-se sobre as experiências sobre as quais *ainda não se dormiu* (grifo meu). Assim, as relações entre o conteúdo de um sonho e as impressões do passado mais recente [...] não diferem sob nenhum aspecto de suas relações com as impressões que datam de qualquer período mais remoto. Os sonhos podem selecionar seu material de qualquer parte da vida daquele que sonha, contanto que haja apenas uma linha de pensamento ligando a experiência do dia do sonho (as impressões recentes) com as mais antigas<sup>17</sup>.

Penso que a curiosa expressão “experiências sobre as quais ainda não se dormiu”, usada por

»  
*disso tudo se depreende  
que o resto diurno  
não pode ter uma forma  
meramente indiferente*

Freud, significa experiências submetidas à latência, que ainda não foram assimiladas pelo aparelho psíquico na forma de representações, e que aguardam a ocasião do sonho para serem inscritas, mediante a sua acomodação dentro da rede de representações já existente. Ou seja, aguardam em latência, sem serem descarregadas em ato, para serem recalçadas pela ocasião do sonho, quando o processo de perlaboração iniciado com a colocação em latência pode ser finalizado mediante a inscrição psíquica. A partir daí, o inconsciente recalçado adquire mais uma representação que amplia a rede complexa formada pelo critério da identidade temática de traços inscritos<sup>18</sup>.

Disso tudo se depreende que o resto diurno não pode ter uma forma meramente indiferente<sup>19</sup>. Freud prossegue examinando essa questão quando se pergunta qual a relação existente entre as impressões da véspera com o conteúdo do sonho, produzindo uma verdadeira síntese teórica da natureza do resto diurno:

No conteúdo manifesto do sonho, só se fez alusão à impressão *indiferente*, o que parece confirmar a ideia de que os sonhos têm uma preferência por absorver detalhes destituídos de importância da vida de vigília. Todos os elementos da interpretação, por outro lado, levaram à impressão *importante*, àquela que justificadamente agitará meus sentimentos. Se o sentido do sonho for julgado, como certamente só pode ser, pelo seu conteúdo latente, conforme revelado pela análise, um fato novo e significativo é inesperadamente trazido à luz. O enigma que consiste em os sonhos se interessarem apenas pelos fragmentos sem valor da vida de vigília parece haver perdido todo o seu significado; nem se pode mais sustentar que a vida de vigília não se processa ulteriormente nos

12 S. Freud, *op. cit.*

13 S. Freud, *op. cit.*, p.175.

14 S. K. Langer, *Filosofia em nova chave*.

15 S. K. Langer, *op. cit.*, p. 90.

16 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*.

17 S. Freud, *op. cit.*, p. 179.

18 De acordo com Bion, surgiria daí um novo elemento-alfa, agora disponível para o pensamento e para os novos sonhos. A impressão sensorial do resto diurno, enquanto não processada, corresponderia ao “elemento-beta”.

19 Isaías Melsohn afirma que não é possível “ler” nossos estados internos arbitrariamente na forma espacial, pois é a forma, por si própria, que “se oferece como uma totalidade animada”. E exemplifica, dizendo que a forma “pode ser tranquila ou violenta, dura ou macia, tudo isso como característica intrínseca de sua natureza objetiva” (p. 248).





*o resto diurno pode ser um elemento insignificante . Mas há casos em que sua presença no sonho é motivada por uma preocupação ou por um desejo da véspera*

sonhos e que estes são, assim, atividade psíquica desperdiçada com material descabido. O contrário é verdade: nossos pensamentos oníricos são dominados pelo mesmo material que nos ocupou durante o dia e somente nos preocupamos em sonhar com as coisas que nos deram motivo para reflexão durante o dia<sup>20</sup>.

Aqui Freud parece tomar partido de uma concepção de resto diurno que em nada o caracteriza como indiferente. Ou melhor, sua indiferença pode ser apenas aparente, pois sua forma oculta e simboliza, simultaneamente, o objeto que espelha a representação conflitiva. Laplanche & Pontalis<sup>21</sup> abordam a tensão decorrente da consideração do resto diurno ora como *indiferente*, ora como *importante*. Para eles, não haveria contradição entre essas possibilidades, mas tratar-se-ia de duas pontas de um *continuum* que comporta casos intermediários. Assim, o resto diurno pode ser um elemento insignificante, escolhido no processo onírico em razão de sua ligação associativa com o desejo do sonho. Mas há casos em que sua presença no sonho é motivada por uma preocupação ou por um desejo da véspera.

Não podemos escapar de uma definição do resto diurno como um elemento percebido que guarda em si – por meio de sua *forma* – o potencial de símbolo para o sujeito que com ele toma contato. Seu poder de disparar a excitação que dá início ao trabalho de perlaboração é inequívoco. A ideia de que tal trabalho passa ao largo da consciência, iniciando-se com a colocação do pensamento em latência e finalizando-se com a inscrição pela via do sonho, parece bastante verossímil e funcional para dar conta de todo o processo. Mas isso nos exige um pouco mais no

exame da natureza formal do resto diurno. Para tal, não seria suficiente concebê-lo simplesmente como objeto material a ser apreendido pelos órgãos do sentido. Quando se apela à sua forma como elemento mobilizador do inconsciente, há que se ampliar a noção de forma para além dos objetos materiais, em direção a *Gestalten* mais complexas. Estas seriam constituídas por *situações emocionais* que produzem efeito sobre a zona de sensibilidade do inconsciente, mediante a sollicitação de uma resposta emocional<sup>22</sup>.

Todos estão sujeitos a estas requisições da realidade percebida. Mas Susanne Langer mostra como a criança possui maior suscetibilidade às impressões e tende a atribuir significados a puras formas visuais e auditivas:

A infância é o grande período de sinestesia; sons, cores e temperaturas, formas e sentimentos podem ter determinados caracteres em comum, pelos quais uma vogal pode “ser” de certa cor, um tom pode “ser” grande ou pequeno, baixo ou alto, claro ou escuro, etc. Há forte pendor a ser forma associações entre *sensa* que não estejam praticamente fixados no mundo, e até a confundir tais impressões fortuitas. Mais do que todas, os sentimentos superativos se apegam a um material assim fragmentário. O medo vive em puras *Gestalten*, advertência ou amizade emanam de objetos desprovidos de faces e vozes, cabeças ou mãos; pois todos eles têm “expressão” para a criança, embora não tenham – como supõem frequentemente os adultos – forma antropomórfica<sup>23</sup>.

Meros objetos inanimados podem apresentar aspectos de “dignidade, indiferença ou ameaça”<sup>24</sup>, diz a autora.

A mente – não apenas da criança – é sensível às formas expressivas, sejam de objetos, sejam de situações complexas. Deste modo, ela pode captar analogias que, consideradas apenas intelectual e racionalmente, seriam absurdas. Mas é exatamente essa profusão de associações, que não passa pela crítica consciente, que ativa a faculdade de transformação simbólica. A maneira elementar da simbolização passa pela projeção. Diz Langer: “Projetar sentimentos em objetos externos é a



primeira maneira de simbolizar e, destarte, de *conceber* os referidos sentimentos”<sup>25</sup>.

Tudo isto se aplica ao resto diurno, com o acréscimo de que sua natureza formal interfere na sua eleição, por um sujeito, para alvo de projeção simbolizante. As formas dos objetos e das situações complexas não são inócuas. *Algo* deve haver que possibilite sua ligação com representações dos sujeitos, mas esse *algo* nem sempre se explica por uma potência universalmente perceptível da forma. Tal como na simbolização presente no sonho, a lógica que preside a associação encontra-se na singularidade dos sujeitos.

\* \* \*

Para finalizar, farei um brevíssimo relato de um sonho de um paciente em análise. Na noite anterior à sessão, ele sonhou que olhava para um pasto onde ocorria uma corrida entre uma égua prenhe e um cachorro velho, de porte elegante. Subitamente um potrinho, que surge na cena – como se estivesse participando também da corrida – cai e é atacado por uma cobra. O sonhador se apavora ao ver que o potrinho vai ser picado e morrer. Mas eis que é ele, o sonhador que observava a cena, que é atacado pela cobra. Trata-se de uma cena de susto e horror, que o faz despertar.

Ao investigar os acontecimentos da véspera, ele conta ter recebido o telefonema de um amigo que lhe conta que nasceu o filho de um outro amigo comum. E termina a ligação dizendo, em tom de brincadeira: “agora só falta você”. O paciente prossegue a sessão dizendo que poucos dias antes pensara em ligar para o amigo cujo filho acabava de nascer. Mas não o fez para não incomodar. Afinal, o amigo estava casado, a mulher

20 S. Freud, *op. cit.*, p. 185.

21 J. Laplanche e J.-B. Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*.

22 Botella e Botella, embora não se refiram exatamente ao caráter aférente do sonho, tratam da própria interpretação analítica como um possível resto diurno que irromperá na “percepção alucinatória do sonho”, no meu entender, a caminho da perlaboração (C. Botella e S. Botella, *Irrepresentável: mais além da representação*, p. 55).

23 S. K. Langer, *op. cit.*, p. 130.

24 *Idem*.

25 *Idem*.

»  
*trata-se de um sonho  
desencadeado por um acontecimento  
provocador de um afeto doloroso,  
que luta por inscrever-se na rede  
complexa de representações*

estava grávida, e não haveria tempo para conversarem ou se encontrarem como antigamente. Continua a falar, lamentando que todos os amigos do grupo antigo, que sempre havia sido muito unido, estavam casados e já tinham filhos. Menos ele, que se dizia doente mental e incapaz de conseguir um relacionamento estável com uma mulher. Nos feriados, não recebia mais convite para viajar com os amigos – que viajavam com as respectivas famílias – e ficava sozinho em casa.

Não cabe aqui fazer uma análise exaustiva do sonho, nem é o caso de nos desviarmos para a análise do paciente. O que parece claro é que o resto diurno do sonho contém todos os aspectos que levantei acima. O telefonema punha em evidência o núcleo melancólico do paciente: sua solidão e sua incapacidade de ser como os outros. E terminava com um detalhe pavoroso: “agora só falta você”, frase indutiva que vem a ser um traço da realidade/alteridade solicitante. Convocava-o para aquilo do que ele se sentia incapaz. O casal parental formado pela égua prenhe e pelo cachorro velho, extensivo aos casais de amigos, apostava uma corrida/coito, da qual o potrinho se excluía mediante a castração/morte com o golpe da cobra. Numa linha associativa regressiva, a situação atual atinge a situação edípica.

Haveria muito mais a interpretar, é óbvio. Mas eu gostaria apenas de tomar este sonho, a meu ver exemplar, para figurar o que aqui vimos discutindo. Trata-se de um sonho desencadeado por um acontecimento provocador de um afeto doloroso, que luta por inscrever-se na rede complexa de representações. O caminho que vai da percepção à representação não é dado, nem automático. É complicado por toda

sorte de mecanismos defensivos, inclusive pode ser obstado pela recusa e pela rejeição, como sabemos à exaustão. Para ser levado a termo precisa coincidir com o processo de perlaboração

que, como se vê no sonho de meu paciente, tem início na latência, passa pela produção do sonho e continua na sessão analítica que lhe dá contínuidade e continuidade.

#### Referências bibliográficas

- Ab'Sáber T. A. (2005). *M. O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. São Paulo: 34.
- Bion W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Botella C.; Botella S. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul / Criação Humana.
- Cromberg R. U. (1997). Algumas coordenadas de leitura de *A interpretação dos sonhos*. In: Alonso S. L.; Leal A. M. S. (orgs.) *Freud: um ciclo de leituras*. São Paulo: Escuta / Fapesp.
- Dejours, C. (1998). *O corpo entre a biologia e a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud S. (1895/1980). Estudos sobre a histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 2.
- 62 Freud S. (1900/1980). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 4-5.
- Frochtengarten J. (1997). A interpretação dos sonhos. In: Alonso S. L.; Leal A. M. S. (orgs.) *Freud: um ciclo de leituras*. São Paulo: Escuta / Fapesp, 1997.
- Gurfinkel D. (2008). *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe*. São Paulo: Escuta.
- Langer S. K. (1989). *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Laplanche J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche J.; Pontalis, J.-B. (1986). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Melsohn I. (2001). *Psicanálise em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Souza M. L. R. (2000). A experiência de sonhar – O prazer de existir. In: Fuks L. B.; Ferraz F. C. (orgs.) *A clínica conta histórias*. São Paulo: Escuta.

#### Toward a metapsychology of the diurnal residues

**Abstract** This paper exposes the afferent function of dreams, through which latent impressions of the previous day are perlaborated to complete their psychological inscription. This is not the same as the *defferent* function, much more known, which expresses repressed ideas. Though complementary and simultaneous, from the topical point of view these two functions occur in opposed directions. In short, previous day remnants are complex situations and deserve a more thorough metapsychological examination.

**Keywords** dreams; day remnants; perlaboration.

**Texto recebido:** 03/2011

**Aprovado:** 08/2011

# O problema do diagnóstico na clínica psicanalítica com crianças

Ângela Maria Resende Vorcaro + Júlia de Sena Machado + Lucas Fernandes Loureiro

**Ângela Maria Resende Vorcaro** é doutora em Psicologia Clínica, Professora do Departamento de Psicologia da UFMG, Psicanalista da Association Lacanienne de Psychanalyse.

**Júlia de Sena Machado** é psicóloga clínica, mestre em Psicologia pela UFMG e coordenadora do Centro de Convivência do Espaço de Atenção Psicossocial Freud Cidadão.

**Lucas Fernandes Loureiro** é psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade de Paris VIII.

**Resumo** O trabalho problematiza a relevância clínica de se identificar, na criança, a prevalência de uma estrutura. Apontamos um impasse no diagnóstico psicanalítico com crianças, a saber: o fato de a criança não ter, ainda, se decidido sobre o seu modo de negar o Nome-do-pai. Vislumbramos o ensino topológico de Lacan como aquele que possibilita um direcionamento do tratamento sem a dependência do enquadramento estrutural.

**Palavras-chave** diagnóstico; criança; Nome-do-pai; ensino topológico.

Qual a relevância clínica de identificar na criança a prevalência de dada estrutura subjetiva? Eis uma questão a que é preciso primeiro chegar. E chegar passo a passo, antes de se pretender partir para a formulação direta de uma resposta. Propomos, então, uma abordagem que interroga a própria possibilidade da questão: como os psicanalistas que seguem a orientação lacaniana consideram a questão da estrutura na infância? Há contribuições ao tratamento de crianças na topologia de Lacan? Como fazer vigorar a diferenciação estrutural considerando as perspectivas introduzidas com a topologia?

Sabe-se que na psicanálise em intenção o diagnóstico clínico de adultos tem função específica e circunscrita, qual seja, a de apontar direções para o tratamento, como esclarece Quinet<sup>1</sup> em obra amplamente divulgada que sistematiza a perspectiva clínica de Lacan. Longe de capturar o sujeito na rede de um sistema classificatório que explicaria as determinações estruturais às quais o sujeito encontra-se subordinado, o que a realização do diagnóstico – com base na orientação lacaniana – tem em vista é identificar a posição que o sujeito ocupa diante do discurso e do desejo do Outro; e, em última instância, diante da linguagem<sup>2</sup>. Essa perspectiva, adotada na clínica com adultos, parece esbarrar em um problema teórico importante quando aquele a quem se acolhe é uma criança.

O diagnóstico a partir das estruturas clínicas, que foi proposto inicialmente por Lacan e que perdurou no decorrer do seu ensino, deve ser feito com base na relação que o sujeito estabelece com o Outro, por meio da metáfora paterna. Para Lacan,

1 A. Quinet, *As 4+1 condições da análise*.

2 Y. Meira, *As estruturas clínicas e a criança*.



*haveria três formas distintas  
de se negar esse significante –  
e, portanto, de lidar com a falta  
no desejo do Outro –,  
dentre as quais uma seria  
forçosamente escolhida pelo sujeito  
em sua constituição*

a estruturação do sujeito deve se haver, em algum momento, com a falta no desejo do Outro – esse Outro primordialmente representado pela mãe da infância – o que o leva a ter que lidar com a castração imaginária, simbolizando, de modo geral, a perda da mãe – objeto de amor – para o pai<sup>3</sup>. Essa operação simbólica, que corresponde à entrada, no campo da linguagem, da metáfora paterna, é possibilitada pela introdução de um significante, qual seja, o significante Nome-do-pai, que edifica uma barreira entre a criança e a mãe e que passa a orientar e organizar a cadeia falante.

Haveria três formas distintas de se negar esse significante – e, portanto, de lidar com a falta no desejo do Outro –, dentre as quais uma seria forçosamente escolhida pelo sujeito em sua constituição<sup>4</sup>. Esses três caminhos possíveis de se relacionar com a falta correspondem, em última instância, a três modos distintos de *negação da castração* que resultarão em diferentes posicionamentos do sujeito em relação ao desejo do Outro, o que, por sua vez, resultará em três modos de estruturação clínica.

Como expõe Quinet<sup>5</sup>, a primeira dessas estruturas, a neurótica, é aquela em que o sujeito internaliza o significante Nome-do-pai, o que acarreta sua incursão no mundo através do simbólico. Para que essa internalização ocorra, o neurótico, ainda que negando esse significante, conserva-o recalcado<sup>6</sup> no inconsciente.

A segunda forma de negação, que diz respeito à estruturação psicótica, destaca-se pelo fato de que o sujeito rejeita (*Verwerfung*) o significante Nome-do-pai. Nessa negação radical, ele se coloca como objeto do desejo do Outro e ignora, portanto, o desencontro inerente a qualquer relação intersubjetiva.

Por fim, a terceira forma de se negar o Nome-do-pai – que se relaciona à estruturação perversa – ocorre com a conservação desse significante sob a forma de sua negação. Ou seja, o perverso vale-se do Nome-do-pai, mas o subverte<sup>7</sup>, ele desmente (*Verleugnung*) a castração ao mesmo tempo que a afirma<sup>8</sup>.

Um impasse encontrado na clínica com crianças, concernente à questão diagnóstica, é dado pelo fato de que – tendo em vista o rigor teórico da psicanálise – nem sempre é possível atribuir a uma criança uma dessas estruturas, considerando que, geralmente, ela ainda não “decidiu” como irá se posicionar com relação ao Nome-do-pai. Afinal, as implicações da puberdade incidirão sobre toda a organização narcísica e pulsional do sujeito, na medida em que o reencontro com o sexo implicará um intenso trabalho psíquico que culminará na resposta do adolescente.

A respeito da emergência de uma pequena alucinação no caso clínico conhecido como “O Homem dos Lobos”, em que a castração manifesta-se sob a forma de ter-se cortado o dedinho, Lacan (1983) aborda essa questão, ao afirmar que

O sujeito [do caso] não é, de modo algum, psicótico. Só tem uma alucinação. Poderá ser psicótico mais tarde, não o é no momento em que tem essa vivência absolutamente limitada, nodal, estranha à vivência de sua infância, inteiramente desintegrada. Nesse momento da sua infância, nada permite classificá-lo como um esquizofrênico, mas trata-se de um fenômeno de psicose<sup>9</sup>.

O diagnóstico estrutural é feito a partir das impressões que o analista tem das construções simbólicas – ou da ausência delas – que o sujeito produz em análise, sendo imprescindível localizar o modo como o sujeito faz uso da linguagem

em diferentes momentos. No processo analítico, o sujeito se debruça sobre seus enigmas fundamentais concernentes à morte, ao sexo e seus derivados; e é prioritariamente através dessas elaborações que o analista pode traçar uma direção para um tratamento<sup>10</sup>.

Uma criança não teria, ainda, atravessado os vários desdobramentos do complexo de Édipo. E, ainda que muitos desses desdobramentos possam já ter se mostrado em sua vida, uma criança não teria criado seu modo singular de gerir o seu desejo; o que só se consumaria na adolescência, fase do desenvolvimento sexual em que se experimentam as vicissitudes do encontro com o real do ato sexual – desdobramentos da experiência edípica imprescindíveis para a implementação do Nome-do-pai.

Portanto, à medida que, no caso das crianças, os recursos simbólicos necessários para a elaboração dos enigmas relativos à morte e ao sexo estão ainda submetidos à verdade do discurso dos pais, a direção do tratamento situa-se em um âmbito diferente daquele do tratamento de um adulto. De acordo com Lacan (1983) as crianças são, de certo modo, *assujeitos*, já que estão dadas aos caprichos dos cuidadores<sup>11</sup>. Ao distinguir o significante originalmente recalcado, significante “*non-sensical*, irreduzível e traumático” a que o sujeito estaria assujeitado, Lacan afirma, referindo-se mais uma vez ao Homem dos Lobos:

[...] a brusca aparição dos lobos na janela do sonho tem a função do s, como representando a perda do sujeito [...] Não é só que o sujeito seja fascinado pelo olhar

3 J. Lacan, *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, p. 185-240.

4 Y. Meira, *op. cit.*, p. 127.

5 A. Quinet., *op. cit.*

6 O termo recalque é fruto de tradução do termo alemão *Verdrängung*, que significa “repressão”.

7 A. Quinet., *op. cit.*, p. 19.

8 Y. Meira, *op. cit.*, p. 127.

9 J. Lacan, *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*, p. 74.

10 A. Quinet., *op. cit.*, p. 18.

11 J. Lacan, *O Seminário, livro 5*, p. 195.

12 J. Lacan (1964), *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 237.



*propomos que o diagnóstico diferencial das estruturas clínicas não oferece, de modo imediato, orientação para o direcionamento do tratamento psicanalítico com crianças*

desses lobos [...] É que o olhar deles, fascinado, é o próprio sujeito [...] É que a cada etapa da vida do sujeito algo veio, a cada instante, manejar o valor do índice determinante que constitui esse significante original. Assim é percebida propriamente a dialética do desejo do sujeito como se constituindo pelo desejo do Outro. Lembrem-se da aventura do pai, da irmã, da mãe, de Groucha, a empregada. Tantos tempos que vêm enriquecer o desejo inconsciente do sujeito de algo que deve ser posto, como significação constituída na relação ao desejo do Outro [...]<sup>12</sup>.

Considerando esses aspectos, propomos que o diagnóstico diferencial das estruturas clínicas não oferece, de modo imediato, orientação para o direcionamento do tratamento psicanalítico com crianças. Assim, não seria profícuo para o tratamento de uma criança classificá-la como neurótica obsessiva, histérica ou paranoica. Nossa hipótese é de que, em função da imaturidade constitucional do sujeito, a direção do tratamento da criança deve ser traçada por uma via que não se orienta por classes estruturais fixadas, o que poderia cristalizar a criança numa determinada posição. A partir das formulações de Lacan ao conceber a realidade psíquica como tensionada pelas dimensões real, simbólica e imaginária, vamos em busca de uma outra direção para tentar responder à questão que anima este trabalho.





*o estudo da psicose, em geral,  
e de casos inclassificáveis,  
em específico, colocou,  
para os seguidores de Lacan,  
a necessidade de uma revisão  
da questão do diagnóstico  
estrutural*

## Os psicanalistas lacanianos e a questão da estrutura na infância

66

PERCURSO 47 : dezembro de 2011

Marcada por critérios do estruturalismo, a concepção lacaniana de estrutura subjetiva é reposicionada com a pluralização dos Nomes-do-Pai – pluralização ainda não completamente tratada pelos seguidores de Lacan –, interrogando-se os limites do diagnóstico com base nas três estruturas clínicas anteriormente propostas por esse autor, a saber: neurose, psicose e perversão.

Podemos inferir que o estudo da psicose, em geral, e de casos inclassificáveis, em específico, colocou, para os seguidores de Lacan, a necessidade de uma revisão da questão do diagnóstico estrutural – feito com base no significante Nome-do-pai – e do papel que ele cumpre no direcionamento do tratamento analítico<sup>13</sup>. Vale lembrar que os desdobramentos da prática clínica com crianças – que trouxeram à tona questões sobre os “inclassificáveis” – também fomentaram releituras e novas considerações teóricas a respeito do tema.

As questões que motivaram a elaboração deste artigo apontam que o atendimento clínico de crianças pode nos conduzir a impasses com relação ao diagnóstico estrutural. Nesse sentido, nossa experiência clínica remete a uma questão colocada por Locatelli<sup>14</sup> ao afirmar que a singularidade dos sujeitos, a qual emerge nas sessões

clínicas, nos leva a questionar, insistentemente, sobre o “princípio ético do diagnóstico, cujo paradoxo seria, então, que eles [os sujeitos] geram uma categoria dos ‘inclassificáveis’”<sup>15</sup>.

Miller aborda essa questão apontando que certos casos insistem em se deslocar entre os conjuntos classificatórios, resistindo ao enquadramento clínico. Nesse sentido, o autor pergunta-se sobre qual seria o verdadeiro inclassificável, uma vez que:

quando se tem um inclassificável, se cria a classe dos inclassificáveis e o colocam aí. Nada resiste à embriaguez da classificação. O único verdadeiro inclassificável é o inclassificável russelliano, o conjunto de todos os conjuntos que não fazem parte deles mesmos<sup>16</sup>.

Miller nos conduz, assim, à questão antropológica do lugar do classificador e dos referenciais usados como parâmetros para uma determinada classificação. Segundo o autor, para pensarmos sobre a questão da classificação e do lugar do classificador na psicanálise, devemos lançar nossos olhares primeiramente para os estruturalistas.

Dentre os teóricos estruturalistas que exerceram influência sobre o pensamento de Lacan, destacamos o antropólogo Claude Lévi-Strauss. Em *O Pensamento Selvagem*<sup>17</sup>, Lévi-Strauss apresenta proposições teóricas e dados antropológicos a respeito do tema da classificação, os quais tangem a questão central deste artigo. Ainda que as concepções de estruturalismo de Lacan e de Lévi-Strauss apresentem diferenças fundamentais, *O Pensamento Selvagem* é uma referência cara à teoria lacaniana. Nessa obra, Lévi-Strauss introduz a lógica das classificações totêmicas, nas quais o sujeito classifica-se sempre, a si mesmo, de acordo com seu *totem*, que remonta às suas origens, ou seja, ao que lhe é ancestral. O nome próprio – que traz em si a marca dessa ancestralidade e de seu legado – seria, nessa perspectiva, um importante referencial classificatório.

Para ilustrar tal proposição, Lévi-Strauss descreve o sistema classificatório de uma população

nômade de Bornéu<sup>18</sup>, os *Penan*, cujos membros recebem três denominações ao longo de suas vidas. O primeiro nome conferido ao indivíduo é o *autónimo*, o nome próprio dado às crianças ao nascerem, o qual não é muito valorizado pelo grupo. A segunda forma de nomeação, o *teknónimo* – que significa pai de tal, mãe de tal –, é conferido ao indivíduo como marca social da maternidade ou da paternidade. Por fim, a terceira e última forma de nomeação desse grupo cultural é o *necrónimo* – que remete a pai morto, mãe morta –, o qual confere ao sujeito um lugar social a partir da morte de ambos, ou de pelo menos um, de seus progenitores. O *necrónimo* seria o grau máximo de nomeação para os *Penan* por ser o nome que se encontra no topo da estrutural social.

De acordo com Lévi-Strauss, é quando a morte cava uma lacuna na textura social que o indivíduo recebe seu nome definitivo, sendo, então, consagrado com uma posição no sistema<sup>19</sup>. Ou seja, a morte abre um lugar a ser ocupado pelo sujeito. Em consonância com o ensino lacaniano, essa lacuna cavada pela morte dos pais – que no caso dos *Penan* é uma morte real – reproduziria, no nome do sujeito – isto é, no campo simbólico –, um lugar vazio.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas não há um sistema de nomeação exatamente igual ao dos *Penan*. Ainda assim, os sujeitos são nomeados e identificados socialmente em referência ao nome dos pais. Simbolicamente, os sobrenomes herdados pelos filhos transmitem a marca da relação dos pais com a falta – com o lugar vazio. Não nos referimos, aqui, apenas aos sobrenomes ou nomes próprios, mas a toda a gama de significantes mestres que podem identificar um sujeito. E consideramos, em função da pluralização de significantes que se encontram dispo-

»

*se é verdade que essa “crise das classificações” se apresenta na clínica psicanalítica como um todo, em relação à psicanálise com crianças, a impossibilidade de enquadrar o sujeito nas estruturas inicialmente propostas por Lacan sempre esteve lá*

níveis na sociedade contemporânea, que a marca da falta no nome do pai, bem como os ideais ligados ao Nome-do-pai, não bastam para situar o sujeito na rede social. Lidamos, atualmente, com o sintoma ligado ao gozo, que requer, da psicanálise com crianças, uma clínica que vá além do tratamento de dramas psíquicos que têm como pivô a questão paterna.

Se é verdade que essa “crise das classificações” se apresenta na clínica psicanalítica como um todo, em relação à psicanálise com crianças, a impossibilidade de enquadrar o sujeito nas estruturas inicialmente propostas por Lacan sempre esteve lá. Por isso, propomos que, no trabalho com criança, o psicanalista adote como referência não apenas a efetuação da inscrição paterna no psiquismo da criança, mas, sobretudo, que se volte para a análise do modo particular como o infante se relaciona com seu sintoma e com os nomes que lhe foram atribuídos desde a sua pré-história.

### Contribuições da topologia de Lacan ao tratamento com crianças

Ilustraremos, com um caso clínico, a singularidade do modo como uma criança lida com o seu sintoma. César Augusto, assim nomeado pela mãe, um menino de sete anos, é levado por ela para fazer

13 Cf. *Os casos, raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica*.

14 D. Locatelli, “Inclassificável ou singularidade”, In: *Os casos, raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica*, p. 29-33.

15 D. Locatelli, *op. cit.* p. 29.

16 J-A. Miller, “A conversação”, p. 221.

17 C. Lévi-Strauss, *O Pensamento Selvagem*.

18 Ilha situada no Sudeste da Ásia, próxima à Indonésia.

19 C. Lévi-Strauss, *op. cit.*



*César, filho de um tempo  
marcado pelo declínio da imago  
paterna, vale-se da presença  
da analista para construir  
uma saída singular  
para o seu sintoma*

uma análise. No primeiro encontro com a analista, a mãe afirma que o menino está com “piromania”, pois gosta de “brincar com fogo”, incendeia as coisas da casa onde vivem e não perde a oportunidade de permanecer perto do fogão quando alguém cozinha, observando, com fascínio, a chama de fogo.

A mãe acrescenta, em seguida: “se o nome tem força, eu acho que é destino. Foi César quem colocou fogo em Roma. E ele chama César”<sup>20</sup>. Sabendo um pouco sobre a história de vida do menino, escutamos, nessa fala da mãe, aquilo que Lacan descreve como *nomear para*<sup>21</sup>. Ao sujeito que não pode valer-se do Pai como referente, resta responder diretamente à demanda da mãe, a qual, ao oferecer um nome à criança, oferece-lhe, também, um lugar em seu gozo de mãe e de mulher. A criança é, assim, nomeada para garantir o gozo da mãe.

No decorrer da análise da criança, vem à tona, através das conversas com a mãe, que o nome “César” carrega o afeto de um romance vivido pela mãe que culminou no abandono dela por parte do amado noivo, Júlio César. A mãe, emocionada, assume-se ainda apaixonada pelo ex-noivo, apesar do passar do tempo. Foi em nome da memória desse romance bruscamente interrompido – e para sempre lembrado – que a mãe nomeou o filho, imprimindo na criança, por meio do nome, a marca do amor e da falta de um homem que não é o pai de seu filho. Por meio dessa nomeação, dessa classificação, o me-

nino passara a representar o significante do ardente desejo da mãe, abafado em silêncio.

Esse breve fragmento clínico ilustra, a nosso ver, a função do *nomear para*, que se trata, em Lacan, do *nomear para uma função*. No caso de César, a função nomeada pela mãe seria a de manter acesa a chama de seu desejo – desejo animado pela lembrança de um amor que virara promessa não cumprida. Curiosamente, o pai de César “via de fogo” pelos bares da cidade onde moram.

No decorrer do processo analítico, o menino constrói o projeto de se tornar um bombeiro quando crescer. Trata-se de um projeto original em relação ao oferecido pela mãe e pelo pai, ainda que o significante “fogo” permaneça presente. Isso demonstra que o sujeito foi capaz de criar um laço social que o destaca do desejo materno e o protege, assim, da devastação. Afinal, é possível que, como um *bombeiro*, um “apagador de fogo”, ele consiga aplacar o incêndio anunciado pela mãe.

César, filho de um tempo marcado pelo declínio da imago paterna, vale-se da presença da analista para construir uma saída singular para o seu sintoma, uma via de escape cravada, através de muito trabalho, no solo do imaginário materno, para se contrapor ao gozo materno devastador. Apesar da relativa falta do pai, o menino inventa – não sem contar com o pai alcoolista – um Nome-do-Pai que o preserva, enquanto sujeito, nomeando-se *bombeiro*. Para aplacar o fogo que o queima, ele serve-se da palavra que também nomeia seu pai e rasura o significante para, quem sabe, poder conquistar um outro nome. César não é mais aquele que mantém acesa a chama do amor, como quisera a mãe, ou aquele que vive de fogo, como o pai. Para César, bombeiro é “aquele que salva vidas” e que pode, assim, salvar a própria subjetividade.

É relevante destacar que esse processo não transcorreu a partir de um diagnóstico estrutural estabelecido. É justamente por considerarmos possível traçar uma direção de tratamento em que uma pluralidade de Nomes-do-pai seja levada em conta que se torna possível ir além do diagnóstico estrutural na direção do tratamento analítico com crianças.

Contudo, essa proposição não é unânime entre os psicanalistas lacanianos. Bernardino<sup>22</sup> afirma que, em relação à questão do diagnóstico estrutural na psicanálise com crianças, os psicanalistas lacanianos se dividem em dois grupos principais que poderiam ser descritos da seguinte forma: um grupo dos que consideram de forma exclusiva o tempo do sujeito, lógico, referido ao inconsciente, um tempo sem idade. Para esses psicanalistas, uma vez definida a estrutura psíquica na infância, não haveria possibilidade de mudança *a posteriori*. Por isso os psicanalistas desse grupo afirmam que *não há especificidade na psicanálise com crianças, em relação à psicanálise com adultos*<sup>23</sup>. No outro grupo estariam os psicanalistas lacanianos que – embora sem questionar o inconsciente como referido a uma lógica e a um tempo próprios – *diferenciam a criança do adulto por considerar que o tempo do desenvolvimento reflete no tempo lógico*. Esses consideram que a estruturação de cada sujeito na infância ocorre de modo – e em um tempo – singular e localizam especificidades na direção da análise com crianças – sobretudo no que se refere à relação transferencial<sup>24</sup>.

O posicionamento desse segundo grupo abre espaço para uma pergunta: se não encontramos marcas da inscrição do Nome-do-Pai no discurso de uma criança, seria essa não inscrição definitiva?

A diferenciação estrutural a partir das perspectivas introduzidas pela topologia

A diferenciação estrutural para fins diagnósticos não é feita, na psicanálise de orientação lacianiana,

20 A mãe do paciente faz referência ao acontecimento histórico do incêndio de Roma, no ano de 64, cuja autoria é atribuída ao imperador Nero Cláudio César Augusto Germânico – imperador de Roma de 54 a 68 da Era Cristã.

21 R. Mazzuca, *Las dos clinicas de Lacan*.

22 L. Bernardino, *As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico*.

23 L. Bernardino, *op. cit.*, p. 30.

24 L. Bernardino, *op. cit.*, p. 30.

25 *Apud* L. Bernardino, *op. cit.*, p. 31.

»  
“há uma definição da criança:  
é o sujeito cuja libido não  
se deslocou dos objetos primários.  
Não é uma excelente definição,  
mas na libido não é indiferente  
o fator temporal”

[Jacques-Alain Miller]

somente com base na forma de negação do Nome-do-Pai escolhida pelo sujeito. Afinal, deve-se levar em conta que o diagnóstico não se baseia somente naquilo que, pela linguagem, é simbolizável, pois há algo no corpo do sujeito – ou seja, do campo do real – que se endereça à alteridade. Um par de questões ganha, então, destaque: o endereçamento pulsional que a criança faz ao analista e a diferenciação entre crianças e adultos. Faremos, então, alguns apontamentos a respeito dessas temáticas que, embora não alcancem o merecido aprofundamento, podem lançar luz sobre a nossa discussão.

Começamos dando a palavra a Miller<sup>25</sup>, que afirma que “há uma definição da criança: é o sujeito cuja libido não se deslocou dos objetos primários. Não [...] é uma excelente definição, mas na libido não é indiferente o fator temporal”. A incidência do tempo sobre a pulsão parece ser um fator importante para o trabalho clínico e serve de parâmetro no trabalho com os sujeitos sob transferência.

Nesse sentido, é interessante que o psicanalista busque distinguir os casos nos quais a pulsão enlaça, de diferentes modos, o Outro – o que é muito frequente na infância – daqueles em que isso parece não ocorrer – como, por exemplo, no funcionamento psíquico de muitos autistas. Nesse sentido, podemos trabalhar com as crianças





*na perspectiva introduzida posteriormente por Lacan, o fundamental é a singularidade do modo de gozo do sujeito, que vai se esboçando ao longo do tempo e mesmo antes do fim da travessia edípica*

buscando apreender seus circuitos pulsionais e, eventualmente, apresentar-lhes trilhas alternativas para o gozo.

Soller<sup>26</sup> ressalta a importância de se reconhecer as especificidades da estrutura e da efetuação da estruturação na infância propondo a diferenciação entre a criança-objeto (entregue ao desejo do Outro) e a criança-sujeito (a qual já fez escolhas com relação à sua posição subjetiva). A autora afirma que a base dessa diferença é o estado de efetuação da estrutura em que a criança se encontra<sup>27</sup>.

Como salienta Bernardino<sup>28</sup>, Soller destaca que tal diferenciação entre a *estrutura em formação* (da criança-objeto) e a *estrutura efetivada* (da criança-sujeito) aponta para a existência de um período de latência na infância que se situa entre essas duas formas de ser criança e que se revela como um tempo em que se aguarda por um momento de decisão. Decisão essa que leva à efetuação da estrutura e que sofre a interferência de desdobramentos das palavras dos outros e do estatuto social da criança. Nesse sentido, Soller refere-se à posição da criança como “incompletamente decidida no que diz respeito ao gozo”<sup>29</sup>.

A afirmação de que a criança é incompletamente decidida com relação ao seu modo de gozo nos reporta, mais uma vez, à nossa questão inicial.

Qual a relevância clínica de se identificar na criança a prevalência de dada estrutura subjetiva?

Se podemos vislumbrar as crianças como sujeitos não decididos em relação ao seu modo de gozo e à sua estruturação subjetiva, e se podemos pensar sobre os rumos da análise de uma criança com base no endereçamento pulsional que ela faz ao analista, é porque a direção do tratamento analítico com crianças não se restringe aos limites das estruturas clínicas.

Lacan<sup>30</sup> lança mão da topologia dos nós com vistas a ilustrar as diversas saídas possíveis para o desencontro experimentado pelo sujeito no contato com a alteridade. Segundo o autor, vários modos de enlaçamento são possíveis, sendo que o significante Nome-do-Pai não é o único referente de que o sujeito pode se valer na sua estruturação subjetiva, como havia sido proposto anteriormente.

Na perspectiva borromeana, o Nome-do-Pai é pluralizado e torna-se passível de substituição. Se antes considerava-se que uma criança que não houvesse atravessado o périplo do Édipo não podia valer-se da metáfora paterna, na perspectiva introduzida posteriormente por Lacan o fundamental é a singularidade do modo de gozo do sujeito, que vai se esboçando ao longo do tempo e mesmo antes do fim da travessia edípica.

Tendo isso em vista, o analista busca localizar a particularidade da subjetividade da criança com base no enodamento operado pelos três registros (real, simbólico e imaginário), buscando localizar o enlaçamento – ainda em curso – que estruturará o sujeito. Enquanto espera a emergência desse enlaçamento, o analista opera a partir dos cruzamentos já efetuados entre os três registros, os quais se apresentam na forma do discurso<sup>31</sup>. Só mais tarde – quem sabe ainda no curso da análise da criança – será possível localizar o quarto nó, chamado por Lacan de *sinthoma*, que confere um suporte ao sujeito e traz a marca particular do seu modo de gozo<sup>32</sup>. Segundo Rassial<sup>33</sup>, a feitura do quarto nó se consumaria na



adolescência ou em um período ainda mais tardio no curso da constituição do sujeito.

Tendo em vista essa proposta da constituição do sujeito a partir de cruzamentos nodais dos laços RSI, podemos supor que o quadro clínico do pequeno César seria mais bem compreendido se seu sintoma fosse atribuído a errâncias no enlaçamento desses registros. Seria interessante, por exemplo, vincular a causa dos sintomas infantis à *frouxidão* ou à *rigidez* de algum dos três registros que constringe a vida psíquica da criança. O diagnóstico estrutural, por sua vez, pode ser deixado em aberto. No caso de se inclinar para o diagnóstico da psicose, o que resta ao analista é considerar que a criança, por ainda não haver se constituído como sujeito, poderá, mais tarde, servir-se de uma versão do Nome-do-Pai como quarto nó, como uma saída.

Valemo-nos, por fim, das contribuições de Meira<sup>34</sup>, que equaciona logicamente nossa questão. Em sua clínica, a autora não prescinde do diagnóstico estrutural como ferramenta, mas atenta, de modo especial, para a particularidade do momento lógico e cronológico em que a criança em análise se encontra. Desse modo, junto a Meira, consideramos, à guisa de resposta, que o que pode ser observado na infância é um

[...] *indicador de estrutura* que, depois, assumirá uma forma mais duradoura, por ocasião da adolescência, época em que, pela reedição do Édipo, há uma *confirmação da estrutura*. Esse indicador de estrutura seria algo da ordem de um jogo de cartas marcadas: há uma possibilidade de mudança da situação, mas ela é reduzida, pois houve uma

26 Apud L. Bernardino, *op. cit.*

27 Apud L. Bernardino, *op. cit.*, p. 32.

28 Apud L. Bernardino, *op. cit.*, p. 33.

29 Apud L. Bernardino, *op. cit.*, p. 33.

30 J. Lacan (1975-1976), *O Seminário, livro 23: O sinthoma*.

31 A trança que perfaz, em seis cruzamentos, o enodamento borromeano das três dimensões da realidade psíquica pode ser acompanhada em: A. Vorcaro, *A criança na clínica psicanalítica*.

32 J. Lacan, *op. cit.*, p. 55.

33 Apud L. Bernardino, *op. cit.*, p. 34.

34 Y. Meira, *As estruturas clínicas e a criança*.

35 Y. Meira, *op. cit.*, p. 129. Grifos nossos.

»  
*as classificações diagnósticas  
tomadas como verdades  
estabelecidas podem enviesar  
os atos dos jogadores  
e limitar as possibilidades  
de soluções táticas*

trapaçada anterior que reduz a variação do jogo. Mas temos uma aposta: embora as cartas tenham sido dadas para que a criança advenha nesse lugar, a partida ainda tem de ser jogada. *E nela podemos pensar que o encontro com o analista, bem como outros encontros que a vida proporciona, pode mudar algo do jogo*<sup>35</sup>.

Nesse jogo de cartas marcadas, o analista cumpre a função ética de apostar na surpresa, no que há de inusitado nos truques de cada um. As classificações diagnósticas tomadas como verdades estabelecidas podem enviesar os atos dos jogadores e limitar as possibilidades de soluções táticas. A ideia de que as estruturas não se encontram definidas de saída, que são processuais e de que podemos diferenciar o momento de latência da estrutura daquele da estrutura decidida confere outras perspectivas ao trabalho do psicanalista. Se os efeitos dessa aposta são verificáveis exclusivamente a partir da experiência clínica, e se os enigmas não cessam de gerar incertezas no que diz respeito aos diagnósticos, a insistência da demanda de análise prevalece como pivô do tratamento psicanalítico com crianças.

### Referências bibliográficas

- Bernardino L. (2004). *As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Deleuze G. (1972/1974). Em que se pode reconhecer o Estruturalismo? In: Châtelet, F. (org). *História da filosofia – ideias, doutrinas*. Trad. Hilton F. Japiassú. v. 8. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan J. (1953-1954/1983). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1975-1976/1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1964/1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1975-1976/2007). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Trad. Sergio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lévi-Strauss C. (1983). *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. Rio de Janeiro: Zahar.
- Locatelli D. (1997). Inclassificável ou singularidade. In: Dewandbrechies-La Sagna, C.; Deffieux, J.-P. (orgs.). *Os casos, raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de Arcachon*. Coord. J.-A. Miller. Trad. rev. Angelina Harari. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Mazzuca R. (2000). *Las dos clinicas de Lacan*. Barcelona: Trê Haches.
- Meira Y. (2004). *As estruturas clínicas e a criança*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo.
- Miller J.-A. (1997). A conversação. In: *Os casos, raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de Arcachon*. Coord. J.-A. Miller. Trad. rev. Angelina Harari. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Quinet A. (2005). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vorcaro A. (1997). *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

### The problem of diagnosis in the psychoanalytic work with children

**Abstract** This paper discusses the importance of ascertaining the structure in clinical work with children. This task is particularly difficult, because they still haven't decided in which way they will deny the Name-of-the-father. The authors suggest that, in these cases, Lacan's topology offers a way to pursue treatment without a structural definition.

**Keywords** diagnosis; child; Name-of-the-father; topological teaching.

**Texto recebido:** 01/2011

**Aprovado:** 09/2011

# Psicanálise, constituição subjetiva e biografia: a recordação infantil de Leonardo da Vinci

Douglas Emiliano Batista

**Douglas Emiliano Batista** é doutorando pela FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, membro do LEPSI – IP-FE-USP (Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância). A Fapesp – instituição à qual o autor agradece – financiou a pesquisa que possibilitou a elaboração deste artigo.

**Resumo** O estudo de Freud sobre Leonardo completou cem anos. Tal estudo possui para os psicanalistas um interesse teórico endógeno, tal como possuía para Freud valor transferencial. À parte isso, indagaremos aqui pelas virtudes biográficas do texto. Procuraremos mostrar que a psicanálise contribuiu para a compreensão biográfica de Leonardo por dispor de um modo singular de conceber a constituição subjetiva.

**Palavras-chave** Psicanálise e cultura; Sigmund Freud; Leonardo da Vinci; abutere.

Ao recém-chegado Leo Gasparotto,  
que os pássaros escuta já intrigado.

## Introdução

O tema da constituição subjetiva foi sempre basilar para a psicanálise. Sua importância, entretanto, talvez tenha hoje se tornado maior em face da hegemonia discursiva pela qual o cientificismo – genético ou neurocientífico – naturaliza o ser humano, forcluindo sua subjetividade. Em razão dessa hegemonia, pode-se dizer que reflexões filosóficas, antropológicas, históricas etc. que nos recordem que o processo de humanização nos constitui como seres tributários de formas históricas de socialização cumprem uma função vital. Certamente, também para a psicanálise a subjetivação se desdobra no interior de contextos históricos. Todavia, a particularidade da visada psicanalítica excede esse aspecto sem o desconsiderar, uma vez que a subjetivação implica ademais a constituição do recalque e o retorno do recalçado, inscrições psíquicas que marcam a fogo as produções históricas de um sujeito. A nosso ver, é isso, aliás, o que permite dizer que a psicanálise implica o sujeito<sup>1</sup>.

Há uma miríade de textos psicanalíticos pelos quais se pode agitar o tema da subjetivação. Escolhemos o centenário estudo de Freud sobre Leonardo da Vinci<sup>2</sup>, texto que confere relevo à dimensão histórica em razão do teor biográfico. Eis que tal estudo enseja interrogar se a psicanálise – em função do modo

<sup>1</sup> Veremos um exemplo no qual uma visada de teor histórico sobre Leonardo da Vinci – em que não se pressupôs, é claro, a naturalização do humano – implicou ainda assim a forclusão subjetiva.

<sup>2</sup> S. Freud, “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, p. 67-141.



*não é nosso propósito  
aqui tentar abordar as motivações  
inconscientes que levaram  
Freud a discorrer sobre  
o gênio do quattrocento*

74

PERCURSO 47 : dezembro de 2011

como articula inconsciente, subjetividade e história – contribuiu para a descoberta de traços biográficos de Leonardo. E uma vez que se verifique que isso ocorreu, poder-se-á então dizer, com renovada razão, que a psicanálise pode contribuir também com o premente debate acerca da subjetivação.

No que toca à interrogação sobre as virtudes biográficas do texto de Freud, ela impõe aqui um percurso, que se inicia com uma retomada de alguns de seus pontos capitais, passa pelo exame de críticas a estes e culmina numa ponderação acerca de estudos biográficos sobre Leonardo posteriores a Freud. Ao cabo disso, esperamos reunir evidências de que o texto em tela resguarda, também, qualidades biográficas<sup>3</sup>.

Adentrando mais diretamente na análise da biografia em questão, vale dizer que não é nosso propósito aqui tentar abordar as motivações inconscientes que levaram Freud a discorrer sobre o gênio do *quattrocento*. O que por hora nos interessa é que, alegadamente, foi a insuficiência de informações sobre os primeiros anos de vida de Leonardo o que levou Freud a pronunciar-se sobre o tema. De fato, a infância do renascentista não cessa de se inscrever como um enigma para os que se debruçam sobre sua biografia ou sobre as motivações inapreensíveis que parecem tê-lo guiado.

Como é notório, não escapou à psicanálise o fato de o único registro deixado por Leonardo sobre sua infância narrar um evento ininteligível. Tal suposta recordação infantil dava conta de que, estando Leonardo ao berço, um milhafre – um falcão – ali pousou, abriu a boca da crian-

ça com a cauda e, então, fustigou lábio adentro com a última<sup>4</sup>. Ademais, foi por conta disso que o próprio Leonardo compreendeu-se como destinado a amar e a pesquisar o voo das aves. Por certo que o conteúdo insignificante da recordação, bem como sua ininteligibilidade, além de sua alegada inevitabilidade ensejaram a Freud compreendê-la como uma recordação encobridora.

Abutre ou milhafre?

Freud traduziu como abutre – *Geier* – o que na recordação era um milhafre – *nibbio*. Curiosamente, Freud citou no estudo em tela o texto de Scognamiglio acerca da recordação, e onde milhafre, e não abutre, é a palavra utilizada. Já na versão prévia ao seu estudo – apresentada em Viena em 1909 – Freud usou o termo *Hühnergeier* para traduzir *nibbio*, palavra essa correntemente utilizada para designar milhafre, não obstante a sua partícula *geier*. Quanto a outros autores a que Freud fez referência em seu texto, Marie Herzfeld e Wolde-mar von Seidlitz utilizaram *Hühnergeier*, enquanto na tradução alemã do livro de Edmondo Solmi e também na tradução da novela em que Dmitry Merezhkovsky abordou a vida de Leonardo – fonte capital para Freud –, utilizou-se *Geier*<sup>5</sup>.

Para além disso, seria relevante destacar que, no imaginário social, a relação entre abutres e milhafres tem sido mais promíscua do que supuseram os que tentaram desqualificar o texto de Freud com base no emprego de *abutre*. Tais críticos acusaram o psicanalista pelo equívoco ao passo que negligenciaram que outros autores partilharam com Freud tal emprego. Naturalmente, quando Freud optou por tal tradução, ele se fez corresponsável por ela, não importando com respeito *estritamente* a isso suas motivações inconscientes.

No que toca à análise dessa tradução, não se esclarece muita coisa quando se a aborda como fez Schapiro. Para o autor, abutre é abutre, e milhafre é milhafre. Logo, “o milhafre é também uma ave de rapina, mas não se alimenta de carne e tem a aparência bastante diferente da de

um abutre”<sup>6</sup>. De saída, é preciso dizer que o milhafre se alimenta, sim, de carniça. Não seria exagero supor que o lapso de Schapiro diante dessa evidência se deveu a sua pretensão de escavar um fosso profundo entre essas aves a fim de subtrair a possibilidade de que Freud, tendo mirado o abutre, pudesse ter acertado o milhafre.

Outros autores, entretanto, souberam flagrar a frequente associação entre tais aves no imaginário social de contextos históricos distintos:

A águia, que se parece com o abutre, é o símbolo de Ísis, mãe [a bem da verdade, a ave que simboliza a deusa-mãe Ísis é o milhafre, o que é um detalhe relevante, como se verá]. Pode-se confundir as espécies de um país ao outro; espécies intermediárias, tais como falcões, abutres, águias, são parecidas. A águia, assim como o abutre e outros pássaros de garras, possuem, dizem, certas particularidades, as fêmeas são mais robustas e mais audaciosas que os machos<sup>7</sup>.

Caso o leitor julgue que as similaridades apontadas por Lafargue no XIX são vagas e que não esclarecem a tradução em tela, sugerimos a

»  
*uma consulta ao verbete abutre do Illustrated Bible Dictionary revela que, quanto à divisão entre animais limpos e imundos, as traduções bíblicas erigiram uma babel ornitológica*

seguinte passagem de seu contemporâneo Pictet: “Os nomes do milhafre se confundem frequentemente com aqueles do abutre, com o qual ele se assemelha por seus hábitos”<sup>8</sup>.

Uma consulta ao verbete abutre<sup>9</sup> do *Illustrated Bible Dictionary*, obra do XIX, revela que, quanto à divisão entre animais limpos e imundos, as traduções bíblicas erigiram uma babel ornitológica. É assim que em Levítico 11:14 emprega-se a palavra hebraica *da’áh*, abutre, enquanto numa passagem paralela, Deuterônimo 14:13, emprega-se *ra’áh*, milhafre. E o verbete milhafre diz: “A palavra hebraica empregada, ‘ayet’, é traduzida como ‘abutre’ em Jó 28:7 na Versão Autorizada, e ‘falcão’ na Versão Revisada. Trata-se provavelmente do milhafre-real”<sup>10</sup>.

A confusão bíblica entre o abutre-do-egito e o falcão-gerifalte envolve o mesmo problema, sendo que *gerifalte* traduz *Gierfalcon*. Nesse caso, o sufixo *gier* ensejou toda sorte de mal-entendidos. A explicação é que *Gier* era um adjetivo relacionado às aves de rapina em geral, mas que foi substantivado. Por isso é que mesmo nos modernos dicionários de alemão o primeiro significado de *Geier* é abutre, embora a palavra designe ainda falcão. Eis, então, que *Geier*

reclama sua associação com *nibbio* no interior de um vasto vocabulário trans-europeu que tem por base ‘grups’ e ‘gryps’. Qualquer europeu do século XIX tardio, com conhecimento de Latim, poderia ter traduzido o *nibbio* de Leonardo como milhafre, falcão, abutre, grifo ou abutre-fouveiro<sup>11</sup>.

- 3 Freud afirmou, ao fim desse estudo, ter sucumbido à transferência a Leonardo, fato que impõe admitir projeções imaginárias daquele. Isso, contudo, não implica que o Leonardo de Freud resulte de um decalque narcísico. No mais, o texto possui ainda um vivo interesse para os psicanalistas em razão de seu vigor conceitual.
- 4 “Questo scriver si distintamente del nibio par che sia mio destino, perchè nella mia prima recordatione della mia infanzia e’ mi parea che, essendo io in culla, che un nibio venissi a me e mi aprissi la bocca colla sua coda e molte volte mi percuotesse con tal coda dentro alle labbra”. S. Scognamiglio *apud* S. Freud, *op. cit.*, p. 90. [Nota do editor: Embora no original de Leonardo esteja grafado “nibio”, optamos pela grafia do italiano moderno “nibbio”.]
- 5 Cf. W. Andersen, *Freud, Leonardo da Vinci and the vulture’s tail: a refreshing look at Leonardo’s sexuality*, p. 4. Na obra de Merezhkovsky, a preferência por *abutre* se deveu ao traço sibilino deste: afinal, se o falcão é capaz de ver aguçadamente, o abutre é tomado como capaz de prever o destino.
- 6 M. Schapiro, “Leonardo and Freud: An Art-Historical Study”, p. 151.
- 7 P. Lafargue, “O mito da imaculada concepção – Estudo de mitologia comparada”, s/p.
- 8 A. Pictet, *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs*, p. 462-463.
- 9 M. G. Easton, *Illustrated Bible Dictionary*, p. 685-686.
- 10 M. G. Easton, *op. cit.*, p. 411. [Nota do editor: devido à forma semelhante das letras hebraicas *dálet* e *reish*, não é rara a confusão em textos manuscritos, como ainda hoje é a Torá.]
- 11 W. Andersen, *op. cit.*, p. 49.





Cícero relata que,  
quando Platão era uma criança  
de berço, abelhas pousaram  
em sua boca, o que pressagiava  
a doçura de sua eloquência

Ao fim desses apontamentos, saiba o leitor que não queremos justificar a tradução em tela apostando as fichas na confusão: trata-se, antes, de reconhecer que no XIX e início do XX ela era plausível, embora o tenha deixado de ser. No mais, esses apontamentos indicam que as razões que levaram Freud a tomar o abutre pelo falcão não são redutíveis à inépcia, como querem seus críticos. E mais: considerando que o milhafre e o abutre são tomados como primos-irmãos no imaginário social<sup>12</sup>, ou seja, considerando que os significantes têm produzido tal paridade – fato que ensejou a Freud atirar no que viu e acertar no que não viu –, poderemos agora nos deter na recordação. Ainda que reconheçamos que tal tradução não poderia ter sido inócua, nem por isso faremos como os afoitos que quiseram desqualificar no ninho o estudo freudiano.

O núcleo da interpretação de Freud, e a elaboração *a posteriori*

Freud compreendeu a recordação à luz da felação, a qual por sua vez aparece como tributária da amamentação. De fato, há que se considerar que existe um sem-número de nomes de aves que designam os genitais masculino e feminino, embora mais em particular o pênis<sup>13</sup>; e que, em latim, *felläre* significa chupar e também mamar, bem como, em português, é com a mesma palavra que se designa o *bico* de borracha em forma

de mamilo e a felação. Em que pese, desse modo, a tradução de *nibbio* por abutre, pode-se admitir que o núcleo da interpretação de Freud – tanto no que concerne à fantasia de Leonardo com respeito à amamentação (tornada passiva), quanto no que concerne à elaboração da premissa fálica – ficou intocado<sup>14</sup>.

É conhecida a crítica que Schapiro endereçou também a essa interpretação. Schapiro procurou demonstrar que a visita do milhafre não possuía qualquer conteúdo mnêmico, já que se tratava de um *topos* literário. O autor então nos lembra o que Cícero escreveu sobre Midas: ainda criança, este foi visitado enquanto dormia por formigas que encheram sua boca com trigo, o que pressagiava que ele seria um homem abastado. Cícero relata que, quando Platão era uma criança de berço, abelhas pousaram em sua boca, o que pressagiava a doçura de sua eloquência. E já segundo o que afirmou Plínio, um rouxinol pousou na boca de Estesícoro quando este era uma criança e se encontrava adormecido: isso prenunciava o destino de poeta.

A nosso ver, o modo como Schapiro compreendeu o *topos* dos presságios infantis permite esclarecer o núcleo de sua crítica. Para Schapiro, quando a psicanálise se detém em cânones estéticos, ela daria pouca atenção à “história e à situação social ao lidar com os indivíduos e mesmo com a origem dos costumes, das crenças e das instituições”<sup>15</sup>. Tudo se passaria, então, como se na psicanálise o sujeito agisse tal como age a aranha, a qual retira de dentro de si todo o fio de sua teia; tudo se passaria como se Freud tivesse atribuído uma originalidade absoluta a Leonardo. Ora, isso é insustentável.

A psicanálise concebe o sujeito como “histórico, desnaturado e tributário dos modos de socialização aos quais foi submetido”<sup>16</sup>. Entretanto, embora a realidade psíquica inclua a dimensão histórica, nem por isso a subjetividade se constitui apenas por meio da “transmissão dos elementos da cultura e história que guiam a apreensão e inteligibilidade do mundo pelo Sujeito, mas principalmente pela constituição do recalcado originário, em torno do qual este, num primeiro

momento, estrutura sua relação de desejo ao outro [simbólico] e a imagem que faz de si mesmo [imaginário]<sup>17</sup>. Ao admitir-se então, na esteira disso, que as memórias infantis são falseadas ao se invocá-las após a infância – de modo que são inconscientemente postas a serviço de interesses do tempo presente –, pode-se constatar que o teor literário dos presságios infantis não apresenta contradição com tal elaboração *a posteriori* do tesouro mnêmico, e isso pelo fato de que a própria utilização desse *topos* – ou de qualquer padrão tradicional, público – por um sujeito acaba por dar ocasião para a referida elaboração, ao mesmo tempo que tal *topos* é incorporado por ela como significante do desejo. Como se vê, o que está em jogo aí é o modo como no presente o aparelho psíquico se apropria do passado, apropriação que é sobredeterminada pelo retorno do recalcado.

Seguramente, o *Questo scriver* que abre a recordação pontuou um momento em que o renascentista – por volta de 1505 – pesquisava uma vez mais o voo das aves, isto é, pontuou um momento em que o canhoto Leonardo se concebia

»

*ao admitir-se que as memórias infantis são falseadas ao se invocá-las após a infância, pode-se constatar que o teor literário dos presságios infantis não apresenta contradição com tal elaboração a posteriori do tesouro mnêmico*

cumprindo o destino que lhe fora traçado no berço<sup>18</sup>. Provavelmente, Leonardo acabara de registrar novos diagramas sobre o voo quando escreveu no verso de uma das páginas a recordação. A certa altura dessas anotações, Leonardo aludiu ainda à semelhança entre o movimento da cauda do milhafre e o do leme de um navio<sup>19</sup>. Autores como Schapiro e Beck viram nisso a influência de Plínio sobre o renascentista, já que o romano escreveu o seguinte sobre o milhafre: “parece que este pássaro, pela manipulação de sua cauda, ensinou a arte de pilotar navios [...]”<sup>20</sup>. Entretanto, há uma diferença capital entre a apreciação de Schapiro e a de Beck: é que para este o lastro que a recordação mergulha nessa tradição não exclui o valor fantasístico que ela comportava para o renascentista, enquanto que para Schapiro a cauda do milhafre resguardaria apenas um sentido científico. Ou seja: Schapiro coagulou o significante *cauda* em torno de *leme*. Beck, com vistas a comprovar o teor fantasístico que a recordação possuía nas pesquisas de Leonardo – e onde o milhafre excedia o valor científico sem o excluir –, cita uma passagem do renascentista sobre a memória, a qual mostra que Leonardo era cômico de que o passado remoto está mais presente na nossa vida do que muitos fatos recentes:

Nosso julgamento não julga coisas ocorridas em diferentes intervalos do tempo de acordo com sua devida e apropriada distância, porque muitas coisas do passado remoto parecem próximas e avizinhas do presente, e

12 Tal promiscuidade alcançou o Egito, afinal a forma de ave adotada por Ísis a fim de pairar sobre a múmia de Osiris – o pai ausente – para assim engendrar Hórus – o deus-falcão – foi a de um milhafre. A deusa, para tanto, teve de forjar um falo, já que a múmia de Osiris se encontrava dele desprovido. Ísis, às vezes, era representada com um toucado de abutre por se tratar de uma mãe divina, herdeira de Mut, a deusa-abutre e a deusa-mãe na mitologia egípcia.

13 Tal compreensão é partilhada por autores que não são psicanalistas: “Desde as origens do idioma italiano, pássaros em geral têm sido usados para simbolizar o órgão sexual masculino. Por consequência, deve possivelmente haver um componente erótico no sonho/lembração”. J. Beck, “The dream of Leonardo da Vinci”, p. 188.

14 A difundida lenda rural da cobra que, à noite, mama o leite das mães enquanto introduz a cauda na boca dos bebês destas para que não chorem opera nesse mesmo registro.

15 M. Schapiro, *op. cit.*, p. 177.

16 C. Koltai, “Impasses subjetivos e contemporaneidade: primeiras reflexões”, p. 49.

17 C. Koltai, *op. cit.*, p. 50.

18 Tal destinação guarda então algo em comum com a de Drummond ao nascer, quando um anjo torto lhe disse: “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”. C. D. Andrade, *Antologia poética*, p. 13.

19 Alusão que se relaciona com o fustigo da cauda na boca da criança e, logo, com o estabelecimento de uma direção existencial: o milhafre antevê aí o destino, como o abutre.

20 Plínio *apud* J. Beck, *op. cit.*, p. 187.



*mais convincente é admitir  
que se trata de um topos literário,  
embora se trate de um topos  
que Leonardo adquiriu  
de modo irrepitível,  
e o que implica aí o sujeito*

muitas coisas próximas a nós parecem velhas, do tempo de nossa juventude<sup>21</sup>.

Tal sentença arvora semelhança com a seguinte passagem de Guimarães Rosa – ainda que esta deixe mais clara a elaboração significativa do tesouro mnêmico:

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não<sup>22</sup>.

Voltando à argumentação de Schapiro, pode-se afinal asseverar que nela a aporia reside em que o sujeito é reduzido a um espelho das tradições. Isto é: Schapiro forcluiu a subjetividade. Tal como disse Andersen<sup>23</sup>, a tese de Schapiro apresenta um problema que pode ser crônico em certas investigações históricas, e nas quais se supõe que nada existe sob o sol sem que traga atrás de si um precedente, precedente no qual o sentido do novo já estaria dado. Ora, é indubitável que a tradição acumula em proveito dos homens do presente a experiência daqueles que não mais se encontram no mundo. Entretanto, tal herança é incapaz de substituir-se à contração pelo sujeito de sua dívida simbólica em face dos antepassados. Ou seja: também Leonardo teve de adquirir aquilo que herdou, sendo que tal aquisição estava sobredeterminada por conteúdos mnêmicos latentes.

Mas não conclua o leitor que os comentadores de Leonardo deram por resolvido o estatuto da recordação. A. Marinoni<sup>24</sup> supôs que ela derivara de um sonho infantil – tese condizente com a de Freud. Já C. Pedretti<sup>25</sup>, embora tenha em vista que tal evento é improvável, não chega a descartar que ele possa ter ocorrido num quente verão toscano. E como disse Andersen<sup>26</sup>, a boca de um bebê após a amamentação, ou a de uma criança após ingerir guloseimas, transforma-se numa fonte de olores que pode atrair pequenos insetos – e por que não aves? Em uma palavra: embora não seja provável que a recordação derive de um evento real, tal hipótese não pode ser completamente descartada. Contudo, mais convincente é admitir que se trata de um *topos* literário, embora se trate de um *topos* que Leonardo adquiriu de modo irrepitível, e o que implica aí o sujeito.

#### A mãe e a infância de Leonardo

No que toca à mãe e à primeira infância de Leonardo, Schapiro entendeu que Freud estava errado ao admitir que mãe e filho mantiveram um contato estreito. Leonardo era filho ilegítimo de Ser Piero da Vinci com uma humilde camponesa, Catarina. Segundo Freud, o renascentista teria ficado privado da companhia do pai na primeira infância, uma vez que Ser Piero – um tabelião em florescência profissional – viria a contrair seu primeiro matrimônio em 1452, ano do nascimento de Leonardo. Para além, entretanto, desse componente histórico, Freud se baseia na recordação infantil para sustentar a hipótese da privação. Para o psicanalista, o que o *primeiro estrato* da recordação encobre é a magnitude fantasmática da mãe nas formações inconscientes de Leonardo. Isto é, o que está encoberto aí é, de início, o comércio entre mãe e filho, e o qual, ante o distanciamento do pai, exacerbou-se a ponto de a mãe supercompensar essa dupla falta – a do homem, para ela; e a do pai, para seu filho – devotando um amor incondicional ao pequeno<sup>27</sup>. E bem se sabe que o comércio entre a mãe e sua criança de peito tangencia uma relação

amorosa plenamente satisfatória, a qual saturaria desejos inconscientes cuja insatisfação estrutural é condição para a subjetivação do *infans*.

Para Schapiro, a descoberta de um registro – três décadas após a publicação do texto de Freud – atribuído ao avô paterno de Leonardo – o tabelião Antônio –, e no qual este declarou o nome do padre que batizou Leonardo e os dos padrinhos – que eram avizinados da família paterna –, imporá admitir que Leonardo foi criado pelos avós. Não obstante a descoberta de tal registro, outros biógrafos – que escreveram já cientes da existência dele – sustentaram que mãe e filho estiveram em contato íntimo. White afirma que “o recém-nascido foi entregue [pelos avós paternos] à Catarina para que ela o criasse”<sup>28</sup>, de modo que ela serviu como ama-de-leite por um ano e meio, costume que era socialmente aceito em havendo diferença social entre o casal. Já Andersen<sup>29</sup> pondera que uma vez que não há registros que permitam afirmar por quanto tempo Leonardo ficou distante do pai, não há também meios de dizer por quanto tempo Leonardo foi amamentado, sendo que à época as crianças mamavam até três anos de idade. De toda forma, o fato é que os autores concordam que Leonardo ficou de início aos cuidados da mãe, embora não haja clareza do tempo envolvido aí. Vale dizer que Andersen e White atentaram, ademais, para o fato de que os avós paternos Antonio e Lucia – além do tio Francesco – amaram Leonardo, e que não o abandonaram com Catarina. Tal hipótese, que é ve-

21 Da Vinci *apud* J. Beck, *op. cit.*, p. 186.

22 J. G. Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 159.

23 W. Andersen, *op. cit.*, p. 81.

24 Cf. M. Marmor, “...par che sia mio destino...”: The profetic dream in Leonardo and Dante”, p. 167.

25 Cf. M. Marmor, *op. cit.*, p. 167.

26 W. Andersen, *op. cit.*, p. 221.

27 A carência realista do pai não se confunde com a carência da função paterna no complexo de Édipo. Por outro lado, tal cenário insinua como se poderia reconstruir a fantasia de Leonardo a partir do mito egípcio de Ísis, a deusa-milhafre (vide nota 12), e não como o fez Freud a partir do mito de Mut, a deusa-mãe associada ao abutre. Lembremos que o mito de Ísis foi largamente difundido no Renascimento.

28 M. White, *Leonardo, o primeiro cientista*, p. 30.

29 W. Andersen, *op. cit.*, p. 43.

30 W. Andersen, *op. cit.*, p. 44.

31 M. White, *op. cit.*, p. 40.

»  
*para além de tais frustrações,  
o que está em causa para  
a psicanálise é a produção  
de inscrições inconscientes  
no aparelho psíquico*

rossímil, não contradiz a interpretação de Freud, como poderia parecer, uma vez que ela não depende de um isolamento pleno, mas do distanciamento do pai e, sobretudo, do apetite imaginário da mãe pela criança, isto é, da anexação narcísica da criança enquanto falo imaginário da mãe.

Para além do consenso com respeito ao vínculo inicial entre Catarina e seu primogênito, Andersen e White, no que toca ao tema do psiquismo infantil, estão ambos tomados pela psicologizada lógica da frustração, segundo a qual seria a frustração infantil que engendraria patologias psíquicas. Por conta disso, os dois procuram provar que a infância de Leonardo foi feliz, prazerosa<sup>30</sup>, ou “passada em um ambiente idílico, mas toldado por sombras”<sup>31</sup>, o que então implicaria aí uma família estruturada (sic). E se esta era estruturada – terminologia que é psicologizante –, Leonardo não poderia ter sido uma criança frustrada, o que supostamente faria ruir a biografia de Freud, dado que sem isso não haveria complexos infantis. Ora, tal psicologização fica aquém das conjecturas de Freud. Para além de tais frustrações, o que está em causa para a psicanálise é a produção de inscrições inconscientes no aparelho psíquico, e as quais se (de)cifram pela maneira irrepitível com que uma criança consegue ou não se haver com as vicissitudes que marcam sua socialização, já que todo pequeno tem de realizar sacrifícios pulsionais a fim de ingressar – ou, inicialmente, a fim de ser introduzido pelos seus pais – no mundo da vida





na fábula de Leonardo  
intitulada *Inveja*, lê-se sobre  
o milhafre que, quando tal ave  
nota em seu ninho que as crias  
estão gordas, ela as bica nas costas  
e as deixa sem comida

em comum. Em uma palavra: as críticas de Andersen e White não são, nesse ponto, relevantes para o debate sobre a subjetivação.

## Duas fábulas de Leonardo sobre a maternidade

Não obstante tenha sido Freud quem viu por trás do milhafre da recordação a figura fantasmática da mãe – nunca antes suposta aí –, Schapiro insistiria em dizer que, ainda que o milhafre tenha despontado numa fábula de Leonardo sob uma figuração maternal – como veremos –, tal ave não encarnava o “modelo da boa mãe”<sup>32</sup> suposto por Freud. É curioso que já White diga o oposto do que foi afirmado por Schapiro sobre a Catarina de Freud. Segundo White, Freud supostamente acreditou “que Leonardo guardava um ressentimento profundamente arraigado para com a mãe, por tê-lo deixado ir’ quando bebê”<sup>33</sup>, ou que o “trauma infligido pela mãe levou Leonardo a diversificar a sua busca intelectual ou a tratar dos assuntos de maneira por demais superficial”<sup>34</sup>.

Ora, como podem tais autores ter chegado a conclusões tão díspares? Talvez porque ambos subestimaram uma noção elementar em psicanálise: a ambivalência. Vejamos como Freud se pronunciou sobre Catarina: “Porque a ternura de sua mãe lhe foi fatal [...]. A violência das carícias evidentes em sua fantasia sobre o abutre eram muito naturais. No seu amor pelo seu filho, a pobre mãe abandonada

procurava dar expansão à lembrança de todas as carícias recebidas e à sua ânsia por outras mais”<sup>35</sup>.

Em outra passagem, Freud versa conceitualmente sobre tal questão:

[Quando a pulsão sexual é particularmente prematura], a criança porta-se como o adulto, na medida em que transforma sua libido em angústia quando não pode satisfazê-la; e, inversamente, o adulto neurotizado pela libido insatisfeita comporta-se como uma criança em sua angústia: começa a sentir medo tão logo fica sozinho, ou seja, sem uma pessoa de cujo amor se acredite seguro, e a querer aplacar esse medo através das medidas mais pueris<sup>36</sup>.

Na fábula de Leonardo intitulada *Inveja*, lê-se sobre o milhafre que, quando tal ave nota em seu ninho que as crias estão gordas, ela as bica nas costas e as deixa sem comida<sup>37</sup>. Ora, o fato de o milhafre despontar numa fábula de Leonardo sob uma figuração maternal já deveria ter rendido a Freud algum reconhecimento pelo mérito de suas análises, uma vez que o psicanalista introduziu inteligibilidade num ponto onde ninguém suspeitara haver. Contudo, nem todos os literatos estão dispostos a reconhecer isso. De toda forma, vejamos mais esta passagem de Freud: “O artista parece ter usado o sorriso bem-aventurado da Sant’anna [no quadro *A virgem, o Menino e Santa Ana*] para negar e encobrir a inveja que sentiu a pobre mulher quando foi obrigada a entregar o filho à sua rival nascida em berço mais nobre [D. Albiera, a primeira esposa de Ser Piero], assim como lhe havia entregado o pai”<sup>38</sup>.

Supomos que se lançaria um pouco mais de luz sobre isso ao se invocar uma teoria sexual infantil arcaica. Por meio desta os pequenos compõem “uma longa lista de acusações e queixas contra a mãe, as quais, supõe-se, justificam os sentimentos hostis da criança”<sup>39</sup>. Tais sentimentos hostis aludem à ambivalência: “A censura contra a mãe, que remonta à época mais remota, é a de que esta deu à criança muito pouco leite – censura que lhe é feita como falta de amor. [...] Mais parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é com-



pletamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno”<sup>40</sup>. Talvez, o contexto no qual supomos o desenrolar da infância de Leonardo – em que ele teve de deixar o seio materno para ser reconduzido à casa paterna – tenha propiciado que a ambivalência de tal teoria infantil ganhasse relevo em seu psiquismo.

Schapiro, no entanto, argumenta hipoteticamente – e contrariamente a Freud – que algum familiar de Catarina poderia ter feito as vezes de pai de Leonardo antes de este ter sido reconduzido à família paterna; ademais, Catarina poderia ter sido hostil à ilegitimidade da criança; ou mesmo, ela poderia ter compensado a falta de seu pequeno mediante o nascimento de outros filhos<sup>41</sup>. Novamente, temos de reconhecer que tudo isso é plausível. Talvez não se possa, afinal, inferir a partir de elementos fantasmáticos atribuídos a Leonardo certos fatos que ditaram o desdobrar de sua infância. Em que pese, no entanto, tal dificuldade, não se deve perder de vista outra fábula do renascentista, e a qual tem como tema o amor materno excessivo. O título é “A macaca e o passarinho”:

Encontrando a macaca um ninho de passarinhos, toda contente procura aproximar-se, mas sendo eles já capazes de voar, só conseguiu apanhar o menor. Cheia de alegria, com ele na mão foi para a sua toca; e pondo-se a olhar para o passarinho, começou a beijá-lo; e levada pelo profundo amor, tanto o beijou e revirou e apertou que lhe tirou a vida. Aplica-se àqueles que, por não castigarem os filhos, lhes fazem mal<sup>42</sup>.

32 M. Schapiro, *op. cit.*, p. 157.

33 M. White, *op. cit.*, p. 36.

34 M. White, *op. cit.*, p. 36.

35 S. Freud, *op. cit.*, p. 123.

36 S. Freud, “Três ensaios sobre a origem da sexualidade”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, p. 212.

37 Da Vinci, *Bestiário, Fábulas e outros escritos*, p. 15.

38 S. Freud, “Leonardo da Vinci e uma...”, p. 120.

39 S. Freud, “Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXXIII – Feminilidade”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, p. 122.

40 S. Freud, “Novas Conferências...”, p. 122.

41 M. Schapiro, *op. cit.*, p. 156.

42 Da Vinci, *op. cit.*, p. 46.

43 J. Beck, *op. cit.*, p. 196.

»  
*em que pese, no entanto,  
tal dificuldade, não se deve perder  
de vista outra fábula do renascentista,  
e a qual tem como tema  
o amor materno excessivo*

A origem dessa fábula remete a Plínio e a Esopo. Mas o notável é que no original não há referência aos passarinhos, o que implica que também aí Leonardo adquiriu o que herdou. A versão original conta que uma macaca, tendo gerado dois filhotes, ama o primeiro e menospreza o segundo. Todavia a macaca, por abraçar com violenta paixão o filhote favorito, o sufoca, enquanto o outro cresce e se torna um adulto. “O significado da fábula”, diz Beck, “é que o destino é mais forte do que todo o nosso cuidado; amor excessivo ou incontrolado irá destruir o objeto de afeição”<sup>43</sup>. Como se vê, Leonardo substituiu nessa fábula os *filhotes* da macaca pelos *passarinhos*, sendo que apenas o menor destes – o menos capacitado para voar, para seguir por si seu destino – foi apanhado. Solitário e passivo, na toca para onde foi conduzido ele é objeto do desmesurado amor da macaca, a qual o beija arrebatadamente até roubar-lhe o destino. Ou melhor, até preparar-lhe um, já que o significado da fábula é que a ausência de castigos, derivada do amor excessivo, é fatídica ao filho favorito, enquanto os outros supostamente seguem seu destino. Beck, em face dessa fábula, conclui que não se pode rejeitar uma interpretação de teor psíquico, isto é, não se podem ignorar seus conteúdos latentes. Pensamos, com efeito, que tais conteúdos condizem com a interpretação de Freud de que a ambivalente ternura da mãe do renascentista foi decisiva para este. Isto é, o apetite imaginário de Catarina lhe deve ter sido fatídico, ou assim



*a paridade significativa  
entre abutres e milhafres  
permitiu a Freud  
acertar no milhafre  
quando visou o abutre*

82

PERCURSO 47 : dezembro de 2011

pareceu ao florentino, já que tal amor – manifestado pela tão pungente oralidade – lhe teria feito mal, isto é, lhe teria imposto um destino. Em se dando então ouvidos a esses conteúdos latentes, pode-se admitir que o encobrimento da mãe na recordação infantil manifestou que Leonardo nada queria saber acerca de que nosso destino é por princípio – e não apenas acidentalmente – preparado por nossas mães, isto é, que de início nosso destino é inconscientemente cifrado por nossas primeiras educadoras.

### Considerações finais

Fazendo uma breve retomada, vimos que a paridade significativa entre abutres e milhafres permitiu a Freud acertar no milhafre quando visou o abutre. Vimos também que a interpretação sobre a recordação implicava a mãe em seu comércio com o filho. Relembramos, depois, a crítica de Schapiro a essa interpretação, e argumentamos que não há contradição entre o teor poético da recordação e a elaboração de conteúdos latentes. Por fim, observamos que nada disso impede que a recordação possua um fundo semirreal. Não obstante tal observação, é certo que a recordação obedece a padrões literários, padrões aos quais a psicanálise articulou a subjetividade.

Na sequência, verificamos que o fato de a família paterna ter preservado a guarda do pequeno Leonardo na ausência do pai não fragili-

za a hipótese de que Catarina tenha cuidado de seu pequeno: na verdade, isso a torna até mais provável. E se é provável tal comércio entre mãe e filho, seria então o caso de apurar se ele esteve em consonância com a interpretação de Freud. Por óbvio, não há registros históricos que o permitam fazer com segurança. Sendo assim, resta verificar o legado de Leonardo. E Schapiro foi quem chamou atenção para a fábula *Inveja*, que versa sobre as bicadas do milhafre nos filhotes. Entretanto, a interpretação desse autor sobre a Catarina de Freud o impediu de compreender a ambivalência atribuída pelo último ao amor da mãe pelo filho. Pois bem, Beck chamou atenção para a fábula da macaca. Ora, quanto a essa fábula, pode-se até preferir entregar nas mãos do acaso a introdução aí de um *pássaro* cujo destino foi selado pelas mãos de tão amorosa cuidadora. No entanto, o que não é possível é afirmar que Leonardo replicou a fábula original, ou, então, negar que nela ele mobiliza conteúdos manifestos que são igualmente capitais na recordação, como *pássaro*, *a absoluta passividade infantil*, *destino* e, particularmente, a impressionante *oralidade*. Ora, mas para tentar avançar mais um pouco nesse ponto, deveremos considerar que não apenas as duas fábulas e a recordação atuam como significantes da anexação do filho pela mãe, senão que o *topos* dos presságios infantis o faz. Isto é: a não ser que se queira creditar aos céus ou à natureza sob a forma de formigas, abelhas e aves a destinação da vida de um recém-chegado (ou então a genes e neurônios, como se quer hoje), deve-se antes preferir creditá-la inicialmente a seus outros primordiais, e, mais imediatamente, a sua primeira educadora. Desse modo, o próprio *topos* dos presságios – que cifra aquilo de que nada se quer saber, isto é, aquilo que é sempre objeto de recalque – fornece a chave para a sua decifração, na medida em que explicita a pungência da oralidade na destinação de um recém-chegado, oralidade que, no que toca à constituição subjetiva, implica primariamente a mãe, a cuidadora.

Pois bem, pode-se dizer ao cabo de tudo que a psicanálise contribuiu para desvendar

traços da biografia de Leonardo? Acreditamos que sim, ainda que não se possa conferir a isso, é claro, um sentido absoluto. Tal como ocorre com toda empresa racional, só se atingem certos resultados partindo-se de certas premissas, e, além disso, até mesmo nas ciências empíricas as conclusões obtidas não independem do que o experimentador aí introduz. Neste artigo, foi pressuposta a produção de inscrições psíquicas inconscientes decorrentes dos sacrifícios pulsionais exigidos a todo pequeno para que ele venha a ser introduzido por seus outros primordiais no mundo que lhe preexiste. Isto é: assumiu-se que “aquilo que se inscreve na criança atuará como um texto cifrado no adulto”<sup>44</sup>. Ora, foi a partir disso, por exemplo, que as fábulas e a recordação infantil, tal como ocorre a tantas criações de Leonardo, puderam despontar como textos cifrados do ambivalente amor materno e de sua tão vigorosa oralidade.

Quanto à biografia em tela, foi por meio de um modo específico de decifrar conteúdos manifestos e de relacioná-los aos latentes que se vislumbrou certa ordem de determinações onde não se supunha haver uma. Isso significa que aquilo que alguns biógrafos descobrem mediante intuições brilhantes com respeito a conteúdos latentes na vida e na obra de seus personagens corresponde, no caso da psicanálise, ao modo como esta enseja a compreensão de que – na extimidade da vida subjetiva – as inscrições inconscientes sobredeterminam as produções manifestas.

Por fim, é preciso então que se deem ouvidos a Leonardo e se reconheça que o florentino

44 A. Jerusalinsky, “Infância sem fim”, p. 11.

45 E tal como é intrínseco ao simbólico, mediante um giro na constelação significativa produzem-se novos efeitos de significação. Na constelação significativa inicial – sinônimo de extrato inicial da recordação – a ave aparece numa posição maternal, mas também filial. Com um giro nessa constelação, isto é, em um segundo extrato dela, coloca-se a ave numa posição paterna – tema esse que não será aprofundado aqui. Basta pensar no quadro *Leda e o cisne*, no qual o cisne é o pai, e mais, é Zeus. A seguinte frase de Leonardo merece ser lida à luz disso: “O grande pássaro alçará o seu primeiro voo partindo do dorso de seu Grande Cisne; fará o mundo ficar maravilhado, será por todos descrito e será a glória eterna do ninho onde nasceu (da Vinci *apud* Freud, “Leonardo da Vinci ...”, p. 130).

»  
*a particular concepção  
psicanalítica de subjetivação  
permitiu que o personagem Leonardo  
irrompesse como um sujeito que,  
embora tributário de uma forma  
histórica de socialização, não se limitou  
a ser um espelho dela*

estava afinal correto quando disse que seu destino fora definido no berço, e pela boca. Mas, para além disso, na recordação a cifragem da mãe se prestou a encobrir aquilo que sempre se recalca: que somos todos – inicial e inconscientemente – criados, inventados por nossas mães. Nesse sentido, o milhafre em particular e as aves em geral foram amiúde alçados nas fábulas, pesquisas, pinturas etc. como elaborações do tesouro mnêmico, isto é, como significantes da implantação do significante materno na criança, implantação latente que deflagra a humanização de um recém-chegado ao direcioná-lo – tal como faz um leme – a este ou então àquele rumo<sup>45</sup>.

A particular concepção psicanalítica de subjetivação – que não autoriza qualquer sorte de análises selvagens – permitiu ainda que o personagem Leonardo irrompesse como um sujeito que, embora tributário de uma forma histórica de socialização, não se limitou a ser um espelho dela. Eis que a psicanálise propiciou entrever – sem que com isso se tenha pretendido esgotar um enigma inesgotável – rasgos de uma vida singular. Por fim, muitos desses rasgos parecem mesmo ter atuado na vida de Leonardo como cifras da – simbolicamente traumática – violência das carícias maternas, fato esse cujo teor pressagioso o renascentista foi afinal o primeiro a admitir, ainda que ele o tenha feito na medida em que talvez o soubesse sem o saber, isto é, na medida estranhamente familiar do saber não sabido do inconsciente.

## Referências bibliográficas

- Andersen W. (2001). Freud, Leonardo da Vinci and the vulture's tail: a refreshing look at Leonardo's sexuality. Nova York: Other Press.
- Andrade C. D. (1962). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Beck J. (1993). The dream of Leonardo da Vinci. *Artibus et Historiae* n. 27. Cracóvia: IRSA, p. 185-198.
- Da Vinci, L. (2004). *Bestiário, fábulas e outros escritos*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- \_\_\_\_\_. *Leda e o cisne*. 1510-1515. Cópia de Cesare da Cesto, óleo sobre tela, 112 cm x 86 cm. Galeria Borghese, Roma, Itália.
- \_\_\_\_\_. *A virgem, o Menino e Santa Ana*. 1510. Original de arte, óleo sobre madeira, 168cm x 112cm, Museu do Louvre, Paris, França.
- Easton M.G. (2005). *Illustrated Bible Dictionary*. Nova York: Cosimo.
- Freud S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. VII.
- \_\_\_\_\_. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XI.
- \_\_\_\_\_. (1932/1996). Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXXIII – Feminilidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XXII.
- Jerusalinsky A. (1991). Infância sem fim. *Boletim APOA* n. 6. Porto Alegre: Associação psicanalítica de Porto Alegre.
- Koltai C. (2000). Impasses subjetivos e contemporaneidade: primeiras reflexões, *Anais do II Colóquio do LEPSI: A psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno*. São Paulo: LEPSI/IP-FEUSP, 2000, p. 49-55.
- Lafargue P. (2006). O mito da imaculada concepção – Estudo de mitologia comparada. *A Nova Democracia* n. 31. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-31/422-o-mito-da-imaculada-concepcao-estudo-de-mitologia-comparada>> Acesso em: 17 abr. 2011.
- Marmor M. '...par che sia mio destino...': The profetic dream in Leonardo and in Dante. *Raccolta Vinciana* n. 31, Milão, p. 145-180.
- Pictet A. (1859). *Les origines indo-européennes ou les Arys primitifs*. Paris: Joël Cherbulez.
- Rosa J. G. (1986). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Schapiro M. (1956). Leonardo and Freud: An Art-Historical Study. *Journal of the History of Ideas* n. 2. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, p.147-178.
- White M. (2002). *Leonardo, o primeiro cientista*. Rio de Janeiro: Record.

## Psychoanalysis, constitution of the subject and biography: a childhood recollection of Leonardo da Vinci

**Abstract** Freud's study of Leonardo is now one hundred years old. For us analysts, it has an endogenous theoretical interest, just as, for Freud, it had a transference value. The author seeks to show that Psychoanalysis contributes to the understanding of Leonardo's biography because of its particular angle on the constitution of the subject.

**Keywords** Psychoanalysis and culture; Sigmund Freud; Leonardo da Vinci.

**Texto recebido:** 05/2011

**Aprovado:** 10/2011

# Literatura e psicanálise: a poética de Raduan Nassar

Renato Cury Tardivo

**Renato Cury Tardivo** é psicanalista e escritor, mestre e doutorando em Psicologia Social da Arte pelo Instituto de Psicologia da USP, professor universitário. Autor de *Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavoura arcaica* (Ateliê/Fapesp), a ser lançado no primeiro semestre de 2012, e do livro de contos *Do avesso* (Com-arte).

**Resumo** Este artigo parte da literatura à psicanálise e realiza uma leitura da obra do escritor paulista Raduan Nassar, sobretudo do romance *Lavoura arcaica* e da novela *Um copo de cólera*. O recurso então é a uma psicanálise implicada, considerada em sua ficcionalidade.

**Palavras-chave** Literatura; Raduan Nassar; psicologia da arte; psicanálise implicada.

## Nascimento e morte do escritor

Raduan Nassar, filho de imigrantes libaneses, é paulista da cidade de Pindorama<sup>1</sup>. Na adolescência, vem com a família para São Paulo em busca de melhores oportunidades de estudo. Ingressa na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e no curso de Letras Clássicas, ambos na Universidade de São Paulo. Abandona, em seguida, o curso de Letras e começa a cursar Filosofia – única faculdade que, entre idas e vindas, viria a concluir anos mais tarde.

Nos anos 1960, decidido a se dedicar à literatura, Raduan se divide entre a produção rural – chega a presidir a Associação Brasileira de Criadores de Coelho – e as atividades no *Jornal do Bairro*, semanário fundado pelos irmãos Nassar, do qual foi redator-chefe.

Deixa em 1974 a direção do *Jornal do Bairro* e leva a cabo o projeto cujas primeiras anotações datavam de alguns anos: em poucos meses, trabalhando dez horas por dia, conclui o romance *Lavoura arcaica* – sua obra de estreia –, publicado (com ajuda financeira do autor) em 1975.

“Quando fiz minha estreia com o *Lavoura*”, diz o escritor, “já tinha escrito minha obra completa”<sup>2</sup>. É que a primeira versão de *Um copo de cólera*, novela publicada em 1978, fora escrita no início da década de 1970; os contos que compõem o livro *Menina a caminho e outros textos*, publicado em 1997, datam dos anos 1960 – exceção feita a “Mãozinhas de seda” (produzido na década de 1990). E foi só.

1 As informações sobre a biografia de Raduan Nassar constam dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 2, 1996.

2 *Cadernos de Literatura Brasileira*, op. cit., p. 36.





as noções psicanalíticas aqui  
trabalhadas decorrem de um encontro  
demorado com a obra do autor

Poucos anos após ter estreado, mais precisamente em 1984, ele anuncia o abandono da literatura para se dedicar exclusivamente à produção rural. Ora, já estava tudo escrito – antes mesmo da estreia.

Apesar de pouco extensa, entretanto, sua produção é bastante farta. Poucas vezes na literatura das últimas décadas o rigor formal e o engajamento político encontraram o simples em um universo tão poético. A obra de Raduan Nassar confirma a máxima de que um escritor escreve para morrer: não há outro destino às suas palavras senão o retorno à terra da qual brotaram.

Neste artigo, realizo uma leitura da obra de Nassar, especialmente de *Lavoura arcaica* e *Um copo de cólera*, partindo da literatura à psicanálise<sup>3</sup> – de modo que o recurso seja a uma psicanálise implicada<sup>4</sup>. Ou seja, as noções psicanalíticas aqui trabalhadas decorrem de um encontro demorado com a obra do autor.

Assim, este texto não se presta a uma aplicação *a priori* de conceitos psicanalíticos à literatura. Em vez disso, trata-se de um trabalho em que o foco é a interpretação, entendida enquanto um olhar que inaugura perspectiva<sup>5</sup>. Dessa forma, o compromisso deste artigo é com a poética de Raduan Nassar; poética imbricada à psicanálise que se desenha no encontro com a literatura.

Enquanto potencialidade de sentido alojada no texto literário<sup>6</sup>, a teoria psicanalítica a que se recorre – já conhecida, portanto – é ao mesmo tempo emblema do novo, uma vez que, fertilizados pela literatura, os conceitos encarnam-se. Assim, a psicanálise também é resignificada, reatualizada – o que aponta para sua dimensão ficcional<sup>7</sup>, sua potência poética, disruptiva, e a aproxima da expressividade própria à obra de arte.

## A literatura

Em *Lavoura arcaica*, André rememora (reconstrói) a tragédia que assolou sua família. Sufoçado entre as leis rígidas do pai e o excesso de afeto da mãe, ele reivindica os seus direitos no incesto consumado com a irmã, Ana. E, depois disso, não vislumbra outra alternativa a não ser deixar a casa.

O romance, cuja estrutura é parabólica, divide-se em duas partes: “A partida” e “O retorno”. Na primeira, Pedro, o primogênito, cumpre sua missão e resgata o irmão mais novo do exílio (um quarto de pensão interiorana). Contudo, “a fuga de André mudara tudo, na aparência de nada mudar”<sup>8</sup>. Mudanças irreversíveis abalaram a estrutura familiar. “O retorno”, então, é mais curto e arrebatador: marca a dissolução da família.

Consumada a tragédia, André, que assiste a tudo na condição de protagonista, não consegue se desvencilhar daquela estrutura. E, assim, transforma-se em narrador-personagem do texto que ele mesmo costura a partir dos estilhaços de memória dispersados pelo tempo irremediavelmente trágico.

Já na novela *Um copo de cólera*, há o embate entre as personagens “ele” e “ela”. Um acontecimento corriqueiro dispara a discussão acalorada entre o casal – um chacareiro e uma jovem jornalista. Diferentemente do romance, no qual a temática mítica confere ao texto uma temporalidade arcaica, na novela o tempo é curto, decisivo.

Enquanto *Lavoura arcaica* empreende um mergulho nas profundezas daquela família, desde as memórias mais arcaicas até as (im)possibilidades para que ocorram mudanças, *Um copo de cólera* é um instantâneo. A linguagem colérica e teatralizada engolfa as personagens, chegando ao extremo de, numa espécie de nascimento às avessas, abrir-se “inteira e prematura pra receber de volta aquele enorme feto”<sup>9</sup>.

Todavia, há diversos pontos de contato entre as duas obras: o refinamento da linguagem, os períodos longos, as metáforas sensíveis, a teatralidade, a circularidade.

Os textos são intensos, as palavras duelam entre si – mantêm uma “camaradagem com o Anjo do Mal”, confessa o escritor. “Impossível deixá-lo de fora quando eu pensava em fazer literatura. Não se pode esquecer que ele é parte do Divino, a parte que justamente promove as mudanças”<sup>10</sup>.

A força do seu verbo, portanto, não mantém pacto exclusivo com o “Anjo do Mal”. Suas narrativas também escoam entre a outra margem: a “luz porosa da infância” de *Lavoura arcaica*, o gozo da “fantasia de se sentir embalado pelo mundo” do belíssimo conto “Aí pelas três da tarde”, os pés comparados a “dois lírios brancos” em *Um copo de cólera*. Sagrado e profano encontram-se em “mistura insólita”, para utilizar uma expressão do narrador de *Lavoura arcaica*.

### Implicações: ordem e desordem

“Seja como for, talvez a gente concorde nisso: nenhum grupo, familiar ou social, se organiza sem valores; como de resto, não há valores que não gerem excluídos. Na brecha larga desse desajuste é que o capeta deita e rola”<sup>11</sup>. Esse comentário de Raduan sobre *Lavoura arcaica* é sugestivo, e, ao que parece, estende-se a toda sua obra.

O acontecimento corriqueiro que em *Um copo de cólera* precipita a discussão entre “ele” e “ela” é o rombo feito por uma comunidade de saúvas na “cerca-viva” – feita de plantas – da chácara. As formigas, “tão ordeiras”, violam a ordem da propriedade. É o suficiente para “o esporro” da personagem “ele”. O chacareiro não é senhor da própria chácara.

3 N. M. Kon, *A viagem: da literatura à psicanálise*.

4 J. A. Frayze-Pereira, *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise*.

5 M. Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção*.

6 M. Merleau-Ponty, “A linguagem indireta e as vozes do silêncio”.

7 N. Kon, *op. cit.*

8 O. Ianni, *Ensaio de sociologia da cultura*, p. 89.

9 R. Nassar, *Um copo de cólera*, p. 85.

10 *Cadernos de Literatura Brasileira, op. cit.*, p. 29.

11 *Cadernos de Literatura Brasileira, op. cit.*, p. 29.

12 R. Nassar, *Lavoura arcaica*, p. 160.

13 S. Freud. *El malestar en la cultura*.

»  
*a psicanálise de raiz freudiana  
trabalha com a hipótese de que  
o homem precisa ceder algum grau de  
satisfação para que haja civilização*

Não há cerca que não gere excluídos. “Toda ordem traz uma semente de desordem”<sup>12</sup>, diz ao pai o filho pródigo, em *Lavoura arcaica*. Com efeito, os contornos de André perdem-se nos (des)contornos dos “corredores confusos” da casa da família. Uma vez mais, há o desajuste de que fala Raduan Nassar. Ora, a imagem do corpo de André coberto de folhas é alusiva de um retorno à natureza, *além e aquém* da vida. Brecha larga, híbrida, onde continente e conteúdo se confundem.

A psicanálise de raiz freudiana trabalha com a hipótese segundo a qual o homem precisa ceder algum grau de satisfação para que haja civilização. No célebre texto *O mal-estar na cultura*<sup>13</sup>, Freud contrapõe a satisfação pulsional às exigências da cultura. Grosso modo, é sobre a brecha marcada pelo conflito entre satisfação pulsional e cultura que a psicanálise vai se debruçar.

Nessa medida, a psicanálise pode se deixar fertilizar pela literatura de Raduan Nassar. Tome-se o narrador-personagem de *Lavoura arcaica*. Ao voltar o olhar para a história que assolou sua família e organizar os estilhaços de memória em um texto – daí a força da narrativa.

Mas não é André senão Ana, a irmã, quem ao final vai colocar-se com contundência diante do impasse – o que precipita a tragédia. Nessa mesma medida, em *Um copo de cólera*, narrado quase até o fim por “ele”, é a personagem “ela” quem, no último capítulo, assume as rédeas da narrativa e encaminha o seu desfecho. Nos dois livros, as mudanças são levadas a cabo pelas mulheres; os homens, que vivem/narram o impasse, confundem-se com ele: enredam-se.



em suma, as narrativas  
caminham ritmadas pelas relações  
de pertencimento e recusa,  
ordem e desordem

## A partir do impensado

Enredam-se em meio à *lavoura*; dentro do *copo*. A escrita de Nassar é opaca: continente e conteúdo alimentam-se um do outro. Se o continente acolhe e acrescenta sentido aos desajustes, estes só existem enquanto extensão daquele.

Essa metáfora, no campo da psicanálise, aparece na obra *O aprender com a experiência*, de 1962, do psicanalista inglês Wilfred Bion<sup>14</sup>. De acordo com o psicanalista, a mãe funciona como um continente mental que acolhe e acrescenta sentido àquilo que não tem sentido, proporcionando ao seu bebê a conquista de contornos às experiências mais assombrosas e inominadas.

Para Bion, o bebê tem uma pré-concepção inata do seio, concepção que o faz procurá-lo. Em parte, ele o encontra; mas não encontra de modo completo o seio desejado. O pensar, o mundo interno, a realidade psíquica, a introdução da vida mental, enfim, ocorrem *se e quando* o bebê tolera a dor da frustração de não encontrar o seio tal qual desejou. Isso se dá porque a distância entre o seio real e seu desejo o força a tolerar a ausência de posse de um objeto concreto.

Quer dizer, caminha-se do impensado a um possível nível de pensamento, do não sentido ao sentido, em um processo que se dá a fim de que a pessoa se torne mais ela mesma: aquilo que se é. O caminho é poético e paradoxal. Como definiu brilhantemente o próprio Bion, a busca se dá em direção a uma *memória do futuro*<sup>15</sup>.

A imagem da cerca, em *Um copo de cólera*, é emblemática da busca por acolhimento, proteção, pertencimento. Ou, ainda, as saúvas, que expandem os limites do formigueiro – e tanto irritam o chacareiro – reinauguram a temática ordem/

desordem na qual continente e conteúdo estabelecem entre si uma relação dialética: a narrativa, então, *engravidada* de significados.

Em *Lavoura arcaica* a questão também está presente. Sufocado pelas forças familiares que o oprimem, André reivindica seus direitos, paradoxalmente, em um mergulho na própria tessitura da família. A união com a irmã, nessa direção, aponta para um retorno à unidade ancestral perdida. Ocorre que, sem ter mais como dar vazão ao investimento libidinoso, voltado à família e concretizado no encontro com o corpo da irmã, a permanência de André na casa não se sustenta. Ele tem de se haver com a solidão: “pela primeira vez eu me senti sozinho nesse mundo”<sup>16</sup>.

Contudo, fora de casa ele tampouco tem projeto. A estrutura de que André não consegue se desvencilhar é a mesma contra a qual ele se insurge. Eis o paradoxo que o narrador-personagem vive ao limite: ele é o filho que parte, mas volta; desafia o pai, mas cede; escancara o discurso endogâmico da família, mas reclama os seus direitos no incesto concretizado com a irmã. E, finalmente, sofre a dor de um tempo impiedoso, mas se reencontra com tudo aquilo ao costurar os estilhaços do que restou em um depoimento.

Em suma, as narrativas caminham ritmadas pelas relações de pertencimento e recusa, ordem e desordem. Essas dualidades trazem consigo toda uma potencialidade criativa e reflexiva; potencialidade que continua nas possibilidades múltiplas de leitura.

## Memória do futuro

“O tempo, o tempo, o tempo e suas águas inflamáveis, esse rio largo que não cansa de correr, lento e sinuoso, ele próprio conhecendo seus caminhos”<sup>17</sup>. A temporalidade aparece com destaque em todos os textos de Raduan Nassar, mas é no romance que ela é levada às últimas consequências. Debrucemo-nos sobre essa questão.

A lavoura cuja colheita remete ao antigo permanece. Ao escoar de uma margem à outra,

André acaba por confundir-se com elas. Suas lembranças perpetuam-se e, ao mesmo tempo, ratificam a dimensão trágica da existência, o caráter irrecuperável do tempo. André é o novo e o velho: o passado que rói o futuro e infla ao avançar e que, justamente em função da permanência do que fica para trás, jamais poderá se repetir em sua plenitude. André e, por extensão, a narrativa trazem ao limite as marcas da ambiguidade: “o jogo alegre e suave de sombra e luz”<sup>18</sup>. Visível e invisível intrincados no corpo do texto.

Isso implica considerar que há sempre a possibilidade para novas articulações entre as inscrições do vivido. A temporalidade que rege o “teatro interno”<sup>19</sup> de André não é, portanto, a cronológica. O texto é escrito em *après-coup*; o tempo do “só depois”, marcado pela mistura de tempos, pelas constantes ressignificações<sup>20</sup>. O testemunho, sua narrativa autobiográfica, é *puxado* do fosso pelo *guardião zeloso das coisas da família* – e, assim, reativado. Sua empreitada parece caminhar nessa direção: espécie de teatro interno em que, com efeito, as inscrições do passado são constantemente ressignificadas e revividas. André vive pela primeira vez de novo a sua história.

Mas “é diante de alguém que a testemunha atesta a realidade de uma cena à qual diz ter assistido”<sup>21</sup>. Cabe, portanto, a pergunta: a quem André dirige o seu testemunho?

Dentre todos os membros da família, a única figura de quem André não consegue se aproximar é o pai. Não há contato de fato entre ambos. Nessa relação, os afetos não são postos em dia; estrangulam-se. À superfície, trata-se de dois pontos de vista radicalmente opostos. Mas André sempre retorna à família, no invisível: a casa velha, os corredores confusos, a copa das árvores. Assim, manter-se atrelado àquela estrutura

»  
*tendo o copo como continente,  
a temporalidade contida  
em Um copo de cólera  
tende à circularidade*

significa empreender o diálogo – ou prosseguir tentando fazê-lo – que, quando ainda era tempo, não teve lugar. Não é à toa que a voz seja dada ao pai em tantas passagens do romance.

André parece buscar continuamente a referência paterna de que não pôde se valer. Olhar para a história que “com olhos amenos” ele irá (re)construir é olhar para a sua origem, o arcaico: olhar para o olhar. Terminar o texto “em memória” do pai é (re)começar tudo de novo a partir dessa “tábua solene” (já incendiada). É para o pai que André escreve seu testemunho.

Retorno que, em *Um copo de cólera*, se dá ao ventre da personagem “ela” – retorno análogo, aliás, ao do conto “Um ventre seco”, no qual o narrador dispara um discurso violento endereçado à ex-mulher. Diferentemente das camadas de memória acessadas pelo narrador-personagem de *Lavoura arcaica*, em *Um copo de cólera* e “Um ventre seco”, a dimensão temporal é da ordem de um instantâneo.

Tendo o *copo* como continente, a temporalidade *contida* em *Um copo de cólera* tende à circularidade. Podemos pensar, nessa direção, o retorno ao ventre da mulher (mãe) – retorno que em *Lavoura arcaica* está sempre presente como potencialidade, e jamais se realiza. Tendo a *lavoura* como continente, a temporalidade *contida* em *Lavoura arcaica* tende a ser espiralada: o retorno nunca se realiza no mesmo ponto de partida.

Ora mais colérica, ora mais lírica, a poética nassariana fala eminentemente dos contrastes, empreende retornos, questiona as (im)possibilidades para que ocorram mudanças. A linguagem, arduamente trabalhada, dá muitos frutos – às vezes um tanto secos, é verdade. Mas a questão da

14 W. Bion, *O aprender com a experiência*.

15 W. Bion, *Uma memória do futuro*.

16 R. Nassar, *Lavoura...*, p. 143.

17 R. Nassar, *Lavoura...*, p. 184.

18 R. Nassar, *Lavoura...*, p. 28.

19 V. Safatle, “Imagem não é tudo”.

20 S. Freud, *La transitoriedad*.

21 P. Ricoeur, *A memória, a história e o esquecimento*, p. 173.



ressignificação daquilo que se vive – daquilo que se é – está sempre presente.

Finalmente, pensemos o título da obra mais significativa do autor. “Lavoura” remete àquilo que será colhido, ao futuro, ao porvir; “arcaica”, ao passado, àquilo que vem antes de tudo. Po-

demos traduzir *Lavoura arcaica* por “porvir que vem antes de tudo”. Por sinal, *Lavoura arcaica* é o primeiro livro de Raduan a ser publicado, e o último a ser escrito: marcas das questões, tais quais *memória do futuro*, que a sua literatura – a “safrinha”, diria Raduan – nos daria a ver.

#### Referências bibliográficas

- Bion W. (1989). *Uma memória do futuro*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Cadernos de Literatura Brasileira*: Raduan Nassar. (1996). São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 2.
- Frayze-Pereira J. A. (2006). *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Freud S. (1915/2007). *La transitoriedad*. Buenos Aires: Amorrortu. (Sigmund Freud: obras completas, v. 14).
- \_\_\_\_\_. (1930/2007). *El malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu. (Sigmund Freud: obras completas, v. 21).
- Ianni O. (1991). Lavoura arcaica. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios de sociologia da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kon N. (2003). *A viagem: da literatura à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Merleau-Ponty M. (2004). A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: \_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nassar R. (1975). *Lavoura arcaica*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- \_\_\_\_\_. (2002a). *Lavoura arcaica*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2002b). *Menina a caminho e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Um copo de cólera*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ricoeur P. (2007). *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Unesp.
- Safatle V. (2008). Imagem não é tudo. *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, p. 8, 15 jun.

#### Literature and Psychoanalysis: the poetics of Raduan Nassar

**Abstract** The paper offers a psychoanalytic reading of Nassar’s novels *Lavoura arcaica* (Archaic tillage) and *Um copo de cólera* (A glass of wrath). The author proposes to change “applied Psychoanalysis” into “implied Psychoanalysis”.

**Keywords** literature; Raduan Nassar; psychology of art; “implied Psychoanalysis”.

**Texto recebido:** 10/2010

**Aprovado:** 04/2011



# Os artistas, os lugares e as obras possíveis

ou onde a subjetividade ainda encontra lugar de existir<sup>1</sup>

Alessandra Monachesi Ribeiro

**Alessandra Monachesi Ribeiro** é psicanalista, pós-doutoranda em artes plásticas pela ECAUSP e pelo Centre de Recherches sur les Arts et le Langage da EHESS em Paris com bolsa da FAPESP, doutora em teoria psicanalítica pelo Programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, com estágio doutoral no CRPM da Université de Paris VII, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo e do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Resumo** Parto da hipótese de que a ausência de obra, conceito usado para situar o lugar destinado à loucura após ter sido transformada em doença mental, expandiu-se para todos os campos da existência na contemporaneidade, movimento análogo ao que ocorre no campo das artes visuais ao longo desse mesmo período em que uma obra de arte pode ser excluída para o campo da não arte, para me perguntar sobre a obra – e, por consequência, a subjetividade – possível em tempos de sua ausência. Apresento, então, em dois artigos subsequentes, e a partir das indicações oferecidas pelos trabalhos das artistas Nazareth Pacheco, Cindy Sherman e Marina Abramovic, o corpo e o feminino como alguns desses lugares de borda nos quais ainda podemos encontrar uma possibilidade de fazer obra, ou seja, de subjetivação.

**Palavras-chave** processos de subjetivação; corpo; feminino; arte e psicanálise; perversão; sublimação.

1 Artigo baseado em tese de doutorado em teoria psicanalítica pela UFRJ, para a qual a autora contou com uma bolsa da CAPES.

2 M. Foucault. *História da loucura na Idade Clássica*.

3 A. M. Ribeiro. *Da perversão à sublimação: algumas estratégias das artes visuais para a criação de lugares de subjetivação e presença de obra nas bordas do corpo e do feminino*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IP, UFRJ, 2010.

Parto da hipótese de que a ausência de obra, esse conceito de Michel Foucault<sup>2</sup> para situar o lugar destinado à loucura após ter sido transformada em doença mental, expandiu-se para todos os campos da existência na contemporaneidade de modo que somos todos colocados nesse lugar da loucura como ausência de obra, argumentação que desenvolvi ao longo da tese de doutorado<sup>3</sup>. Isso quer dizer: não temos mais um lugar para a subjetividade em nossos tempos. Então, será que é possível e como será possível que essa subjetividade ainda crie possibilidades de existência num mundo tão pouco hospitaleiro?

Parto também do movimento que ocorre no campo das artes visuais ao longo desse mesmo período em que a loucura se torna ausência de obra, desrazão, doença mental e medicalização das subjetividades para constatar que, até mesmo nesse campo, o movimento de sua desapareção acontece, a partir do momento em que – de forma análoga ao sujeito louco que pode ser extraído para um campo de não subjetividade – também uma obra de arte pode ser excluída para o campo da não arte. Desde então, a arte possível passa a se dar nas bordas e provir desse campo de sua exclusão, o que volta a nos indicar que, talvez também em relação à subjetividade, ela passe a acontecer nas bordas daquilo que foi contornado como não sujeito, ausência de obra: do lugar da loucura.

Tento, nesse ponto, e a partir das hipóteses anteriores e das indicações oferecidas pelos trabalhos das artistas que veremos em seguida, apresentar o corpo e o feminino como alguns



*repulsa e atração: tal é a polaridade com que a artista parece brincar e nos seduzir para seus objetos tão lindos e, ao mesmo tempo, tão inacessíveis.*

desses lugares de borda nos quais ainda podemos encontrar uma possibilidade de fazer obra, ou seja, de construir uma subjetividade em nossos tempos tão hostis a todas as condições para que haja um sujeito.

Ao voltar minha atenção às artes contemporâneas, me indago a respeito daquilo que os artistas estão a produzir e se tais produções ajudarão à psicanálise ao nos dar quaisquer indicações dos lugares possíveis nos quais a subjetividade encontrará ainda seu espaço. Tomando duas artistas contemporâneas – Nazareth Pacheco e Cindy Sherman – assim como seus percursos artísticos, chego ao que suas obras colocam em discussão: o corpo e o feminino. E, ainda, à maneira como tal conteúdo é apresentado. Isso quer dizer que as estratégias utilizadas pelas artistas para colocar o corpo e o feminino em jogo nas suas obras são tão importantes quanto seus temas propriamente ditos. E tais estratégias nos indicam, certamente, os caminhos através dos quais a subjetivação se faz nas margens, notoriamente um caminho de profanação, de deslocamento de um aprisionamento perverso em direção à sublimação, tema ao qual retornarei em texto subsequente, com a ajuda de uma terceira artista, Marina Abramovic.

O corpo e o feminino. Serão eles lugares possíveis para a subjetividade contemporânea? O corpo e o feminino enquanto lugares de fronteira, será que nos indicam que a obra e, conseqüentemente, a subjetividade são ainda possíveis na medida em que feitas nas bordas? O que os artistas nos mostram acerca de tais temas? E acerca da possibilidade de obra ali incluída? Vamos a elas.

## O corpo feminino asséptico: Nazareth Pacheco<sup>4</sup>

O que nos afeta de cara, ao tomarmos contato com a obra de Nazareth Pacheco, é a maneira como ela brilha. As pequenas peças de cristal transparente, por vezes negras ou vermelhas, capturam de modo imediato o olhar do espectador. Os vestidos e colares em cristal chamam a atenção e nos encantam, tanto quanto os ambientes feitos do mesmo material: as cortinas que circundam um espaço, criando-o, as cortinas de um provador, as cortinas frente a um espaço em que está uma rede... As cortinas e as vestimentas femininas brilhantes nos dão vontade de aproximarmo-nos, de tocá-las, experimentá-las e é então que descobrimos que todo esse brilho não existe apenas graças aos cristais transparentes, por vezes negros ou vermelhos, mas também graças às lâminas de barbear que fazem parte dos objetos. Lâminas de barbear, bisturis, lancetas, agulhas, os brilhos metálicos dos materiais frequentemente destinados ao uso cirúrgico fazem contraste com os brilhos dos cristais tão lindos que nos convidam a olhá-los e a aproximarmo-nos. O perigo se desvela em meio a todos esses brilhos e, uma vez notados os objetos perigosos em metal, tornamo-nos prisioneiros de uma armadilha: atraídos e tomados pelos cristais brilhantes, repelidos e chocados pelos materiais perigosos. Pegos em uma cilada, sem podermos nos aproximar e, no entanto, sem podermos desviar o olhar e sair da cena.

Repulsa e atração: tal é a polaridade com que a artista parece brincar e nos seduzir para seus objetos tão lindos, tão limpos, tão perfeitos e, ao mesmo tempo, tão inacessíveis. Não me toque, eles parecem dizer. Que perigos jazem na superfície ou na intimidade desses objetos com os quais Nazareth nos presenteia e nos desafia?

O olhar, o único sentido que pode ainda se aproximar das obras de Nazareth de uma maneira fora de perigo – mas não realmente em toda a segurança, como veremos adiante – mostra de cara a ironia da aproximação da artista à história da arte propriamente dita, para a qual o olhar

sempre foi convocado e, algumas vezes, desprezado, tornando as produções artísticas ligadas de maneira permanente à problemática do olhar e do visual mas, também, aproximação à sua própria história enquanto artista.

Vestidos e colares são adornos femininos e é ao corpo e ao desejo feminino que eles apelam. Um corpo que, na obra de Nazareth, aparece enquanto ausente. Um corpo feminino que se desvela sem se deixar aproximar, feito de cristais brilhantes, sedutores e de objetos de metal também sedutores, mas ameaçadores. Desvelamento e engano. Cilada, aprisionamento. O corpo feminino enquanto sedução e perigo. O corpo objeto do olhar e o corpo que faz o olhar cativo.

A assepsia das obras de Nazareth Pacheco me parece ser a manobra que ela utiliza para relacionar o desejo, a sedução e o aprisionamento do olhar em relação ao feminino e ao corpo. A perfeição, a pureza, a limpeza dos materiais acrílicos e metálicos dos quais faz uso fazem referência direta à história da arte em que o corpo feminino foi um dos símbolos máximos do Belo na pintura e na escultura. Um corpo feminino tão passivo quanto flexível às necessidades da arte e às suas técnicas de velamento do gesto do artista a fim de que a obra seja o mais transparente possível, de maneira a dar lugar àquilo que representa ao apagar, tanto quanto possa, tudo o que a torne opaca. A obra de arte como um espelho do mundo, tão mais efetiva quanto mais se esconda sua fatura.

Aqui, o objetivo da obra de arte e seu tema parecem combinar-se de maneira perfeita, uma vez que o corpo feminino objeto dessa obra, escolhido para ali representar qualquer coisa outra ligada a um ideal, se entrega a essa forma de ser representado velado de tudo aquilo que possa distanciá-lo desse ideal do Belo, inclusive de todos os atributos femininos. *O corpo feminino asséptico enquanto objeto das artes visuais: eis ao*

4 A reflexão acerca do trabalho da artista Nazareth Pacheco se apoia, essencialmente, em tese de doutorado já mencionada (Ribeiro, 2010), da qual alguns excertos foram publicados (Ribeiro, 2009), ainda que não com a presente formulação.

5 S. Freud. "Fetichismo". *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI, p. 151-162.

»  
*o voyeur é cativo do objeto-fetiche  
na medida em que é o mesmo  
que esconde, evita, detém  
o olhar um átimo antes da borda*

*que as obras de Nazareth Pacheco fazem referência de maneira a colocá-lo em questão.*

E, uma vez apresentado o campo em que as obras de Nazareth Pacheco se desenvolvem, como é que ela as torna críticas de tal campo?

Apresento a hipótese de que a artista colocará em questão essa assepsia do corpo feminino como objeto do olhar e, conseqüentemente, como objeto do desejo ao recolocar, em suas obras, todos os aspectos que foram retirados desse corpo a fim de que ele se tornasse objeto da representação artística, inclusive sua carne, seu sangue, sua materialidade. Isso quer dizer que a artista põe em questão o corpo feminino asséptico como objeto idealizado do olhar através dos mecanismos pelos quais o olhar funciona: o apaziguamento, o velamento, a negação. Ou seja, somos reenviados a Freud<sup>5</sup> e ao objeto-fetiche, aquele em que o olhar se fixa, seu último ponto de atração e parada antes que ele depare com a castração, os mecanismos do olhar em oposição à constatação que poderia pôr em questão o corpo feminino enquanto ideal.

Trata-se da inversão entre olhar e ser olhado. *O voyeur é cativo do objeto-fetiche na medida em que é o mesmo que esconde, evita, detém o olhar um átimo antes da borda*, do buraco, da constatação da castração. O objeto é seu triunfo e sua proteção contra o buraco. O que Nazareth Pacheco parece fazer com suas obras é, justamente, aprisionar seu espectador no objeto-fetiche não para desviá-lo do buraco mas, ao contrário, para ali arremessá-lo irremediavelmente.

O objeto-fetiche de Nazareth Pacheco atrai o olhar e, antes mesmo que se aperceba, torna-o prisioneiro de um mundo de objetos perigosos que não podem ser tocados, mas que não



desde o início, Nazareth Pacheco já nos apresenta suas obras aproximando-as de objetos de tortura e aprisionamento

deixam desviar-se. O olhar prende e só se pode olhar. São objetos que, como a cabeça da Medusa na maneira como a ela se refere Jean-Pierre Vernant<sup>6</sup>, comportam traços de insólito e estranheza, misturando o masculino das lâminas de barbear com o feminino das vestimentas, o belo e o feio, o atraente e o repulsivo, colocando-nos no campo terrificante do grotesco.

Freud pode nos auxiliar com seu texto “O estranho”<sup>7</sup>, no qual também o olhar possui importante papel na definição do que seja o *unheimlich* causa de horror. O estranho familiar inquieta por seu paradoxo, através do qual recoloca a questão do olhar em sua relação com a castração. Trata-se de algo que se dá a ver quando deveria permanecer oculto, trazendo para a estranheza uma associação com o olhar e com o que se dá a ver, gerando horror e familiaridade. Em Freud, a visão da genitália feminina é o que acorre aos olhos, remetendo à castração e à inquietação causada pela constatação dela. O fetichismo vem fazer frente a tal confrontação.

Nas obras de Nazareth Pacheco, essa ambiguidade do que se dá a ver e não é visto também parece presente, de maneira a permitir-me afirmar seus objetos como fetiches. O brilho dos cristais que ofusca os olhos desvia – e aí está seu poder de sedução – do também brilho – metálico e frio – daquilo que fere e mutila. Os objetos cortantes não passam, contudo, despercebidos em meio à trama atraente tecida pelas mãos da artista. São notados – e daí seu poder de aprisionamento. O que se dava a ver foi visto, o olhar acolhido pelas luzes da obra, em busca de repouso, assentou-se sobre facas, pontas, lâminas e se cortou.

Ao discorrer sobre o quadro *Os embaixadores*, de Hans Holbein, Lacan<sup>8</sup> afirma que o quadro pacifica o olhar. Mas será ele próprio, ao falar sobre a pintura expressionista, quem aventará ain-

da um algo mais, uma certa satisfação – como na satisfação da pulsão – que também é conferida pelo quadro ao que é pedido pelo olhar. A ideia do olhar que se pacifica naquilo que encontra como obra, o que coloca a pulsão escópica como engodo da castração, parece deixar de lado algo que a produção de Nazareth Pacheco vem constantemente reafirmar: que o olhar que se apazigua é, também, perturbado e aprisionado nesse jogo de sedução com o objeto-fetice que, por sua vez, não se omite em revelar suas garras, facas, agulhas para realizar seu efeito de sedução / repulsa.

Desde o início, Nazareth Pacheco<sup>9</sup> já nos apresenta suas obras aproximando-as de objetos de tortura e aprisionamento. Haverá uma ênfase na qualidade de serem objetos – dependentes, aprisionados, evasivos, aprisionantes, sedutores e afins – bem como em sua função de tortura e aprisionamento, o que cria uma conversa com as ideias por mim apresentadas de objeto-fetice e de aprisionamento do olhar como pontos de partida para a reflexão sobre seu trabalho.

Dos objetos aprisionados autobiográficos para os objetos femininos, ou melhor, objetos usados no corpo da mulher. Espéculos, sacamiomias, DIUs: uma parafernália ainda relativa à incidência da ação médica sobre o corpo – e não apenas o corpo da artista, mas qualquer corpo de mulher – faz emergir das entranhas desse corpo para os espaços de exposição objetos de tratamento alinhados e questionados em sua condição de tortura. Objetos comuns, cotidianos, de uso privado e íntimo, que jazem na escuridão dos mais recônditos buracos do corpo feminino, aparecem, subitamente, iluminados e seriados na sua mais inócua e inocente aparência de objetos de composição. Mas, em sua repetição harmônica, há sempre algo que destoa e retorna aquilo que parecia pacificado ao seu aspecto de maior horror: um único espéculo de metal em meio a uma parede inteira de espéculos de acrílico, por exemplo. Nazareth Pacheco parece tentar arrancar dos objetos comuns sua aparente inocência e sua condição apaziguadora. No mesmo movimento em que cria repetições e séries tranquili-



zantes, perturba aquele que contempla sua obra com um cutucão, um porém, uma dissonância que cria brecha para que a dor e a repulsa voltem a se instaurar.

Daí para os objetos sedutores, basta um passo: colares e vestidos com suas contas e pontas, aprisionados em vitrines, inacessíveis ao toque, convidativos, proibitivos, doloridos e irresistíveis. Sua assepsia herdada dos tratamentos e objetos cirúrgicos já não lembra em nada a borracha marcada pela luta com o corpo, trazendo para o campo de uma perfeição quase perversa a tensão que a artista cria entre sedução e repulsa. O objeto sedutor / objeto-fetichê parece conjurar precisamente essa marca do corpo, do humano, dos traços de mulher postos nas obras anteriores que, agora, são limpas e límpidas como se pretendem as ações médicas. Um feminino retirado de suas excrescências como o fetichê retira os sinais da castração. Lâminas, agulhas, anzóis, giletes, cristais, miçangas e a mão da artista envolvida pelo fazer. Uma costura, uma renda, um bordado: a beleza ofusca de tanto brilho que quase engana dos perigos de cortes e furos. Os cortes e furos no corpo da artista – que viraram obra – ameaçam o corpo do espectador, refém do fascínio e da dor antecipada.

O que se descortina no olhar aprisionado pela obra de Nazareth Pacheco? A meu ver, que a assepsia é necessária à sedução e que a dor é a condição de transformar pacificação em tortura, desfazendo o engodo do encantamento limpo ao sujá-lo de sangue e de ferida, recolocando o corpo – agora pulsante – no âmbito da obra.

Em suas obras mais recentes, Nazareth faz uso do artifício de mostrar uma exposição de

»  
*a assepsia da sedução está posta na história da arte de maneira a conectar o belo, o feminino e o que é olhado*

modo que, quando ali entramos, vemos apenas dois pequenos vidros transparentes de perfume com algo vermelho em seus interiores, fechados em caixas de acrílico, ladeados por diversas fotos desses mesmos frascos, além de circunferências acrílicas vermelhas colocadas na parede como se fossem quadros, um espelho frente ao qual encontramos uma cadeira também em acrílico vermelho, que parece muito frágil e pouco confortável devido às pontas acrílicas que são ainda colocadas em seus objetos-mobiliários. Após isso tudo, em uma segunda sala, vemos desenhos muito delicados de apenas pequenos pontos, circunferências em madeira pelo chão, mais fotos e, enfim, duas últimas fotografias nas quais finalmente encontramos o tema da exposição. Trata-se do sangue, o sangue da artista que esteve sempre presente nas feridas e nos cortes supostos enquanto descobríamos os brilhos metálicos de seus objetos sedutores de outrora que é, agora, exposto de forma explícita. O sangue retorna à obra, o corpo ausente pode ser colocado em seu lugar de direito.

Se tomarmos em consideração o que escreve Bernard Marcadé<sup>10</sup> para o catálogo da exposição *Féminimasculin – Le sexe de l'art*, podemos pensar que a assepsia da sedução está posta na história da arte de maneira a conectar o belo, o feminino e o que é olhado. O feminino passivamente se dá a ver pela atividade que lhe está posta fora, no olhar de que é objeto. É esse feminino olhado que se entrega como engodo, como máscara ou como objeto-fetichê: daí seu apelo de sedução. A sedução feminina dos objetos de Nazareth Pacheco traz para a cena o escancaramento dessa assepsia sedutora, contrapondo-a a todas as excrescências e feridas que ali se presentificam – mesmo que ausentes – pela lembrança dos objetos cortantes e das feridas que provocam nos corpos, fazendo-os sangrar.

6 J.-P. Vernant, *A morte nos olhos – figuração do Outro na Grécia Antiga: Ártemis e Gorgó*.

7 S. Freud. "O estranho". *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVII, p. 235-276.

8 J. Lacan. *O Seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

9 N. Pacheco e Silva. *Objetos sedutores*. Dissertação de mestrado. Departamento de Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

10 B. Marcadé. "Le devenir-femme de l'art". *Féminimasculin – Le sexe de l'art*. Catálogo de exposição homônima ocorrida de 24 out. 1995 a 12 fev. 1996 no Centre National d'Art et de Culture Georges Pompidou.





*o corpo ausente se presentifica  
por meio das obras e, através delas,  
convoca o corpo do outro*

E como, então, Nazareth Pacheco desmascara esse feminino limpo e sedutor em que se afiguram seus objetos-fetiches? A meu ver, articulando seus objetos à dor que causam no corpo. O corpo, lugar no qual incide diretamente o mandato da ausência de obra sobre a qual escrevi no início desse texto, construindo-se em palco para a subjetividade tornada doença, bem como para as intervenções sobre ela, é também o lugar no qual a artista encena uma rebelião contra esse estabelecimento de um corpo despossuído de si. O corpo ausente se presentifica por meio das obras e, através delas, convoca o corpo do outro a se aproximar sem poder tocar, tornando-o prisioneiro de uma dor presumida e da fascinação do olhar.

O corpo como ausente, ao qual se substitui o objeto-fetice, não é lugar do apaziguamento do olhar na negação da castração mais do que denúncia desse mesmo lugar enquanto farsa, engodo, embuste de supor que ao objeto perdido suceda um substituto que lhe propicie um espetáculo de gozo do qual o sofrimento estaria ausente. O que Nazareth Pacheco nos noticia, com suas obras de contas, cristais, acrílico, facas, giletes, lâminas e agulhas é que a ferida, o rasgo, não se desvencilha tão facilmente do belo, guardando em cada objeto fascinante seus potenciais de dor.

Mas o que se mostra, também, com as obras da artista, é a maneira asséptica como tal sedução se dá, trazendo para o campo do belo o limpo, o lindo, o brilhante, o ofuscante e o perfeito. O limpo como necessário ao belo e, conseqüentemente, à sedução, contrasta com o sujo dos fluidos e excrescências potencialmente presentes nos encontros entre os corpos, lembrando-nos de Freud<sup>11</sup> em seu comentário sobre a assunção pelo homem da postura ereta que deixa de lado odores e visões, mostrando-nos que depende dessa ausência de corporeidade, de substancialidade para que o corpo

possa ser propagado como lugar da sedução. Um corpo despossuído de si e de sua corporeidade é a manobra que a sedução faz para surtir efeito. E tal corporeidade só se reencontra na dor, no sangue das mãos da artista cortadas na fatura das obras, naquilo que não se desmente nem se denega. A dor sendo, então, o contraponto necessário à sedução para devolver ao corpo sua condição de presença em ausência e, conseqüentemente, de marca.

O feminino como desvelamento:  
Cindy Sherman<sup>12</sup>

Do mesmo modo como Nazareth Pacheco traz questões sobre o corpo feminino enquanto asséptico, Cindy Sherman nos trará questões sobre o feminino enquanto desvelamento.

Desde sua primeira série de fotografias em preto e branco, os *Untitled Film Stills* que começaram a ser feitos no final dos anos 1970, a artista tomará sua própria figura, sempre transformada pela ajuda da maquiagem e pelo uso de próteses, a fim de criar personagens que nos parecem conhecidos, já vistos e perturbadores. Mas, ao contrário daquilo que poderíamos pensar em um primeiro momento, não se trata em sua obra de uma discussão sobre o eu, nem sobre o narcisismo, na medida em que suas fotos não são autorretratos. A utilização de sua própria figura serve, contraditoriamente, a seu apagamento enquanto sujeito e à criação de uma discussão sobre os gêneros, assim como sua desconstrução.

Nos *Film Stills*, trata-se frequentemente de figuras femininas solitárias, capturadas em momentos muito íntimos ou muito frágeis em relação a alguém que não aparece na cena ainda que suposto por sua construção, como se elas tivessem saído das cenas de filmes *noirs* dos anos 1940 e 1950, ou dos filmes de Alfred Hitchcock. Essas fotos serão vistas enquanto denúncia dos lugares estereotipados ocupados pelas mulheres no contexto cultural e essa interpretação de seu trabalho como denúncia dos lugares das mulheres se tornará praticamente um clichê.

Assim, estamos face a trabalhos nos quais encontramos personagens vistos em seus momentos íntimos, fragilizados em relação a alguma outra pessoa que é apenas suposta pela cena enquanto nós mesmos – os terceiros dessa cena – vemos tudo como *voyeurs*. Eis novamente a posição do espectador como *voyeur* da obra de arte, assim como da mulher posta em questão.

A mudança no percurso da artista começa quando, em *Pink Robes*, suas mulheres nos olham face a face, retornando o apelo sutil ao espectador *voyeur* de suas primeiras fotos a juntarem-se à cena em uma inversão chocante, através da qual a mulher vista nos olha agora explicitamente. Dessa maneira, a artista começa a reenviar o olhar pousado sobre as mulheres em seus papéis sociais clichês de volta ao *voyeur*, que se acreditava confortável e reassegurado em sua posição de espectador frente a uma obra que o perturbará cada vez mais.

Com as *Fashion Photos*, a imagem glamourosa da mulher tornada bicho, destruída, louca. O horror aumenta a cada vez nas imagens que se seguem, e as *Fairy Tales* e as *Disasters Pictures* põem a nu as máscaras e próteses utilizadas pela artista na composição de seus personagens. Os monstros das histórias infantis são seguidos por cadáveres humanos, fragmentos de corpos, de carne humana, de sangue, de fluidos corporais, enfim, um corpo nem feminino nem masculino, mas um corpo decomposto.

Faz-se necessário parar por um instante, nesse percurso pela obra da artista, a fim de constatar que, se é possível que suas fotos até o momento tragam a discussão sobre o papel das mulheres de maneira a criticá-lo, não é menos possível que elas nos conduzam a lugares insuspeitados no que diz respeito a tal discussão.

11 S. Freud. “O mal-estar na civilização”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI, p. 67-150.

12 A reflexão acerca do trabalho da artista Cindy Sherman se apoia, essencialmente, em tese de doutorado já mencionada (Ribeiro, 2010), da qual alguns excertos foram publicados (Ribeiro, 2008a, b, c), ainda que não com a presente formulação.

13 L. Mulvey. “A phantasmagoria of the female body”. *Cindy Sherman*, p. 284-303.

14 Y.-A. Bois; R. E. Krauss. *Formless: a user's guide*.

15 Y.-A. Bois; R. E. Krauss, *op. cit.*

»  
*o percurso de Cindy Sherman começa a mudar quando, em Pink Robes, suas mulheres nos olham face a face*

As críticas feministas, como Mulvey<sup>13</sup>, veem a obra de Cindy Sherman pelo viés da tomada de consciência feminista através da denúncia dos lugares assujeitados e dessubjetivados apresentados por suas fotos de maneira crítica, como se todo o percurso da artista até os anos 1990 dissesse respeito ao desvelamento das diversas máscaras impostas às mulheres e ao feminino, levando ao vazio como revelação última, aproximando a verdade da mulher e o feminino da castração... Isso quer dizer que aquilo que elas apresentam enquanto lugar essencialmente feminino, uma vez que todas as máscaras estejam por terra, é o da mulher castrada. Ora, não deixa de ser uma ironia que a análise crítica das feministas proponha ainda a mulher como desvelamento que leva à castração. Como se não fosse nada além disso a verdade sobre o feminino, acentua bem Rosalind Krauss<sup>14</sup>, quando mostra que tal tipo de análise mantém a mesma lógica fálica que acredita criticar, na medida em que propõe a verdade última do feminino como o lugar da castração. E podemos ver, seguindo a análise de Krauss, que, se é plausível que haja uma discussão sobre o papel das mulheres e do feminino nas obras de Sherman, não é menos plausível que tal discussão não termine com a constatação da mulher enquanto castrada, senão que ela seja precisamente uma crítica de tal lógica aplicada ao feminino.

Retornando ainda ao que propõe Krauss<sup>15</sup>, as ideias do véu, do velamento / desvelamento tanto quanto da verdade são ligadas a uma lógica fálica, o que as torna também máscaras, uma farsa a partir da qual nos é proposto desvendar a verdade do feminino quando, nas obras de Sherman, a lógica apresentada é bem outra. O sistema do objeto-fetice não é nada além de um véu ligado à ideia da mulher enquanto ferida. Trata-se



a crítica da artista sobre o feminino  
como desvelamento nos leva a  
uma crítica do feminino referido  
à lógica fálica

de uma fetichização da mulher – a mesma fetichização do corpo feminino passivo ao olhar e à ação do outro, na forma como a mulher sempre foi tomada como objeto e tema no campo das artes visuais – que tem sua essência no ser castrado, ou seja, uma construção inscrita na lógica fálica, que supõe uma verdade sobre a mulher a ser atingida a partir do desvelamento de suas máscaras, levando à totalização do conhecimento. Haveria algo além?

Na série *Masks*, Cindy Sherman nos mostra que a ideia do desmascaramento levando a uma verdade não é nada além de uma farsa através da qual acreditamos atingir um fim, um alvo, um significado último inexistente. As máscaras cobrem sempre outras máscaras, em um movimento incessante no qual não podemos nem ao menos saber o que está dentro ou fora do quê, misturando o que serve para mascarar o quê, sem nos levar à essência. As fotos da artista nos contam que não há algo como uma essência e que as máscaras não mascaram nada além de outras máscaras. Assim, nada de verdade última, nada de definição verdadeira sobre o feminino.

Villemur<sup>16</sup> e Heartney<sup>17</sup> aproximam o trabalho de Cindy Sherman da ideia do simulacro em que as imagens não fazem mais referência ao original que, por sua vez, nunca existiu. Trata-se de representações sem referente, a ideia de origem desconstruída. Podemos encontrar tal aproximação ao simulacro na série *Bus Riders* do início do percurso da artista ou em *History Portraits or Old Masters*, a série que se segue aos *Disasters*, em que Sherman escancara a utilização das próteses, dos manequins e de outros artifícios, mostrando-nos que é do artifício que se trata, cada foto como uma farsa que não dá indicações acerca do quadro original sobre o qual se apoiam os seus.

Assim, podemos constatar que a artista faz ao mesmo tempo uma crítica à história da arte, naquilo que diz respeito à ideia de original, através da utilização explícita dos artifícios mostrados ao espectador, e à ideia do feminino referido à lógica fálica através da desconstrução dessa lógica enquanto um recurso às origens que não são nada além de ilusórias.

A desaparecimento do referente nas imagens, a desaparecimento do sujeito Cindy Sherman nos personagens, a desaparecimento do verdadeiro nos simulacros, o questionamento da ideia de origem. A crítica da artista sobre o feminino como desvelamento nos leva a uma crítica do feminino referido à lógica fálica preenchida de absolutos, de verdades, de originais. Trata-se assim de uma discussão sobre o fracasso do mundo patriarcal que a aproxima das teorias pós-modernas criadas no momento presente por diversos autores e que também está presente no campo psicanalítico.

Em seguida à série *Disasters*, as fotos de Cindy Sherman mostram de mais a mais a farsa implicada no tema do desmascaramento. *History Portraits, Civil War, Sex Pictures, Horror & Surrealist Pictures, Masks, Broken Dolls...* abrem-se ao inumano, ao inquietante, ao dejetivo, ao terrível, ao abjeto, ao perturbador ou, dito de outra maneira, ao grotesco. Nada se segue ao desmascaramento, o sexual se desvenda vazio, maquínico, os olhos colados aos rostos não são janelas pelas quais se vislumbra a alma, mas um artifício, as bonecas mutiladas mostram o sexual como o horror, a dor, a aniquilação. Aproximamo-nos daquilo que alguns críticos vão descrever como a aparição do informe na obra da artista.

O grotesco que, na obra de Cindy Sherman, traz o absurdo, o simulacro, o desvelamento da farsa do desvelamento, o automatismo, o maquínico, o inumano mascarado de humanidade e tudo aquilo que seu desfile de horrores é capaz de criar aproxima o feminino daquilo que Freud<sup>18</sup> designa como estranho. Ao tomar as obras de Cindy Sherman, nos apercebemos de que a maneira pela qual ela coloca em questão os simulacros, a história da arte, o lugar da mulher e

a verdade do feminino é através de um percurso que vai da ironia ao grotesco.

O *unheimlich* é o estranho que traz como oposto o familiar, daí o horror e o temor que provoca, já que o que se encontra nele é aquilo que há de mais próximo, familiar, íntimo e secreto. Se, para Freud (1919), aquilo que causa horror remete ao retorno do recaiado e, consequentemente, à castração, *o que vimos sugerido a partir dos trabalhos de Cindy Sherman é que o horror advém do desmascaramento da lógica da máscara. Ou seja, encontramos na última máscara não a castração, mas a falência dessa lógica do desvelamento.*

A feminilidade marca a diferença e, por isso, pode ser aproximada ao estranho familiar. Ela é a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo horror, precisamente à medida que coloca em questão o autocentramento da subjetividade baseado no referencial fálico. Ainda que as obras de Cindy Sherman não nos desloquem de uma origem fálica a uma origem feminina, o que de todo modo nos enviaria ao mesmo registro, sem colocá-lo em questão, elas nos deixam em um campo para além da primeira e sem definições, um domínio aberto em que cada afirmação pode ser posta em questão pela perda do referente. Dessa maneira, ela nos propõe o feminino ligado ao simulacro e levando ao informe que põe em movimento as formas, em vez do feminino cristalizado como desvelamento em direção a uma verdade última. O feminino ligado ao que se desloca e coloca em movimento, como veremos a seguir.

Nos trabalhos de Cindy Sherman, o feminino comparece enquanto outro e, pela maneira como ele se materializa em sua obra temos, constantemente, o corpo e sua ausência traduzidos pelo recurso às próteses e manequins como

»  
*a feminilidade marca a diferença e pode ser aproximada ao estranho familiar.*

*Ela é a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo horror*

o lugar privilegiado em que esse deslocamento do feminino se dá, ou seja: o corpo como o lugar onde o feminino se revela como estranho, como borda e como outro, como fora. *No corpo tem lugar o desvelamento do feminino e da desconstrução mesma dessa lógica do feminino como véu.*

Como Nazareth Pacheco nos havia mostrado o corpo feminino privado de seus atributos a fim de se tornar objeto do desejo, agora é Cindy Sherman quem nos apresenta esse feminino concebido como desvelamento da verdade da mulher em relação à castração. Nos dois casos, as artistas nos propõem uma crítica de tais afirmações ao nos apresentarem uma outra via, seja a reinserção do corpo em sua materialidade na obra de Nazareth, seja a ausência de uma verdade última levando ao simulacro e ao informe na obra de Sherman. Substancialização, dessubstancialização. A origem é o corpo, a origem não existe. Duas maneiras de fazer sair o feminino de sua relação com a lógica fálica?

Podemos constatar, nas obras das duas artistas, um uso dos mesmos mecanismos utilizados por essa estratégia de assepsia do corpo a fim de desconstruí-lo: tanto Nazareth Pacheco quanto Cindy Sherman apelam aos signos referidos ao corpo e ao feminino para representá-los, ao mesmo tempo, tal qual aparecem em nossos tempos e em nossa cultura e, por um mesmo gesto, dotados de algo dissonante que atormenta a totalidade da obra e faz com que ela não seja apenas a tradução desse corpo ou desse feminino, mas sua colocação em tensão.

Desse modo, Cindy Sherman faz uso dos signos do feminino referidos ao fálico para perturbar a evidência dessa associação a partir de seu desvelamento das máscaras, das estratégias artificiais aplicadas a fim de criar o que parece ser a natureza

16 F. Villemur. "Trouble de genres en vue: Cindy Sherman". In: M. Camus (org.), *Création au féminin – vol. 2 : arts visuels*, p. 57-67.

17 E. Heartney. "Cindy Sherman: the polemics of play". In: E. Heartney; H. Posner; N. Princenthal; S. Scott. *After the revolution: women who transformed contemporary art*, p. 168-187.

18 S. Freud. "O estranho". *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVII, p. 235-276.



## 100 Referências bibliográficas

Os artistas, os lugares e as obras possíveis. Alessandra Monachesi Ribeiro

mesma desse feminino. Isso se avizinha à maneira aparentemente apaziguadora pela qual Nazareth Pacheco coloca os objetos infinitamente repetidos e seriados em suas obras até que nos apercebamos que no interior mesmo dessa repetição há sempre a aparição de um elemento perturbador que desmascara a inocência do que foi posto em obra.

Nesse ponto posso dizer, a título de hipótese, que os trabalhos dessas artistas que nos levam às bordas do feminino e do corpo como lugares possíveis para a subjetivação o fazem a partir do objeto-fetichismo, e fazendo com que tal objeto-trabalhe contra sua própria cristalização. O objeto-fetichismo posto em movimento pelas artistas coloca em questão o feminino e o corpo como lugares possíveis para que haja um movimento. A possibili-

dade subjetiva reside nos lugares de borda através da confrontação com suas localizações fora, além e, por consequência, próximas da localização fetichista em relação à ultrapassagem de um limite.

O fetichismo suprime os sinais da castração tanto quanto a arte e o olhar suprimem os sinais da materialidade do corpo e do corpo feminino. Quando não há essa confrontação com o lugar fetichista a partir dele mesmo, como o fazem as duas artistas a fim de colocá-lo em movimento e em questão, ou quando tal confrontação atinge o limite do traumático – como veremos na obra de Marina Abramovic – o que pode ocorrer é um recuo a uma dimensão imaginária que distancia as bordas do corpo e do feminino, suprimindo sua materialidade e negando sua ligação.

- Bois Y.-A.; Krauss R. E. (1999). *Formless: a user's guide*. New York: Zone Books.
- Foucault M. (1972). *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud S. (1919/1996). O estranho. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. xvii. Rio de Janeiro: Imago. p. 235-276.
- \_\_\_\_\_. (1927/1996). Fetichismo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. xxi. Rio de Janeiro: Imago. p. 151-162.
- \_\_\_\_\_. (1930/1996). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. xxi. Rio de Janeiro: Imago. p. 67-150.
- Heartney E. (2007). Cindy Sherman: the polemics of play. In: E. Heartney; H. Posner; N. Princenthal; S. Scott. *After the revolution: women who transformed contemporary art*. New York: Prestel Verlag, p. 168-187.
- Lacan J. (1964/1998). O Seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marcadé B. (1995). Le devenir-femme de l'art. In: *Fémininmasculin – Le sexe de l'art*. Catálogo de exposição homônima ocorrida de 24 out. 1995 a 12 fev. 1996 no Centre National d'Art et de Culture Georges Pompidou. Paris: Gallimard / Electra, Éditions du Centre Georges Pompidou.
- Mulvey L. (2006). A phantasmagoria of the female body. In: *Cindy Sherman*. Paris: Flammarion, p. 284-303.
- Pacheco e Silva N. (2002). *Objetos sedutores*. Dissertação de mestrado. Departamento de Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ribeiro A. M. (2008a). Cindy Sherman: sobre o feminino, *Psyche*, n. 22, São Paulo, p. 35-54.
- \_\_\_\_\_. (2008b). O grotesco, o estranho e a feminilidade na obra de Cindy Sherman, *Ide*, n. 47, São Paulo, p. 88-93.
- \_\_\_\_\_. (2008c). Ampliações do feminino. In: S. L. Alonso; D. M. Breyton; H. M. F. M. Albuquerque (orgs.). *Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Escuta / Instituto Sedes Sapientiae, p. 23-37.
- \_\_\_\_\_. (2009). Nazareth Pacheco e o corpo, *Concinnitas*, n. 14, Rio de Janeiro, p. 104-119.

\_\_\_\_\_. (2010). Da perversão à sublimação: algumas estratégias das artes visuais para a criação de lugares de subjetivação e presença de obra nas bordas do corpo e do feminino. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IPUFRJ.

Vernant J.-P. (1991). A morte nos olhos – figuração do Outro na Grécia Antiga: Ártemis e Gorgó. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Villemur F. (2006). Trouble de genres en vue: Cindy Sherman. In: M. Camus (org.). *Création au féminin – vol. 2 : arts visuels*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, p. 57-67.

### Artists, places and possible works

**Abstract** The idea of “absence of work” comes from modern humanistic Psychiatry. The author applies it to visual arts, because in them the “work of art” can be excluded from the field of art. In such conditions, what happens to subjectivity? This paper is the first of a two-part series where Monachesi examines works by artists Nazareth Pacheco, Cindy Sherman and Marina Abramovic. For her, the body and the feminine are “places” where it is still possible “to do work”, or, in other words, to become a subject.

**Keywords** subjectivation; body; feminine; Psychoanalysis and art; perversion; sublimation.

**Texto recebido:** 01/2011

**Aprovado:** 09/2011



# Zygmunt Bauman

## A certeza da incerteza

**Realização** Andrea Carvalho, Bela M. Sister, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Susan Markuszower

**Tradução** Susan Markuszower

**Revisão** Caia Fittipaldi, Renato Mezan

Um dos pensadores mais lidos na atualidade, Zygmunt Bauman tem contribuído para reflexões importantes nos mais diversos campos do conhecimento: da sociologia à política, da psicanálise à filosofia, da ética à estética... Sociólogo de formação, Bauman procura compreender a comunicação e as relações entre os homens acreditando ser possível a sua transformação.

O pensamento não muda o mundo, mas pensar o mundo é fundamental, pois a partir dele podem-se extrair princípios para uma possível intervenção social. E é preciso intervir. A sociedade sempre pode e deve ser melhor. “Existe a beleza e existem os humilhados. Quaisquer que sejam as dificuldades dessa tarefa, jamais gostaria de ser infiel, seja a estes, seja àquela”<sup>1</sup>. Inspirado em Camus, esta é a ética que perpassa a obra de Bauman, também muito influenciada pelas questões morais da filosofia de Lévinas.

Nascido na Polônia em 1925, teve que se refugiar aos quatorze anos de idade, junto com sua família de origem judaica, devido à invasão nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Foram para a Rússia soviética, onde Bauman estudou e mais tarde se engajou numa unidade militar. Ao final da guerra, retornou à Polônia, completando seus estudos na Universidade de Varsóvia, onde passou a lecionar.

Em 1968, numa onda antissemita do governo polonês, bauman teve livros e artigos censurados e ainda foi afastado da Universidade. Suas ideias e sua ascendência judaica não agradavam às autoridades então dominantes, assim como a de muitos outros intelectuais. Novo exílio. Foi para Israel, onde por três anos lecionou na Universidade de Tel Aviv. Depois, convidado como professor

<sup>1</sup> Bauman sobre Bauman, p. 52.

titular pela Universidade de Leeds, mudou-se para a Inglaterra, onde reside até hoje.

Apesar das dificuldades e sofrimento devidos à condição de ser estrangeiro, Bauman é grato às contrariedades vividas em sua história, pois considera que foi essa condição que lhe proporcionou a oportunidade de um pensar mais livre, aprofundado e criativo.

Foi com extrema rapidez e simpatia que Bauman concordou em conceder uma entrevista para Percurso via e-mail. Quando enviamos nossas perguntas, em maio de 2011, estava em viagem pela Europa, dando palestras em diferentes países, com pouco tempo para se debruçar sobre elas, mas, mesmo assim, nos intervalos de que dispunha, foi respondendo uma a uma, enviando-as em blocos, até finalizá-las.

Voltado para as questões da sociedade contemporânea, Bauman revela-se um intelectual perspicaz e sem restrições, que transita com a mesma seriedade e o mesmo olhar crítico sobre os mais diferentes autores e temas.

Para ele não existe sociologia neutra, e não abre mão de seus valores humanitários no emaranhado da sociedade “líquida”, como prefere chamar a sociedade pós-moderna em que vivemos. O termo “líquido” é um de seus conceitos mais conhecidos, adotado para nomear a sociedade pós-moderna, e diferenciá-la da modernidade, sólida. Metáfora da fluidez do mundo contemporâneo globalizado: um mundo movido pela força da mudança e liquidez, dominado pelos fenômenos de massa e de consumo, que de maneira incessante transformam os padrões políticos e econômicos. Mundo que volatiliza os valores tradicionais e os padrões culturais da sociedade, transformando a configuração das relações humanas.

O individualismo, o medo, a incerteza e a desconfiança dominam os tempos de hoje!

A aposta na maior liberdade individual em detrimento da segurança coletiva constitui, para Bauman, a principal fonte do mal-estar atual, e aqui podemos observar como ele acompanha as ideias de Freud em Mal-estar da civilização, invertendo sua direção, e reconhece sua “dívida” para com o fundador da Psicanálise.



*o termo “líquido” é um de seus conceitos mais conhecidos, adotado para nomear a sociedade pós-moderna, e diferenciá-la da modernidade, sólida*

Estudioso do Holocausto, aponta como este fenômeno só poderia ter acontecido, da forma como aconteceu, na modernidade. Racionalidade, controle, busca da ordem etc. são ideais que levam ao autoritarismo. E o Holocausto se deu em sua forma mais burocrática possível. Mas o fato de ele ter tido todas as condições para acontecer não quer dizer que fosse inevitável, assim como o fato de ter acontecido não implica que não possamos vivê-lo novamente. Está aí um alerta!

Foi com seu livro Modernidade e Holocausto que recebeu, em 1989, o prêmio Amalfi; e, em 1998, o prêmio Adorno, pelo conjunto de sua obra.

É admirável sua contínua produção intelectual, e entre os inúmeros livros publicados em português, todos pela Jorge Zahar Editor, podemos mencionar, além de Modernidade e Holocausto (1998), O mal-estar da pós-modernidade (1998), A sociedade individualizada (2001), Amor líquido (2004), Medo líquido (2006), Vida para consumo (2008), Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos (2010), Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester (2011).

Ao pensar o mundo em que vivemos, procurando entender o discurso social contemporâneo, Bauman fornece a nós, psicanalistas, instrumentos importantes que nos permitem refletir sobre as novas formas de subjetivação e patologias psíquicas na atualidade. Que o leitor possa fazer bom proveito desta entrevista!

BELA M. SISTER



*incomodado por entrevistadores, expressava meus insignificantes pensamentos que algum dia já foram iconoclastas, muito frequentemente via e pensava apenas em ícones destinados a ser esmigalhados pela vergonha e pelo remorso*

**PERCURSO** Em 1957, o senhor publicou seu primeiro livro. Desde então sua produção tem sido grande e já há algum tempo o Sr. tem publicado um ou mais livros por ano. Qual é a importância da escrita em seu pensamento, em sua obra e em sua vida? Para quem o Sr. escreve?

**BAUMAN** José Saramago, do meu ponto de vista um dos maiores escritores do nosso tempo, escreveu nos seus diários quando pressionado, como eu agora por vocês, o significado do trabalho de toda sua vida. Resumi o seguinte: “o pequeno número de coisas apreciáveis que falei na minha vida não teve absolutamente nenhuma consequência, afinal das contas. E por que teria que ter alguma consequência?”

Conheço essa dor: apesar de não estar à altura da grandiosa obra de Saramago, meus sentimentos eram surpreendentemente semelhantes: quando eu, incomodado por entrevistadores, expressava meus insignificantes pensamentos que algum dia já foram iconoclastas, muito frequentemente via e pensava apenas em ícones destinados a ser esmigalhados pela vergonha e pelo remorso mas, em vez disso, retornavam menos pomposos e mais autoconfiantes que outrora. Saramago pergunta: “Falamos pelo mesmo motivo que transpiramos? Apenas por isso?” Suor, como sabemos, rapidamente evapora ou é lavado e “mais cedo ou mais tarde termina nas nuvens”. Talvez as palavras, a seu próprio modo, tenham o mesmo destino. E, nessa ocasião, Saramago lembrou o seu avô, que, nas últimas horas de sua

vida, se despediu das árvores que tinha plantado. Ele as abraçava e chorava porque sabia que não iria mais vê-las. É uma lição que vale a pena ser aprendida. Assim, eu abraço as palavras que escrevi, desejo-lhes uma vida longa e retomo minha escrita onde a tinha deixado. Ele acrescenta: “Não pode haver outra resposta”. Sinceramente, eu concordo.

Ao receber o prêmio Príncipe de Astúrias, tentei explicar, mais para mim mesmo do que para os outros, para quem e com qual propósito escrevo. Há muitos motivos que me deixaram profundamente agradecido pela honra que me foi concedida, mas, entre esses motivos, o mais importante talvez tenha sido o fato de que minha obra tem sido classificada como parte da área de Humanas e como um esforço relevante para a comunicação humana. Durante toda a minha vida tentei praticar a sociologia conforme meus dois professores de Varsóvia, Stanislaw Ossowski e Julian Hochfeld, tinham me ensinado sessenta anos atrás. Eles me ensinaram a tratar a sociologia como uma disciplina do campo das Humanas cujo único, nobre e magnífico objetivo é capacitar e facilitar a compreensão humana e o contínuo diálogo inter-humano.

Isso me leva a pensar em outro motivo crucial da minha alegria e gratidão, naquela ocasião: a honra que me foi concedida pela minha obra ter vindo da Espanha, a terra de Miguel de Cervantes Saavedra, o autor do maior romance jamais escrito e, graças a esse romance, também o pai fundador das humanidades. Cervantes foi o primeiro a realizar aquilo que todos nós que trabalhamos na área de humanas tentamos, apenas com sucesso parcial e dentro de nossas capacidades limitadas. Como disse outro romancista, Milan Kundera, Cervantes mandou Don Quixote arrancar as cortinas remendadas junto com mitos, máscaras, estereótipos e preconceitos. Cortinas que cobrem firmemente o mundo que habitamos e que lutamos para compreender – mas essa luta está destinada a ser em vão enquanto não levantarmos ou arrancarmos a cortina. Don Quixote não foi um conquistador, foi conquistado.



*temos o interessante caso de Frank Cushing, que lutou para descrever a vida e a visão de mundo da tribo indígena Zuni. Este admirável antropólogo tentou manter-se leal à construção linguística desse povo*

Na sua derrota, como Cervantes nos mostrou, ele elucidou que “tudo que podemos fazer frente a essa inescapável derrota chamada vida é tentar compreendê-la”. Essa foi a grande e memorável descoberta de Miguel de Cervantes; uma vez feita, jamais poderá ser esquecida. Todos nós do campo das humanidades seguimos a trilha que essa descoberta nos apresentou. Graças a Cervantes estamos aqui.

Arrancar a cortina, compreender a vida. O que isso significa? Nós, humanos, preferiríamos habitar um mundo ordenado, limpo e transparente, em que o bem e o mal, a beleza e a feiura, a verdade e a mentira se encontrassem nitidamente separados um do outro e jamais se misturassem, para podermos ter certeza de como são as coisas, aonde ir e como proceder. Sonhamos com um mundo onde julgamentos e decisões possam ser feitos sem o árduo trabalho da compreensão. É desse nosso sonho que as ideologias nascem – estas cortinas cerradas que impedem o olhar pela falta de visão. Étienne de la Boétie chamou nossa inclinação para a impotência de “servidão voluntária”. Cervantes indicou uma trilha distante dessa servidão para seguirmos, ao apresentar o mundo em toda sua realidade nua e crua, ao mesmo tempo desconfortável, mas libertadora: realidade da multiplicidade de significados e da carência irremediável de verdades absolutas. É nesse mundo, num mundo onde a única certeza é a certeza da incerteza que somos obrigados, repetidas vezes sem conclusão, a tentar entender a nós mesmos e aos outros para poder comunicarmos e assim viver com o outro e para o outro.

Esta é a tarefa que as Humanidades se propõem se desejamos nos manter fiéis à herança de Miguel de Cervantes Saavedra.

**PERCURSO** No livro *O mal-estar da pós-modernidade*, o Sr. relata que o fato de ter escrito alguns capítulos originalmente em polonês teve uma significação especial. Qual foi mais exatamente esta significação?

**BAUMAN** Línguas não apenas diferem em vocabulário e gramática: cada língua cria um universo

particular, com pontes e limites semânticos desenhados e mapeados de formas diferentes que pré-determinam e prescrevem uma única *Lebenswelt* – o mundo como é percebido e vivido. Nenhuma tradução interlínguas pode aniquilar ou compensar completamente essas diferenças. Toda e qualquer tradução oscila afrita entre a *Cilas* da distorção e a *Caribdis*<sup>2</sup> da incompreensão.

Temos o interessante caso de Frank Cushing, que lutou para descrever a vida e a visão de mundo da tribo indígena Zuni. Este admirável antropólogo tentou manter-se leal à construção linguística desse povo, ao mesmo tempo permitindo que seus colegas antropólogos de língua inglesa pudessem compartilhar seus escritos. Cushing foi um perfeccionista e, quanto mais fundo mergulhava no mundo Zuni, mais errôneas considerava as suas próprias interpretações. Ele não descansou enquanto não foi completamente aceito como um integrante pelos Zunis, conforme documentado através de sua nomeação para o sacerdócio do Arco-íris, o cargo mais alto da hierarquia religiosa do povo Zuni. Entretanto, desde aquele momento, Cushing não acrescentou mais uma palavra à extensa lista de seus relatos antropológicos.

Na passagem de um universo linguístico para outro, na meia idade, uma perplexidade como a de Cushing não é improvável. Viver em dois universos linguísticos não é suficiente para permitir um transplante, ileso e domesticado, de um pensamento que foi concebido e criado num





*o papel de estrangeiro exige  
a aprendizagem de habilidades  
de convivência, muito  
mais baseada em um novo desenho  
do que no hábito automático,  
trivial e inquestionável*

desse universos para o outro. Inevitavelmente algo será arranhado, deformado ou perdido na tradução, um mau presságio para a intenção de compartilhar as riquezas de conteúdo e limites de cada língua. Ironicamente, quanto mais fundo o sujeito mergulha em cada uma das línguas confrontantes, mais intensamente perceberá a impossibilidade de uma tradução completamente fiel. Isto, pelo menos, é a minha experiência adquirida na mudança, na meia idade, do polonês para o inglês na escrita e no pensamento.

Sem a possibilidade de absorver e mesclar os dois universos, tentei (e continuo tentando) ganhar, no caso do inglês, e conservar, no caso do polonês, acesso à impossível pureza de cada uma. Provavelmente, pensava nisso ao observar que a articulação dos meus “rascunhos” escritos em polonês, acumulados durante meu exílio de mais de vinte anos da língua polonesa, tinham um significado especial para mim.

**PERCURSO** Através de sua história pessoal, mas também de tudo o que o Sr. desenvolve sobre a experiência humana, como o senhor pensa a condição do estrangeiro?

**BAUMAN** Sou grato aos meandros da História por ter me colocado na condição e no modo de

“estrangeiro”. Este é o tipo de condição que força o sujeito a fazer questões sobre a realidade que jamais ocorreriam aos “nativos”. Para estes a realidade é familiar demais para ser notada, sem necessidade de averiguação. O papel de estrangeiro exige a aprendizagem de habilidades de convivência, muito mais baseada em um novo desenho do que no hábito automático, trivial e inquestionável; ao mesmo tempo um handicap e uma vantagem para os “nativos”. Ambos – a condição e o papel do estrangeiro – são fonte de desconforto e agonia consideráveis, mas ao mesmo tempo uma oportunidade verdadeiramente única para o descobrimento e a criação. Tomando emprestado uma distinção memorável de Heidegger, estes forçam enormes partes da realidade (incluindo a realidade subjetiva de si mesmo) do status *zuhanden* (“dado na mão”, sem causar problemas e por isso não chamando atenção) para o modo *vorhanden* (distante e saliente, chamando atenção, tornando-se um problema a ser resolvido). E assim, repito: sou grato ao destino por me permitir fazer uma autópsia da condição e do papel de “estrangeiro” a partir de todas as suas facetas: um exilado, um refugiado, um “emigrante interno”, um *alien* – enfim, um estranho.

Duvido que as minhas investigações a respeito da infinita multiplicidade e variabilidade de interpretações a respeito da estranheza, que constituem a coluna vertebral e tema recorrente da minha obra ao longo dos últimos trinta anos, pudessem ser empreendidas se não fosse esse capricho do destino.

**PERCURSO** O Sr. cita Freud em diversos de seus textos. Como surgiu seu interesse pela Psicanálise? Que papel a Psicanálise ocupa em suas reflexões?

**BAUMAN** Vocês podem discordar de mim e provavelmente estarão certos, mas, do meu ponto de vista e de acordo com a lógica biográfica, a minha maneira de pesquisar e pensar é uma variedade sociológica da psicanálise ou o resultado dos desdobramentos da estratégia freudiana de investigação no estudo do social. Eu chamo

2 A expressão “Entre Cilas e Caribdis” equivale, entre outras, a “Entre a cruz e a espada”, no sentido de evitar um perigo e cair em outro. Alude também à *Odisseia* de Homero, onde Ulisses transpôs vários perigos para retornar à cidade de Ítaca, como passar com seu navio por Caribdis (um turbilhão) e Cilas (um rochedo), considerados grandes monstros marinhos na mitologia grega.



*vivemos nesses tempos  
numa cultura que tem como foco  
e que pressiona para evitarmos o  
incontrolável e controlarmos  
o inevitável – e que promete  
que o controle é possível*

minha maneira de fazer sociologia de “hermenêutica sociológica” – ou seja, desconstruindo e explicando os pensamentos e os atos humanos como sendo em grande parte reflexos inconscientes do ambiente social e da série de opções estratégicas definidas por esse ambiente e, vice-versa, considero a psicanálise de Freud “hermenêutica psicológica”.

Essa é minha principal e crucial dívida com Freud. Mas há também outras dívidas, por exemplo, a inspiração que obtive do seu inventário *Das Unbehagen in der Kultur* (“O mal-estar na civilização”), quando desenvolvi meu próprio modelo de modernidade e sua transformação posterior. Ou a ajuda que encontrei na ideia de Freud a respeito da incongruência do mandamento “amar o próximo”, para desenredar a dialética da mixofilia *versus* mixofobia<sup>3</sup>. Por último, a consideração, na obra de Freud e de outros analistas, a respeito do tratamento visto muito mais como um diálogo contínuo e principalmente inconcludente, do que como um atalho para uma verdade final, definida e autorizada.

**PERCURSO** O Sr. considera que a maioria das fantasias de um “mundo bom” foram verdadeiramente antimodernas. O Sr. diz que, segundo Freud, a modernidade foi dirigida por Tântatos. A seu ver, qual é a importância do conceito de pulsão de morte para o pensamento contemporâneo?

**BAUMAN** Vivemos nesses tempos numa cultura de *carpe diem*... Uma cultura que tem como foco e que pressiona para evitarmos o incontrolável e controlarmos o inevitável – e que promete que o controle é possível (enganando, como ela faz) e que as ferramentas para esse controle podem ser projetadas, adquiridas e arranjadas... Mas, no caso da morte, praticar essa estratégia é muito mais difícil do que em todos os outros casos imagináveis. E assim, as pegadas de Tântatos estão ainda mais evidentes e presentes em nossa vida do que na época de Freud – apesar de estarem mais habilmente disfarçadas e terem sido laboriosamente diluídas. Afinal, os trabalhos de Tântatos são ao mesmo tempo inevitáveis e in-

-controláveis; no fim, a impossibilidade de controlar pode ser quase controlada pelo duplo estratagema da desconstrução e da banalização. Por meio da desconstrução, o destino, essencialmente incontrolável, é dividido numa enorme quantidade de tarefas aparentemente controláveis (como, por exemplo, exercitar-se, evitar comida não saudável, não fumar e uma grande quantidade de outras preocupações, que consomem tempo e atenção) e raramente revela sua face inevitável, se alguma vez a revela, por meio da banalização: o terrível lado inevitável da última separação e da morte de tudo é tão comum e frequentemente demonstrado e repetido, que o único e verdadeiro fim, “final e irreversível”, a própria morte, encontra-se, por assim dizer, “escondido na luz” – fora de vista –, se não para sempre, pelo menos ao longo da vida... Separação, morte, desaparecimento, retirada, remoção, exclusão, eliminação de coisas animadas e inanimadas aparecem abundantemente em todo e qualquer *Reality show* e são praticadas diariamente, em cada experiência pessoal, num mundo de vínculos sociais eminentemente frágeis e passageiros; de mercados voláteis de trabalho, de objetos de desejo sempre novos e sempre cada vez mais rapidamente velhos; e o colapso de compromissos da lealdade de longo prazo (sem falar da lealdade incondicional) com tudo e todos... Podemos dizer que essas estratégias de resistência marcam o último, embora oblíquo, triunfo de Tântatos: já não mais restrito ao último momento



*para começar: a moralidade  
é, inicialmente, atenção e respeito  
pelo Outro, assumindo responsabilidade  
pelo bem-estar e dignidade humana  
do Outro*

para o qual a vida implacavelmente leva, ele agora conquista e coloniza toda a vida...

Novidade? Nem tanto... “Encha a barriga de coisas boas; dia e noite, noite e dia, dance e alegre-se, festeje e divirta-se. Use roupas limpas, tome banho, seja carinhoso com a criança que segura sua mão e faça sua mulher feliz com seu abraço” – assim falou Siduri, preparadora de vinho, para Gilgamesh, mais de *quatro mil anos atrás*, depois de tê-lo prevenido de que a sua expedição à terra da imortalidade estava condenada, porque “quando os deuses criaram o homem, deram-lhe o atributo da morte”.

“Irei para o país onde se derruba o cedro. Escreverei meu nome onde foram escritos os nomes de homens famosos, e, onde nenhum nome de homem foi escrito, erguerei um monumento aos deuses. Por causa do mal que há na terra, iremos para a floresta e destruiremos o mal” – essa foi a resposta de Gilgamesh a Enkidu, seu amigo querido e companheiro, que se queixava de que “o choro da dor gruda na minha garganta, estou oprimido pela indolência”.

Essas são as primeiras duas respostas humanas, registradas, à descoberta pelo homem de sua

inevitável mortalidade (ainda em escrita cuneiforme – mil e quinhentos anos antes de Homero compor a *Iliada*). Desde então, não se encontrou uma terceira resposta.

**PERCURSO** Segundo o Sr., uma das grandes lições do Holocausto para a humanidade estaria no fato de que não existe necessariamente uma relação direta entre a razão e a moralidade. A partir de que perspectiva o Sr. pensa a moralidade? O que determinaria que os atos humanos pertençam ao campo da moralidade ou possam ser considerados imorais?

**BAUMAN** Como vocês certamente devem saber, minha fenomenologia da moralidade é proveniente de Emmanuel Lévinas. Aprendi de Lévinas que a incerteza existencial, longe de ser um inimigo ou um obstáculo para o comportamento moral, é, ao contrário, a terra natal da moralidade.

Para começar: a moralidade (aquela consequência de “comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”, um dos documentos mais antigos da conturbada história da humanidade) é, inicialmente, atenção e respeito pelo Outro, assumindo responsabilidade pelo bem-estar e dignidade humana do Outro. A natureza necessária ou obrigatória desse respeito por um-Outro, como os demais mandamentos morais, não pode ser “provada” em discurso. O respeito pelo Outro é um valor e, como outros valores, só se pode construir um “caso” e argumentar a favor do valor e tentar convencer aqueles que escutam, apelando à sensibilidade e à consciência moral que já existe neles, dos méritos dos valores, para persuadi-los a adotar e aplicar os valores, quando escolherem sua própria atitude em relação a outros seres humanos.

Nesse trabalho de persuasão, não se pode nem contar com e nem recorrer a argumentos empíricos ou credenciais que autorizam. Se, por exemplo, para persuadir alguém a respeitar outras pessoas, diz-se que a maioria das pessoas tende a aprovar esse tipo de atitude, não se está apelando à consciência moral, mas ao instinto

3 Termos usados por Bauman em seu livro de ensaios *Confiança e medo na cidade* (Relógio d'Água, Lisboa, 2006) para se referir a padrões de interação social em que existe uma forte propensão a mistura, aceitação e valorização da alteridade e das diferenças (mixofilia); e seu contrário, o temor de estar em copresença física com desconhecidos, que representam um perigo, e são vistos como desclassificados, o que conduz à recusa de contato e à reclusão desses “estranhos” (mixofobia).

de manada. Se, tentando convencer a respeitar, se diz que quem respeitar será recompensado com o respeito dos outros, apela-se a um interesse egoísta de ganhos pessoais: um tipo de interesse que raramente coincidirá ou se conciliará com impulsos morais. Se, por outro lado, quem exige respeito e atenção a um-Outro diz tratar-se de um *mandamento* de um ser superior com indomável força, e que, dada a diferença de poder entre quem ordena e quem recebe a ordem, confere um custo inaceitável àquele que desobedece. Neste caso, se estará apelando ao instinto egoísta de sobrevivência e não ao interesse pelo bem-estar de outros, que é atributo de qualquer atitude moral. Como bem observou Albert Camus, nada há de mais detestável que o respeito suscitado pelo medo.

Repetindo: só posso aprovar, elogiar e recomendar que se respeite e que se dê atenção a outros seres humanos e não posso provar que respeito e atenção sejam algum tipo de “dever” ou de “obrigação”, ou algum tipo de conclusão necessária, ou decisão inevitável e inescapável. Necessidade e inevitabilidade pertencem ao vocabulário da razão e estão fora de lugar no discurso da moralidade.

Para falar em atitude moral, cuja espinha dorsal, de acordo com Immanuel Kant, é exatamente o respeito pelo Outro enquanto sujeito dotado de autonomia, razão e vontade – eu tenho de renunciar aos instrumentos costumeiramente usados em seminários acadêmicos, como causa e efeito, inevitabilidade ou determinação, correto ou incorreto, norma e exceção.

Quando Emmanuel Lévinas insiste que a ética antecede a ontologia, ele nega à ética o direito de recorrer à forma de autopromoção que a ciência facilmente adota. A ética não é superior à ontologia porque carregaria alguma verdade incontestável (sua conformidade com a realidade), mas porque a ética é *melhor* que a realidade (“melhor” é um termo corriqueiro no campo da ética, mas é noção estranha à ontologia). Mas Lévinas acrescenta imediatamente: não se depreende do fato de que seja responsável por você e você por



*para Kant, com seu imperativo  
categórico, respeitar  
um outro ser humano é,  
para nós, sujeitos dotados  
de razão, uma necessidade  
inevitável – ponto final*

mim, que eu ou você assumamos sempre e sem faltas, as nossas responsabilidades. Chamados à responsabilidade e ao respeito podem cair em ouvidos surdos ou tapados e ficarem no ar. Nesse ponto, Lévinas e Kant têm opiniões radicalmente diferentes.

Para Kant, com seu imperativo categórico, respeitar um outro ser humano é, para nós, sujeitos dotados de razão, uma necessidade inevitável – ponto final. Ao mandamento bíblico “ama teu próximo como a ti mesmo” Kant acrescenta o *imprimatur* da Razão: faça sua própria regra com o que você deseja que fosse norma obrigatória universal; em outras palavras – *não faça com os outros o que não deseja que façam com você*. Se você prefere ser tratado como sujeito e não como objeto (como você certamente deseja), trate os outros como sujeitos. Se você não quer ser instrumento servindo a objetivos de outros (como você certamente não quer), não trate os outros como se fossem suas ferramentas; se você quiser ser amado (como você certamente quer), ame aqueles cujo amor você deseja – e respeite aqueles por cujo respeito você anseia.

O imperativo categórico extrai o seu poder de persuasão explícita ou tacitamente do princípio da *reciprocidade*, a antecipação de que os outros tratarão você como você os trata e farão a você o que você fizer a eles.

Resumindo: na filosofia de Kant, o respeito e, em termos mais gerais, o comportamento moral são considerados transações de troca. Quando





*a responsabilidade necessita  
e tende a ser redescoberta  
repetidas vezes,  
em cada encontro  
com um-Outro, ou mesmo  
em etapas sucessivas  
desse encontro*

se oferece respeito, como em qualquer intercâmbio antecipado, espera-se equivalência da mercadoria trocada. O intercâmbio ideal é *simétrico*; o mais notável símbolo de um intercâmbio justo é uma balança perfeitamente equilibrada.

Para Lévinas, pelo contrário, a moralidade é uma relação definitivamente assimétrica. A minha responsabilidade está sempre um passo à frente da sua. Eu sempre-já sou responsável por você, eu sou responsável antes que me torne (e independente de tornar-me) consciente disso e certamente antes de começar a ruminar sobre qual conduta devo/preciso escolher para seguir. Questões como “O que há aí para mim?”, “Quanto esforço e sacrifício isso vale que eu faça?”, “Posso esperar que eles correspondam às minhas iniciativas, com resposta similar?”, justificadas conforme as sugestões do imperativo categórico do Kant, não têm lugar no pensamento inspirado na “responsabilidade incondicional” de Lévinas. Minha responsabilidade por você não é da categoria de *amitia* ou *filia*, que pressupõe a simetria na relação – mas da categoria de *ágape*: é uma responsabilidade do forte pelo fraco, do agente com mais recursos por alguém com menos recursos, de alguém irrestrito em suas escolhas por alguém desprovido de escolhas. Responsabilidade por um-Outro não é a responsabilidade em face a um superior, chefe, comandante, distribuidor de tarefas ou opressor. Aquele “outro” por quem me sinto responsável não possui poder sobre mim, não pode mandar em mim ou me forçar a fazer

algo; nem pode me punir por desistir ou negligenciar minhas responsabilidades. Ele(a) manda em mim, de certa forma, por sua fragilidade e pelo silêncio não obstrutivo de sua presença...

Como esse tipo de responsabilidade é incondicional e não tolera exceções – Lévinas insiste – ele não dá detalhes, não menciona suas demandas com clareza.

Uma vez descoberta e reconhecida como tal (Lévinas chama esse momento de descoberta de “despertar”, “desembriagar-se”, “recuperar a visão” – todos os termos sugerindo a espontaneidade do evento e uma ruptura na continuidade), essa responsabilidade confronta o descobridor com a necessidade de preenchê-la com conteúdo. A descoberta da responsabilidade incondicional e sua aceitação são estímulos *para*, não determinantes *da*, exploração que se segue; leva à *busca*, apesar de não garantir o *achado* – e, sobretudo, não define o momento no qual se considera que a busca possa ter encontrado seu objetivo e, por esse motivo, ter chegado ao fim. Uma vez que a responsabilidade por um-Outro é reconhecida e aceita, ela descarrega sobre o *self* moral a carga da responsabilidade por interpretar os requerimentos práticos. Nada define esses requerimentos práticos *a priori*; e o significado que lhes seja atribuído *a posteriori* não tem as bases pelas quais possa ser considerado um preceito universalmente válido.

A descoberta de responsabilidade (como um acordar para o fato de já a estar carregando) não é um ato único que desencadeia uma corrente de eventos/empreendimentos dos quais é possível, de uma vez por todas, apoderar-se incondicionalmente. A responsabilidade necessita e tende a ser redescoberta repetidas vezes, em cada encontro com um-Outro, ou mesmo em etapas sucessivas desse encontro. Por isso lança o sujeito descobridor num estado crônico e talvez incurável de incerteza; que tende a crescer mais do que diminuir, na medida em que cresce a sequência das ações.

No universo da Lei, a ausência de um parágrafo equivale à ausência de um crime; no mundo da

Moralidade, no entanto, a ausência de parágrafos significa, pelo contrário, a *ausência de inocência* – ou pelo menos a impossibilidade de provar sua presença. Na falta de prescrições confiáveis e livres de ambiguidades para absolver alguém, nada que um sujeito moral faça oferece a certeza de que todos os aspectos da responsabilidade tenham sido, satisfatória e plenamente, cumpridos. O habitat natural da moralidade é o estado de subdefinição e subdeterminação crônica. A moralidade ganha voz quando e onde os imperativos da razão silenciam – ou quando e onde lhes é negada a voz: quando e onde a decisão de assumir responsabilidade pelo bem-estar, autonomia, integridade e subjetividade de um-Outro suspende a legitimidade e autoridade dos juízos da razão, e priva a Razão de suas credenciais e prerrogativas de Tribunal de Apelação – de uma autoridade que poderia ser consultada para indagar sobre as ações induzidas por um impulso moral.

**PERCURSO** O Sr. pensa o Holocausto como um genocídio propriamente moderno, no sentido de ter sido fiel ao espírito da modernidade, com seus sonhos de planejamento, racionalização e controle. Como esse espírito se faz presente hoje?

**BAUMAN** Na exploração da semelhança entre o projeto do Holocausto e o “espírito da modernidade” ou os preceitos do pensamento moderno, insisto em que, longe de ter sido um *blackout* momentâneo ou uma inversão do “processo civilizatório” e retorno à selvageria pré-moderna, o Holocausto foi produto totalmente legítimo do impulso moderno de domínio. De fato, o Holocausto só poderia ser concebível sob as condições modernas. Isso não quer dizer que, dadas as condições modernas, o Holocausto foi predeterminado e inescapável; mas quer dizer que a modernidade disponibilizou todos os recursos que o tornaram possível. O que encontrei no meu estudo é que o mal manifestado no *Holocaust Enterprise Inc.* foi muito mais racional do que banal. É a resposta para uma das receitas mais modernas de Max Weber: combinar os meios mais eficientes para um determinado fim... Indubita-



*longe de ter sido um blackout momentâneo ou uma inversão do “processo civilizatório” e retorno à selvageria pré-moderna, o Holocausto foi produto totalmente legítimo do impulso moderno de domínio*

velmente, Eichmann passaria em qualquer prova de racionalidade sem qualquer problema. Se Hitler tivesse ganhado a guerra, Eichmann talvez lecionasse no curso de Administração Científica em Cambridge ou Harvard. O Holocausto foi a Razão moderna em ação.

A Razão, a racionalidade instrumental e o cálculo racional foram promovidos pela modernidade ao nível mais alto de autoridade (talvez a única e última). Mas a razão é um posto de abastecimento de combustível para o poder. A razão é, em primeiríssimo lugar, uma fábrica de força (*Macht, pouvoir*). O poder é definido como a capacidade do sujeito para alcançar objetivos apesar da resistência, seja a resistência da matéria inerte ou dos diversos objetivos almejados pelo sujeito. “Ser forte” significa, em outras palavras, ter capacidade para superar a inércia do objeto de ação, ou para ignorar as ambições de outros *dramatis personae* (para desfrutar, para gozar a subjetividade e a efetiva intencionalidade únicas, no drama de muitos atores, e dessa forma reduzir os demais sujeitos ao *status* de objetos de ação ou de pano de fundo neutro). Justamente devido à natureza de ambos, força e poder são assimétricos (fica-se tentado a dizer: assim como a natureza odeia o vácuo, o poder odeia a simetria). O poder não une e não nivela (nem por cima, nem por baixo) as diferenças; o poder divide e se opõe. O poder é inimigo jurado da simetria, da reciprocidade e da mutualidade. A força do poder consiste em sua potência para manipular



a síndrome de Nagasaki,  
como Anders sugeriu, significa  
que “o que foi feito uma vez pode ser  
feito novamente com cada  
vez menos restrições”

probabilidades, diferenciar possibilidades, assim como potencialidades e oportunidades: as divisões resultantes são seladas e as desigualdades de distribuição imunizadas contra o desacordo e as apelações daqueles que se encontram na ponta receptora da operação.

Em resumo, o poder e a força para agir, a produção e a manutenção do que estão chamando de razão equivalem a uma rejeição explícita ou à ignorância, na prática, do que torna categórico o imperativo kantiano, como Nietzsche manifesta em tom pungente:

O que é bom? – Tudo que aumenta, no homem, a sensação de poder... O que é mau? Tudo que vem da fraqueza... Os fracos e os malogrados devem perecer: primeiro princípio de nosso amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso. [...] O que é mais nocivo que qualquer vício? – A ativa paixão por todos os malogrados e os fracos [...]⁴.

4 Orig. *The Antichrist* [1888], Prometheus Books, 2000, p. 4. Em português, em F. Nietzsche, *O Anticristo*, in *O Anticristo e ditirambos de Dionísio*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

5 Orig. *Ecce Homo* [1888], Penguin Books, 1979, p. 97. Em português, disponível em <[http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche\\_friedrich\\_ecce\\_homo.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_ecce_homo.pdf)>.

6 Orig. *Thus spoke Zarathustra* [1883/1885], Penguin Books, 2003, p. 204. Em português, disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/zara.pdf>>.

7 Ver Günther Anders, *Wir Eichmannsöhne* [1964, 1988] (Nós, filhos de Eichmann), aqui citado da edição em francês, *Nous, fils d'Eichmann*, Paris, 2003, p. 47.

“Conheço a alegria na destruição”. Nietzsche, para muitos o mais importante porta-voz do espírito moderno, admitiu orgulhosamente: “Além do mais, sou um destruidor *par excellence*”⁵. Várias gerações de outros “destruidores *par excellence*”, armados para transformar as palavras em carne (mais exatamente, para fazer as palavras *matarem* a carne), que trabalharam duro para tornar a visão de Nietzsche realidade, puderam inspirar-se nele – e muitos o fizeram. Encontrariam a absolvição para suas intenções no conselho de Nietzsche para ajudar os fracos e incapazes a perecer. Como diz Zarathustra, porta-voz autorizado e plenipotenciário de Nietzsche: “Meu maior perigo está sempre na condescendência e indulgência; e toda a humanidade quer ser indulgida e sofrida”⁶. *Vere dictos* da Natureza só podem ser remendados, a destruição por conta e risco de quem os remenda. Para evitar a destruição, os seres humanos têm de ser libertados: os nobres e fortes da piedade, da compaixão, da consciência de culpa (injusta) e de *escrúpulos* desnecessários; e os humildes e modestos, da *esperança*.

O horror do Holocausto tornou nosso mundo moderno mais seguro? Para responder a essa questão, vale a pena voltar nossos olhos novamente para o estudo seminal – e por algumas décadas esquecido e negligenciado – de Günther Anders sobre a “síndrome de Nagasaki”⁷ – que para o autor teria potencial pleno e apocalíptico de causar o “globocídio”. A síndrome de Nagasaki, como Anders sugeriu, significa que “o que foi feito uma vez pode ser feito novamente com cada vez menos restrições”; em cada caso sucessivo, “cada vez mais casualmente, com cada vez menos deliberação, reflexão ou motivo”. A repetição da brutalidade não é apenas possível: ela é provável – “já que a chance de vencer a batalha para impedir a brutalidade vai-se tornando cada vez menor, e a chance de perdê-la aumenta”.

**PERCURSO** O Sr. estabelece uma diferença entre os mal-estares da Modernidade e da Pós-modernidade, ou Modernidade Líquida, como tem preferido dizer atualmente. No primeiro

caso, o mal-estar seria fruto da troca que o homem faz de uma parcela da sua liberdade por mais segurança. No segundo caso, existiria cada vez menos segurança e mais liberdade individual e, portanto, os mal-estares nasceriam da liberdade e não da opressão. Como pensarmos então a questão da liberdade e da tolerância em nossos tempos?

**BAUMAN** Embora o *insight* de Freud a respeito da natureza da civilização, com suas “trocas cambiais” (ceder um valor para salvar outro) e as consequências psicopatológicas concomitantes, seja tão válido hoje quanto na época da publicação de *Mal-Estar na Civilização*, a direção do valor da troca inverteu-se daquele momento para hoje: nós renunciamos a uma parcela importante da nossa segurança (*Sicherheit*, em Freud: quer dizer, uma combinação de segurança e proteção) em prol de liberdades mais amplas do que jamais houve. Assim, como só se pode obter um acréscimo em segurança se se reduzir a variedade das escolhas; também no campo da liberdade individual, com a expansão do império da liberdade, aumenta o grau de incerteza e de uma ansiedade difusa (não ligada a nada) e os sentimentos de humilhação, de auto-degradação, de ignorância e impotência que minam o ego. A origem dos maiores medos passou do horror da in-conformidade (não estar ‘em dia’ com as normas) para o horror da in-adequação (não estar ‘em dia’ com as oportunidades).

Mas, a meu ver, as trocas cambiais da civilização se movimentam mais como pêndulo do que em linha reta. Atualmente há inúmeros sintomas que se multiplicam e que indicam que o movimento do pêndulo mais uma vez se inverteu. Cada vez mais e mais pessoas parecem estar prontas a renunciar a algumas de suas liberdades, tão duramente disputadas, em troca de mais segurança, de mais certeza e estabilidade (genuínas ou supostas). A ampla popularidade de uma grande variedade de fundamentalismos é um dos principais sintomas desse processo.

**PERCURSO** Qual a sua opinião a respeito desse espaço relativamente novo de sociabilidade, a inter-



*os jovens que estão entrando  
ou se preparando para entrar  
no chamado “mercado de trabalho”  
foram criados para acreditar  
que a tarefa de suas vidas  
seria superar e ultrapassar as histórias  
de sucesso de seus pais*

net, que proporcionaria acesso mais democrático à informação e uma maior interação de culturas?

**BAUMAN** Não confundamos o mensageiro e a mensagem. Cada geração tem sua parcela de excluídos. Em cada geração, há pessoas que recebem o *status* de excluído, porque uma “troca de geração” deve significar mudanças significativas nas condições e exigências da vida, para forçar que as realidades partam das expectativas implantadas pelas condições de antes e desvalorizem as aptidões que antes foram treinadas e promovidas. Assim, sempre há alguns derrotados entre os recém-chegados. Geralmente são os menos flexíveis ou menos prontos a adaptar-se aos novos padrões e mal preparados para lidar com os novos desafios – desarmados para se defenderem das pressões. Entretanto, não é frequente que a condição de excluído atinja uma geração inteira. Mas talvez esteja ocorrendo agora...

Os jovens que estão entrando ou se preparando para entrar no chamado “mercado de trabalho” foram criados para acreditar que a tarefa de suas vidas seria superar e ultrapassar as histórias de sucesso de seus pais e que estariam completamente capacitados para tal (impedidos apenas em caso de eventual cruel golpe do destino ou de alguma insuficiência própria incurável). Por mais longe que os pais tivessem chegado, eles chegariam ainda mais longe. Seja como for, foram ensinados e doutrinados para acreditarem nisso.

Nada os preparou para a chegada a um mundo novo, difícil e inóspito, onde as conquistas





*esquadrões sucessivos  
de jovens significam  
um fornecimento perpétuo  
de “terras virgens”,  
não contaminadas, intactas  
e prontas para o cultivo*

acadêmicas e os méritos obtidos são desvalorizados, os empregos instáveis e todas as portas fechadas. Um mundo onde o emprego é volátil, o desemprego é persistente, as perspectivas são transitórias e a derrota é duradoura. Um mundo novo onde projetos são abortados e esperanças, frustradas, e onde as oportunidades só chamam a atenção pela ausência.

As últimas décadas foram tempos de expansão ilimitada de todas as formas de educação superior e de crescimento interminável da quantidade de estudantes. Um título universitário prometia um bom emprego, prosperidade e glória, volume sempre crescente de recompensas que crescia para acolher a oferta em expansão de novos graduados.

Com oferta e demanda ostensivamente pré-coordenadas, garantidas e praticamente automáticas, o poder de sedução da promessa foi irresistível. No entanto, agora, muitos dos seduzidos estão sobrando, praticamente despejados, em liquidação, quase que do dia para a noite, em multidões de frustrados. Pela primeira vez na história, a *categoria inteira de universitários* enfrenta praticamente a certeza de empregos precários, inseguros, de meio período, estágios mal remunerados, pseudoempregos – todos aquém das habilidades adquiridas e muitíssimo diferentes das expectativas. Os períodos de desemprego duram mais que o ano letivo, quando a próxima leva de recém-formados aparecerá para acrescentar seus nomes às já desesperadamente

longas listas de candidatos nas agências de emprego.

Vivendo numa sociedade capitalista como a nossa, engrenada em primeiro lugar para defender e preservar os privilégios restantes e em segundo lugar, bem distante do primeiro (e muito menos respeitado e atendido), para eliminar a miséria dos demais, os novos graduados, ricos de expectativas e pobres de meios, não têm a quem se dirigir para pedir assistência. Os governantes, estejam eles situados à direita ou à esquerda do espectro político, protegem agressivamente seu eleitorado já maduro contra os ainda frágeis e imaturos recém-chegados, até passadas as próximas eleições. Como todos nós, independentemente das particularidades de cada geração, tendemos ansiosamente a defender o nosso conforto contra as demandas de sustento das gerações ainda não nascidas...

“Os jovens já não são incluídos no discurso sobre a promessa de um futuro melhor, porque são cada vez mais vistos como um peso social. Em vez disso, são considerados parte de uma população descartável, cuja presença ameaça suscitar memórias coletivas reprimidas de responsabilidades adultas” – como disse Henry A. Giroux, num ensaio intitulado *Youth in the Era of Disposability*, de fevereiro de 2011.

Na realidade, os jovens não são completamente descartáveis... São salvos por um triz da total descartabilidade por parte dos adultos, pelo seu potencial para o consumo: esquadrões sucessivos de jovens significam um fornecimento perpétuo de “terras virgens”, não contaminadas, intactas e prontas para o cultivo, sem os quais a reprodução da economia capitalista, isso sem falar do crescimento econômico, seria inimaginável.

Os jovens são considerados e vistos como mais um mercado a ser explorado. “Através da força educacional de uma cultura que comercializa cada aspecto da vida das crianças, as companhias visam absorver os jovens num mundo de consumo de massa com intensidade jamais vista antes. Usando a internet e várias redes sociais, além das tecnologias das novas mídias,

como telefones celulares, as corporações visam mergulhar os jovens no mundo do consumo de massa por vias mais diretas e expansivas do que jamais se viu no passado”. Um estudo recente feito pela *Kaiser Family Foundation* descobriu que jovens entre oito e dezoito anos gastam mais de sete horas e meia por dia com *smart phones*, computadores, televisões e outros aparelhos eletrônicos. Há cinco anos, eram apenas seis horas e meia.

Podem-se acrescentar muitos dados aos que Giroux reuniu; há muitas evidências que indicam que “o problema da juventude” está sendo tratado em termos de “prospectar consumidores”, deixando todos os outros assuntos relacionados à juventude num patamar secundário ou completamente apagados da agenda política, social e cultural. De um lado, como já observei, hoje existem limitações severas aos subsídios governamentais para educação superior e aumento feroz nas mensalidades das faculdades. De fato, o estado lava as mãos de sua obrigação de “educar pessoas”, ostensivamente no caso das áreas de ponta e também indiretamente – como se vê na ideia de substituir o ensino secundário público por “academias” privadas – através de planos destinados a determinar o volume total de saberes e competências à disposição da nação e sua distribuição entre a população. Isso também é observável no interesse cada vez menor da juventude em ser a futura elite política e cultural da nação.

Por outro lado, o *Facebook* e outros “websites sociais” abrem novas perspectivas para agências interessadas em focar nos jovens e tomá-los como terras virgens a serem conquistadas e exploradas pelas tropas especializadas em estimular o consumo.

Graças à despreocupada e entusiástica autoexposição a milhares de amigos de internet e milhões de *flâneurs online*, os administradores de *marketing* podem alimentar o monstro do consumo com os desejos mais íntimos, pessoais e únicos já ardentes (articulados ou semiconscientes) ou desejos e quereres apenas projetados. O que aparecer agora na tela do *Facebook*



*jamais acuse o mensageiro  
daquilo que você considera ruim,  
triste e desagradável na mensagem  
que ele transmite. Mas tampouco o  
elogie pelo que considera  
bom e divertido*

será uma oferta *personal* especialmente preparada para você – oferta irrecusável, porque você não consegue resistir à tentação. Afinal, é o que você verdadeira e profundamente sempre precisou ter. Combina com sua “personalidade única” e o afirma claramente. Declara algo que você sempre quis que fosse confirmado, mostrando-lhe ser a personalidade única que você é. Isto é verdadeira novidade, se é que alguma vez houve novidade, na área do *marketing*.

Um outro ponto, como observou recentemente o diretor criativo da agência de propaganda Deutsch LA, Josh Rose: “A internet não rouba nossa humanidade, ela a reflete. A internet não entra em nós, ela mostra o que há dentro de nós”. E como isto está certo!

Jamais acuse o mensageiro daquilo que você considera ruim, triste e desagradável na mensagem que ele transmite. Mas tampouco o elogie pelo que considera bom e divertido... No fim, tudo depende daquele que recebe a mensagem, de seus gostos e desgostos, de seus sonhos e pesadelos, de suas esperanças e medos e se a mensagem lhe causa prazer ou desespero. O que se aplica às mensagens e mensageiros, embora as coisas sejam um pouco diferentes, também se aplica às ofertas pela internet e seus mensageiros – as pessoas que as mostram nas nossas telas e as trazem para nossa atenção. Nesse caso, são os serviços onde nós (os meio bilhão de usuários ativos de internet) colocamos essas ofertas que as tornam, junto com o impacto que têm em nossas



*usuários ligados em rede  
estão lá mais para se divertir,  
e nem sempre manifestam muita  
prontidão para ajudar, no caso  
de um problema não relacionado  
com o “foco de interesse”*

vidas, boas ou más, sadias ou prejudiciais. Tudo depende do que estamos procurando: as engenhocas técnicas tornam nossos desejos mais ou menos reais e nossa procura mais rápida ou mais lenta e mais ou menos eficiente...

Examinemos mais de perto essas ofertas. A primeira tem a ver com meios para escapar da solidão... Permitam-me citar mais uma vez as reflexões de John Rose: “Recentemente perguntei aos meus amigos de internet: *Twitter, Facebook, Four-square*... essas coisas estão aproximando ou distanciando você das pessoas? Recebi muitas respostas e parece que toquei num dos nervos expostos de nossa geração. Que efeito estão tendo a internet e as mídias sociais sobre nossa humanidade? De uma perspectiva externa, as interações digitais parecem frias e desumanas. É inegável. E indubitavelmente, dada a escolha entre abraçar ou ‘teclar’ alguém, eu penso que todos nós concordamos quanto a qual é a mais agradável. A essência das respostas à minha pergunta no *Facebook* parece ter sido resumida por meu amigo Jason, que escreveu: ‘mais perto das pessoas das quais estou longe’. Um minuto depois, Jason completou: ‘Mas, talvez mais longe das pessoas das quais estou perto’. E continuou: ‘Agora, fiquei confuso’. É confuso. Vivemos esse paradoxo agora, onde duas realidades que parecem conflitantes existem lado ao lado. As mídias sociais simultaneamente nos aproximam e nos distanciam.”

Rose está preocupado em não fazer vereditos definitivos. É um cuidado necessário, nesse caso

de transações arriscadas, tão seminais quanto casuais, de raros momentos de proximidade *off-line* por uma variedade massiva *on-line*. A proximidade de uma vez alcançada talvez fosse mais gratificante, apesar de consumir mais tempo e energia e ser mais arriscada. A maneira atual de proximidade é indubitavelmente mais rápida, praticamente sem esforço e quase sem risco, mas muitos consideram que seus efeitos são muito menos capazes de satisfazer a sede de uma companhia verdadeira. Algo se ganha e algo se perde e é terrivelmente difícil decidir se os ganhos compensam as perdas. Além do mais, não se cogita e nem se buscam vereditos definitivos que seriam precipitados ou temerariamente precoces – frágeis como a “proximidade” que se conquistou.

O que você conquistou pela internet é uma rede, não uma “comunidade”. Você descobrirá mais cedo ou mais tarde que essas duas coisas são tão diferentes entre elas quanto giz e queijo. *Pertencer* a uma comunidade é condição muito mais segura e confiável do que *ter* uma rede – embora as redes sejam mais limitadas e impliquem mais obrigações.

Uma comunidade observa de perto e deixa pouco espaço de manobra (a comunidade pode excluir você e impedir que você se autoexclua). A rede não se preocupa se você obedece ou não às suas normas (e há redes sem qualquer norma). Por isso a rede permite maior liberdade e não pune o abandono; mas você pode contar com os membros de uma comunidade para serem “amigos na necessidade e amigos de verdade” (*friends in need, and so friends indeed*). Usuários ligados em rede estão lá mais para se divertir e nem sempre manifestam muita prontidão para ajudar, no caso de um problema não relacionado com o “foco de interesse”. A maioria das pessoas ligadas em rede jamais chega a esse tipo de teste e, se chegar, o mais provável é que não passe. Afinal de contas, escolhe-se entre segurança e liberdade. Precisamos de ambas, mas não se pode ter uma sem, pelo menos parcialmente, sacrificar a outra. E quanto mais se tem de uma, menos se terá da outra.

No que diz respeito à segurança, as comunidades de antigamente levam vantagem sobre as da internet. Mas, em termos de liberdade é exatamente o contrário. Afinal, para se livrar de uma intromissão basta pressionar a tecla “delete” ou não responder às mensagens. Além do mais, há essa diferença abissal entre “abraçar” e “teclar”, como disse Rose... Em outras palavras, entre a variedade *on-line* de proximidade e o protótipo *off-line*: entre profundidade e superficialidade, entre calor e frieza, entre proximidade emocional profunda e abraços superficiais.

Escolhe-se sempre e provavelmente continuaremos a escolher. Praticamente não se consegue parar de escolher. Mas é melhor escolher sabendo o que se está escolhendo e estar preparado para pagar o preço da escolha. Pelo menos isso parece ser o que diz Rose – e com o especialista não se discute.

Recentemente, Eugène Enriquez<sup>8</sup> sintetizou a mensagem colhida de grande número de provas e fontes, reunidas de todos os setores do mundo moderno-líquido de consumidores: “Se pelo menos não esquecêssemos que o que antes foi invisível – cada parte da intimidade e da vida íntima de cada um – é agora chamado para ser exposto no palco público (principalmente na tela da TV, mas também no palco literário),



*os adolescentes com seus cybers portáteis não são nada mais que aprendizes treinando e sendo treinados na arte de viver em sociedade confessional*

compreenderíamos que os que se preocupam com a própria invisibilidade são destinados a serem rejeitados, deixados de lado, suspeitos de crimes. A nudez física, social e psíquica está na ordem do dia.”

Os adolescentes com seus *cybers* portáteis não são nada mais que aprendizes treinando e sendo treinados na arte de viver em sociedade confessional. Uma sociedade conhecida por apagar os limites que separam o público do privado, por tornar a exposição pública do privado em virtude e obrigação públicas, e por erradicar da comunicação pública tudo aquilo que não se deixe reduzir a confidências privadas, junto com os que se recusem a se confessar.

<sup>8</sup> Eugène Enriquez, “L’idéal type de l’individu hypermoderne: l’individu pervers?” in Nicole Aubert (ed.), *L’individu hypermoderne*, Érès, 2004, p. 49.



Ane Araujo  
 Eva Chaska Tesch  
 Maria Esther Soares  
 Rosa R. Krausz

## Gestão de conflitos

**Ane Araújo** é psicóloga, com especialização em Psicologia Industrial e pós-graduação em Desenvolvimento Organizacional, pela FEAUSP. Atua há 25 anos na área de Recursos Humanos em posições gerenciais e de assessoria em organizações de grande porte. Representante responsável pela aplicação da metodologia The Human Element® no Brasil, integra a equipe mundial de senior trainers desta abordagem. É autora do livro *Coach – um parceiro para o seu sucesso*.

**Eva Chaska Tesch** é psicóloga pela PUCSP, Mestre em Gestão Desportiva pela Universidade do Porto, Portugal, com formação em Psicodrama (SOPSPUC) e *Coaching* (ABRACEM). Trabalha com o desenvolvimento de pessoas, grupos e organizações em empresas, no consultório e no âmbito esportivo.

**Maria Ester Oliveira Soares** é psicóloga pela PUCRS, com curso de especialização em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris V, França, e em Desenvolvimento Organizacional pela PUCRJ. É diretora da TLK Consultoria Ltda., onde realiza um trabalho de assessoria para conselhos de acionistas de empresas familiares brasileiras.

**Rosa R. Krausz** é graduada em Ciências Sociais (USP), mestre em Antropologia (USP) e doutora em Saúde Pública (USP). É *Full Member* da *Worldwide Association of Business Coaches* (WABC) e fundadora da Associação Brasileira de *Coaches* Executivos e Empresariais (ABRACEM), além de membro didata da *International Transactional Analysis Association* (ITAA) e da União Nacional de Analistas Transacionais do Brasil (UNAT). É autora de vários livros e mais de 40 artigos publicados no Brasil, EUA, França, Alemanha, Itália, Holanda.

**G**estão é palavra de ordem do momento. E o mundo dos negócios tem se ocupado dela propondo a gestão inteligente do capital, das pessoas, das informações, das finanças, dos projetos, da qualidade, do conhecimento, etc. As organizações dependem disso para tentar garantir a competência e a eficiência, tomar novos rumos, acompanhar novos modelos. E abrir novos campos que possam solucionar problemas e/ou minimizar os impactos causados pelas mudanças constantes e pelas pressões inerentes ao mundo empresarial. No centro nervoso desta rede há uma verdadeira “antropologia dos negócios”, uma cultura organizacional voltada para todas as pessoas aí envolvidas – consumidores e produtores (trabalhadores, acionistas) – e para as suas expectativas de sucesso e felicidade. Os negócios, os lucros ou benefícios estão atados (direta ou indiretamente, para o bem e para o mal) à satisfação dos consumidores e dos trabalhadores. Trabalhadores que se veem pressionados a fazer a gestão de sua carreira, e precisam não só avaliar as empresas a que pertencem como o tempo investido na vida profissional versus vida privada, sabendo que seu aperfeiçoamento é condição imprescindível para assegurar sua carreira. As empresas por sua vez tentam atrair e reter talentos humanos, para fazer diferença frente à concorrência e às exigências do mercado, e avaliam sua formação, conhecimento, eficiência, produção e adaptação à ideologia de seus modelos de gestão. Um ambiente de negócios repleto de desafios, de conflitos, de demandas e de excessos que, ao deflagrar uma busca incessante de novas e melhores formas de fazer frente às suas constantes transformações, esbarra no imprevisível: sujeitos com seus desejos, anseios, sonhos ou projetos secretos de vida.

Parece ser neste confronto ou hiato que surgem os profissionais coaching, espécie de conselheiros, facilitadores ou mediadores para acompanhar e encaminhar propostas e soluções de problemas. Há hoje coaching especializados, que se ocupam do executivo, do empresarial, do pessoal (ou de vida), da carreira. Embora haja um fascínio da cultura moderna pela racionalidade e pela eficiência – vistas como formas mais econômicas do viver – é surpreendente o surgimento, a rápida proliferação e a consolidação deste novo profissional no cenário organizacional, que parece confirmar sua turbulência e imprevisibilidade. É fato que a vida tornou-se complexa ao convidar o indivíduo a manter sua identidade ao mesmo tempo que o incita a mudar, a criar o novo. Há um culto à autonomia e ao mesmo tempo uma dependência, o que favorece uma corrida a todo o tipo de ajuda especializada. O trabalho ainda está entre as mais valiosas formas de a cultura proteger os homens, ao reuni-los em uma convivência diária com um objetivo comum e promover uma identidade social, um lugar de pertencimento que pode favorecer as relações entre eles e relativizar os conflitos inerentes à experiência de alteridade. Instados a enfrentar riscos, a se transformar em empresários de si mesmos e a contar com sua própria capacidade, os indivíduos buscam sustentação e confiança para que a incerteza possa ser exorcizada e a angústia, controlada, em uma luta infinita entre um sentimento de onipotência, de ilusão de invencibilidade, e as limitações infringidas pela impotência e pelo temor do fracasso. A aposta da Psicanálise é a de que as “razões subjetivas” insistem em denunciar a impossibilidade de o ser humano ser um ente apenas produtivo e ter o domínio absoluto sobre todas as ações e operações intelectuais. Desenvolver habilidades e sensibilidades em relação às questões subjetivas não significa administrá-las. É pela percepção individual conquistada através da própria experiência subjetiva que se pode fazer uma gestão – sempre parcial – dos conflitos. A seção Debates da revista Percurso convidou alguns profissionais que auxiliam outros na tarefa do saber sobre si e suas competências, para contribuírem com sua experiência, ampliando as trocas e diálogos sobre estas questões.



*a noção de tempo desgovernou.*

*O tempo interior, subjetivo,  
e o tempo exterior, aparentemente  
objetivo, não mais se entendem*

**ANE ARAUJO** *Por que coaching virou moda?*

Coaching virou moda porque vivemos em um mundo volátil, incerto, complexo e ambíguo. Um mundo no qual precisamos enfrentar múltiplos desafios e tomar decisões rápidas. Vivemos sob muita pressão: de tempo, de qualidade, de resultados. A demanda por uma atuação autônoma é cada vez mais precoce: exigimos que as crianças sejam preparadas desde cedo para o exame universitário, que os estagiários tenham experiência, que os executivos gerenciem equipes remotas e que candidatos à aposentadoria pensem na próxima carreira.

A noção de tempo desgovernou. O tempo interior, subjetivo, e o tempo exterior, aparentemente objetivo, não mais se entendem. Talvez nunca tenham se entendido às mil maravilhas, mas hoje o conflito é permanente. Como conciliar o trabalho com as outras necessidades da vida? O que é mesmo qualidade de vida? Essas questões são frequentes no *coaching* executivo, uma vez que as pessoas preferem conversar sobre isso com um *coach* externo a confrontar seu chefe com essas angústias. Nas megalópoles, a situação é ainda mais crítica dado o tempo que se gasta no trânsito. É uma angústia de vida, o tempo escorrendo e a vida passando. A expectativa de vida aumentou e as alternativas de carreira, também. Vivemos mais e com mais recursos que há três décadas. Mas será que, de fato, vivemos melhor? Mais possibilidades, mais desejos, mais escolhas, mais angústia. *Coaching* ajuda o executivo a lidar



*coaching é um suporte para que os executivos reflitam sobre suas vidas e como as estão gerenciando. Que escolhas estão fazendo? Qual o valor de cada uma delas?*

com essa angústia e tomar decisões nas três dimensões de liderança: a autogestão, a gestão de equipes e a gestão de mudanças culturais.

#### *A autogestão*

*Coaching* é um suporte para que os executivos reflitam sobre suas vidas e como as estão gerenciando. Que escolhas estão fazendo? Qual o valor de cada uma delas? Escolhas de carreira, de superação de metas, de destaque em um mundo tão competitivo e exigente. Não é à toa que a depressão ainda é o mal do século. *Coaching* serve para ampliar a consciência sobre os conflitos íntimos, facilitar as escolhas correspondentes e monitorar sua concretização. Isso não significa ajudar a pessoa a resolver todos os seus problemas; significa incentivá-la a aprender com eles, a amadurecer a sua percepção sobre si mesmo, suas relações e o mundo em que vive. Parece terapia, não é? Mas não é!

O autoconhecimento é o primeiro passo para a autogestão. Antes de liderar os outros, o executivo deve conhecer melhor a si mesmo, compreendendo o jogo entre o seu desejo, o seu desempenho efetivo e a realidade na qual está inserido. O processo de *coaching* distingue-se da terapia porque essa ampliação da consciência deve reverter em desempenho em um curto espaço de tempo e atender às expectativas de todos os envolvidos na cadeia de valor: o próprio *coachee*, seu chefe, equipe, pares, clientes e fornecedores. As empresas que contratam *coaching* para seus exe-

cutivos estão cada vez mais exigentes e têm restringido o prazo para que esse investimento dê resultados – seis a oito meses, no máximo. Mais uma vez, a pressão de tempo para que o *coachee* se transforme, adquira uma nova postura e torne-se mais produtivo. Não raro, o processo de *coaching* estimula o executivo a aprofundar esse exercício de autoconhecimento na terapia.

Entretanto, autonomia e autogestão não são sinônimos de autossuficiência. Nossos desejos e escolhas (assim como suas consequências) nunca estiveram tão intrinsecamente implicados nos dos outros, à semelhança de um jogo de varetas. Movimentos de carreira, tais como promoções e expatriações, exigem mais dedicação, causam mais *stress* e têm impacto imediato nas relações do executivo: com a família, com seu chefe, sua equipe de trabalho, pares e clientes. Novos conflitos entre desejos e possibilidades.

#### *A gestão de equipes*

O executivo precisa gerenciar pessoas e tomar decisões que favorecem algumas e que frustram a maioria. Se as pessoas não assimilarem a frustração, elas se desmotivarão e o desempenho cairá. Esse é um problema ainda crítico porque depende da maturidade das pessoas e do grau de confiança presente nas relações entre elas. Esse desafio é um tema constante nas sessões de *coaching* executivo: ajudar o *coachee* a tomar decisões que equilibrem o sucesso do negócio, o trabalho da equipe e os desejos de crescimento e reconhecimento dos indivíduos.

Alguns executivos são indicados para *coaching* por terem um perfil mais técnico e por apresentarem dificuldades na gestão de pessoas. Na condição de gestor de equipes, espera-se que ele saiba conquistar a confiança das pessoas, assim como seu respeito e admiração. Caso contrário, ele não poderá engajá-las em projetos de porte. Sem isso, ele não conseguirá sequer fazer com que elas cumpram bem a rotina diária. Ele deve conhecer muito bem cada um dos integrantes, seu perfil de estilos, motivações e competências. Isso só se obtém com um diálogo aberto, sem julga-

mentos precipitados e com uma disposição para aceitar as pessoas como elas são. É importante, também, conhecer como elas se relacionam dentro da equipe, com outros departamentos e com a organização. Só então ele poderá delegar, monitorar o desempenho por meio de *feedback* produtivo e avaliar o mérito dos resultados apresentados.

A aprendizagem é um ponto crítico para o amadurecimento profissional. Ousar, criar, errar, analisar, ajustar e persistir até o sucesso fortalece a autoestima e a resiliência para enfrentar outros desafios. Ou para saber quando não estamos prontos para enfrentá-los. No *coaching* executivo, não é raro atendermos *coachees* com dificuldades porque foram promovidos cedo demais. As empresas têm privilegiado os profissionais mais jovens e mais ambiciosos, alocando-os em posições de poder nas quais eles têm que tomar decisões estratégicas. De modo geral, a maturidade demanda tempo, um “tempo gestacional”, no qual o jovem vivencia as situações, processa os acertos e erros e aprende o real significado de cada experiência. Por isso, costumo dizer que mais importante do que o *background* é o *playground*. Aqueles que ascendem rápido demais ficam vulneráveis por não terem transformado experiência em conhecimento verdadeiro. Nesses casos, as empresas esperam que o processo de *coaching* cubra esse *gap* de maturidade, o que torna a jornada de transformação pessoal ainda mais dolorosa.

Outro problema muito comum em *coaching* é a dificuldade do executivo em lidar com sentimentos, os seus e os dos outros. Autorizar-nos a sentir o que sentimos é aceitar a própria condição humana. Perceber o que sentimos e compreender por que sentimos o que sentimos nos permite atingir novos patamares de consciência. Expressar esses sentimentos de forma clara e verdadeira é o que nos permite criar vínculos de confiança com os outros. Portanto, abrir o coração é um processo transformador por si mesmo e leva ao desenvolvimento da empatia e da maturidade. A sensibilidade para viver, compreender e compartilhar emoções é um diferencial cada vez mais poderoso para o sucesso dos executivos. As organizações



*coaching virou moda porque é necessário. O mundo está em profunda transformação, mas ainda mergulhado em uma crise de confiança. Um mundo virtualmente muito conectado, mas na prática ainda desconectado*

sabem disso e utilizam o *coaching* executivo como forma de ajudá-los nessa transformação.

*Coaching* é um suporte valioso para todas as transições na carreira de um executivo. Uma transição especialmente delicada é a da aposentadoria, pois implica ruptura. As empresas têm procurado desenvolver alternativas para apoiar executivos e uma das mais efetivas sem sombra de dúvida é *coaching*. Desvincular-se é difícil sob qualquer circunstância; mas desvincular-se do trabalho para estar só consigo mesmo, sem ter mais o trabalho como ocupação e até distração, pode ser experimentado como algo próximo da morte. Ainda mais em uma sociedade em que a identidade está tão relacionada com a ocupação. É por isso, e não apenas pelos motivos financeiros, que algumas pessoas se aposentam e continuam a trabalhar. Assim, elas continuam socialmente incluídas e percebidas como úteis.

#### *A gestão de mudanças culturais*

*Coaching* virou moda porque é necessário. O mundo está em profunda transformação, mas ainda mergulhado em uma crise de confiança. Um mundo virtualmente muito conectado, mas na prática ainda desconectado. O que se vê é muita conversa e pouca comunicação e entendimento. Para sobreviver e evoluir em um ambiente tão complexo e veloz, as empresas precisam implantar mudanças culturais significativas, especialmente na forma como as pessoas são tratadas, envolvidas e mobilizadas para o trabalho.





*se gestão passa a ser um termo da ordem econômica, passa a exigir um complemento: resultado*

Mas essas mudanças culturais só acontecerão se os líderes derem o exemplo.

Liderar é um desafio de natureza relacional: criar uma visão positiva de futuro, engajar as pessoas para realizá-las e assegurar sua concretização. Se a organização faz contenção de custos, o líder não pode contratar um arquiteto para ampliar e repaginar sua sala. Para atribuir real significado ao trabalho, os líderes têm que mostrar congruência entre discurso e ação. É o processo de *coaching* é o espaço perfeito para produzir esse alinhamento.

**EVA CHASKA TESCH** A questão dos limites do domínio do *coaching* face a outros campos vem sendo discutida e trabalhada em muitas universidades, que têm cursos e formação sobre a matéria. Nos cursos de especialização e formação, logo se sublinha que *coaching* não é psicanálise nem nenhuma outra forma de terapia. Seria um instrumento de auxílio para que o indivíduo pense sua carreira, os motivos de seus fracassos e de seus sucessos, as dificuldades que contribuíram para os primeiros e as “facilidades” que fizeram aportar os segundos. A partir daí, o *coachee* poderia redesenhar sua carreira com mais conhecimento de seus talentos e da forma como utilizá-los.

A formação em *coaching*, que se iniciou nos Estados Unidos, a partir da década de 1980, e que sempre teve sua função (*coach*) aplicada ao

mundo esportivo, no sentido de treinador, se desenvolveu enormemente na França a partir dos anos 1990. O Professor Patrick Amar, Presidente de Honra da Association Européenne de Coaching, disse, em seminário da Université de Paris VIII, que definindo o que não é o *coaching* pode-se chegar a sua natureza. Isto se aproxima da questão das articulistas sobre o hiato onde ele se inseriria, mas pela via inversa: não é conselheiro ou mentor, pois não é um *expert* na área específica de trabalho do *coachee*; não é um mediador, pois não tem espaço na mediação de conflitos, uma vez que sua função é a de fazer emergir soluções para a carreira numa relação dual com o *coachee*. A *International Coaching Federation* – ICF define *coaching* como: “uma parceria continuada que estimula e apoia o cliente a produzir resultados gratificantes em sua vida profissional”<sup>1</sup>. O próprio artigo traz no título o tema que está subjacente ao seu conteúdo. Gestão de conflitos talvez seja o que precisa ser feito, entre as áreas cujas fronteiras são muito estreitas e se fundem em algumas esquinas da atuação profissional. *Coaching*, certamente, não é psicanálise. Trata do resultado do comportamento do indivíduo na sua vida profissional, ou melhor, de consequências, enquanto a psicanálise busca suas causas. Investigar essas causas não é atribuição do *coach*.

O artigo desenvolve ainda, a ideia de que “Gestão é palavra de ordem do momento”. Diz o Aurélio que gestão é o ato de gerir. Até aí tudo bem. O que já não está tão bem é quando um setor da sociedade se apropria de um termo que passa a ter uma conotação do próprio setor: por exemplo, se gestão passa a ser um termo da ordem econômica, passa a exigir um complemento: resultado. Diz o artigo que “Um ambiente de negócios repleto de desafios, de conflitos, de demandas e de excessos que, ao deflagrar uma busca incessante de novas e melhores formas de fazer frente às suas constantes transformações, esbarra no imprevisível: sujeitos com seus desejos, anseios, sonhos ou projetos secretos de vida. Parece ser neste confronto ou hiato que surgem os profissionais *coaching*, espécie de conselheiros,

<sup>1</sup> International Coaching Federation. Londres, 2000. Disponível em: <<http://www.coachfederation.org>>. Acesso em: 13 nov. 2011

facilitadores ou mediadores para acompanhar e encaminhar propostas e soluções de problemas”.

A função do *coach*, como dizem as articulistas, cresce e se dissemina rapidamente, como resposta à multiplicidade de demandas da empresa para o indivíduo que teria, aí, a possibilidade de ser ouvido, não no limite do profissional, mas como alguém que *deseja* ser ouvido. Seria a gestão de questões subjetivas o domínio da psicanálise? Acredito que não. A gestão subjetiva deveria ser o contato permanente do indivíduo consigo mesmo. A psicanálise seria a técnica que faz com que essa conversa consigo mesmo seja despida das defesas que protegem, se assim se pode dizer, o indivíduo das ações de seu próprio inconsciente. Esse é o domínio exclusivo da psicanálise: a técnica para interpretar, na verbalização do sujeito, conteúdos inconscientes. Então, o imprevisível não é o surgimento do sujeito com seus desejos, sonhos e projetos de vida. O imprevisível foi tornar-se a sociedade tão árida ao ponto de o indivíduo precisar ter um espaço muitas vezes concedido pelo próprio patrão (na condição de contratador do *coach*), para poder pensar em si mesmo.

**MARIA ESTHER SOARES** Onde estamos? Aonde vamos?

Guio-me por estas indagações porque, apesar do grande *boom* que associamos ao *coaching* hoje, acredito que há um longo caminho a percorrer. No aprofundamento do conceito, da prática, dos seus limites e intersecções.

É fundamental um olhar crítico sobre as denominadas “novas ordens”, marcadas por esse ambiente repleto de desafios, conflitos, demandas e excessos que deflagram a busca incessante por novas e melhores formas de fazer frente às constantes transformações. O *coaching*, como prática emergente nesse contexto, apresenta-se como alternativa para lidar com isso que esbarra no imprevisível, e que ao mesmo tempo toca nos “sujeitos com seus desejos, anseios e projetos secretos de vida”.

Todavia, associar o *coaching* à prática de dar conselhos ou resolver problemas seria reduzi-lo e passar longe de suas potencialidades, razão pela



*é fundamental  
um olhar crítico sobre  
as denominadas “novas ordens”,  
marcadas por esse ambiente  
repleto de desafios  
e excessos*

qual, insisto, deve ser aprofundado e discutido criteriosamente. Não fazer isso, assumindo apenas a sua propagação acelerada, carente de uma estruturação mais consistente, confronta-nos com a falta de preparo e informação de alguns, o que provoca sérias consequências em outros e no desenvolvimento da própria prática, que pode assim deixar de desempenhar um importante papel no cenário contemporâneo.

O *coaching* alimenta-se dos fundamentos sócráticos (princípio da Maiêutica), e mesmo antes das décadas de 1980 e 1990 já existiam as primeiras incursões sobre o tema, com C. B. Gorby (primeira publicação sobre *coaching*, 1937), W. R. Mahler (sobre habilidades do *coaching*, 1964) e T. Gallwey com seu livro *O jogo interior do tênis* (década de 1970). Isso nos faz formular uma nova pergunta: porque será que só agora, principalmente anos 1990 e princípios do século XXI, é que se tem dado tanta ênfase ao *coaching*, se ele já vem desde muito antes?

Se “as razões subjetivas” apontadas pela psicanálise – que “insistem em denunciar a impossibilidade de o ser humano ser um ente apenas produtivo e ter o domínio absoluto sobre todas as ações e operações intelectuais” – se fazem presentes, por que será que ao mesmo tempo parece ser tão imperativo objetivar, produzir e mostrar resultados?

Se pensarmos na frase, quase centenária, de Jung que diz: “Nossa psicologia tem que envolver-se na vida, caso contrário ficaremos presos



*tenho visto muitos  
profissionais não psicólogos  
fazerem ótimos trabalhos  
de coaching, muitas vezes dignos  
de verdadeiros processos  
terapêuticos*

à Idade Média”, podemos formular ainda outras perguntas: o que define a vida hoje? Será que o *coaching* está tão em voga por algo de que a psicologia, também a psicanálise, não está conseguindo dar conta perante as demandas do sujeito no fluído contexto atual? Pode apenas o consciente servir também para o autoconhecimento e compreensão humana que guiam as ações no meio ambiente? Ficar apenas na denúncia da psicanálise não seria permanecer atados ao passado perdendo uma parte importante da vida que se processa hoje?

Tenho visto muitos profissionais não psicólogos fazerem ótimos trabalhos de *coaching*, muitas vezes dignos de verdadeiros processos terapêuticos. Em contrapartida, também tenho visto muitos psicólogos dizerem ser *coaches* e fazerem verdadeiras atrocidades. Também fui testemunha de trabalhos que se complementam. Penso que é nestas dinâmicas que devemos submergir.

O *coaching* vem sim com a proposta de oferecer uma certa objetividade e pragmatismo relativamente à visualização de soluções e instrumentalização para o enfrentar de desafios e tomada de decisões. Contudo, acho redutor pensar que chega apenas para dar sustentação a uma onipotência combatente de uma incerteza que precisaria ser exorcizada. Acredito que o bom *coaching* está a serviço do autoconhecimento, para a percepção dos limites e possibilidades de cada um, tarefa cada vez mais complexa, pelas condições a que referimos. Não se trata de negar

incertezas e fracassos, mas de poder reconhecê-los e enfrentá-los.

Como profissionais que auxiliamos os outros na tarefa (diria caminho) do saber sobre si e suas competências, precisamos assumir responsabilidade perante esse quadro, frente à vida cada vez mais acelerada e complexa. Sem tirar a responsabilidade do outro, nesse processo que lhe cabe. O “Aonde vamos?”, nesse sentido, vai depender muito de nossas capacidades de olhar para essas situações de forma complexa. Olhar para o indivíduo nas suas múltiplas dimensões: do trabalho, da vida social, da vida privada em família, e do seu mundo interno, de uma forma contextualizada.

#### ROSA R. KRAUSZ

Apreendi que as pessoas esquecem o que você disse e esquecem o que você fez, mas jamais esquecerão o que você as fez sentir.  
[Maya Angelou]

A gestão de conflitos é uma habilidade altamente valorizada no mundo empresarial contemporâneo caracterizado por uma crescente instabilidade, imprevisibilidade e impermanência.

Os que ocupam posições de liderança/coordenação enfrentam o desafio que representa gerir pessoas pertencentes a grupos profissionais heterogêneos, com culturas e expectativas diferentes, pois falta-lhes, muitas vezes, o adequado preparo para esta função.

Tal condição tende a contribuir para o aumento dos níveis de insatisfação dos trabalhadores, de relacionamentos tensos entre níveis hierárquicos, estilos de gestão disfuncionais, estresse, desperdício de potencial humano e, conseqüentemente, aumento da competição e de conflitos.

As pesquisas de clima, quando não adequadamente conduzidas, correm o risco de se tornarem uma espécie de “caça às bruxas”, que afetam certos gestores/coordenadores tecnicamente competentes, porém despreparados para estabelecer relacionamentos harmônicos e produtivos com pares, colaboradores, clientes e fornecedores.

Um fato recorrente nas empresas é a prática de promover excelentes técnicos a posições

gerenciais, única via de acesso ao topo da pirâmide organizacional, transformando-os em gestores medíocres.

Ante a escassez de talentos e a dificuldade de reter os profissionais competentes e capazes de manter sua atualização num mundo em constante transformação, as organizações produtoras de bens e serviços têm demandado intervenções de aprendizagem e desenvolvimento que minimizem as disfuncionalidades do estilo comando/controle na gestão de pessoas e criem espaço para a prática de estilos compatíveis com os valores das novas gerações de colaboradores que valorizam a participação, o autocontrole, novos desafios.

O paradoxo é que os processos de recrutamento e seleção tendem a priorizar as competências técnicas, sendo que o sucesso nesta área é um pré-requisito para ascender a posições de liderança e estas, por sua vez, exigem competência relacional, cujos pré-requisitos são autocohecimento, sensibilidade e equilíbrio interno para lidar construtivamente com a diversidade e complexidade das aspirações e interações humanas. Estes requisitos, entretanto, não se adquirem nos sistemas de educação formal. São fruto, sim, de vivências e experiências construídas paulatinamente a partir dos primeiros anos de vida e que se estendem até o fim de nossos dias.

O *coaching* executivo e empresarial emergiu como uma resposta oportuna, viável e estrategicamente eficaz para preparar/desenvolver, num breve período de tempo, os que galgam a hierarquia organizacional e enfrentam o desafio de reverter o seu próprio despreparo e tornarem-se mais aptos para assumirem posições de gestão.

Definimos *coaching* executivo e empresarial como “uma parceria entre um coach executivo e empresarial e um gestor que se propõe a alterar aspectos de seu comportamento e assim elevar a sua performance profissional, a da sua equipe e da organização para a qual trabalha”<sup>2</sup>.

O papel do *coach*<sup>3</sup> não se confunde com o de conselheiro, mediador, consultor, treinador ou solucionador de problemas, e sim uma espécie de parceiro atento que apoia o *Coachee* na sua bus-



*o paradoxo é que os processos de recrutamento e seleção tendem a priorizar as competências técnicas, sendo que o sucesso nesta área é um pré-requisito para ascender a posições de liderança*

ca de alternativas para equacionar seus dilemas, suas escolhas, sua trajetória de vida profissional. Nesta parceria, estabelecida por meio de um contrato informal, cabe ao *coach* facilitar o processo de *coaching*, enquanto toda e qualquer ação será de responsabilidade do *coachee*.

Por meio da clara definição de responsabilidades nesta parceria, evita-se a dicotomia citada no texto básico, ou seja, a autonomia *versus* dependência.

A prática do *coaching* em geral e do *coaching* executivo e empresarial em particular, pautada por princípios da Ética Profissional desta atividade, enfatiza a ilegitimidade da dependência e ressalta o respeito à dignidade humana e a atenção especial à preservação da liberdade de escolha do *coachee*.

Por tratar-se de um processo breve, cuja duração varia, na maioria dos casos, entre 6 e 10 sessões, num período de 3 a 5 meses, percebe-se que a citada dependência tem pouca probabilidade de ocorrer.

No entanto, convém lembrar que as condições de trabalho no mundo empresarial, em particular nas posições mais elevadas da pirâmide organizacional, favorecem a solidão, o isolamento, a competição e a falta de confiança entre os ocupantes, que não têm muitas oportunidades de dialogar, trocar ideias, falar de suas incertezas, insatisfações e receios com alguém confiável, disponível, interessado e neutro, já que não faz parte da estrutura organizacional e dos eventuais jogos de poder que ali ocorrem.





*conflitos sempre existirão,  
e o nosso desafio será encontrar  
alternativas para equacioná-los  
por meio da adequada utilização  
dos recursos que o binômio  
subjetividade/objetividade  
nos oferecem.*

O *coaching* executivo e empresarial viabiliza estas oportunidades que são complementadas por *feedbacks* honestos e transparentes que o *coachee* precisaria ouvir, mas que ninguém ousa dar “ao homem lá em cima”.

A falta de *feedbacks* desta natureza poderá alimentar a onipotência e a alienação de muitos altos executivos, mais ou menos embriagados pelo poder, sem noção clara de seus próprios limites e do impacto negativo que suas ações poderão causar.

O estímulo constante à reflexão, ao exercício da auto-observação, ao contato com seus próprios valores, pensamentos, sentimentos, ações e reações, ao questionamento sistemático a respeito das opções existentes, à consideração dos riscos envolvidos na tomada de decisões, às ações com foco em resultados, ou seja, o *coaching* executivo e empresarial busca otimizar o potencial humano, possibilitando a cada indivíduo não apenas elevar sua produtividade, mas também o nível de satisfação com o seu trabalho, sua autoestima e a qualidade do relacionamento com seus colaboradores, pares e superiores hierárquicos.

Entendemos que pessoas autorrealizadas, segundo concepção de Maslow<sup>4</sup>, estarão mais aptas a manter o equilíbrio interno necessário para administrar os conflitos que emergem da própria dinâmica da vida grupal, em geral, e do ambiente turbulento e imprevisível que caracteriza o mundo empresarial contemporâneo.

Conflitos sempre existirão, e o nosso desafio será encontrar alternativas para equacioná-los por meio da adequada utilização dos recursos que o binômio subjetividade/objetividade nos oferece.

- 2 R. R. Krausz (2007). *Coaching Executivo – A conquista da Liderança*. São Paulo: Nobel. p. 66.
- 3 *Coaching* diz respeito ao processo, *coach* é o profissional e *coachee* é o cliente do processo de *coaching*.
- 4 A. H. Maslow (1982). *The Farther Reaches of Human Nature*. Nova York: Penguin Books. p. 40.

# Errata

Apesar de nossas sucessivas revisões, o número 46 de *Percorso*, saiu com alguns erros, pelos quais pedimos desculpas aos autores e leitores.

PÁGINA 85

1. O título correto do artigo de Adriana Campos de Cerqueira Leite é **A histeria e o amor e não A histeria do amor.**

PÁGINA 135

2. A resenha “Um criado muito peculiar”, de Sérgio Telles, acerca do livro *Jakob von Gunten, um diário*, de Robert Walser (Companhia das Letras, 2011), foi impressa sem as notas de rodapé, que publicamos a seguir.

♦ No 1º. parágrafo da página 135, as três notas se referem aos autores citados:

1 J. M. Coetzee, The genius of Robert Walser. *The New York Review of Books*, November 02 2000, disponível em <<http://www.nybooks.com/articles/archives/2000/nov/02/the-genius-of-robert-walser/>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

2 W. G. Sebald, O passeador solitário – Em memória de Robert Walser. *Serrote*, vol. 5, jul. 2010, p. 85-107.

3 E. Vila-Matas, *Doutor Pasavento*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

♦ No alto da página 136, a nota se prende ao trecho “microgramas ou microescritos”:

4 G. Fragopoulos, Toward the Sanitarium – The Walser’s Microscripts. *Quarterly Conversations*, May 10 2010. Disponível em: <<http://quarterlyconversation.com/toward-the-sanitarium-walsers-microscripts>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

♦ No alto da página 137, ligada ao trecho “segunda tradução brasileira”:

5 A primeira foi seu romance *O ajudante*, traduzido por José Pedro Antunes e publicado pela Arx/ Siciliano, São Paulo, 2003.

Finalmente, no último parágrafo da página 137, em “Lucia Ruprecht”:

6 L. Ruprecht, “Virtuoso servitude and (de)mobilization in Robert Walser, W.G. Sebald and the brothers Quay”, *The German Quarterly*, Vol. 83, # 1 – Winter 2010 – p. 58-76. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1756-1183.2010.00070.x/pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

## Mães e filhas, ligações inevitáveis

Susan Markuszower

Resenha de Hendrika C. Freud, *Electra vs Oedipus, the drama of the mother-daughter relationship*. New York, Routledge, 2011. 197 p.

*Electra versus Oedipus, the drama of the mother-daughter relationship* é a tradução para o inglês (2011)<sup>1</sup> do mesmo livro que foi publicado, originalmente em holandês, em 1997. As questões tratadas na obra continuam atuais e agora numa língua mais acessível para um público maior.

Hendrika C. Freud é psicanalista holandesa, membro da International Psychoanalytic Association (IPA) e da Association for Child Psychoanalysis, além de professora e analista didata da Sociedade Holandesa de Psicanálise e da Associação Holandesa de Psicanálise. No início dos anos 1960, ingressou na Sociedade Holandesa de Psicanálise e logo depois continuou sua formação com psicanalistas ingleses, entre eles Anna Freud e Ernst Freud. Recentemente, foi premiada, por suas contribuições para a divulgação da psicanálise na Holanda.

Nessa edição, que acaba de ser publicada em inglês, podemos observar que Iki – como prefere ser chamada – Freud acompanha as várias reformulações da teoria psicanalítica que estão presentes nas suas reflexões teóricas.

<sup>1</sup> Disponível em <[http://www.booku.com/Electra-vs-Oedipus/Hendrika-C-Freud/ebook\\_451712.htm](http://www.booku.com/Electra-vs-Oedipus/Hendrika-C-Freud/ebook_451712.htm)>.

**Susan Markuszower** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae.

Em relação ao sobrenome famoso, ela afirma o seguinte em sua autobiografia (*Mijn naam is Freud, Iki Freud*, 2004):

*Nomen est omen*. É coincidência que eu seja filha de um pai cujo nome era Freud e que tenha dedicado minha vida à psicanálise, a descoberta de Sigmund Freud. Eu mesma nunca parei para pensar nesses fatos, mas as pessoas ao meu redor sempre pensaram. Esse nome famoso nunca me ajudou no meu trabalho. Obviamente, minha afinidade com Freud nada teve a ver com o nome. A partir do momento que entrei em contato com seu trabalho, fiquei fascinada com a importância que atribuía aos sonhos. Foi um ponto de reconhecimento. Desde criança tive a sensação de que meus sonhos permitiam-me entrar no mundo do inconsciente. Todas as noites, aquele mundo estava presente. Desde cedo convenci-me de que os sonhos indicam como a realidade é vivida (p. 7).

No seu primeiro livro, *Freud, Proust, perversion and love* (1991), Iki Freud descreve a relação perturbada que homens podem estabelecer com suas mães. Ao longo do tempo, percebe que, com maior frequência, mulheres podem enredar-se na relação com suas mães. O livro *Electra versus Oedipus* é resultado dessas reflexões.

Iki Freud atribui ao mito de Electra maior aplicabilidade para descrever as vicissitudes do desenvolvimento feminino, que ao mito de Édipo. Electra marcada, desde seu nascimento, por vários aspectos de ambivalência em relação à mãe, refletiria o destino da mulher. Neste sentido, a autora afirma que não se deve pretender que o complexo de Electra venha substituir o complexo de Édipo, mas aquele serviria como complemento, principalmente útil para compreender as complicações que podem surgir na relação mãe-filha. De acordo com Iki Freud, considerar a mãe como figura central na trama do desenvolvimento feminino prestar-se-ia melhor como modelo do que aquele referido à figura paterna.

Para Iki Freud, a cultura mudou e é mutável, mas certas coisas estão marcadas. Assim, a autora refere-se especificamente ao fato de que meninas começam sua vida numa relação amorosa

homossexual – uma vez que, geralmente, seu primeiro objeto libidinal pertence ao sexo feminino, e é sobretudo com ele que a menina se identificará. Estes dois fatores levam a uma lealdade dupla da filha em relação à mãe, tornando a separação mais complexa. E só mais tarde o amor heterossexual em relação ao pai é agregado.

Em relação a esse vínculo libidinal inaugural, a autora afirma que, para uma mulher, o vínculo com a mãe pode ser uma fonte de *força*, mas também de *frustração*. Em grande medida, o primeiro vínculo é decisivo para a identidade e autoestima da criança, sobretudo no caso das mulheres. As relações amorosas futuras podem ser prejudicadas quando uma mulher continua se sentindo uma extensão de sua mãe. Mãe e filha permaneceriam espelhando-se uma na outra, como no conto de fadas da Branca de Neve: *espelho meu, espelho meu, quem é a mais linda de todas?* Desta maneira, a filha se manteria dentro da esfera de influência materna, como se fosse uma parte da mãe, de seu corpo e de sua alma. Em vez de satisfazer seus próprios desejos, teria que realizar os da mãe. O resultado seria o predomínio da hostilidade, sobretudo inconsciente, dirigida a esta.

De acordo com a autora, o complexo de Electra descreveria a combinação ainda mais fatídica na mulher – de amor e ódio pelo mesmo genitor: a mãe. Por isto pergunta até que ponto a menina pode e deve superar totalmente a ligação com a mãe, segundo a suposição de Freud, que põe em dúvida.

O objetivo principal do livro é demonstrar o modo pelo qual o ódio inconsciente pode colorir e decidir a vida emocional de uma filha. A partir dessa perspectiva, a autora propõe que se use a luta fatídica de Electra como paradigma do desenvolvimento feminino. O paradigma edípico muitas vezes termina no complexo de Electra, no caso da mulher – ou seja, raiva em relação à mãe e idealização do pai. No outro extremo, a ilusão simbiótica pode representar a solução oposta.

*Simbiose*, o nome de um conceito biológico, é usado, nesse caso, para descrever um conceito psicológico e refere-se à dependência mútua e inibi-

dora de dois indivíduos – especificamente, a mãe e seu filho ou filha. De acordo com Iki Freud:

A mãe e seu filho, evidentemente, desfrutam de momentos idílicos, quando estão totalmente envolvidos. Mas quando uma mãe se sente constantemente dependente da aprovação do seu filho, há uma desordem em jogo. Isso se manifesta, por exemplo, na necessidade da criança de se agarrar à mãe quando a mãe se afasta porque, caso contrário, ela poderia sentir que não é uma boa mãe. Chamo esta dependência mútua e insalutar de *ilusão simbiótica*. É uma desordem que impede o processo de maturação. Quando esse vínculo entre mãe e filha se mantém intacto pelo resto da vida, não há espaço para independência e outras relações (p. 2).

Foi pensando nas relações de homens com suas mães, que Iki Freud atribuiu à ilusão simbiótica as perversões masculinas e a homossexualidade. Posteriormente, tornou-se evidente para ela que o uso do conceito não se restringe apenas a esses casos e que deve sua referência ser considerada uma estrutura fundamental. Entretanto, na conclusão do capítulo dedicado à ilusão simbiótica, ela adverte que a falta de proximidade emocional pode ser tão prejudicial quanto a intimidade excessiva sem limites, onde toda e qualquer separação é repudiada. A respeito disto, afirma o seguinte:

A capacidade de amar – um sentimento jubiloso – remete a nossas primeiras experiências com a figura materna. A filha não necessita renunciar à sua mãe para se tornar independente. Pelo contrário, a filha terá problemas no caso de uma solução extrema numa ou outra direção – ou ela foge e rejeita sua mãe na tentativa de obter independência ou se mantém agarrada a ela, considerando que é responsável por cuidar dela e protegê-la. Algumas mulheres crescem sem a presença da mãe e mantêm um sentimento doloroso de perda, para sempre. Algumas mães morrem ou abandonam seus filhos ou têm tantos filhos que não conseguem dar atenção a cada um individualmente. Uma falta total da experiência simbiótica causa o mesmo vazio que uma fusão excessiva com o objeto de amor (p. 25).



Um terceiro tema do livro é a *transmissão geracional*. A psicanalista acredita que as influências transmitidas de uma geração para outra são sobretudo notáveis entre mães e filhas. Para ela, a linhagem feminina é o mais poderoso transmissor de atitudes emocionais, devido ao intenso envolvimento mútuo entre mães e filhas, potencializado pela equivalência de gênero, que dificulta o reconhecimento das diferenças. É destino de todas as mulheres recriarem-se na figura da filha, muito mais do que na do filho. Pode haver desvantagens nesse nível de vinculação, mas também muitas vantagens, como, por exemplo, no caso do ensino da arte da maternagem.

No capítulo dedicado à depressão pós-parto, a autora analisa a relevância específica da relação mãe-filha para esse distúrbio. Os dois aspectos, a ilusão simbiótica e o envolvimento geracional, de alguma forma, coincidem nesse caso. Em geral esse problema remete a várias gerações. De acordo com Iki Freud, a linhagem feminina facilita a passagem tanto de saúde, quanto de patologias, através das gerações. Vale acompanhar suas reflexões teóricas a respeito do trauma herdado na intimidade feminina. E onde o tratamento psicanalítico não apenas pode prevenir a repetição mas pode abrir novos espaços, conforme demonstra a descrição dos casos encontrados no livro.

No capítulo sobre mães rejeitadas, Iki Freud recorre ao conto bíblico para demonstrar a dificuldade de criar uma pessoa à própria imagem, como acontece com a mãe quando dá à luz uma filha. Como no livro de *Genesis*, a criação pode dar errado. Enfurecido com o homem desobediente que criou conforme sua imagem, Deus expulsa Adão e Eva do Paraíso como crianças travessas, e a primeira simbiose é brutalmente rompida. Na sequência, destrói sua criação, enviando o Dilúvio sobre homens e animais e, por fim, como castigo pela desobediência, reduz Sodoma a cinzas. De forma exatamente similar, o espelho entre mães e filhas pode ter consequências, que às vezes não são muito boas, e pode também resultar em ódio e destruição mútua.

Ao longo do capítulo sobre a história do amor materno, a autora demonstra que o conceito desse amor é um resultado do processo de modernização. A noção de que uma criança necessita do amor, de carinho e da empatia é relativamente recente na história. A virada do século XIX para o século XX marca o início da preocupação em relação às necessidades específicas da infância.

O amor materno, em termos gerais, é definido pela suposição de que a presença constante da mãe na sua função de doadora de amor não apenas garantiria a saúde psicológica da criança, mas também sua felicidade. Iki Freud questiona até que ponto a mulher moderna se sente falhando, quando não consegue dar conta desse idílio. Ela acredita que, hoje em dia, descobrimos, além do amor materno, também o amor paterno que existe desde o primeiro momento e é um vínculo igualmente vital. Assim, a autora afirma que a tríade é o remédio para a díade unilateral entre mãe e criança, que pode gerar uma ilusão simbiótica indesejável ao longo da vida.

No capítulo sobre a meia-idade, a psicanalista afirma que essa fase, apesar de trazer uma deterioração das funções vitais, pode significar progresso, desenvolvimento e criatividade renovada. O confronto com a finitude e com a mortalidade pode aumentar e intensificar a qualidade da experiência subjetiva. Sobretudo na vida da mulher, mudanças significativas podem ocorrer nessa fase, tanto no campo profissional como na vida privada. Na meia idade, aspectos reprimidos da personalidade e capacidades não utilizadas ganham uma chance de serem renovados.

O relógio biológico de ambos os sexos não corre paralelamente, de acordo com Iki Freud. Por esse motivo, a harmonia entre os sexos pode se realçar nessa fase, não apenas porque os homens tendem a se tornar mais sensíveis, mas também porque as mulheres se permitem uma expansão maior.

Ao retomar o artigo de Freud “Estudos sobre a Histeria” (1895) no último capítulo do seu livro, a autora acompanha a evolução da teoria

psicanalítica no que concerne ao desenvolvimento feminino. E expõe suas reflexões a respeito da validade do uso da histeria na atualidade como designação de certo tipo de sofrimento emocional. Ao final desse longo debate, no qual a histeria de outrora é confrontada com sua versão contemporânea em termos clínicos e teóricos, ela afirma que as descobertas que Freud extraiu da histeria não apenas são de grande importância histórica, mas também proporcionam um conhecimento clínico atual. Ela considera que o artigo “Estudos sobre a Histeria” é, de certa maneira, mais próximo de nosso tempo que os trabalhos posteriores de Freud, apesar de as noções a respeito das fases sexuais e do complexo de Édipo ainda não estarem formuladas, como estão hoje, para seus herdeiros na atualidade, porque Freud ainda estava buscando e pesquisando. Enquanto muitos dos axiomas psicanalíticos a respeito da feminilidade continuam vagos, os fatos clínicos mantêm-se.

A advertência de Freud para sua *fiancée* – sem conhecer o passado não podemos conhecer o presente – continua verdadeira, tanto para a teoria como para o indivíduo. Por isso, para essa

psicanalista, para compreender o desenvolvimento da psicanálise é necessário estudar esse centenário desde o início.

De acordo com Iki Freud, a psicanálise anda atualmente *fraca das pernas* como teoria e como ciência. Para a autora, a única coisa que permanecerá, no futuro da descoberta centenária da psicanálise, talvez seja uma maneira particular de pensar e observar. E essa maneira psicanalítica de pensar já estava presente nos “Estudos sobre a Histeria”.

Com essas previsões sombrias para o futuro da prática psicanalítica, Iki Freud termina seu livro, que, por outro lado, ainda é um mergulho apaixonado no campo psicanalítico, seja nas produções teóricas ou clínicas. A leitura do livro é particularmente esclarecedora, porque as reflexões teóricas são elucidadas pela descrição de vários casos da sua larga experiência clínica de quase cinquenta anos.

Assim, as previsões finais refletem a sensibilidade dessa psicanalista para mudanças culturais e sociais, implicando desdobramentos para a compreensão e tratamento do sofrimento emocional. Também nesse último aspecto, mostra-se próxima de seu homônimo.

# Forma literária e *forma* de um psicanalista

Tales A. M. Ab'Sáber

Resenha de Heitor O'Dwyer de Macedo, *Cartas a uma jovem psicanalista*. São Paulo, Perspectiva, 2011. 321 p.

Quando leio estas cartas fico absolutamente convencido. Convencido de quê? De que não há outra forma de fazer, de escrever quando se quer agarrar o inconsciente, quando se quer reconhecer como o inconsciente nos agarra.

[Heitor O'Dwyer de Macedo, sobre a correspondência de Freud e Ferenczi]

Uma das questões fascinantes a respeito da transmissão da psicanálise é a da natureza plural, sempre indefinida, de qual é o seu gênero literário, qual o fundamento da sua forma de escrita, de sua *notação*. Afinal, a psicanálise, que só se expressa através da plena utilização da linguagem, possui alguma forma, algum gênero, algum modo especial e talvez essencial de apresentação? E, se não, então o que esta pluralidade languageira e literária da disciplina revela a respeito do seu objeto, sobre a relação mútua e mutativa de um paciente e seu analista diante da experiência do inconsciente?

A questão nos remete aos analistas que pensam a psicanálise como uma *ciência literária*, que aprecio particularmente, como, por exemplo, e entre outros, M. Masud Khan, Radmila Zygouris,

**Tales A. M. Ab'Sáber** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor de Filosofia da Psicanálise no curso de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Jean-Bertrand Pontalis, Adam Phillips e o último Bion. Na formulação e na comunicação psicanalítica, conceituação e arte literária – linguagem escrita em um grau alto de consciência e reflexividade – não se separam de modo nítido, e, acredito, um analista pode ser tão mais interessante quanto melhor escritor ele de fato chegar a ser. Embora o lugar central da psicanálise seja sobretudo oral, e ela seja de fato uma *arte da fala*, o lugar da escrita em sua fatura é igualmente decisivo para o seu desenvolvimento, bem como para o seu impacto na vida mais ampla da cultura. E, deste ponto de vista, a psicanálise se confunde, em sua teorização fundamental e primeira, abertamente com os poderes e as características da linguagem próprias da literatura.

Freud, o psicanalista, mas também o escritor ganhador do prêmio Goethe de *literatura* alemã, tinha clara noção deste paradoxo central de sua disciplina, *uma ciência literária*, e desde o primeiro momento de seu imenso trabalho, ainda em 1895, nos *Estudos sobre a histeria*, ele já levantava, de maneira entre espantada e naquele momento ainda incômoda, a questão da aproximação excessiva da notação psicanalítica e da linguagem de seus casos da literatura, e seu pendor à ficção. Também ele próprio, como sabemos, ao longo de sua vida, experimentou uma infinidade de gêneros de transmissão psicanalítica.

Porque a psicanálise pode ser transmitida pelo artigo teórico, mas também pelo grande tratado; ou pelo pequeno tratado. Pelas comunicações orais, sejam conferências, como as de Freud, ou seminários, como os de Lacan. Por um ensaísmo mais livre ou pela crítica, crítica literária ou de artes; pelos vários tipos de *ficções psicanalíticas* existentes, pelos diários clínicos e pelas verdadeiramente inúmeras possibilidades de aproximação e concepção de um relato de caso, esta ficção psicanaliticamente privilegiada. Pelo *paper* formatado institucionalmente, ou pelo fragmento inspirado. Freud, em níveis e escalas diferentes de sua própria obra, exercitou todos esses registros de linguagem, esses gêneros psicanalíticos, para explicitar e sustentar a sua psicanálise em seu

mundo. E manteve a forte conceituação psicanalítica no plano da linguagem comum, elevada pela escrita, embora vários seguidores seus tenham tentado o canto do cisne de algum modo de *matematização* da psicanálise, na tentativa discutível de torná-la *mais científica*. Além disso, o cuidado, a intensidade e a riqueza de questões que passam a sua imensa correspondência, a começar por aquela que foi fundamentalmente fundadora da psicanálise, com Fliess, simplesmente criaram uma segunda obra freudiana, a *standard epistolar* de Freud, em diálogo com seus interlocutores, um verdadeiro *duplo*, mais pessoal e revelador, de sua própria monumental obra teórica *pura*.

O livro de Heitor O'Dwyer de Macedo, *Cartas a uma jovem psicanalista*, uma engenhosa imbricação de ficção e ensaísmo psicanalítico, é uma bela e muito prazerosa solução – melhor seria dizer *resposta* – para este problema da escrita psicanalítica e sua linguagem, mais um mistério do que um dilema, que o autor considera, em grande respeito ao leitor, em um nível alto: “Faz alguns anos, passei uma tarde no campo em Aix-en-Provence, decidindo sobre o ritmo de uma frase de um ensaio que estava escrevendo. Posteriormente, constatei que se tratava de escolher entre um ponto e uma vírgula. Durante quatro horas, passeando com amigos, brinquei com essa alternativa”. E, ainda, do ponto de vista da *fonte* de toda escrita psicanalítica: “Penso que sempre se deve escrever sobre psicanálise a partir do que constitui você mais singularmente como psicanalista. O paradoxo é que você precisará de muito tempo para reconhecer sua maneira pessoal e única de exercer este trabalho” (p. 220).

E, apesar de, ou talvez por desejar mesmo, atingir um leitor que esteja em iniciação na psicanálise, posso garantir que o livro é, em minha opinião, extremamente interessante, inteligente e revelador, relevante em muitos aspectos significativos, e até surpreendentes, também para psicanalistas mais experientes. Isso se deve à radicalidade e ao rigor das *experiências de psicanálise*, uma espécie de psicanálise íntima, do consultório e do analista em trabalho, trabalho

de ser analista e de ser gente sendo analista, que o livro verdadeiramente traz à luz.

O livro é, de fato, totalmente afinado com a ideia de escrever a partir do que constitui singularmente o analista, e, talvez exatamente por isso, alcance um grande interesse geral. Nas palavras simples e precisas do autor sobre a sua estratégia de forma e de comunicação: “Pensando no livro de Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, decidi que esta forma não universitária convinha perfeitamente para apresentar o que a psicanálise é para mim. A ambição inicial era que, ao ler essas cartas, um jovem leigo pudesse construir uma ideia precisa do que são a clínica e a teoria psicanalíticas e, eventualmente, ver despertado seu interesse pela obra de Freud” (p. XIX). Assim teve início um projeto, inventivo, e *apoiado* mesmo sobre o modo anterior de um grande escritor, de tornar precisas e acessíveis teoria e clínica psicanalíticas – o que poderia parecer generosidade excessiva que se aproximasse da ingenuidade teórica – mas que o golpe de espírito da forma e da liberdade do analista com sua matéria mais pessoal, das muitas imbricações do trabalho de análise, sua comunicação e a experiência encarnada do inconsciente, dos pacientes e de seu analista, e seu profundo e também encarnado repertório teórico, tornaram realizado, para nossa alegria.

A liberdade de escrita e pensamento da *forma* em psicanálise, a possibilidade de inventarmos nosso relato clínico ou teórico na linguagem humana em suas potências mais livres evidentemente, não é um dado apenas estético e superficial do trabalho de um psicanalista. Ela diz respeito, muito provavelmente, à própria liberdade e rigor do pensamento e do ser mais íntimo do psicanalista, em seu *estado de clínica*, como dizia Deleuze a respeito dessas coisas. Winnicott, também um escritor especial de psicanálise, dizia provocativamente que um analista que não sabe brincar não sabe analisar, e eu acredito, de meu lado, que um analista que tem plena liberdade de escrever deve ter uma boa margem de liberdade para pensar e analisar. O livro de Heitor é de fato uma clara demonstração dessa hipótese.



Todavia, se o leitor pressuposto do texto deveria ser um jovem inteligente, porém leigo, logo as coisas se complicam, na direção da verdade das várias dimensões próprias da psicanálise contemporânea, e sua vida teórica já avançada: os amigos pessoais de Heitor não compreendiam passagens e raciocínios psicanalíticos do livro, como *deveriam* entender pelo projeto de transparência que o fundou. Os leitores mais próximos não compreendiam passagens que para o autor eram *autoevidentes*. Assim ele redescobre, como muitos de nós já vivenciamos em vários momentos, certa irreducibilidade ao mundo da vida cotidiana da lógica e da cadeia axiológica da psicanálise: “Em outras palavras, se o que me parece banal e simples levanta dificuldades, é porque se trata de uma banalidade que se desloca num campo em que a evidência dista de ser evidente: a aceitação da sexualidade infantil, do desejo de assassinato, do ódio, da imbricação entre loucura e amor, entre loucura e criação – e a aceitação destes dados como sendo o tecido constitutivo da sensibilidade e do psiquismo humanos” (p. xx). Aí esta a natureza radical, como necessariamente costuma ser o melhor pensamento em psicanálise, do livro.

O fato é que o livro avança pela história da psicanálise, as referências de pensamento e de humanidade profundas de seu autor, e os problemas mais surpreendentes da vida clínica psicanalítica de hoje, através de suas *cartas*, verdadeiros ensaios de psicanálise contemporânea, enviadas a uma *jovem psicanalista em pleno desenvolvimento*. A duplicidade interessante do analista em desenvolvimento projetado, espelhado em uma jovem analista virtual, *que também é o próprio narrador*, um psicanalista muito experiente, é uma das riquezas do livro, um de seus achados interessantes, dado a partir de sua *forma*. Com esta construção, ficcional, o livro permite ao seu narrador refletir sobre a noção de experiência e de ingenuidade no trabalho do psicanalista, no recebimento analítico de um paciente, e a necessária imbricação destas duas dimensões do sentido de si, a sua mútua necessidade. Em algum momento

o analista mais velho comenta mesmo com a jovem interlocutora: “Você pede desculpa por sua ingenuidade. É verdade que você é ingênua. Mas isso é uma qualidade. Os que são indiferentes a tudo não são, ou não são mais, feitos para este trabalho. Mas como o trabalho do psicanalista é uma prática do poder, é fundamental que você se exercite em prever, em antecipar os movimentos transferenciais, as armadilhas que, inconscientemente, seus pacientes armarão em vários níveis da relação deles com você para que nada mude, para que a velha história se repita” (p. 110).

Multiplicadas nesta estrutura ficcional, da relação epistolar entre dois analistas de gerações diferentes, surgem as linhas de força principais que organizam a tessitura em muitas profundidades da obra. Estes campos de força da apresentação do analista Heitor de Macedo, de cinco naturezas diferentes, são unificados e se tornam um só no mundo da psicanálise em trabalho no corpo e na vida de um analista: 1) problemas complexos e íntimos da clínica, o ponto de partida e a matéria central do livro, envolvendo transferência, contratransferência, o inconsciente e o corpo sensível do analista, e a comunidade de analistas convocada, de um modo ou de outro, para cuidar de um paciente; 2) a principal linha de força do modo de um analista compreender e incorporar a história da psicanálise, suas grandes referências e influências; no caso de Heitor, os problemas e horizontes colocados por Winnicott e Ferenczi, Françoise Dolto, Piera Aulagnier, Joyce MacDougall, em conjunto com uma leitura particular de Lacan e tendo como grande enquadre, e ainda outro problema de teoria, o constante e fundamental diálogo com Freud; 3) a reflexão sobre a montagem do enquadre e da técnica psicanalítica e a sua relação íntima com os efeitos vitais que uma psicanálise produz no paciente e no analista, campos de sentido que não são técnicos, mas são necessários e teoricamente relevantes, como o humor, a amizade, a confiabilidade, a mutualidade... esta região, para mim uma das mais interessantes do mundo da psicanálise, implica uma ética do erotismo e da vida,

do ponto de vista de Heitor, fundamental mesmo à possibilidade de sustentação do trabalho da psicanálise por um psicanalista; 4) problemas muito ricos de teoria psicanalítica contemporânea, com a enunciação do trabalho intelectual de uma série de analistas e pensadores, parceiros de hoje, e do modo como *dão trabalho* – no sentido mais generoso do termo – ao analista vivo Heitor de Macedo e o afetam; nesta dimensão de pensamentos do livro aparecem ensaios, resenhas e reflexões sobre obras poderosas, verdadeiramente interessantíssimas, de analistas e colegas de Heitor na França desconhecidos em nosso meio cotidiano de teorização psicanalítica, pessoas como Philippe Réfabert, Michel Neyraut, Loup Verlet, Françoise Davoine e Jean Max Godillière e o Claude Lanzmann do *Shoá*; e 5) ensaios de rememoração, entre o retrato e a elegia, dos analistas fundamentais da formação pessoal e humana de Heitor, talvez de longe os textos que mais digam respeito a verdadeiramente *quem ele é*, na leitura de sua própria história com Hélio Pelegrino, Gisela Pankow, Françoise Dolto e Victor Smirnoff.

Esta é a polifonia especial dos mundos que compõem e sustentam uma humanidade na forma de um psicanalista. São tantos os detalhes e questões de toda ordem que a experiência intelectual ampla de um analista chega a tocar, na forma multiplicadora própria do livro, as suas *mil e uma cartas* que nos são endereçadas, que tenho brincado, nos últimos tempos, de mantê-lo ao meu lado no consultório, e utilizá-lo por vezes como um pequeno livro *oracular e adivinhatório*, pequeno *I Ching* profano e teórico, que pode, pelo menos a mim, dar acesso a várias dimensões da humanidade e da técnica no mundo da psicanálise. Evidentemente um acesso que nada tem de normativo, ou prescritivo, mas que, ao contrário, convida à reflexão e à elaboração. De resto, as grandes obras em psicanálise, desde Freud, sempre possuíram este caráter.

Para encerrar este pequeno parecer, que de todo modo será sempre menor diante de uma obra de muita riqueza, evoco aqui o momento do primeiro espanto, de muitos que me ocorreram

durante a leitura do livro e a convivência com ele nos últimos tempos. Logo no primeiro capítulo, a primeira *carta*, o narrador desenvolve suas reflexões sobre um caso que lhe foi enviado pela jovem analista. Em uma passagem de seus comentários, ele se pergunta por que, após ela ter feito um trabalho grande e difícil de contato com a vida psíquica da paciente na primeira sessão, ela marcou o encontro seguinte para apenas depois das férias escolares. Heitor considera esse encaminhamento “um ato sintomático da analista”, que, com ele, se inseriu na série daqueles que falharam com a paciente, que a abandonaram ao longo da vida: “[...] Vou lhe falar então dos atos sintomáticos do analista durante o tratamento. A maioria das vezes, eles são induzidos pelo material trazido pelo paciente. Isso quer dizer que, inconscientemente, o paciente ‘deseja’ a repetição do trauma e que o caráter muito arcaico do material – que geralmente coloca em primeiro plano os sofrimentos da criança ou mesmo do bebê que ela foi – mobiliza no analista o que ele recalcou de seus conflitos mais primordiais. Perguntamos então: mas o psicanalista não deveria, graças a sua análise, estar ao abrigo destes retornos do recalcado? Se evoco esta pergunta é porque ela circula como obviedade em qualquer comunidade analítica, claro que partindo dos seus membros mais medíocres, aqueles para quem, é óbvio, a passagem pelo divã não foi de grande ajuda. [...] Porque, embora erros possam vez por outra ser evitados em alguns tratamentos, certos erros são necessários, inevitáveis. Como tratar o real da devastação dos traumas sofridos se eles não se apresentarem no real da relação entre analista e paciente, essa relação que, no nosso jargão, chamamos o terreno da transferência? [...] Desse ponto de vista, pode-se dizer que, inconscientemente, o paciente convoca ativamente e de forma insistente esse reaparecimento, tentando implicar o terapeuta no seu mundo psíquico. Acho fundamental que o analista se deixe apanhar nesta teia significativa. [...] Este é o aspecto vivo da repetição inconsciente, o aspecto comandado por Eros” (p. 2).

Em primeiro lugar, espanta a capacidade sintética que a inteligência da forma epistolar permite de ir diretamente ao ponto, de abordar dimensões do trabalho da psicanálise e sua teoria extremamente complexas, difíceis de serem encarnadas, que implicam toda a vida de um analista com a psicanálise. Em segundo lugar espanta a eleição estratégica desta questão clínica, que articula trauma, contratransferência, teoria do arcaico, inconsciente do paciente e inconsciente do analista, e a figura banida, na má concepção do que é a psicanálise, do erro do analista, da função clínica do seu sintoma, e que, acredito, condensa em si toda a história do desenvolvimento psicanalítico no primeiro século da existência da disciplina, pelo menos na direção histórico-teórica que privilegio. O livro a partir daí será o relato biográfico, e teórico, do processo de inscrição do analista narrador nesse saber radical. Em terceiro lugar, a referência na passagem aos impasses da comunicação entre os colegas analistas – e o mal necessário de suas instituições – indica, de modo condensado, a presença de uma verdadeira vida *de experiência* com a psicanálise, que chegou a ganhar plena voz e o mais claro posicionamento.

Como já disse, o livro está cheio de comunicações de plena densidade clínica, teórica e humana como esta.

Devo afirmar que, também, em algum ponto ou aspecto da constelação psicanalítica de grande amplitude apresentada por Heitor simplesmente discordo dele... Por exemplo, no sensível capítulo a respeito do dinheiro no trabalho psicanalítico, no qual Heitor expressa com clareza as contradições e a dupla valência que o dinheiro tem no trabalho analítico – do ponto de vista do analista remetido à realidade psíquica do paciente, do ponto de vista do paciente à estrutura do *setting*, no campo da lei simbólica –, embora suas proposições sejam muito sensatas e provavelmente verdadeiras a respeito de como proceder na construção do enquadre, eu, que sou um psicanalista marxista, acredito que a dimensão de *estrutura simbólica do próprio dinhei-*

*ro*, a sua natureza específica de *relação social* e não de coisa neutra da natureza humana, mas de entidade histórica implicada e também sintomática, deva também ser considerada em uma psicanálise, de acordo com a posição de cada um de nós nos jogos próprios de uma dada sociedade de classes... A posição do sujeito sobre a posição traumática do seu lugar no mundo desigual – e por vezes muito violento – do dinheiro, uma relação social, simbólica, é de enorme interesse, não apenas para mim, mas, principalmente, para o próprio paciente, e lidar com ela certamente favorece a dimensão dialética latente na prática da psicanálise. Mas esta é sem dúvida uma longa discussão.

Também, em conjunto com a imensa vitalidade e sabedoria psicanalítica do livro, de modo inevitável por sua própria estrutura de forma, a do diálogo epistolar entre duas gerações de analistas, ele acaba por disseminar um estranho subtexto, contra as suas intenções manifestas mais claras, de um pequeno acento na posição de autoridade do homem que já viveu e pode então dar alguns conselhos... Na verdade esta valorização *natural* da posição de autoridade do analista mais experiente se verifica na relação emocional muito intensa e também de valor sutilmente hierarquizado entre o próprio Heitor e seus pais psicanalistas, evocada nos impressionantes e pungentes relatos do livro – apesar de o lindo trabalho com Victor Smirnoff e também com Françoise Dolto ser verdadeiramente o oposto disto e, sobre a última, por exemplo, Heitor escrever: “a discussão sempre era possível, animada, entusiasmada. Nunca uma posição de saber, nunca. No lugar disso o incentivo para aprofundar uma elaboração, ou a confirmação de nossa maneira muito pessoal de navegar clinicamente” (p. 17).

Pontos como estes devem acontecer quando se trata de obra de grande coragem e liberdade na exposição de si. Não são relevantes diante do que este complexo, inquieto e muito generoso livro nos proporciona pensar de fato. Por fim, quero apenas testemunhar que, também a mim, que tenho grande interesse na cultura brasileira dos anos de

1960, e no processo trágico da nossa vida social pós-ditadura militar, me pareceu absolutamente fundamental a lembrança do homem e psicanalista que foi Hélio Pellegrino, que para Heitor estava “na origem de tudo”, da sua relação com a psicanálise e principalmente “consigo mesmo”, com o seu trabalho de investimento social na ex-

periência do inconsciente, seu convite a engajar “o sujeito no pensamento sobre o poder”, e sua criação vital de um espaço político entre a psicanálise e a vida. E, como no dia em que Heitor recebeu a notícia de sua morte, a lembrança da história de Hélio também me lançou em uma profunda vontade de chorar.



# Da razão ao conflito, do excesso à criação, a questão da entrada do feminino na cena cultural da modernidade

Elaine Armênio • Flávia Branco  
Volpe • Roberto Villaboim •  
Sílvia Gonçalves

Resenha de Regina Néri, *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade. Novas configurações da diferença sexual*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005. 306 p.

Regina Néri retrata e delinea um panorama social, cultural e filosófico extenso da sociedade na época freudiana, mostrando a emergência do discurso psicanalítico no esteio da crise da razão e da evidência do feminino na cultura.

Expõe a passagem, demarcada pelos historiadores, da filosofia clássica para a moderna, e resalta que Descartes, Kant e Hegel realizam modos de ruptura com o conhecimento metafísico e com a verdade absoluta da filosofia teológica. De formas diferentes, cada um desses filósofos reexamina as relações entre a verdade e a razão humanas.

O romantismo alemão faz contraponto a esta filosofia racionalista, base do iluminismo.

**Elaine Armênio** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Flávia Branco Volpe** é psicanalista, membro do Espaço Palavra Viva: Clínica e Estudos Psicanalíticos.

**Roberto Villaboim** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Sílvia Gonçalves** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Para os filósofos do romantismo, o conhecimento vem da intuição da noite, dos sonhos, das intensidades, da irrupção das paixões. Para alguns, as ciências desejariam ser poetizadas, já que ao artista é dado o poder de decifrar o sentido da vida. Nietzsche, considerado por muitos o filósofo poeta, desenvolve em vários de seus escritos a oposição a concepções racionalistas de verdade, que levariam o homem a inúmeros impasses e a viver como se o pensamento predominasse sobre a realidade. Inaugura sua obra pela recusa da verdade. Para ele, a realidade é diversa, plural, um jogo de forças em eterno devir.

Freud também teria abalado a hegemonia da racionalidade filosófica ao traçar limites do consciente, reduzido à parte visível de um *iceberg*, e afirmar terem o desejo inconsciente e as pulsões uma participação mais fundamental, mais ampla e mais extensa em sua concepção da constituição do homem.

A autora situa a obra freudiana entre a razão e as intensidades. Para ela, Freud vê o homem como experiência-limite dos impasses entre a pulsão de vida e de morte.

Eis a modernidade vienense: uma modernidade que simultaneamente exalta a individualidade criadora, herdeira da crise de identidade provocada pela emancipação do indivíduo na ordem política e social efetuada na Revolução Francesa, ao mesmo tempo que desvela a sua fragilidade. O eu é sinônimo de desagregação e nervosismo, visão problemática que gerava uma inquietação constante nos intelectuais vienenses. Da mesma forma como a colocação da estética, da ética e do mito em oposição à metafísica e ao empirismo neopositivista.

A autora afirma, assim como outros estudiosos, que um dos fundamentos da modernidade é a feminização da cultura. A revolução francesa, marco da modernidade, ao estabelecer a morte do rei, segundo Nietzsche, perpetra filosoficamente a morte de Deus e a morte do pai, criando desta forma uma crise na masculinidade que, desde a Grécia antiga até o século XVIII, era politicamente o poder hegemônico. O modelo era o do sexo

único, pois a diferença sexual estava acoplada à questão de gênero, definida culturalmente: a mulher era um masculino menor, inferior. A partir do final do século XVIII, com o iluminismo, surge o modelo dos dois sexos, mas ainda pensados de forma essencialista, sendo a mulher colocada mais próxima da natureza, destinada à procriação e à vida doméstica. Esta é uma concepção científico-iluminista. No entanto, mais do que a ciência, quem configura esse discurso sobre os sexos é a política. Então, para Foucault, o surgimento das ciências sexuais não tem como meta a repressão do sexo e sim o adestramento dos corpos e a produção de subjetividades afeitas à instauração do capitalismo e da família burguesa. Segundo ele, as ciências sexuais patologizaram o corpo feminino, apresentado como excessivo, nervoso, fora das normas e histérico, ou seja, uma sexualidade que oferece perigo e, dessa forma, cria justificativas para manter a mulher afastada do espaço público.

A autora se pergunta se o discurso psicanalítico vem referendar as ciências sexuais da época ou se rompe com as concepções do período. Também se nessa construção teórica há, de alguma forma, uma tentativa de reconstituir e fortalecer a figura do pai. Questão que responderá ao longo do livro, distinguindo momentos da obra freudiana que parecem atender a cada uma dessas opostas posições.

Essa feminização da cultura na modernidade será vivida por seus contemporâneos como ameaçadora ou como uma apologia, promovendo questões que vão aparecer em vários romances e escritos. Temos: *As memórias de um neuropata*, de Schereber, e *O sexo e o caráter*, de Otto Weininger. No primeiro livro, vê-se o delírio de Schereber de ser o homem que iria renovar a humanidade transformando-se em mulher e sendo fecundado por Deus. Em suas palavras: "... a partir daí inscrevi o culto da feminilidade em minha bandeira". Weininger, que se apoiou muito no conceito da bissexualidade, reconhece do lado da feminilidade a questão da criação e do genial. Esta constatação desperta nele uma misoginia radical que o faz conclamar pela reconstrução da

genialidade masculina e acabar se suicidando aos 23 anos de idade, explicitando assim, de forma aguda, o conflito.

Vários romances evidenciam a queda do masculino e a emergência do feminino na cultura; entre eles, a autora cita: *O homem sem qualidades*, de Musil, e *A nova Eva e o novo Adão*, de D. H. Lawrence.

A reação dos homens à feminização da cultura eclode em vários campos da sociedade de então, e Néri exemplifica com várias obras literárias, políticas e filosóficas em que os autores conclamam pela renúncia à mulher e sua patologização. Mas há também aqueles que, antecipando o que aconteceria depois, defendem os direitos iguais para as mulheres e sua inserção no público e na política.

A partir de Nietzsche e outros autores contemporâneos, haverá a configuração dos dois sexos como diferença e potencialização criativa. A associação estreita que sempre foi feita entre o feminino e a psicanálise é analisada na tese de Regina Néri, que valoriza isso "que se configura como um acontecimento inédito na história do pensamento: é a primeira vez que um discurso, que vem justamente se opor à racionalidade filosófica, se inaugura sob a égide do feminino, numa dupla perspectiva: 1) enunciado a partir do discurso das mulheres 2) constituído sobre o feminino como interrogação primeira e fundante de seu aparato teórico" (p. 90).

Nesse contexto, "Breuer, Charcot e Freud não fazem senão se juntar ao romantismo alemão, que tira a mulher da inexistência, colocando-a como fonte de inspiração e de interrogação" (p. 92).

No entanto, "de figura matricial da psicanálise, pouco a pouco o feminino acaba por ser colocado na posição de objeto de um discurso, que visa decifrá-lo ou apontar seu mistério, tornando-se o grande enigma ou a grande verdade" (p. 94).

A autora ainda ressalta que a psicanálise é atravessada por um movimento duplo: dá voz ao feminino e à alteridade ao mesmo tempo que procura recolocar e restaurar na cultura o masculino como universal.

A histeria será pensada também como um sintoma da repressão cultural da sexualidade feminina ou do recalque da sexualidade infantil, deixando o outro lado da crise: o que vê a histeria como expressão de uma implosão do antigo modelo de feminilidade e explosão de um novo processo de subjetivação. A insatisfação sexual que é o motor dos sintomas histéricos se torna motor de uma atividade mental questionadora da condição da mulher no final do século XVIII. A autora cita algumas contribuições das pacientes histéricas de Freud: Cecília e Anna O ajudaram a configurar o fenômeno da transferência erótica; com Emmy, ficou estabelecida a associação livre – a cura através da palavra.

A histeria apresenta-se como a figura maior de uma subjetivação que se opera na atualização da pulsão e na alteridade. A crise histórica mostrou um cenário de explosão do erotismo feminino, com novas formas de inscrição subjetiva e erótica do corpo feminino no espaço privado e público. Como exemplos no espaço cultural no século XIX, temos a dança e o teatro, representados respectivamente por Isadora Duncan e Sarah Bernhardt. Nas artes plásticas, a afirmação do feminino na cultura influenciou os estilos de várias pintoras e escultoras, como Louise Bourgeois, Lygia Clark, Nikki de Saint-Phalle e Frida Kahlo.

Regina Néri observa que, no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud não se refere ao corporal ou ao psíquico. O psiquismo é, antes de tudo, um aparato de satisfação pulsional e não de representação e linguagem. A autora insiste aqui no processo de subjetivação como uma proliferação de experiências singulares, refutando o conceito de falta como ausência de satisfação que vai produzir representação. Entende a constituição do psiquismo como um circuito pulsional de processamento de intensidades, visando à obtenção do prazer que só se dá no encontro com o outro, que deixará marcas eróticas singulares nas experiências de dor e satisfação. A partir do trauma, Freud enuncia a pulsão de morte como uma pulsão sem representação, irreduzível, portanto, ao campo da representação e fora do primado do

princípio do prazer. A subjetivação é, portanto, uma produção imprevisível, indeterminada (no sentido de produções abertas).

Néri vê a pulsão tal como apresentada por Freud, como força, trabalho e ação. Está sempre em jogo uma relação de forças. A compulsão à repetição seria uma tentativa de ligar o excesso, ligação feita no próprio excesso e não na diminuição da excitação. Assim, após os anos 1920, abrem-se novas portas para pensar o feminino, para além do impasse do modelo fálico-edípico.

A autora faz um recorte da obra de Freud considerando quais conceituações seguem essa nova subjetividade na qual são privilegiados a intensidade e o aspecto positivo da manifestação histórica e do feminino. Ressalta os textos: *O projeto para uma psicologia científica*, *A pulsão e seus destinos* e *Além do princípio do prazer*. Coloca que, na ordem do representacional e do monismo fálico, Freud está mais do lado da racionalidade das concepções masculinas que promulgam a égide do pai universal.

Néri acredita que o conceito de pulsão sexual parcial e polimorfa já é um operador que permite formular a sexualidade humana fora do determinismo anatômico e a diferença sexual, fora do registro da complementaridade. Não é o monismo sexual e sim o conceito de pulsão sexual perversa polimorfa que garante a Freud, nesse momento, a formulação inovadora da sexualidade humana como antinatureza. É o feminino na crise histórica que enuncia esse corpo erógeno perverso polimorfo, revelando também a bissexualidade psíquica ao fazer de seu corpo um teatro da incerteza sobre o sexo: sou homem ou sou mulher?

Os anos 1920 marcam duas mudanças na teoria freudiana: a reformulação da primeira teoria do monismo sexual e a abordagem da sexualidade feminina não mais em simetria ao masculino, mas com dinâmica e especificidade próprias. Não se trata mais da predominância do pênis, mas da primazia do falo, que é introduzido como operador da diferença sexual, concebida na existência de um só sexo – o masculino – sustentando a

oposição em termos de masculino – castrado. A fase fálica e o complexo de castração abrem uma nova via para pensar a sexualidade feminina na sua especificidade: em face do operador fálico, meninos e meninas vão se situar diferentemente, mas à mulher fica destinado o polo dos castrados, e o feminino é remetido a uma falta.

A partir de então, a origem da mulher poderia ser reportada ao tempo pré-edípico. Esta concepção indicaria outro referencial de ordenação da diferença sexual, para quem da cultura fálico-edípica, transformando-se no enigma obscuro do continente negro que vai ser penetrado pelo olhar-saber fálico-iluminista.

Para Regina Néri, a construção fálico-edípica indica, por um lado, o feminino como construção psíquica e, nesse sentido, desvinculada de uma ordem natural; por outro, permanece sustentando a maternidade como destino natural para as mulheres, sendo as outras saídas apresentadas como desvios negativos e soluções patológicas.

Néri dá continuidade à análise dos impasses da teoria psicanalítica da sexualidade feminina fazendo uma descrição do percurso sobre o feminino na obra de Lacan: do feminino como excesso, passando a ser representado como falta, vazio, onde o primado do falo vai ser reafirmado e reinterpretado, voltando só nos anos 1970 a reatar com a concepção de excesso. Para ele o conceito de falo está relacionado ao significante da metáfora paterna, que ordenaria a subjetividade e a diferença sexual.

Até 1958, a dimensão da ordem fálica prima acerca de suas formulações sobre o feminino, a lógica fálica forclui o feminino.

No entender de Regina Néri, a dialética fálica lacaniana serviria mais à fetichização do que à elaboração da castração e da diferença sexual. No que se refere à rede de possibilidades identificatórias e sublimatórias femininas, a ausência de significante da feminilidade irá marcar de maneira contundente os destinos do feminino. Ser um falo misterioso de uma feminilidade inexistente para se manter como objeto fálico da fantasia masculina é para a autora uma repetição do

impasse freudiano, em que a mulher teria uma identidade masculina falha.

Ela questiona se Lacan teria alcançado o objetivo de abrir novos caminhos que dariam ao feminino o estatuto de uma sexualidade dividida para além da ordem fálica, ou se repetiria Freud de forma mais sofisticada e ambígua sobre os mesmos impasses que a construção fálico-edípica teria colocado à sexualidade feminina.

Na proposição “a mulher não existe” se apon-ta um impasse do feminino. Restaria às mulheres bancarem os homens. Portanto, para Lacan, a sexualidade feminina deixaria de ser uma sexualidade fálica (falha e invejosa), para se tornar uma sexualidade dividida entre ser fálica (falha, fetiche) e/ou inexistente.

Nesse sentido, para a autora seria o mesmo impasse da subjetivação – ser sujeito masculino numa nova versão fálica-falha-fetiche ou ser mãe. Portanto, uma existência possível como sujeito de um inconsciente só ocorreria como homem ou como mãe.

Por fim, a pergunta que a autora se coloca é: se a lógica fálica determina a inexistência do sexo feminino, que inexistência é esta que existe tanto?

Para Regina Néri, a construção fálico-edípica foi uma tendência de reconstrução da figura paterna e de reafirmação do papel do masculino na cultura, tanto em Freud como em Lacan, na medida em que os dois estiveram marcados por um contexto de feminização da cultura. Dentro do discurso psicanalítico existiu uma tensão paradoxal: dar voz ao feminino-singular e reafirmar o masculino-universal da cultura.

A sexualidade feminina nos anos 1960 é parte integrante do movimento cultural de maio de 1968, torna-se um debate fundamental em várias instâncias e em particular na psicanálise. O movimento feminista, junto com as grandes transformações das mentalidades e com o advento da pílula, enceta muitas batalhas em prol do feminino na cultura. Mas, na verdade, segundo a autora, a abertura de caminhos para o feminino já estava acontecendo nas obras literárias de



Clarice Lispector e Marguerite Duras, pois entende que elas não realizam uma obra sobre o feminino, e sim que elas inscrevem o feminino como criação e que comparecem na cena cultural na posição de autoras e não mais como enigmas ou musas para serem cantadas em verso e prosa na escrita dos homens.

Elas realizam uma escrita feminina de forma exemplar nos romances da década de 1960: Clarice Lispector com *A paixão segundo GH* e Marguerite Duras com *O deslumbramento de Lol V. Stein*. São escritos da paixão, do arrebatamento, que rompem com a significação e com a lógica racional. Marguerite dá voz ao silêncio e diz que escreve de um lugar onde a respiração é rarefeita, no limite do indizível. Para Clarice neste seu romance há um enfrentamento com a coisa, com o real do ser: “[...] Estar vivo é inumano, um sorriso se exala como uma matéria” (p. 248); “[...] é que o inumano é o melhor nosso, é a coisa, a parte coisa da gente” (p. 249).

Escritas da voz, esta voz escrita que busca a pura sonoridade do significante, como na língua (conceito lacaniano), a voz escrita parece indicar a passagem do significante para a materialidade da letra.

A escrita feminina, segundo autores citados por Regina Néri, “remete a um texto de gozo [...], a uma instância pré-discursiva na qual as palavras, puro som, buscam negar seu estatuto simbólico, o que conduz ao privilégio da voz sobre a escrita e do fonema sobre a letra. Operando com a sonoridade da palavra, margeia um abismo, e assume um risco porque ao fazê-lo convoca um pai que não responde a sua língua ateiá” (p. 237).

No livro *O deslumbramento de Lol V. Stein*, a personagem Lol é paradigmática da questão da feminilidade. Montrelay começa a trabalhar a questão do feminino com base na leitura desta obra. Refere-se à feminilidade como uma sombra recalcada pela psicanálise: “Lol é essa parte de nós mesmos que permanece do lado da coisa, na sombra, nunca colocada para fora, inumana, escondendo-se como uma fera. Sem ela o inconsciente não pode existir” (p. 241). Duras revela

esse desnudamento tranquilo e a verdade da coisa que Lol materializa diante de Jaques Hold, personagem e narrador do romance.

Na busca de sua feminilidade, o homem e a mulher devem inscrever o nome dessa sombra. Montrelay considera que Duras através desse romance quer devolver para os homens um gozo feminino do qual se exilaram.

Nos romances *Lol* de Duras e *GH* de Clarice Lispector, a inscrição da loucura feminina conduz à criação e não ao asilo como a *Nadja* de Breton, *Madame Edwarda* de Bataille e o caso Aimeé de Lacan. A expressão *dit’elle* está, por assim dizer, colada à pele e à obra de Duras. Impossível dissociar Duras de *Lol* e Clarice de *GH*... De comum, as duas obras apresentam a inscrição do feminino como paixão e arrebatamento para além de qualquer verdade ou fundamento.

Regina Néri considera Adélia Prado como a Clarice Lispector na poesia, levando em conta que elas têm em comum a irrupção no texto de uma “epifania e de uma verdade desnordeante” (p. 252).

A poeta recria o interior de Minas em sua poesia, em sua forma feminina de dizer e de escrever, em uma dicção feminina. Adélia Prado e outras escritoras trazem a público a voz de suas mães, avós, a cultura feminina que ficou na sombra da história, mas que foi transmitida de forma viva de mãe para filha. Muitas de nossas ancestrais escreveram diários, Clarice Lispector descobre que sua mãe tinha vários diários. Esta escrita da intimidade, único recurso de outrora, é bastante presente para as mulheres de todas as épocas e marca presença ainda hoje nas escritoras atuais.

Apresentando poemas, romances e outros escritos femininos, Regina Néri se contrapõe a Freud e a Lacan, evidenciando a relação amorosa, de admiração e identificação positiva das filhas com suas mães. Adélia Prado fala de sua mãe na poesia “Fotografia”, relatando que, apesar de toda repressão, ela vislumbrava “em seu rosto um desejo de beleza, que uma doutrina dura fez contido. Seria um retrato triste, se não visse em seus olhos um jardim” (p. 253). [...] “Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão roxinho,

molho de batatinhas. Mas cantava”. Marie Bonaparte faz uma associação de sua mãe com a música: “Minha mãe, poética e sonhadora, tem a alma da música”.

Transmissão de uma cultura da vida como obra de arte, é o que afirma Duras em relação a sua mãe: “[...] eu não tive uma mãe que se interessasse pela arte: ela não ia ao teatro, não amava a pintura, somente a aventura da vida cotidiana, mas sem dúvida ao lado dela, eu nunca encontrei alguém que fizesse de cada dia uma novidade tão violenta” (p. 255).

Regina Néri vai fazer destas falas contraponto ao que entende como a relação mãe-filha marcada pela negatividade nas concepções psicanalíticas. Freud pensa a relação mãe-filha marcada pela hostilidade e desprezo da filha quando da descoberta da castração da mãe. Também afirma que nesta relação com a mãe se encontra o germe da paranoia feminina. Lacan entende que a relação da menina com a mãe é uma “devastação”, marcada pela impossibilidade de o outro materno oferecer à filha seja um significante da feminilidade, seja um significante fálico.

Segundo a autora, para essas escritoras a relação mãe-filha não conduz à indiferenciação mortífera ou à paranoia, mas à criação. Para Néri, não se trata de um retrato idealizado, fetichizado, da “outra mulher” como aquela que detém o falo da feminilidade, objeto de mistério, fascinação e inveja. Ao contrário, é o retrato banal de uma mulher de carne e osso, a mãe pelo olhar de sua filha. Na psicanálise, nem sempre é colocado assim o jeito de admirar uma mulher.

Ao ressignificar a presença do feminino na psicanálise e na cultura, Néri conceitua a feminilidade em sua positividade, como excesso e intensidade, que conduz à criação e não à patologia. Entende a intensidade como produtora: o excesso irrompe e faz inscrição. O ato criativo é mais da ordem da inscrição que da escrita.

A feminilidade na escrita criativa está presente também nos homens, como afirma Regina Néri, mas, em alguns trechos e capítulos, sua teorização restringe e identifica a feminilidade à mulher.

A concepção de sublimação que ela expõe se refere à conceituação do criativo na segunda tópica freudiana, tal como vai ser entendida e explorada por vários autores contemporâneos. A autora entende que Freud deu passagem à nova subjetividade que estava sendo instaurada no século XIX ao acompanhar e dar voz ao sintoma histérico. Sintoma entendido como expressão de um movimento que se rebela a uma ordem dada, desenvolvendo uma nova subjetivação e, ao mesmo tempo, sintoma que se submete ao estabelecido e resiste ao novo.

Regina Néri, ao ressignificar o feminino na fundação da psicanálise, teria como ambição pensar os destinos da psicanálise hoje. Propõe aos psicanalistas que deixem de lastimar as novas apresentações do mal-estar de seus pacientes que não sentam, não associam, para que possam elencar a radicalidade do sintoma histérico na modernidade, de modo a pensar os *acting outs* de hoje no que têm a ver com uma economia subjetiva corpórea.

# Sobre 100 anos de novidade – A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno de Sigmund Freud [1908-2008]

Glauca Peixoto Dunley

Resenha de Néstor A. Braunstein; Betty B. Fuks (orgs.), *Cem anos de novidade – A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno de Sigmund Freud [1908-2008]*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011.

A formulação de Lacan “antes renuncie a isso [à psicanálise], quem não conseguiu alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”, lançada por Daniel Koren como epígrafe de seu texto “Cultura sexual e nervosismo hipermoderno” (p. 99), será aqui tomada como um imperativo ético para os psicanalistas que buscaram celebrar a novidade do texto freudiano “A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno”, de 1908, com o livro *100 anos de novidade – a moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno de Sigmund Freud [1908-2008]*.

Organizado por Betty Fuks e Néstor Braunstein, seus nove autores – brasileiros e de língua espanhola – reúnem-se em torno do tex-

to de Freud, também presente no livro com uma nova tradução diretamente do alemão, para afirmarem os laços constitutivos da psicanálise entre a escuta clínica e o pensamento crítico de seu tempo. Neste atrelamento ético e questionador, reside a novidade maior e incessante do texto freudiano que se transmite com êxito nos nove textos do livro, tornando também seus leitores herdeiros desta conjunção freudiana, reformulada por Lacan ao exigir da psicanálise e dos psicanalistas um pensamento vivo e atual para lidarem com o sofrimento humano.

Se ao filósofo comprometido com sua época cabe fazer “o diagnóstico do presente”, como nos diz Deleuze em *O que é a filosofia*, urge ao psicanalista pensar o mal-estar de seu tempo, seu “nervosismo”, sua “angústia social” (Freud, 1929)<sup>1</sup>, trazido pelas falas e corpos dos sujeitos em busca de um melhor viver. Talvez não mais para que tentemos “transformar uma miséria histórica em uma infelicidade banal”, como nos diz Freud no final de “Estudos sobre a histeria” ao marcar os limites e mesmo a impossibilidade da psicanálise em nos oferecer felicidade diante de um mal-estar irreduzível e independente de sua época, seja ela mais ou menos repressiva; mas, ao contrário, para que tentemos *transformar em conflito* explícito o marasmo depressivo ou anorético diante da vida dos sujeitos que nos chegam, as adições que nada acrescentam, as chamadas depressões... Tantas mudanças na fenomenologia do mal-estar foram sendo constituídas nas últimas décadas, simultaneamente à oferta abusiva de bens de consumo, dos quais esses sujeitos lançam mão de maneira frenética, indiferenciando-se cada vez mais e, ironicamente, transformando o mal-estar irreduzível em mal-estar intolerável porque não dito nem refletido. Nesta *feira tecnológica* na qual estamos imersos, à semelhança do festim totêmico freudiano de “Totem e tabu”, durante os quais se celebra ainda e sempre “a morte de Deus”, as mercadorias do “deus com próteses” tomaram o lugar das palavras sem, no entanto, nos tornarem mais felizes, conforme a intuição esclarecida de Freud em “O mal-estar na cultura”.

1 S. Freud. “El malestar en la cultura”. Obras completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

**Glauca Peixoto Dunley** é psicanalista, médica (UFRJ), mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ), doutora em Comunicação (UFRJ), com pós-doutorado em Comunicação (UFRJ) e em Serviço Social (UFRJ); professora-pesquisadora associada do G.R.I.P.E (Grupo Interdisciplinar de Estudos em Literatura e Artes/Faculdade Letras/ UFRJ); autora dos livros *A festa tecnológica – o trágico e a crítica da cultura informacional* (São Paulo: Escuta/Fiocruz), *O silêncio da Acrópole – uma ficção psicanalítica* (Rio de Janeiro: Forense Universitária/Fiocruz).

Na verdade, ler este livro faz pensar, e muito. Inclusive, para não nos perdermos diante de tantas questões pertinentes que são colocadas a propósito das novas caras do nervosismo moderno tardio, ou pós-moderno, ou ainda “hipermoderno”, e de suas relações com uma possível moral “sexual” contemporânea, regida aparentemente nem tanto pelo recalque das pulsões, como em 1908, mas por um imperativo absoluto de consumir e gozar impingido pelo discurso dos mercados, que nos submeteria a um funcionamento perverso, sem, no entanto, o sermos, ao nos fascinar com suas inúmeras formas de escamotear o real sexual da castração e a impossibilidade de satisfação do desejo.

Parto da premissa inarredável para a psicanálise, como quem porta uma bússola, de que o conflito existe, e constitui o pilar fundamental da teoria e da clínica psicanalítica, nele residindo a tragicidade do humano, tão largamente captada por Freud. Se, conforme o que se depreende dos textos que constituem *100 anos de novidade*, esta tragicidade conflituosa não ocupa mais a ribalta da cena psicanalítica, nem da cultura, ofuscada pelo atulhamento dos sujeitos pelas mercadorias e pelo esgarçamento do laço social em favor do individualismo acirrado e das facilidades extremas, cabe talvez ao psicanalista insistir sobre ela em sua clínica e em seus escritos. Embora sejamos tentados por toda sorte de discursos sobre “novas subjetividades”, que podem não ser nada mais do que contrapesos ou contaminações do discurso capitalista e dos mercados na prática-teórica da psicanálise, escamoteando igualmente suas premissas fundamentais, sua castração, sua finitude. Ao deixarmos de lhes dar seu nome ou seu lugar preciso na teoria psicanalítica, ao sermos enganados ou confundidos pela extrema plasticidade das pulsões, o que lhes permite fazer a mimese sem fim da cultura no campo da fala e da linguagem dos corpos, esquecemos o fundamental: por trás dessas máscaras, vige o conflito interminável entre *Eros* e *Tanatos*.

Portanto, ainda em relação ao esforço compreendido por alguns autores do livro ao tentar

uma possível demarcação teórica para essas novas caras do mal-estar, e a sua posição quanto à articulação imprescindível do “nervosismo” com o sexual – tese geral do texto de 1908 –, é preciso lembrar que as neuroses atuais são sempre *atuais*! E repensar, quando pretendemos entender o mal-estar à nossa meia-luz contemporânea, na correspondência que Freud insistiu em fazer entre o campo das neuroses atuais (neurastenia, neurose de angústia e, posteriormente, hipocondria) e o campo das psiconeuroses. O termo *atual* referindo-se ao tempo presente, a uma angústia de origem somática e não psíquica, sem mediação simbólica através da qual uma representação angustiante do passado é recalçada, rejeitada ou recusada pelo conflito que ela poderia causar, transformando-se em sintoma que fala, se estivermos à escuta.

Pareceu-me ouvir neste livro que uma das tarefas do psicanalista hoje consistiria em ouvir essas “novas caras” do nervosismo não estruturadas sob a forma de conflito em suas relações prováveis com as psiconeuroses, procurando dar-lhes assim um destino de linguagem, freudianamente. Entretanto, talvez nem todas essas “novas patologias da alma” poderiam ser relacionadas às neuroses atuais, como seria o caso de reconhecer na síndrome do pânico atual a neurose de angústia do final do século XIX, e levá-la ao seu destino linguageiro na histeria. Outras correlações e composições precisarão ser feitas para que não ignoremos as premissas da psicanálise, ao mesmo tempo que nos tornamos psicanalistas contemporâneos, se pudermos dar ao contemporâneo do psicanalista o sentido do intempestivo, no qual *ser contemporâneo* não se refere àquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente, mas que, graças a uma diferença, a uma defasagem ou a um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Talvez assim possamos compreender e fazer dialogar a *antiguidade* e a *novidade* da psicanálise.

A tarefa dos autores não é amena. A começar pelo *enigma* do “cultural” com o qual Freud qualifica a moral sexual de sua época no início de seu ensaio e sobre o qual se debruçam vários de-



les. Partindo da tese central do ensaio freudiano, a cultura/*Kultur* se baseia na repressão das pulsões, exigindo de cada indivíduo uma renúncia das inclinações onipotentes e agressivas de sua personalidade para que se constitua um patrimônio coletivo de bens materiais e ideais, sendo lícito supor que, sob a égide dessa moral sexual cultural [repressiva], os danos causados aos indivíduos pelos sacrifícios que lhes são impostos coloquem em risco o próprio objetivo cultural.

Entre eles, pareceu-me instigante o questionamento feito por Marco Antônio Coutinho Jorge (p. 9) sobre as aspas do cultural, ao propor que elas estejam querendo significar algo que não é cultural neste “cultural”. Este ponto cego, pelo menos para nós, do próprio ensaio de 1908, tomado de Von Ehrenfels a partir de uma oposição, se dissemina implicitamente na *oposição inclusiva* entre civilização e cultura por toda a obra freudiana, como também pelas interpretações de outros autores no livro, valendo talvez alguns comentários, no sentido de procurar lançar luz sobre as falsas querelas entre pulsão e cultura, desfazendo falsas antinomias que embaçam desde sempre o conceito de sublimação e a própria função da *Kultur* germânica e freudiana.

Freud nunca realizou de forma explícita em sua obra uma diferenciação entre cultura e civilização, ou, se quisermos, entre processo (“evolução”) cultural e processo civilizatório, embora tenha deixado indícios e mesmo definições de sua *Kultur* nas quais estas duas vertentes estão presentes e se hibridizam, sem se oporem. O próprio “Moral sexual cultural e o nervosismo moderno”, “Totem e tabu”, “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na cultura”, entre outros, são textos de interlocução obrigatória quanto a este aspecto e a outros do texto de 1908, fato este cuja importância é captada e explorada por Betty Fuks de forma extraordinária no livro, assim como por Sergio Telles, ambos fazendo justiça a Freud em sua infundável *Aufhebung* – seu ultrapassar (quase sempre) mantendo suas posições, por não temer abrir-se ao desconhecido onde ele encontrava o *novo*.

Pressuponho que esta tática de pensamento – que não é dialética, mas afirmadora e incluidora da diferença, sem procurar sínteses – resulte no caráter de novidade do texto e da obra freudiana, em si inclusiva e crítica, capaz de acolher o paradoxo e dispensar a contradição, seja ela entre psíquico e somático, cultural e natural, cultura e civilização. E tome aspas! O que talvez devesse ocorrer também na tradução oferecida no livro do ensaio de 1908 de pulsão por impulso, onde, no meu entender, na tradução de pulsão por impulso fica escondido ou pelo menos escamoteado o caráter de pulsação da pulsão, de *período* do “estímulo nervoso” (Projeto, 1925), ou seja, da pulsão como *Konstant Kraft* (1915) – força constante que diferencia *Trieb* de impulso – este último como aquilo que, no seu ímpeto, pode estancar-se ou ser estancado. Valendo-lhe, então, suas aspas diferenciadoras.

Para abreviar, é ela, a pulsão como esta força sem trégua, a responsável por nossa *condenação civilizatória* – *tout court*, condenação aos interditos do assassinato e do sexual que nos fazem renunciar aos desejos humanos mais pressionantes – e por nossa *meia redenção cultural* – processo “concomitante-dependente” pelo qual nos “indenizamos” do sacrifício de nossas pulsões, segundo nossas possibilidades pulsionais e sublimatórias, pela disponibilidade de acesso aos objetos de cultura, e pela presença desde sempre de *Tanatos*.

A presença deste último na cena da cultura é trazida por Néstor Braunstein em seu texto peremptório e brilhante, lembrando-me a pergunta crucial de Freud em “O mal-estar da cultura” – em tudo relacionada ao texto de 1908 –, sobre até que ponto a cultura se estabelece ou se baseia necessariamente sobre a repressão das pulsões. No meio do capítulo v do texto de 1929, Freud introduz a pulsão de morte enquanto pulsão de destruição para explicar as restrições aplicadas pela *civilização* à manifestação das pulsões. A partir daí, nomeadamente, a *cultura* não é mais apenas fruto de *Eros* e *Ananké*, mas de *Eros* e *Tanatos*.

Este mesmo *Tanatos* que, no cenário trágico de “Totem e Tabu”, investe o pai da horda com

todo o seu poder de gozo, e obriga sua deposição violenta pela coalizão dos irmãos, instaura o processo civilizatório por meio de interditos primordiais, cuja conta será paga pelo mal-estar *na cultura* – na *Kultur* como processo humano geral que inclui o processo civilizatório interditor, ao mesmo tempo que faz uso do “valor cultural” das pulsões para construir e acumular bens materiais e espirituais, estabelecendo os laços sociais entre os homens.

Bataille, leitor afiado de Freud, em *O erotismo*, fala do surgimento possível dos interditos de assassinar e do sexual, no período *paleolítico*, significativamente apostos ao desenvolvimento das

*técnicas* de sepultamento, ornamento dos mortos e pinturas rupestres (*homo sapiens/faber*), sinalizando para nós a interdependência desses dois processos, e lembrando inclusive que os interditos do incesto e do parricídio foram formas especiais de interditos civilizatórios trazidos por Freud para a psicanálise. Fonte a investigar, assim como *O processo civilizador* de Norbert Elias, onde ele dedica um extenso capítulo a discutir a significação que os termos *Civilization* e *Kultur* têm, historicamente, para franceses e ingleses, de um lado, e alemães do outro – onde o conceito alemão de *Kultur* refere-se basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos.

# Psicanálise e cultura em Guimarães Rosa: a travessia poética de Adélia Bezerra de Meneses

João A. Frayze-Pereira

Resenha de Adélia Bezerra de Meneses, *Cores de Rosa. Ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2010. 236 p.

Adélia Bezerra de Meneses é um nome que já se tornou referência entre muitos psicanalistas brasileiros. Desde *Desenho mágico* (1982) até *As portas do sonho* (2002), passando por *Figuras do feminino* (2001) e pelo conjunto de ensaios de literatura e psicanálise, reunidos em *Do poder da palavra* (1995), Adélia foca seu pensamento sobre as relações entre cultura e psicanálise, dentro do campo específico da literatura. Entretanto, se nos primeiros estudos percebe-se que o exercício da psicanálise é cercado de certa cerimônia, à medida que nos aproximamos do último livro, tal distância é gradualmente reduzida com o uso de certos recursos teórico-clínicos que facilitam à autora a realização de uma experiência psicanaliticamente implicada no campo cultural, delimitado pela literatura, campo simbólico cuja forma

poética pode encantar o leitor. E como não é a primeira vez que resenho livro dessa autora, tenho tido o privilégio de acompanhar o perfazer de seu pensamento<sup>1</sup>.

Em *As portas do sonho*, por exemplo, o leitor trabalha inteiramente seduzido, uma vez que se trata de um livro belíssimo não apenas do ponto de vista da escrita, como também do ponto de vista editorial. Por ser ensaístico e plástico, pode ser considerado um exemplar dos chamados *livros de arte*, um volume que facilmente se elege como livro de cabeceira a maravilhar o leitor: *portas do sonho*. Não são poucos os parágrafos que suscitam pausa na leitura para ter início um processo cognitivo situado entre o pensamento e o sonho, aquele tipo de atividade poética designado por Gaston Bachelard *devaneio*. Assim, é prazeroso o ato de ler esse livro, pois, não apenas conceitual, é também imaginativo. Desde a primeira página, o leitor é introduzido pela autora no campo dos sonhos realizados pelos gregos na Antiguidade, tal como aparecem registrados na literatura da era clássica. Ora, em grego, a palavra imaginação (*phantasia*) vem do mesmo radical de luz (*phaos*). E não por acaso *As portas do sonho* é também um objeto visual. Afinal, como lembra Adélia, não é a poesia o *luzir sensível* da ideia (Hegel)? Em *Cores de Rosa. Ensaios sobre Guimarães Rosa*, essa ideia é radicalizada. Afinal, este também é um livro colorido.

Nos oito capítulos que o compõem, são analisadas obras diversas de Guimarães Rosa – *Grande sertão: veredas*, *A hora e vez de Augusto Matraga*, *Buriti*, *Dão lalalão*, *O homem do pinguelo*, *O recado do morro*, *Fita verde no cabelo*. Neles, a autora considera a simbologia das cores, elaborada por Guimarães, e decide pesquisá-la. E, como resultado dessa decisão, surge um texto trabalhado visualmente ao pé da letra. Isto é, para cada cor, contextualizada na obra que analisa, Adélia descobre significados vinculados aos personagens. Por exemplo, em *Grande sertão: veredas*, codificam-se o vermelho, o verde, o azul e o violeta, codificação que recebe um cuidadoso tratamento editorial: “1. Azul: comportamento/atitude

1 J. A. Frayze-Pereira, “Da palavra encarnada. Questões de psicanálise e literatura”. *Literatura e Sociedade. Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada*, n. 2, p. 232-236, 1997. J. A. Frayze-Pereira, “As portas do encantamento: sonho e poesia”. *IDE – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, n. 37, p. 82-84, 2003.

**João A. Frayze-Pereira** é psicanalista. Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da USP. Autor, entre outros livros, de *Arte, dor. Inquietudes entre Estética e Psicanálise*. São Paulo, Ateliê, 2010 (2ª edição).

de Diadorim; 2. Vermelho: a atração de Riobaldo por Diadorim; 3. Verde: descrição de Diadorim (sobretudo os olhos); 4. Violeta: introdução ao encontro, feito por uma Mulher” (p. 45). Assim, interrogada de diferentes perspectivas, a relação entre literatura e visão anuncia-se desde a epígrafe do livro – As cores são ações da luz. Ações e paixões (Goethe) – que é reforçada com as fotografias de Germano Neto, verdadeiras vistas do sertão, distribuídas no interior da prosa. Afinal, como diz Riobaldo, “sertão: é dentro da gente” (p. 15, 24, 73).

Como nos outros livros da autora, neste, reiteram-se as análises preciosas cuja retransmissão é impraticável, salvo o recurso às citações que, nesse momento, seriam muitas. São análises, em suma, projetadas a partir de dois pontos de vista – o psicológico e o antropológico – que, por sua vez, instauram uma profunda reflexão de cunho fenomenológico-existencial. Associada a Guimarães Rosa, Adélia pressupõe em seus leitores uma “consciência etimológica” e uma “sensibilidade ao significante” (p. 88) que ela explora magistralmente. São exemplos, nesse sentido, as análises dos nomes próprios e seus correspondentes: Riobaldo//rio (p. 72-73), Diadorim//neblina (p. 38; p. 64), Matraga//matraz (p. 89), entre outros. A ideia subjacente a elas é a da *correspondência sensorial de todos os seres* ou, mais profundamente, a da *correspondência das artes*, o que foi elaborado por escritores, poetas e filósofos como Vico, Goethe, Baudelaire, Souriau, entre outros. E, com efeito, durante a leitura de *Cores de Rosa*, pouco a pouco, é possível perceber no intervalo das palavras a ideia de *obra de arte total* que se funda na *unidade dos sentidos*, questão florescente no campo da Fenomenologia.

Cabe lembrar que a proposição de uma obra de arte total não é uma ideia abstrata. Ela aconteceu em vários momentos da história das artes. No século XVI, Arcimboldo imaginara um sistema de equivalências entre gradações do preto ao branco e intensidades sonoras. E no XVIII, não foram poucos os que se interessaram pelas articulações entre música e artes plásticas, antecipan-

do certas problemáticas que se farão presentes no século XX. Mas, antes disso, a ideia de uma espécie de unidade primordial da criação artística, sobretudo com o romantismo, levou muitos artistas a recusar a divisão das artes em artes espaciais ou visuais (arquitetura, escultura e pintura), artes temporais ou da audição (música, poesia e prosa) e artes do movimento (dança, teatro e cinema). Etienne Souriau<sup>2</sup> interroga essa concepção linear e esquemática que muitas manifestações contemporâneas também se encarregam de problematizar e, finalmente, destruir. Ou seja, são principalmente os artistas da segunda metade do século XX que se manifestam com projetos que ultrapassam as correspondências sensoriais como meras analogias, trabalhando tal sensorialidade poética a partir de uma interpretação mais complexa da própria atividade perceptual. A reflexão contida em *Cores de Rosa* permite pensar que a obra de Guimarães participa desse campo de interrogações. E, nesse instante, é preciso abrir parêntese para dizer que a reflexão desenvolvida neste livro, apoiada nos diversos autores escolhidos por Adélia, tem afinidade com a “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty, na qual o corpo é espaço expressivo por excelência, transformador das intenções em realidades, meio de ser no mundo e fundamento da potência simbólica<sup>3</sup>. Como se sabe, desde esse filósofo, o campo privilegiado em que se realiza o fenômeno da expressão é o corpo, campo que permite a pregnância de todas as experiências sensoriais – auditivas, visuais, táteis... – no qual se funda a unidade antepredicativa do mundo percebido que, por sua vez, servirá de referência à expressão verbal e à significação intelectual. No capítulo sobre a “passionalização da natureza em *Grande sertão: veredas*”, Adélia deixa perceber essa afinidade intelectual. Por exemplo, considerando que a característica principal de Guimarães Rosa é a visualidade, a autora diz:

realmente, a apreensão plástica do mundo, a visão como órgão dominante é tal que, nele, até a percepção olfativa é “vista”: “um cheiro pingado, respingado, risonho,



cheio de alegriazinha”, refere o narrador em “campo geral”; nele, o táctil (e, eventualmente, o acústico) também vira visual: “o vento é verde” (p. 56).

Ora, tais correspondências, baseando-me em Merleau-Ponty (1945), falam de uma natureza enigmática do corpo que transfere para o mundo sensível o sentido imanente que nasce nele em contato com as coisas e nos faz assistir ao milagre da expressão. Quer dizer, como uma totalidade sensível e sentiente, o corpo é ambíguo. Simultaneamente sujeito e objeto, é um ser capaz de reflexão. Melhor dizendo, ele é esse ser estranho que utiliza suas próprias partes como simbólica geral do mundo e pelo qual podemos frequentar esse mundo e encontrar para ele uma significação. Assim, compreende-se que, dessa perspectiva, a passionalização da natureza é uma operação não apenas possível, mas real. Admitindo que haja em cada ser sensível uma simbólica que vincula cada qualidade sensorial às outras, constituindo conjuntamente uma única coisa, pode-se concluir que o olhar, o tato e todos os outros sentidos também são conjuntamente os poderes de um mesmo corpo integrados em uma única ação. A análise profunda feita por Merleau-Ponty do processo perceptivo demonstra que os sentidos se comunicam. E é essa comunicação intersensorial que Adélia pressupõe, desvendando a “sensorialidade” (p. 55) do corpo literário e as correspondências sensíveis como “fundamento da linguagem poética” (p. 56). E, finalmente, reconhece que a “ambiguidade” é o grande tema de Guimarães Rosa (p. 73). Nesse sentido, em diálogo com Marcuse, nossa autora lembra que “a moralidade castradora da civilização interditou de tal maneira o uso do corpo como instrumento de prazer, que esse uso se manteve como infeliz privilégio de prostitutas, degradados e perversos” (p. 146). E de escritores como Guimarães

Rosa, pode-se acrescentar que fazem do corpo o fundamento de sua literatura dadivosa – corpo intersensorial, ambíguo, reflexivo. Mas, e a psicanálise?

Escapando do caminho oferecido pela metapsicologia que, frequentemente, leva o leitor, ingênuo, a um seguro, porém abstrato exercício intelectual, que confunde prática da psicanálise com psicanálise aplicada, inevitavelmente reducionista, a leitura que Adélia Bezerra de Meneses realiza é mais sofisticada: a que pode e deve dar a si mesma dos efeitos das obras de cultura sobre a sua própria subjetividade. Nessa medida, a relação entre psicanálise e literatura fica fora dos limites da mera psicanálise aplicada, pois não se restringe a uma verificação do método ou dos conceitos psicanalíticos. Mais exatamente, sem prescindir do processo associativo, Adélia realiza um tipo de trabalho, homólogo ao da clínica psicanalítica, que designa “associação cultural”<sup>4</sup>, isto é, associar, não tanto o que lhe vem à mente a propósito deste ou daquele símbolo, mas como um personagem, um sertanejo, supostamente associaria – trabalho arriscado, pois todo o esforço será o de entrar na pele (melhor dizendo, na “psique cultural”) de Riobaldo, Diadorim, Matraga, Soropita, Doralda, Cesarino, Mourão... Assim, em *Cores de Rosa*, melhor será falar em psicanálises, pois são diversos os psiquismos em foco, diferentes os recursos conceituais evocados, quase sempre implicados nas análises realizadas. Nessa medida, por um lado, a autora privilegia o processo metódico, freudiano, da associação livre, entendido por ela como “associação cultural”, e compara o que se passa entre Riobaldo e seu interlocutor a uma sessão psicanalítica, referindo tal analogia a certas ideias de individuação, de cura e de interpretação, articuladas a certa concepção de “campo transferencial” (p. 28, 32, 39, 41); por outro lado, para a interpretação dos símbolos, além dos vários dicionários de Etimologia, a autora recorre à Psicologia Analítica de Jung, à Antropologia e à História das Religiões de Mircea Eliade, apenas para citar alguns dos autores evocados que vão desde os clássicos aos brasileiros, especialmente,

- 2 E. Sourriau, *La correspondance des arts*. Paris, Flammarion, 1947.
- 3 M. Merleau-Ponty. *Phénoménologie de la perception*. Paris, Gallimard, 1945.
- 4 A. Bezerra de Meneses, *As portas do sonho*. São Paulo, Ateliê, 2002, p. 157.

aos que trabalham na área da Teoria e da Crítica Literária. Nesse sentido, é evidente no livro que, além da relação transferencial com a personagem, é imprescindível a erudição do analista, também entendida como recurso metódico, isto é, o conhecimento profundo do universo simbólico em que vive o outro a analisar, recurso sem o qual torna-se impossível evitar a arbitrariedade associativa e a violência das interpretações, obstáculos para a realização de uma “travessia” poética, isto é, “na linguagem”, “em comunhão com um Outro” (p. 24). Nesse caso, a pergunta que Adélia tacitamente propõe ao leitor é grave: até que ponto tal recurso valeria apenas para a análise de personagens histórica e culturalmente distantes do intérprete; até que ponto a ignorância da memória cultural na relação do psicanalista com seu analisando poderia implicar o embrutecimento não somente do outro, mas sobretudo de si mesmo?

Para nós, psicanalistas, a questão crítica que se destaca em *Cores de Rosa* é a mesma que encontramos nos outros livros da autora: a possibilidade de realização de um estudo crítico-clínico da metáfora (na linha de uma “clínica extramuros”, segundo Jean Laplanche, de uma “clínica extensa”, diria Fabio Hermann), fundamental para ampliar e compreender a constituição poética do próprio campo psicanalítico. Não há dúvida, como todos os livros de Adélia Bezerra de Meneses, este é um livro erudito que também tem a potência de emocionar o leitor. É a cultura brasileira – a travessia da autora nessa cultura, dado

o contato que teve com a gente do sertão rosiano – que é analisada em todos os capítulos do livro, desde a percepção da paisagem agreste, do céu e da vegetação, das boiadas e dos cavalos, até a sensibilidade às paixões que nutrem os seres humanos, à opressão de um pelo outro num mundo desequilibrado, à resistência a tornar-se aquilo que é, os doloridos processos de individuação e de reparação. E um dos pontos mais altos do livro é atingido quando nos damos conta de que, amparado em Guimarães Rosa, o desejo profundo de Adélia é expressar não apenas a dignidade do sertanejo, mas conferir a ele o “direito à tragédia”, o “direito ao *pathos*” (p. 161). Nesse sentido, a psicanálise revela-se uma perspectiva essencial, pois faculta tornar visível a proximidade entre o mundo do sertão e o mundo clássico (p.179). E isso significa que entre *Cores de rosa* e *As portas do sonho* há muitas correspondências.

Finalmente, gostaria de confessar que li este livro durante uma temporada em Cunha, na fazenda em que costumo passar férias, região serrana na qual, segundo soube, se enraíza a linhagem materna de Adélia – mar de verdes morros, de boa terra vermelha e cerâmica bem acabada, de festas religiosas populares, de congadas nas ruas e audições musicais no pequeno teatro da cidade. Foi nesse ambiente que fiz a primeira leitura desse livro emocionante, visualizando com pouquíssimo esforço a paisagem mineira no interior paulista, uma das múltiplas correspondências que Adélia Bezerra de Meneses inspira realizar.

# Uma psicanalista entre os índios

Maurício Castejón Hermann

Resenha de Lucila de Jesus Mello Gonçalves, *Na fronteira – das relações de cuidado em saúde indígena*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2011. 123 p.

Lucila Gonçalves nos brinda com um livro inaugural acerca das relações entre saúde indígena e suas intersecções, tais como a antropologia, a política pública de atenção ao índio, a filosofia, a psicologia e a psicanálise, entre outros, tendo como ponto nodal o mapeamento de um território ainda pouco explorado pela pesquisa acadêmica em psicologia, a saber: o cuidado e a saúde às populações indígenas do Brasil. O livro de Lucila Gonçalves é resultado da pesquisa de mestrado defendida na Faculdade de Saúde Pública da USP, em 2007, e faz uma marca importante neste campo ainda carente de teorização, o que nos revela a força desta pesquisadora, preocupada em escrever um texto acadêmico, mas que extrapola os limites da universidade, pois mesmo sendo um livro sobre a saúde dos índios, realizado a partir de uma pesquisa de campo com os índios, foi escrito de modo a ser lido também pelos índios.

Não é à toa que a metodologia adotada é a pesquisa participante, cujo trato metodológico inclui uma preocupação legítima da pesquisadora

**Maurício Castejón Hermann** é psicanalista, acompanhante terapêutico, doutor em Psicologia Clínica pela USP e diretor do Attenda – Transmissão e clínica em AT e psicanálise, autor do livro *Acompanhamento terapêutico e psicose: articulador do real, simbólico e imaginário* e organizador do livro *O inconsciente e a clínica psicanalítica*, ambos pela Ed. Metodista.

em ir ao encontro do seu objeto de estudo: o mapeamento do território onde se dão as relações de cuidado à população indígena. Para além de uma tradição etnográfica, cuja preocupação maior é dar sustentação ao encontro com a diferença, Lucila Gonçalves opta por uma pesquisa que tenha como efeitos intervir na mesma realidade/campo onde o trabalho se realizou, sem deixar de se indagar continuamente de que espécie de participação se trata: “Uma vez em campo, em determinada qualidade, não há controle sobre como este se afeta e ‘exige’ certa posição sua, muitas vezes representando um deslocamento da postura originalmente concebida. Que repercussões a presença do pesquisador engendra nos membros do grupo que se pretende conhecer, que tipos de comunicação podem se dar, qual o ‘apelo’ dos sujeitos envolvidos?” (p. 48). E a autora continua: “O lugar de uma espécie de ‘intermediadora’ foi se desenhando aos poucos, como se este campo, lembrando a expressão de Merleau-Ponty (1965), ‘exigisse’ este lugar” (p. 53). É o que verificamos ao longo da pesquisa, pois sua presença, como intermediadora das relações ali presentes, permitiu mudanças importantes na rotina desta instituição.

O território escolhido foi a CASAI de São Paulo ou Casa de Saúde do Índio, instituição que cumpre uma função de acolhimento e abrigo para os índios/usuários e respectivos acompanhantes quando eles necessitam se submeter a tratamentos médicos disponíveis somente na cidade grande. Uma instituição que comporta consigo uma enorme complexidade... Como considerar a mudança de ambiente do índio, da aldeia à cidade? E como lidar com as diferenças culturais entre o índio e o homem da cidade, este último responsável pela organização da CASAI? E o encontro de etnias distintas em um mesmo espaço: seria possível estabelecer uma única categoria – O índio – e assim aniquilar as diferenças culturais entre etnias indígenas tão distintas?

À medida que a pesquisa avança, mesmo a despeito das diferenças culturais entre as etnias

indígenas, a autora destaca quatro temas importantes oriundos das falas dos índios: alimentação, privacidade/convivência, atividades e o tempo, o que implica considerar certos aspectos do funcionamento e organização desta CASAI. Vejamos certas passagens colhidas do prazeroso caderno de campo da pesquisadora, de como se davam os arranjos, por parte dos índios, entre as regras impostas pela instituição e o desejo/necessidade dos indígenas.

A alimentação – tema que envolve restrições devido às indicações médicas e variações culturais – exigiu um encaminhamento institucional envolvendo uma índia Terena, do Mato Grosso do Sul, que foi eleita como representante dos índios para mediar junto à cozinha e, assim, estabelecer um cardápio semanal passível de sugestões e/ou críticas. Ainda dentro da alimentação, apareceu o ressentimento de alguns em ter que compartilhar do mesmo espaço físico para se alimentar – aspecto difícil, por exemplo, para os Kamaiurá – já que eles têm como hábito comer em lugares mais discretos, o que implica considerar variações culturais ligadas ao momento de comer.

A privacidade/convivência também colocou questões, tais como: como lidar com situações em que a convivência entre eles é forçada? E a necessidade de privacidade? É o caso, por exemplo, dos Suruí e os Zoró, tribos que carregam consigo uma história de inimizade e lutas... ou seja, dormindo com o inimigo em uma mesma casa! Ou o que pensar sobre a circunstância de compartilhar o mesmo espaço físico com algum desconhecido? Conforme as palavras da antropóloga Carmem Junqueira, “[...] desconhecido, antes que se prove o contrário, é sinônimo de inimigo” (p. 68). O tema da privacidade também aparece, o que convoca a equipe da CASAI a programar a distribuição dos quartos, bem como compor divisórias neles, conforme sugestão posterior da pesquisadora. Também é verdade que alguns índios de etnias distintas constituíram amizades importantes, tal como uma índia Macuxi, de Roraima, que ficou muito próxima de um casal Pankararu, de Pernambuco.

O tema das atividades também se fez presente, seja pela sua ausência no cotidiano da Casa, seja pela necessidade de fazer e/ou criar algo. Constatou-se que muitos acompanhantes também adoeciam e uma hipótese colocada pela autora é a completa ausência de atividades na rotina da casa. É comum usuários e acompanhantes passarem horas a fio deitados em suas respectivas camas, esperando o tempo passar. A ausência de atividades da casa contribuiria para um estado de desânimo e tédio, ligado à ruptura com a vida comunitária?

Por fim, o tempo foi considerado um tema importante. A pressa da cidade, onde *time is money*, implica considerar uma relação muito diversa do homem branco e do índio com o tempo. O tempo do índio não é o da produtividade capitalista, mas sim o tempo marcado por um ritmo que permite contemplar a natureza e observar pausadamente o seu redor, condizente ao tempo necessário à vontade de conhecer. Deste modo, como entender uma doença que acomete um corpo, na cidade grande, e interpretada por médicos que muitas vezes respondem às cobranças de produtividade capitalista? Um índio prioriza o encontro com o outro, o tempo disponível para o outro é diretamente proporcional ao compromisso estabelecido com este: “[...] a gente não é como eles pensam, eles trabalham aqui, só vendo o lado deles. Dinheiro, talvez o trabalho deles, né?” (p. 73).

Outras questões foram levantadas pela pesquisadora, pois problematizar a saúde indígena, obrigatoriamente, comporta uma discussão acerca daqueles que cuidam – a equipe de profissionais da CASAI. Como pensar o encontro com o índio, em um contexto institucional onde a questão da saúde se faz presente? Como pensar essas relações de cuidado e de comunicação, entre os profissionais de saúde e os índios? E a revelação de um diagnóstico, bem como a aceitação do protocolo de atendimento (e o que isto implica), procedimentos médicos que são distantes da cultura indígena?

Assim, a autora destaca a importância de que os trabalhadores da área da saúde indígena



tenham conhecimentos sobre as culturas indígenas, pois isso facilita a aproximação com os índios, uma vez que o fenômeno chamado de adoecimento do corpo assume acepções absolutamente distintas umas das outras quando se consideram as variações culturais. A vivência de dor traz consigo valores psíquicos e culturais. Assim, conforme pergunta a antropóloga Cynthia Sarti, como estar sensível àquilo que não é perceptível de imediato, mas que tem implicações subjetivas importantes quando ocorre uma vivência de dor?

Lucila Gonçalves também nos alerta para o fato de que existe uma grande rotatividade entre os profissionais que compõem as equipes de saúde indígena, o que levanta uma série de desafios para o poder público. Participar de uma equipe de saúde implica lidar com desafios diários, tais como manejar situações de conflito, dar conta da burocracia, se submeter à capacitação profissional, enfim, aspectos do trabalho que se fazem presentes em qualquer serviço de saúde. Além disso, há especificidades importantes no trabalho com a população indígena, o que dificulta ainda mais a rotina. Por diversos motivos, explicitados pela autora, há um clima tenso permanente na instituição. Lucila Gonçalves formula a questão: “como ter condições de abertura para atender pessoas tão diferentes em clima de ameaça constante?” (p. 83).

Neste contexto, conclui-se que médicos e enfermeiros não devam se tornar antropólogos ou psicólogos, mas que, de todo modo, eles possam ter uma postura aberta para a escuta, para possibilitar ao índio um espaço para falar de si e de sua experiência de adoecimento. Escutar e aprender com o outro, através daquilo que está sendo comunicado sobre a experiência de adoecimento e, dentro deste contexto, relativizar o próprio saber, de modo que ele não se sobrepuje àquilo que está sendo transmitido. Dito de outro modo, vale mais se ater à qualidade do encontro com o índio do que tomá-lo como objeto de confirmação de dogmas teóricos ou de saberes acadêmicos. Assim, foi possível a Lucila Gonçalves

ves, como pesquisadora participante, abrir-se a uma nova questão. Como a psicologia e/ou a psicanálise pode contribuir para a capacitação dos profissionais de saúde, no que toca a “postura de ouvir” (p. 88)?

Sobre este ponto, a pesquisadora discorre sobre a intermediação, ao retomar a dimensão subjetiva da comunicação inconsciente. Lucila Gonçalves se despe para o encontro com a diferença ao se lançar, com o corpo, com os sentidos, com o próprio inconsciente, enfim, no campo para a escuta do outro. Amparada principalmente pelas reflexões dos psicanalistas D. W. Winnicott e Masud Khan sobre as comunicações silenciosas, que tomam o sonhar e o viver experiências da mesma ordem, Lucila Gonçalves lança mão de dois sonhos, como um emblema de uma realidade ali partilhada. Entende e produz *insight* sobre o que mediou e, deste modo, utiliza o próprio sonho como um representante do que há de subjetivo presente nas relações. Após uma intermediação entre os índios e a equipe, percebeu-se que havia ali reivindicações legítimas, advindas de situação de conflito. A mediação teve efeitos importantes para a equipe técnica e para os índios. Ela conclui que é capital para o trabalho com os índios uma disposição para a escuta, para além dos ouvidos, ou permitir-se ser afetado pela diferença, sem sentir-se ameaçado ou destituído de seu saber.

Lucila Gonçalves conclui seu trabalho com importantes observações, que vão para além da especificidade da saúde indígena. Além de ser necessário dar voz à população indígena, de modo que ela participe da construção e execução da política pública a ela dirigida, a autora destaca a importância da formação dos profissionais de saúde, dando mais espaço aos aspectos do que nomeou “recursos humanos” (p. 83), postura de abertura e escuta, que, de seu ponto de vista, é ontológica: “O que se destaca nesta pesquisa diz respeito à importância da abertura para o outro, como um elemento presente na condição humana, sem a qual talvez não haja comunicação. Nesse sentido, a pesquisa traz reflexões que dialogam

com um campo mais amplo, para além do campo da saúde indígena, que é o do entendimento do outro como outro, sendo índio ou não” (p. 104).

Ora, a recomendação da participação dos usuários na construção e execução da política pública já foi contemplada, por exemplo, no trabalho de David Cooper em relação ao campo da saúde mental, denominado *Psiquiatria e antipsiquiatria*. Este autor, ao problematizar as relações de poder entre médico e paciente em uma instituição psiquiátrica, propõe a horizontalização das relações institucionais. Como o usuário gostaria de ser tratado? No campo da saúde mental, tal recomendação está consolidada, tal como se percebe no próprio movimento da luta antimanicomial. As recorrentes assembleias dos familiares e usuários atestam esta conquista.

Aqui, mesmo parecendo que a recomendação de Lucila Gonçalves fosse um tanto ingênua, porque são questões já amplamente discutidas pelo SUS, no que tange aos povos indígenas, este apontamento parece um tanto urgente. Como exemplo disso, temos a notícia veiculada no jornal *Folha de São Paulo*: “Escola indígena tem dificuldade extra no Enem” (3 out. 2011, caderno Folhateen, p. 5). A reportagem aponta para os

impasses que a Escola Estadual Txeru Ba e Kua-i sofreu no último Enem, visto que seus alunos não têm o português como primeira língua. Esta escola, localizada dentro de uma comunidade indígena do município de Bertioga, foi considerada a pior do Estado de São Paulo. Caberia uma escola indígena se submeter aos mesmos critérios de avaliação presentes nas escolas do homem branco? Parece que este fato valida ainda mais a recomendação de Lucila Gonçalves, bem como evidencia que tal recomendação não deveria ser restringida somente ao campo da saúde.

Este livro me emocionou. Sua leitura evocou uma série de questionamentos sobre temas fundamentais da saúde pública, mas, mais do que isso, abriu minha atenção para a possibilidade de o psicólogo e o psicanalista atuarem em um campo que tradicionalmente foi ocupado pelos antropólogos, enfermeiros e médicos. Um belo exemplo de como os instrumentos da psicanálise podem ser aproveitados para além da clínica *strictu sensu*, visto que Lucila Gonçalves vai ao encontro do outro, despojada de pré-conceitos, aberta para a escuta ao índio. De acordo com Timóteo Verá Popyguá: “Em vez de depender do Juruá (homem branco), eu queria parceria” (p. 59).

# Clínica contemporânea: questões e propostas

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Resenha de Alcimar Alves de Souza Lima, *Acontecimento e linguagem*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010. 217 p.

No início era o caos. Partículas e mais partículas em movimento sem fim; expansões, retrações. Algumas se encontram; aglomeram-se. Sob a ótica do tempo, alongam-se; linhas e linhas. Pulsam. Em dado momento, pontos de inflexão determinam dobras. Dobras em curvas cada vez menores; constelação – pontos circunscrevem lugares do desejo parental. Em meio a fluxos biológicos, psíquicos e sociais, a relação mãe-criança acontece e se organiza; sensações – fluxos de intensidade criam um corpo. Devires.

Podariam ser essas as imagens iniciais do mundo que se apresenta em *Acontecimento e linguagem*, reunião de artigos escritos por Alcimar durante os últimos vinte anos. Se há um convite, sempre renovado, para esse olhar em perspectiva, para a apreensão dos grandes planos das cenas que se multiplicam, suas questões de proa são logo explicitadas: como compreender os processos de subjetivação da pós-modernidade e melhor responder às demandas da clínica contemporânea?

“Uma das marcas de nosso tempo, diz ele, é o imperativo de uma digestão sem interdição em altíssima velocidade, [...] o que pode levar as pessoas à morte por intoxicação narcísica” (p. 177). Multiplicam-se casos de anorexia, bulimia,

**Maria de Lourdes Caleiro Costa** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

depressão, toxicomania, estresses de todos os tipos, distímias, transtornos dissociativos e somatoformes, psicoses, distúrbios radicais do sono.

A partir de seu cotidiano, tanto como psicanalista como psiquiatra, seja no consultório, ou em instituições, tais como prisões ou hospitais, busca “novos paradigmas” que lhe permitam pensar uma prática comprometida com “a produção de uma ética que sustente a intensidade e as transformações de nossa época” (p. 180).

A subjetividade será pensada como processo de auto-organização em redes do universo subjetivo – sim – e cultural, por movimentos constantes de montagens e desmontagens, complementares e paradoxais, em articulações que possibilitem a circulação de fluxos pulsionais.

Mas a que vem essa ideia de auto-organização? Em excelente prefácio, Renata Cromberg sublinha que, em “O futuro de uma ilusão”, Freud diz: “nossa organização, quer dizer, nosso aparelho psíquico” (p. 19). E que, em seguida, ele enfatiza que tal organização sofre a influência do mesmo mundo externo para o qual se desenvolveu para explorar. A autora recorre à origem latina, *organon*, em Aristóteles, lembrando que, da física à política, o conceito remete a funcionamento articulado. E destaca a originalidade do uso feito por Alcimar: “A auto-organização é uma forma complexa de recolocar o aparelho psíquico e libertar o eu de suas prisões identitárias [...], de permitir o acontecimento enquanto ligação entre o dentro e o fora, entre o eu e o outro de tal forma que essas oposições somem e criam uma nova ordem, uma nova auto-organização” (p. 20).

Lima recorre a diversos autores para fundamentar suas propostas. Em “Introdução ao narcisismo”, sublinha a afirmação de Freud quanto à necessidade de um novo ato psíquico na passagem de auto-erotismo para narcisismo, sempre mediado pela função materna, e quanto à necessidade do outro para que haja uma organização. Uma auto-organização, continua Alcimar.

Desde a teoria dos sistemas, traz a ideia de que os sistemas abertos – e assim compreende o psiquismo, o pulsional, o inconsciente – já supõem a superação de uma oposição do eu e do

outro, estabelecendo uma relação de contiguidade, cujas diferenças se dariam por graus.

Nesse ponto, encontramos Deleuze, em sua leitura de Leibniz, à qual Lima recorre para o conceito de dobra e a superação de dicotomias tais como dentro-fora, profundidade-superfície, sujeito-objeto. Deleuze e Leibniz falam de um tempo intrinsecamente variável, “o presente repleto de futuro e carregado de passado”<sup>1</sup>, o que atrela a possibilidade de entendimento do que se dá à consideração de planos de finito-infinitos. Trata-se de matéria elástica, em que tanto extensão como intensidade estão tomadas em perene movimento de pressões e séries, divergentes e convergentes, que se estendem ao infinito.

É desse ponto de vista, e pelas inquietações de sua clínica, que Alcimar se pergunta: como através da relação com o outro nos singularizamos? A busca de diversos autores procura responder conseqüentemente à insistência de tal questão; a cada vez. Lima procura plasticidade à diversidade da vida e do que hoje se apresenta.

No prefácio, Renata faz um inventário dos autores, e conceitos, que Alcimar convoca junto às suas leituras de Freud e Lacan. Ela diz: “De Edgar Morin, as teorias da complexidade, de sistemas em aberto, de acaso e de auto-organização. De Mandelbrot, os conceitos de fractal e de bifurcações. De Ilya Prigogine e Isabel Stengers, a experimentação científica que corrobora as noções de caos, bifurcação, organização na instabilidade, no desvio, na dissipação energética, estruturas dissipativas e paradoxo do tempo. De Schorödinger, o conceito de vida como autoprodução” (p. 18). Antes, destaca Deleuze, em sua leitura de Hume, Leibniz, Espinosa, Bergson, e os conceitos de acontecimento, corpo sem órgãos, intensidade, dobra, fluxo, caos, sentido, virtual, diferença e acaso.

Aqui, eu acrescentaria o vitalismo que Deleuze reivindica e que permeia muitas linhas do autor de *Acontecimento e linguagem*. À p. 194 de *Pourparlers*<sup>2</sup>, o filósofo francês, ao ser indagado a respeito da relação da literatura e de sua filosofia, em sua obra, à certa altura, diz o seguinte: “Em Proust, não é a memória que é explorada, mas signos de toda es-

pécie, cuja natureza é preciso descobrir a partir dos meios, o modo de emissão, a matéria, o regime”. E mais adiante afirma: “Há um laço profundo entre os signos, o acontecimento, a vida, o vitalismo. É a potência de uma vida não orgânica, que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música. São os organismos que morrem, não a vida. Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho por entre as vias”. Com isso, se o acontecimento é intrinsecamente do campo da linguagem, os signos, os sintomas são expressão da maneira pela qual foram arrastados de dentro por algo que lhes era externo secretando seu próprio devir, havendo portanto aí a produção de uma narrativa. Há nessa posição uma crença essencial na vida que é, por definição, movimento perene, e que não cessa de se autoengendrar e se atualizar sempre segundo as configurações dos elementos em jogo.

Assim, a leitura que Alcimar faz de *Além do princípio do prazer* privilegiará a pulsão de morte como potência de criação. Sem deixar de considerar seus aspectos mortíferos, todas as articulações feitas irão no sentido de explicitá-la, enquanto compulsão à repetição – diferenciando-a da repetição, ligada à pulsão de vida –, em sua possibilidade de orquestração de intensidades assignificantes em direção à inscrição psíquica. É o próprio potencial destrutivo que, por sua força e insistência, se torna potência de criação.

Diz ele: “A questão nodal desse texto, parece-me, é o modo como as intensidades podem vir a ganhar representabilidade, e Freud vai tentar dar uma direção para essa indagação por meio da conceitualização da pulsão de morte” (p. 38).

Lima chama a atenção para o fato de a tônica inicial do texto ser a questão do trauma: como, diante de vivências terroríficas, o aparelho caotizado ganha possibilidades de organização? O sonho traumático é compreendido então como tentativa de captura de *acontecimentos* – traumáticos – para processamento psíquico. “O sonho traumático é a forma com que a pulsão de morte ata grandes intensidades a constelações signifi-

1 Leibniz Apud G. Deleuze, *A Dobra, Leibniz e o barroco*, p. 110.

2 G. Deleuze, *Pourparlers*, p. 196.



cantes, criando possibilidades de inscrições representacionais às vivências do caos” (p. 46).

Nesse mesmo sentido, Freud postula o jogo do *fort-da*, no qual, através da compulsão de repetição, a criança busca dar conta dos efeitos em si das saídas e chegadas da mãe. Freud mostra, diz Alcimar, como esse “acontecimento instaura o simbólico e não como ele entrou numa ordem simbólica” (p. 42). A pulsão de morte é portanto aqui afirmada em sua condição de produtora do simbólico.

Há muitos anos ouvi, em uma entrevista sobre loucura, arte e instituições asilares, uma frase que ao longo do tempo foi se tornando assim: Quando o louco passa a mão na parede, dizem que é loucura. Não. É cura; procura de uma realidade que está se esgarçando.

É pela via do sensível que se dá a produção de uma narrativa, mínima que seja, de um eu que procura restituir-se em si, já outro. Na base de tais processos, e de resto quaisquer pensamentos, o corpo sensível pulsional – atravessado constantemente por fluxos biológicos, psíquicos, sociais – se impõe.

Nesse processo nascedouro, a eventual participação de um analista, poderíamos pensá-la enquanto “compromisso no contexto da organização de uma relação” (p. 84); olhar que propicia acolhimento a um corpo despedaçado, escuta que ao captar – sem capturar – o que se insurge, participa da construção de trilhas que o afirmem.

Alcimar faz inúmeras considerações sobre o trabalho psicanalítico, inclusive a partir de relatos de sua clínica, e que são os momentos do livro em que determinadas articulações propostas aparecem mais precisas. E o pensa: “O analista escuta pelos entremeios da linguagem, como nos lapsos e nos sonhos, [...] capta as intensidades, torna-as sensíveis. Isso surge nos movimentos transferenciais e liberta a vida contida nas malhas da linguagem que estava cristalizada e através dos lapsos e dos sonhos ganham linhas de fuga” (p. 186).

Chama a atenção para o jogo de singularidades e intensidades que se dá diante do qual analista e analisando vão se reposicionando. Em

seguida, aponta para a irreversibilidade do tempo analítico, que “é vida e produz novas formas no interior dessa relação” (p. 186), e para as possibilidades de intervenção que uma clínica – articulada ao pulsional – abre, inclusive junto a pacientes cujas sintomatologias somatoformes se impõem. A ideia é explicitar instrumental para pensá-las no “bojo do escopo psicanalítico”.

Um inconsciente compreendido como não sendo só da ordem da repetição simbólica, mas produtor, mergulhado no real, no pulsional estará vinculado a um trabalho analítico que “deixa de ser uma relação com um inconsciente já dado, para tornar-se uma relação com um potencial, um virtual. Ganha destaque o campo pulsional” (p. 50).

Se várias articulações são feitas através de relatos de sua clínica, o autor também recorre a casos noticiados pela mídia. Ao procurar pensar um ética para nosso tempo, cita o caso de um menino da Febem que degola seu colega, também o de um cidadão que pede a outro que lhe decepe a mão para receber um seguro, ou ainda aquele do Morumbi Shopping, de 1999, em que um moço entra em um cinema com uma metralhadora e atira em diversas pessoas. Chama para as transformações de grande envergadura por que passam instituições antes fortemente arraigadas tais como família, escola, nação, Estado – como efeito da globalização e do desenvolvimento tecnológico e midiático – e para a conseqüente “falta de referências que muitas vezes a subjetividade não suporta” (p. 178). E recorre à etimologia da palavra “autoridade, que provém do verbo latino *augere*, que significa aumentar” (p. 181), para, diante de rasgos de solidariedade plasmados nesses acontecimentos, defender uma ética que possa levar em conta aquilo que está transbordando das tradições culturais enquanto devir histórico.

Uma peça importante de suas articulações é considerar o conflito apresentado no Mito da hora primitiva não a partir da ótica do assassinato do pai, mas de sua morte. Seja para pensar uma ética que sustente as transformações do nosso tempo, seja para “agenciar o potencial destrutivo da pulsão de morte em potência criadora do novo” (p. 17), como diz Renata, seja para pensar novas configura-

ções familiares ou para considerar desdobramentos do conceito freudiano de séries complementares.

Ao considerarmos um plano que se desdobra por séries e a conseqüente valoração por graus, afirma o autor: “Podemos pensar um conceito de falo contendo em si mesmo diferenças [...] e conceber uma origem que não parte de uma onipotência e sim de um conjunto de redes articuladas sem começo e nem fim” (p. 168).

As séries complementares e a pulsão de morte se articulam em primeiro plano para a fundamentação de uma clínica que, desde Viena pós primeira Grande guerra, se insurge porosa à atualidade do mundo que a produz.

“Como levar em conta o novo e as produções sem deixar de lado as tradições?”, Alcimar assim enuncia a questão de Freud ao formular o conceito das séries (cf. p. 96).

Nelas se articulam o vivenciar pré-histórico, infantil e adulto de modo que em todo e qualquer movimento psíquico estas três dimensões estão presentes. “O devir atualiza-se carregando uma memória ancestral” (p. 145), diz o autor. E continua: Há uma “orquestra geracional e transgeracional” que é produzida e pode ser escutada e sempre atualizada na transferência (cf. p. 199).

Essas séries serão articuladas ao campo do pré-representacional e à economia das intensidades, abertos pela pulsão de morte: “Existem, no âmago daquilo que chamamos sensação, precipitados provenientes de gerações anteriores. [...] Nesses precipitados, é possível localizar, através da escuta psicanalítica, posições e lugares ocupados e desocupados por essas gerações, [...] em uma espécie de *fort-da* transgeracional” (p. 202).

Enfatizo aqui, a partir de minha experiência clínica, a relevância de tais conceitualizações e dos estudos que se dão a partir das séries complementares para o atendimento psicanalítico de casais. Se falamos acima da importância da escuta dessa “orquestra geracional e transgeracional” nos atendimentos individuais, imaginemos aqueles de casal, em que, de forma amplificada, estão em jogo as escolhas – e não escolhas – da dupla, em meio à interpenetração de duas grandes redes

que se desdobram em complexas ramificações.

Por fim, é preciso mencionar o empenho do autor em levar a psicanálise para outros fóruns de discussão. No texto para o Congresso Interlatino para Pensamento Complexo, de setembro 1998, no Rio de Janeiro, e que faz parte dessa publicação, ele discorre, para essa plateia heterogênea, sobre conceitos freudianos que crê serem importantes para se pensar a transdisciplinaridade, que é, por sua vez, um dos postulados centrais do livro.

Porém esse grande painel desenhado por Alcimar, além das questões que apresenta, e principalmente pela importância delas, deixa outras a serem revistas. Talvez um pouco pelas características dessa publicação que reúne textos escritos para mesas-redondas ao longo de vinte anos, e nas quais não cabe a explanação de determinados pontos. Talvez pela liberdade que o autor tem em relação à leitura de outros autores ou à urgência do que vem afirmar. Fato é que em alguns momentos fica a ideia que teria sido necessário trazer mais detidamente alguns conceitos dos autores envolvidos – e nem sempre mencionados, o que dificulta a leitura de quem não os conhece – para extrair melhor as conseqüências do que ali foi mobilizado, às vezes tangencialmente.

Assim entendo ser, por exemplo, quando diz: “Porém, Freud mantém a ideia de representação que Deleuze tenta superar. Na representação cabe a síntese disjuntiva, ideia básica para pensarmos um conceito para auto-organização dos sistemas abertos. O inconsciente é uma auto-organização, um sistema aberto vivo” (p. 131).

Mas fica sobretudo a convicção de que a relevância de determinadas articulações apresentadas, bem como das questões convocadas, supera em muito eventuais pontos problemáticos. Como quer o próprio autor em relação a leituras suscitadas, que essas se constituam em oportunidade para outros desdobramentos.

Não é possível terminar sem mencionar os versos que encontramos, em meio a páginas brancas, entre os capítulos. Outro ritmo se insurge. Pulsa. “Palavras transbordam páginas” (p. 203). No jogo do corpo e do sentido, Alcimar engendra novos pensamentos.

# Do navegar à transmissão da Psicanálise em nossos tempos

Betty B. Fuks

Resenha de Fernando José Barbosa Rocha,  
*Entrevistas Preliminares em Psicanálise*.  
São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011. 219 p.

No conto “A terceira margem do rio”<sup>1</sup>, Guimarães Rosa escreve sobre transmissão: um homem decide abandonar a família, ir-se numa canoa para o meio do rio sem nunca voltar a uma das duas margens possíveis. Os filhos assistem à partida e este abençoa apenas aquele que manifesta o desejo de ir-se com ele. Passados alguns anos, já velho, apela a este filho que o substitua na tarefa de manter-se no fluxo contínuo do rio. Entretanto, tomado de pânico o jovem não atende à convocação paterna e, daí em diante, o conto se transforma na narrativa de sua culpa. A crítica literária costuma traduzir esta situação entre pai e filho como o impasse de todo escritor diante do rio da tradição. Para criar uma obra de valor, todo

escritor deve ocupar o lugar da terceira margem, lugar simbólico que permite a transmissão da herança cultural<sup>2</sup>.

O mesmo vale para os impasses da transmissão e da preservação do lugar da psicanálise na cultura. É esta a lição que encontramos no livro, recentemente lançado pela editora Casa do Psicólogo, *Entrevistas Preliminares em Psicanálise*.

O autor Fernando Rocha possui um estilo de transmissão que parece estar calcado no mandato de um outro Fernando, o poeta dos heterônimos: Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso”. Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar como eu sou: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar”<sup>3</sup>. Rocha, na introdução do livro, aproxima, sob a égide da alegoria, arte de navegar e psicanálise. Com isso aponta para um problema que toca de perto a transmissão da psicanálise: de que modo conciliar o valor dos conceitos que instituem a teoria psicanalítica com uma prática que ocorre essencialmente na transferência, na relação com o outro, nas formas tornadas possíveis pelo desenvolvimento da linguagem?

Rocha propõe duas grandes qualidades de Freud, *criatividade e precisão clínica e teórica*, como o norte do trabalho que irá apresentar nas páginas de seu livro, obra marcada pela leitura de vários autores que se debruçaram sobre a clínica e a teoria analítica nos seus mais de cem anos de existência. Partindo da experiência vivida em outro país, Rocha escolhe colocar em destaque o tema desenvolvido por Freud em “O início do tratamento” (1912). Para evitar a interrupção da análise, o inventor do método psicanalítico entendia como necessário um tratamento preliminar no qual o analista avaliaria as condições do paciente à transferência. Com isso ele pode melhor se inteirar do caso e decidir sobre a possibilidade de sua analisabilidade. Jacques Lacan, como se sabe, chamou a este período de “entrevistas preliminares” e o definiu como um tempo que compreende a formulação do diagnóstico estrutural, até o momento em que se inicia a análise

1 J. Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”. In *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

2 M. Librandi-Rocha, “Marília Librandi-Rocha comenta artigos de Pécora e Dealtry”. Caderno Prosa e Verso, *O Globo*, 22 maio 2011.

3 F. Pessoa, “Mensagem à memória do presidente Rei Sidónio Pais (Quinto Império)”. *Fernando Pessoa, Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

**Betty B. Fuks** é psicanalista, doutora pela Escola de Comunicação e Cultura da UFRJ, membro do Laboratório de Psicopatologia Fundamental e professora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (RJ), autora de *Freud e a cultura* (Rio, Jorge Zahar, 2003) e *Freud e a judeidade: a vocação do exílio* (Rio, Jorge Zahar, 2000).

propriamente dita. Trata-se, para este analista, de entrevistas que têm a função de transformar o sintoma do qual o candidato à análise se queixa, em sintoma analítico.

Num esforço de traduzir a importância do tema que irá desenvolver, Rocha expõe algumas vinhetas clínicas com as quais vai mostrar que a dimensão analítica tem início no momento em que é marcada a primeira entrevista. A exposição facilita ao leitor apreender do que se trata este período no qual o analista procura garantir o êxito da condução do tratamento. Por outro lado, algumas passagens do livro ressaltam que a diversidade de constelações psíquicas reservam aos analistas um elemento de surpresa que não tem como prever.

A aspiração de Rocha em distinguir o ato clínico do relato do analista é o que marca seu estilo de transmissão. O que os pacientes lhe transmitiram, portanto o que lhe ensinaram, foi o fato de que não há análise sem o estabelecimento destas entrevistas. Logo, cabe ao analista “redirecionar a demanda do entrevistando, podendo, assim, conduzi-lo a uma demanda de análise” (p. 35). Com efeito, trata-se de uma ação que instala o dispositivo da transferência, o playground, como dizia Freud, onde se desenrola a análise. Neste lugar que espelha tanto o motor de uma análise quanto a própria resistência do inconsciente, o analista encontra meios de fazer com que o analisante se submeta à associação livre, cuidando de ele próprio não fugir, jamais,

de manter sua escuta voltada ao que emerge em função dos efeitos desta regra básica.

Um outro aspecto do valor do livro encontra-se na reflexão que o leitor é levado a fazer sobre o futuro da psicanálise em nosso tempo. Ameaças científicas pesam sobre a psicanálise: as neurociências, na pretensão de explicar o inconsciente em termos neuronais, concorrem para que o sujeito do desejo seja categoricamente exterminado. Portanto, merece saudações um livro que dá mostra da importância da transmissão, do valor e da qualidade das ferramentas teóricas psicanalíticas que permitem operar a prática clínica.

Rocha estabelece, no último capítulo, uma forte resistência a que o corpo biológico – destacado pela metodologia estatística do DSM e do CID que encarrega a nova psiquiatria a tratar os sofrimentos humanos exclusivamente através de medicamentos, descartando totalmente o sentido do sintoma como produção de linguagem – se sobreponha ao corpo da linguagem.

Aí reside, a meu ver, um ponto importante do livro em questão: defender a excepcionalidade clínica das entrevistas preliminares na contemporaneidade, um tempo invadido pelas patologias do corpo. Resguardar o que foi prescrito por Freud significa navegar com os instrumentos precisos de seu legado e, ao mesmo tempo, estar aberto à criatividade para enfrentar o acaso com a qual deparamos a cada caso, a cada interrupção abrupta do tratamento; e, finalmente, a cada término de um percurso por mares nunca dantes navegados.



# Uma lente implicada e outras lentes

Luís Claudio Figueiredo

Resenha de Renato Mezan, *Intervenções*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011. 323 p.

A coletânea publicada recentemente por Renato Mezan – *Intervenções* – revela, sempre na prosa cristalina e generosa com que o autor se dirige a seus leitores, o leque extremamente amplo de suas preocupações. O que torna a função do resenhista bastante complicada, bem como, ademais, a própria *Apresentação* com que o autor abre o volume. Na verdade, embora organizado em três partes (*Cenas brasileiras*, *Novo, velho: a imaginação instituinte na cultura e no social* e *Pensando a atualidade*), a variedade dos temas e das formas de abordá-los pareceu-nos ir bem além do que estes grandes títulos sugerem, embora cada um já se anuncie como bastante compreensivo. Mas mesmo assim... talvez seja um pouco demais.

Na *Apresentação*, Renato Mezan, já no primeiro parágrafo, justifica o título da coletânea, este sim, sem sombra de dúvida, apropriado: qualquer que seja seu assunto e qualquer a abordagem privilegiada, o autor coloca-se *no meio* de seu tema, de seu tempo e de seu panorama psíquico, social, cultural e político, e aí *intervém*, participando com seu próprio sopro dos ventos que nos varrem.

**Luís Claudio Figueiredo** é psicanalista, professor e autor de livros e artigos em psicanálise.

No segundo parágrafo, Mezan posiciona-se claramente acerca de certa modalidade de intervenção psicanalítica na cena da cultura, a chamada, desde os tempos de Freud, “Psicanálise Aplicada”, mas opta pelo que, seguindo Fédida, pode-se denominar de “Psicanálise Implicada”. Nossa posição coincide plenamente com o que nos diz o autor em defesa de uma intervenção do psicanalista que exerce sua “escuta” de processos e fenômenos fora do consultório com o recurso a uma lente – a “lente psicanalítica” – mais do que com o recurso aos saberes e conceitos da psicanálise. Em diversos textos, principalmente nos incluídos na primeira parte da coletânea, pudemos com facilidade reconhecer a lente psicanalítica em ação, no exercício da psicanálise implicada. Aliás, diga-se de passagem, a implicação e a intervenção derivam do mesmo étimo *in(m)*: toda intervenção é, a rigor, uma posição implicada, e vice-versa, embora nem toda intervenção de um psicanalista, como Mezan, seja automaticamente psicanálise implicada. Outras lentes vão se fazendo notar e, em alguns casos, chamando a atenção para si mais que para os seus objetos.

Mas, certamente, é sempre *de dentro* que se pode escutar e ver, embora seja no movimento de transcender um excesso de *instalação na coisa* (vejam só o mesmo radical *in(m)* funcionando) que se abrem os espaços da escuta e da visão: é o “*ir além do primeiro sentimento*” de que nos fala Mezan. Poderíamos acrescentar: trata-se de ir além dos primeiros sentimentos e das primeiras ideias, mas sempre movidos por elas e pelos aspectos do “objeto” que as suscitaram, e que nos servirão de “*pontos de partida para o que se poderá dizer*”. Em outras palavras, a lente psicanalítica é tanto um modo de recortar, realçar, dar relevo ao material, quanto um modo de deixar-se tocar pelo que Wilfred Bion chamava de “fato selecionado”: um elemento do material em exame que, de repente, no decorrer da sessão, não apenas nos chama a atenção e nos afeta especialmente, como nos propicia uma reconfiguração de todos os elementos, até aí bastante caóticos, dispersos e turbulentos.

No campo da teoria da literatura e da crítica cultural, Auerbach chamava de *Ansatzpunkt* a este elemento que, destacado do conjunto de que faz parte, permite que este mesmo conjunto se reconfigure, revelando muito mais do que parecia dizer de início. Vemos uma nítida coincidência entre o “fato selecionado” de Bion e o “*Ansatzpunkt*” de Auerbach: ambos permitem que se dê a voz ao próprio objeto (nas palavras de Auerbach), em vez de falar por ele ou simplesmente traduzi-lo em nossa língua de estimação, em nosso caso, em *psicanalês*. A lente de Auerbach não era, *stricto sensu*, a psicanalítica, mas seu método de trabalho não devia em nada ao nosso.

De certa forma, se psicanálise implicada é o exercício de uma lente, mais do que a explicação psicanalítica dos fenômenos, ou a sua “tradução em *psicanalês*”, poderíamos dizer que toda boa psicanálise é psicanálise implicada: nada mais desastroso que a *psicanálise aplicada* à clínica. Pobre do paciente submetido à psicanálise aplicada!

Contudo, resta uma diferença: nos casos bem-sucedidos de psicanálise implicada de processos e fenômenos socioculturais, os pontos de partida irradiam-se em dois ou mais planos. O próprio objeto em exame – um acontecimento noticiado pela imprensa, por exemplo – já é um fato selecionado que nos proporciona uma nova visão do conjunto de que foi extraído (uma dada conjuntura política ou cultural), e, ele mesmo, é interpretado com base em um de seus aspectos que chama a atenção e funciona como ponto de partida. Isto é evidente nos textos de Auerbach: cada obra e cada trecho de obra escolhidos na composição do livro *Mimesis* são em si um *Ansatzpunkt* e proporcionam outros que se irradiam para dentro da obra e para fora dela, na direção de um gênero, uma época e, ao fim e ao cabo, para toda a cultura literária ocidental realista.

Alguns dos textos de Renato Mezan, principalmente na primeira parte, em que se concentram suas interpretações dos *faits divers* da semana, ilustram ambos os processos, para dentro (uma interpretação do fenômeno), e para fora (um esclarecimento de seu contexto cultural, po-

lítico e psicológico). Eventualmente, fazem em poucas páginas o percurso do mais singular ao mais universal, passando pelos particulares de uma dada conjuntura. São assim, suas análises da comoção causada pela morte de Mario Covas e da derrota de Marta Suplicy, texto no qual a nota de humor fica por conta da entrevista da conspícua senadora à revista *Veja São Paulo*; não é preciso muito mais que transcrever e assinalar suas respostas para produzir um efeito interpretativo impagável. O mesmo vale para a análise dos efeitos dos ataques disseminados do PCC em São Paulo sobre toda a população da cidade. É particularmente interessante o texto sobre a reação popular e da imprensa à reação de Luciano Hulk ao roubo de seu *rolex*, fenômeno a que se associa um segundo ponto de partida no mesmo texto de Mezan, a exposição na revista *Playboy* de Mônica Veloso, a ex-amante do senador Renan Calheiros, Sua Excrescência, no dizer de Mezan; sua aparição nua como veio ao mundo e disponível a todos os olhos, incluindo os de deputados, vereadores, e mesmo os de cidadãos comuns, sem cargo ou função pública, dá o que pensar, mais ainda se inesperadamente aproximado ao infortúnio do marido de Angélica! O mais curioso neste pequeno trabalho é que da junção de dois pontos de partida, que a imprensa havia “produzido” numa mesma semana, cria-se uma nova figura – “grifes vistosas e prazeres secretos” – o que o autor, com uma presença discretíssima da psicanálise, captura com sua *lente implicada*. Da mesma forma, a interpretação do sequestro seguido de morte em Santo André, transformado em espetáculo televisivo, nos pareceu psicanálise implicada. Igualmente esclarecedora do método é sua leitura minuciosa da carta do assassino psicótico de Realengo.

Já em outros textos desta seção não encontramos a mesma presença da psicanálise implicada: muitas vezes são bons textos de psicanálise aplicada – sempre com elegância e correção – em que a psicanálise comparece no contexto de alguma explicação: ora como psicanálise explicante, ora como ela mesma parcialmente “explicada”,

a partir da ocasião que o tema oferece. E outros, ainda, nos pareceram diatribes indignadas contra mazelas da vida nacional. Enfim, são outras, nestes casos, as lentes em ação.

Na segunda parte, a diversidade de temas e método nos pareceu bem maior (o título desta parte, igualmente, é o mais inespecífico), embora, claramente, a eles caiba o conceito de “intervenções”. Encontramos algumas intervenções excelentes, mas que não são nem psicanálise implicada, nem aplicada, nem explicada, como os que versam sobre fenômenos judaicos, sobre os métodos das ciências e a pesquisa institucionalizada, bem como sobre os índices de avaliação das agências de fomento (*Sobre pesquisadores e andorinhas* e *O fetiche da quantidade*). Outro trabalho de relevo (*Da poltrona à mesa de trabalho: a construção do caso clínico*) focaliza o processo de escrita na clínica psicanalítica, uma questão multifacetada, epistemológica, teórica e ética da maior importância. Ao último capítulo da segunda parte – intitulada *Novo, velho: a imaginação instintiva na cultura e no social*, título que, apesar de sua amplitude, a nosso ver corresponde bem pouco à diversidade do material – voltaremos adiante, pois nos é de particular interesse.

Antes, porém, vamos à terceira parte – *Pensando a atualidade*. Novamente, uma diversidade grande e poucos textos – mesmo quando bons e instrutivos – que exercem a psicanálise implicada, embora a psicanálise aqui esteja bem presente, às vezes como tema (como o esclarecedor *Quem tem medo do divã*, uma boa introdução à psicanálise contemporânea para leigos de hoje em dia), às vezes como princípio explicativo (o capítulo sobre *O nazismo e a erotização da morte*, *Perigos da obediência* e o texto sobre King Kong, etc., bons textos de psicanálise aplicada a processos sociais e a filmes). Um lugar de destaque daria ao pequeno capítulo *O poder no cotidiano*, um exercício muito bem realizado de psicanálise explicante e explicada, dirigida, novamente, ao leigo.

No conjunto, foi a parte que mais apreciei. Por exemplo, na meticulosa resenha que elabora

de um livro sobre a violência (*Homens ociosos, fúnebre desespero: a Psicanálise diante da violência*), encontramos Renato Mezan em grande forma, falando com grande propriedade sobre temas relevantes e pondo sua notável erudição e capacidade de leitura a nosso dispor. Não podemos, também, deixar de mencionar o tocante trabalho, até aqui inédito e dedicado ao filho Francisco, *Inimigos internos*, sobre a constituição psíquica no que diz respeito a valores e ideais.

Mas não gostaríamos de encerrar esta breve apreciação sem focalizar um texto da segunda parte, *Por que existem escolas de psicanálise?* Ele toca em um dos nossos grandes interesses.

Uma das qualidades da escrita de Renato Mezan e de seu pensamento em psicanálise é a liberdade em relação a escolas e dogmatismos: Freud, sem dúvida e bastante, mas certamente outros autores sempre que oportunos e necessários (Fédida, Laplanche, Joyce McDougall, etc.). Na análise de casos e situações em que o primitivismo da mente está em clara evidência, há um recurso seguro, embora muitas vezes implícito, a Melanie Klein e aos kleinianos, com frequentes referências aos impulsos destrutivos, às ansiedades precoces e aos mecanismos de defesa mais estudados por eles. Coloca-se, assim, a questão das escolas, ou melhor, da diversidade em psicanálise.

Para Renato Mezan é necessário aprender com todos os grandes pensadores da clínica e da teoria psicanalítica, sem obediências dogmáticas e escolásticas. Sua forma, porém, de colocar a questão desta multiplicidade não nos convence totalmente. Sua principal compreensão das origens da diversidade parece-nos bem convincente: basicamente a “*ampliação do escopo da clínica*”, muito além do que Freud fizera e imaginara. Crianças, psicóticos, narcisistas, até estruturas perversas, bem como a extensa e variada gama de casos limítrofes, toda esta clínica põe em questão os modelos metapsicológicos, psicopatológicos e “técnicos” inventados por Freud, ainda que as bases mais profundas da psicanálise se mantenham. A rigor, tudo isso, todas as variações, cabem no campo freudiano.

Já a segunda das razões aduzidas, a dispersão geográfica do movimento psicanalítico mundial, já não me parece tão relevante: basta dizer que na pequenina Inglaterra – em uma única Sociedade – consolidaram-se Anna Freud com suas fortes ligações com o grupo de Viena, em grande parte emigrado para os EUA (os promotores da *Ego Psychology*), Melanie Klein, com seus aguerridos adeptos, muitos dos quais em atividade na América do Sul, e os “independentes”, uma profusa variedade que inclui pensadores originais como Winnicott, Balint e Fairbairn. A Sociedade Britânica é a grande pedra no sapato de uma explicação “geográfica”, mas todos os outros grandes centros – França, Argentina, diversas cidades decisivas nos EUA em que reinavam Kohut (Chicago), Bion (San Francisco), a partir de certa data, Searles (Washington) – atestam a fragilidade desta linha de raciocínio. Da mesma forma, acreditamos que, além da morte dos chefes de escola, como Klein, Lacan, Hartmann e Kohut, outros fatores da própria clínica, bem como a maior maturidade da disciplina, vêm criando e exigindo espaços para autores como Green, Roussillon, Ogden, Ferro e muitos outros que não se confinam aos limites dogmáticos de nenhuma “escola”.

Mas talvez nossa maior discordância em relação à proposta de Renato Mezan diga respeito ao “uso” por ele sugerido desses diversos pensamentos. Sem dúvida, na clínica encontramos pacientes “kleinianos”, “freudianos”, “bionianos”, “winnicottianos”, “balintianos”, “kohutianos”, e assim por diante. Não há como negar: “É impossível não perceber que tal paciente pode ser mais bem compreendido utilizando tal modelo teórico”. Sim, mas vemos nisso, mais que uma evidência, um risco, o risco de saturação de nossa escuta por uma teoria “boa demais”, “justa demais”.

De fato, não acreditamos que nossa tarefa seja a de *ajustar* um paciente a uma teoria, qualquer que ela seja. Nossa “caixa de ferramentas”, para usar as palavras do autor, não serve para encontrar a chave certa para tal ou qual parafuso. Isso seria... psicanálise aplicada: aplicada à clínica. Aliás, nossa relação com as teorias – tais como nos “ocorrem” na própria situação analisante – não nos parece tão pragmática e “utensilial” (se nos perdoam o neologismo) quanto a noção de “ferramenta” sugere. Há muito mais de nossa vida afetiva e intelectual em jogo no campo transferencial e em nossa implicação nele. Muitas vezes, certamente, uma teoria nos “ocorre” na contratransferência (um paciente winnicottiano nos traz Winnicott à mente, por exemplo), mas uma das tarefas mais importantes da teoria na clínica é a de nos tirar de um campo transferencial-contratransferencial excessivamente fechado, um campo feito de implicações dominantes e de nenhuma reserva. Como pode ser interessante para nossa escuta levarmos um “paciente winnicottiano” para uma “supervisão kleiniana” ou “lacaniana”!

Ou seja, fundamentalmente, as teorias psicanalíticas podem nos servir – quando nos servem, o que nem sempre é o caso – para *dar voz ao inconsciente* do indivíduo que escutamos e, na medida do possível, tocamos com nossas interpretações e manejos. Jamais para enquadrá-lo em tal ou qual “tipo psicopatológico”, montado na medida de nossa própria consciência, vale dizer, de nossa “ideologia psicanalítica”. As teorias nos são indispensáveis, enfim, mas devemos renunciar em nossa “*navegação pelos mares da clínica*” ao excesso de “*bússolas*”, e aceitar definitivamente que na psicanálise implicada nunca entraremos em um “*porto seguro*”. A diversidade nos ajuda a viver na confusão e numa certa obscuridade, não a sair dela.



# A imagem e o corte<sup>1</sup>

Renata Udler Cromberg

Resenha de Denise Costa Hausen, *Cinema e Psicanálise: o conceito de castração em transversal*. Porto Alegre, Movimento, 2011. 246 p.

É como roteiro de um filme que o livro de Denise Costa Hausen se apresenta ao leitor. E é à maneira de uma sinopse que o apresento acrescentando minhas próprias reflexões. Qual o tema do roteiro? Paradoxalmente, aquilo que é o mais concreto e o mais abstrato no universo conceitual trazido pela psicanálise: o conceito de castração. O mais concreto porque se apoia em uma percepção visual da criança no final da primeira infância acompanhada da concretude da masturbação infantil acoplada à fantasia edipiana e à ameaça proibitiva atribuída ao pai: a constatação de que sua crença de que todos os seres do mundo possuíam a mesma sexualidade não é mais válida, pois seus olhos percebem seres que têm pênis e seres que não o têm. Mais particularmente percebe que a mãe não tem pênis, esta criação imaginária que a fazia solo de toda perfeição e completude. E esta percepção, que faz reconhecer uma falta, angustia e traz efeitos, uma

vez que a existência da vagina e da penetração só poderá aparecer como percepção corporal com a mudança psico-corporal trazida pela adolescência. O destino dessa percepção infantil trará a organização psico-emocional-cognitiva com a qual a criança terá acesso ao mundo simbólico. Mas é também o mais abstrato porque este acontecimento transforma o pênis em falo, a imagem do pênis ereto, agora então não mais percepção, mas conceito abstrato e simbólico, que determinará a maneira de acesso, a pertinência ao mundo simbólico constituinte e constituído pelas leis que regem a convivência dos homens em sociedade, fundamentais à sua sobrevivência como espécie. Mas a centralidade desse conceito veio sendo construída na obra freudiana, especialmente a partir da escrita de *Totem e tabu*, em 1913. Primeiramente pela formulação do conceito de narcisismo e depois pela reviravolta da última teoria pulsional, a formulação do conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. A formulação genial da centralidade do conceito de castração dá a resposta de como é possível a ação específica de um corpo no mundo, levar em conta a realidade do mundo e postergar o prazer. O complexo de castração é uma questão de percepção do mundo, estabelecimento de um fora e de um dentro, do acesso à ação intencional de um corpo no mundo, por meio do pensamento e da organização das relações abstratas e simbólicas e da percepção do tempo e da finitude singular, bem como acesso à alteridade fora de si enquanto se constrói a outra cena inconsciente dentro de si. Sem ele ficamos presos na fantasia narcísica e labiríntica da imortalidade ilimitada, de nossos desejos oniscientes e onipotentes, que, no entanto, têm seu importante papel na constituição da vida psíquica e da cultura humana.

Portanto é como um conceito que a autora toma o complexo de castração como tema de seu filme, naquilo que ele fala do sofrimento singular no acesso ao que é da ordem do limite finito singular, a diferença de gerações e ao lugar que cada um ocupa nela, mas ao mesmo tempo como organizador psíquico do acesso à cultura como origem

1 Esta resenha foi escrita a partir do prefácio feito para o livro.

**Renata Udler Cromberg** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro do Conselho Editorial de resenhas da revista *Percurso*, doutora em psicologia social pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora dos cursos de Teoria Psicanalista do COGAE/PUC e Saúde Mental e Psicopatologia na Faculdade de Saúde Pública da USP.

e destino do sofrimento psíquico. Dispositivo de passagem, reviravolta e transformação, o complexo de castração constitui e é constituído pela cultura que é forma de vida e prática social. Vemos aqui o primeiro sentido da transversal do título. A cultura atravessa a constituição do sujeito humano desde seus inícios, desde as primeiras marcas pictográficas, os primeiros traços lektônicos, que são processos primários, pré-verbais semióticos, que perdurarão no funcionamento simbólico completo de um sujeito que fala, condensações, tons, ritmos, cores, figuras, deslocamentos e condensações, sempre em excesso em relação ao significado, que vem das marcas originárias, impressas na nascente memória, da constituição da experiência corporal de si mesmo e do outro materno, uma vez que a mãe é marcada pela cultura e é através dela que cuida e erogeneiza seu filho inscrevendo e inaugurando um corpo erógeno único e singular.

É por isso que a concepção de cultura de Hausen é imanente e não causa final ou transcendental. Ela é inerente à própria constituição psíquica, sendo, ao mesmo tempo, constituída por ela, por subjetividades. “Dessa forma, não é polo, nem tampouco qualidade, adjetivo qualitativo que modifica o sujeito. Ela está dentro, não se constitui como ponta de uma polarização e, portanto, dispensa o que seja um cuidado (com a cultura)” (p. 58). A autora atribui ao psiquismo um caráter de sistema em aberto.

Na primeira parte do livro, ela situa a cena fundadora de seu filme: o campo de emergência da concepção freudiana de sexualidade enquanto fundadora da teoria psicanalítica. “Sexualidade que transcende a ideia de genitalidade, que dá voz à pulsão, que marca, que é modelo de relação com o mundo, que reconhece o direito às crianças de serem sexualizadas e, às mulheres, de serem sexuadas.” (p. 17).

Na segunda parte do livro, depois de ter apresentado a cultura como forma de vida e prática social, faz o recorte do campo artístico como aquele que faz o visível e não apenas o reproduz. Escolhe então o cinema enquanto linguagem, enquanto modo de constituir a vida, como o campo privi-

legiado para revelar e informar sobre o conceito freudiano de castração. “O cinema pode emergir como um evento de realidade, como uma prática social que forja sentido, institui modos de viver, de ver, de explicar a si mesmo e ao mundo.” (p. 62).

Pode-se fazer cinema e fazer-se pelo cinema. Constituir um filme e constituir-se pelo filme. Ver cinema e ver-se pelo cinema. Qualquer filme se constitui entre sua fabricação criativa e técnica e a recepção pelo olho que vê. É assim que Hausen elabora suas ferramentas de pesquisa escolhendo três filmes para analisar que acabam por lhe dar acesso a três momentos de mutação do conceito freudiano de castração ao longo da segunda metade do século xx: *O clamor do sexo*, de Elia Kazan, de 1961, *Império dos sentidos*, de Nagisa Oshima, de 1976, e *Clube da luta*, de David Fincher, de 1999. O filme de Denise Costa Hausen se filma com os três filmes escolhidos. Aqui temos o segundo sentido da transversal do título. Esta linha que percorre a elaboração psicanalítica do conceito de castração no começo do século xx e sua presença mutante ao longo deste mesmo século através dos três momentos. O método que constrói para usar suas ferramentas-filmes faz então todo sentido: primeiro, um verdadeiro panorama histórico e antropológico da época de feitura do filme, admirável por uma capacidade ao mesmo tempo sintética, clara e de uma densidade e profundidade certas nas escolhas dos acontecimentos marcantes. Feliz mistura da jornalista e da psicanalista. Depois, a apresentação do material: reportagens, cartazes de divulgação e críticas cinematográficas da época, a ficha técnica dos fazedores do filme, diretor, roteiro, atores e a música além da apresentação de cada filme em si. O que há de comum nos três filmes, para a autora, é que eles “tiveram força de ruptura no trato da questão da sexualidade, foram propulsores dessas mesmas mudanças e também puderam se realizar pela sensibilidade de seus diretores no sentido da antecipação, pela imagem, de algo que estava posto no imaginário social” (p. 66). No primeiro, a força do desejo sexual numa sociedade que o recalca. É a geração do “Mostre e

Esconda”; no segundo, a força do gozo sexual na sua primeira exibição crua e nua da carne que faz o sexual nas telas de cinema de uma maneira não pornográfica. É a geração do “Faça tudo e mostre tudo, nada é proibido, é proibido proibir”; no terceiro, a força da descarga violenta sem mediação do pensamento. É a geração do “Consuma tudo e todos para os mais absurdos e inúteis fins”.

Ela introduz então o cinema como tendo a habilidade de “descortinar desdobramentos com relação à sexualidade e, portanto, à castração. Desdobramentos oriundos de eventos com energia para romper os paradigmas existentes e que podem, não só pelo corte, mas também por uma força cumulativa, viabilizar a tomada – e retomada – do significado e do lugar que essa mesma castração assume como normatizadora, e o que a propõe enquanto norma, podendo gerar um sofrimento psíquico que se constitui a partir de um tempo e de um lugar” (p. 66-7). No que se refere ao conceito de castração, os filmes são analisados à luz dos indicativos corpo e violência, expressivos de transformações ou permanência de valores que foram marcando um tempo cronológico. Corpo sexuado que se constitui numa difícil batalha. Violência enquanto ato gerado pela descarga pulsional não mediatizada pela palavra, não intermediada pelo processo secundário do pensamento, como “destino do que não se organizou frente ao limite do processo secundário” (p. 72).

Mas se o desejo de união do cinema com a psicanálise na realização de sua pesquisa nasceu de uma trajetória pessoal de Denise Costa Hausen, essa união entre os dois campos está dada desde os inícios, em 1895, ano de publicação de *Estudos sobre a Histeria* e da projeção do primeiro filme pela esquisita máquina dos irmãos Lumière.

Invenções quase simultâneas têm inúmeros pontos em comum. A revelação de que os nossos sonhos pensam, essencialmente, através de imagens, transforma o livro inaugural da psicanálise,

*A interpretação de sonhos*, de Freud, no primeiro grande ensaio sobre a mecânica psíquica do cinema. Podemos arriscar que a invenção do aparelho psíquico tal como foi concebido pela psicanálise vem possibilitando inúmeros desdobramentos de invenções maquinicas, como é o caso do cinema e do computador. Não há máquina que não tente ser um prolongamento da potencialidade da máquina corporal humana e por isso elas são tão importantes para ajudar o homem a se reconceber na sua condição humana sempre misteriosa e mutante. De fato, o sonho é o paradigma do inconsciente e os mecanismos psíquicos do seu trabalho, a condensação, o deslocamento e a condição de figurabilidade, ou seja, a transformação dos pensamentos do sonho em imagens e a elaboração secundária invocam uma escuta pelas imagens que, se bem não é a única possível em uma análise, é a que mais coloca o ouvido na posição de um olho capaz de acompanhar o curso de uma fala, de se aproximar da disposição inconsciente, criando um pensamento por imagens, um cinema singular que possibilita ao analista atingir as figurações do fantasma. O sonho é também um dos paradigmas que permite pensar uma “linguagem do cinema”, feita de signos imagísticos diferentemente da linguagem literária, composta de signos linguísticos. É isso que permite uma leitura do filme através das imagens criadoras de sentido. Trata-se, no ato de ver o filme, de não permitir que o império do entendimento aprisione o real-imagem com suas categorias abstratas, já que não se trata de conhecer e analisar a história fílmica numa busca inútil de significações já dadas. Um novo pensamento pode nascer do deslocamento das funções de seus órgãos habituais. Se o cinema já mostrou isso, as novas mídias computadorizadas parecem aprofundar essa cinestesia entre olho, mão, ouvido. Esse é o ponto que mais aproxima o cinema da psicanálise<sup>2</sup>.

O mundo ordenado só pelas palavras se torna um perigo quando a palavra aparece como expressão de um pensamento descorticado (sem conexão com o córtex cerebral), numa hierarquia exclusivista onde ela subsumiria outras linguagens.

2 R. Cromberg, “O feminino como gerador do sentido das redes, na mesa”. In *Autoria no feminino: revolução de gêneros e sociedade digital*, evento Acta Media 6, São Paulo, junho de 2008, livro no prelo; e R. Cromberg, “Tornar-se autora”, in *Psicanálise, cinema e estéticas da subjetivação*, Rio de Janeiro, Imago, 2000.

Como refletiu Sabina Spielrein<sup>3</sup>, nosso pensamento consciente é sempre acompanhado de um pensamento paralelo, orgânico, alucinatório, traduzindo o pensamento consciente em imagens. Essas imagens paralelas cinestésico-visuais dão a seiva de nosso pensamento consciente. Sem elas, nosso pensamento será desenraizado, “descortinado”. Elas estão na origem de nosso pensamento e acompanhando constantemente nosso pensamento verbal, consciente, e são elas o nosso pensamento principal. Só temos consciência do começo e do fim de nosso pensamento. O resto se desenvolve no fora da consciência. Isso não quer dizer que esta forma imagética de pensar seja superior ao pensamento consciente. Abandonado a si mesmo, ela é suficiente para alguma adaptação no mundo, mas perderá seu caráter de pensamento criador, pois o elan de criar qualquer coisa, de fazer qualquer coisa no mundo, a direção absoluta e a concentração em direção às funções do real faltam a este pensamento, já que ele não é necessariamente um pensamento dirigido, pois se destina a trabalhar mais para si mesmo do que para os outros. Apenas de sua colaboração com o pensamento consciente pode-se engendrar uma obra criadora no mundo, pois ele deve se apoderar do pensamento não consciente e utilizá-lo.

Daí que é preciso passar pela castração para fazer um filme, mas é preciso acolher o feminino pós-fálico para criar o filme, recebê-lo e deixar-se fazer pelo filme. Cinema e psicanálise permitem a dupla expressão de um tempo cronológico, linear e unificador e de um tempo psíquico, crônico, múltiplo e aberto ao inesperado.

Quando a autora situa o último filme-ferramenta, *Clube da luta*, nos anos 1990, ela data esta época da queda do muro de Berlim ao 11 de setembro. Justamente o visionarismo de Fincher termina o filme de 1999, com a explosão de prédios em Nova York. A proposta de Hausen sugere que outros filmes possam representar outros tempos do devir histórico. A pergunta que faz

na introdução é inspiradora: “O modelo proposto por Freud colide com a cultura do atual milênio? Cultura recheada do rápido e do eficaz, embora fugaz, *self-service* realizado pela ingestão da pílula do prazer imediato; cultura que proíbe a tristeza e obriga a alegria, e ao mesmo tempo, retira das pessoas muito do que, no genuíno do seu ser, poderia gerar-lhes essa mesma alegria: a justiça, a dignidade, o orgulho de ser um trabalhador e a honra de poder cuidar dos filhos e de si próprio. Será a psicanálise e os conceitos freudianos objetos de museu a serem expostos com honra, mas como representantes de um passado histórico?” (p. 17).

O tempo das redes sociais é o tempo do máximo de conexão social e o máximo de desconexão com o próximo, com o outro. Esta desconexão traduz um narcisismo de morte, sem afeto e autocentrado, uma não ética, onde sequer o dinheiro é almejado, ele é apenas uma consequência, mas sim o poder gerado pelo gozo de ser o número um. Parece que vai ficando para trás a ética do capitalismo do século xx que associava dinheiro e prestígio a trabalho e invenção ou uma ética mais antiga do esforço como no esporte, na valorização da competição pela capacidade, onde se perde ou se ganha com honra. Este é o lado negro sinistro do nosso admirável mundo novo da internet.

Uma visão mais otimista das redes reimaginariza a potência do social como não negadora da potência da natureza, geradora de uma rede de sustentação móvel e energética. O homem, por sua própria ação civilizatória, vem destruindo pela poluição ambiental o seu habitat preferido até agora, o planeta Terra, de uma forma quase irreversível. A subjetividade contemporânea tem que fazer uma rápida mutação para que o planeta continue a ser a casa das gerações futuras. Por isso assistimos ao fim da transcendência e dos saberes transcendentais na contemporaneidade e a valorização da experiência, do ritmo da vida como fundadores de uma nova imaginarização dos processos de simbolização que subjazem na potência do social, que leve em conta a multiplicidade e a complexidade da vida viva cotidiana

3 S. Spielrein, “Quelques analogies entre la pensée de l’enfant celle del’aphasique et la pensée subconsciente”. In *Sämtliche Schriften*, Psychosozial-Verlag (Edition Kore), Giessen, 2002.



das comunidades sociais e desacelere a hipervelocidade dos processos civilizatórios calcados na tecnologia de dominação guerreira e informacional. É necessário pensar como cada homem em seu cotidiano pode internalizar e realizar as ações necessárias à preservação de seu habitat e que ela não seja transformada em mero ato de consumo

e consumação. A potência das redes virtuais e reais é o novo paradigma do social neste século XXI. Só assim o modelo proposto por Freud não colidirá com a cultura do atual milênio. Esta é uma resposta possível à indagação de Hausen. Mas, parafraseando Freud, em *Mal-estar na cultura*, quem poderá prever o que predominará?

# Dor psíquica, corpo e histeria: “ela está onde nossos olhos não estão olhando”

Daniele R. Sanches

Resenha de Berta Hoffmann Azevedo, *Crise Pseudoepiléptica*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011. 192 p. Coleção Clínica Psicanalítica.

170

PERCURSO 47 : dezembro de 2011

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo.

[Machado de Assis – *Dom Casmurro*, 1899.]

*Ela está onde nossos olhos não estão olhando*, a quase derradeira frase de Berta Hoffmann Azevedo em seu livro *Crise pseudoepiléptica* refere-se ao atual silenciamento dos psicanalistas em relação à psicopatologia fundadora da Psicanálise: a Histeria. O livro, tal como afirma e reafirma várias vezes a autora, não pretende partir do princípio (ou do pressuposto) de que toda crise pseudoepiléptica seria o equivalente moderno e inequívoco do antigo ataque histérico da época charcotiana. Não é disso que se trata! – insiste, incansavelmente, a autora. E eis aí, nesse movimento de cautela, o primeiro sucesso assertivo de seu argumento. O livro narra diversas histórias clínicas de pacientes que em função da apresentação

**Daniele R. Sanches** é psicanalista, doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) com apoio financeiro da CAPES; mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP, membro do Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo (FCLSP), onde integra a Rede de Pesquisa Sintoma e Corporeidade desde 2005.

de convulsões foram diagnosticados como epilépticos e por anos foram tratados como tal, recebendo medicação intrínseca ao tratamento da epilepsia, sofrendo com seus efeitos e restrições, até que lhes foi dada a oportunidade de serem submetidos ao exame de Vídeo-EEG; um exame durante o qual o paciente fica internado e monitorado com eletrodos que permitem ao médico acompanhar simultaneamente a imagem do eletroencefalograma no instante da convulsão do paciente. É pela presença de convulsões atuadas na ausência de qualquer alteração elétrica que o médico pode identificar que as crises convulsivas vividas por aquele paciente *não são verdadeiras crises epilépticas*. Desse modo, a retificação nominativa se faz pelo negativo e a convulsão é definida como *crise pseudoepiléptica*. Na sequência em dominó, o paciente tem seu diagnóstico total também retificado: não é epilepsia, é *pseudoepilepsia*. Após a readequação diagnóstica o paciente era muitas vezes simplesmente dispensado de qualquer tratamento, por não ter nenhuma doença organicamente comprovada – encaminhamento comum, relatado pela autora. É possível imaginar o quão lançados ao abismo estão esses pacientes que perdem o sentido da existência da manifestação mostrada violentamente em seu corpo; não sentido que coloca a eles, e a todos a sua volta, um enigma sobre o que se passa com seu corpo ou ainda coloca a questão: então, quem foram durante todos esses anos? De início esse é o surpreendente contexto clínico narrado por Berta Azevedo. Numa atuação conjunta entre a equipe de Divisão de Psicologia do Hospital das Clínicas de São Paulo e o setor de Neurologia responsável pela reavaliação diagnóstica desses pacientes, após serem diagnosticados como *pseudoepilépticos*, eles passaram a ser encaminhados para atendimento clínico psicológico, campo onde se desenvolveu toda a pesquisa de Azevedo, dando origem ao livro. Ao narrar a história de seus sintomas, ao narrar seu sofrimento, suas fantasias e sua posição subjetiva nos triangulares laços sociais, a maioria desses pacientes ofereceu à sensível escuta clínica da autora elementos di-

versos que juntos compõem o diagnóstico de histeria, sendo somente a partir daí – após a escuta daquilo que esses pacientes tinham a dizer sobre si – que Berta Azevedo pôde refazer a arqueologia desse sofrimento psíquico (expresso no corpo), e então, pôde lançar mão, como opção de leitura diagnóstica, da histeria.

### “Das Unheimliche” como categoria de análise: o corpo e discurso que desafiam o saber

A mulher era para ele a obra suprema, o verbo da criação. Toda a religião como toda a felicidade, toda a ciência como toda poesia, Deus a tinha encarnado nesse misto incompreensível do sublime e do torpe, do celeste e do satânico: amálgama de luz e cinzas, de lodo e néctar.

[José de Alencar – *A Pata da Gazela*, 1924.]

Apesar da atualidade de o diagnóstico de histeria estar no centro do debate, o livro *Crise pseudoepiléptica* não faz qualquer afirmação de cunho totalista que pretenda ler ou encaixar a histeria em toda manifestação corporal ou em toda crise pseudoepiléptica, pelo contrário, a autora é absolutamente enfática a esse respeito: “Os termos ‘pseudoepilepsia’ e ‘histeria’ não estão sendo usados nesse trabalho como sinônimos. Pseudoepilepsia é um diagnóstico neurológico que afirma o não envolvimento de alterações elétricas cerebrais que justifiquem as crises epileptiformes. Já o diagnóstico de histeria é uma categoria psicanalítica e demanda, portanto, uma escuta criteriosa do caso” (p. 46). De modo igualmente consciente, a autora afirma que as transformações culturais da pós-modernidade devem sim ser consideradas e, sim, seus efeitos podem implicar modificações nas formas de sintoma e sofrimento; mas, ao mesmo tempo, essa elogiosa cautela não a impede de posicionar-se radicalmente contra a afirmação constante nos corredores atuais da psicanálise de que a histeria, tal como era vista na época de Charcot, já não existe mais.

Adotada essa posição, o interlocutor privilegiado da discussão não é uma determinada Escola

ou uma específica linha de pensamento psicanalítico, mas sim autores, clínicos e pesquisadores que decretam o fim da psicopatologia *histeria* (seja em sua forma historicamente florida e espetacular, ou não) em benefício de um discurso que absolutiza a transformação pós-moderna, sem dar escuta a um fato fundamental: a narrativa dos pacientes. É bem verdade – e esse é um dos principais pontos de chamada do livro – que tais manifestações corporais de sofrimento (ataques dotados de queda ao chão, descontrole muscular involuntário, crises de ausências e movimentos tônico-clônicos) acontecem onde nossos olhos não estão olhando: nos hospitais, serviços de neurologia e setores públicos de emergência de saúde. O deslocamento do palco onde se produz a apresentação desses fenômenos é apontado por Berta Azevedo como um dos responsáveis para que tais manifestações sejam colocadas em forma de epitáfio e declaradas apenas como fatos históricos, extintos do atual campo psicanalítico.

Além desse debate como problemática central, o livro oferece também ao leitor noções introdutórias da epilepsia, situando brevemente o campo da Neurologia recortado pelo espaço de saber no qual ocorre o exame Vídeo-EEG – divisor de águas diagnósticas – e apresenta ainda uma cuidadosa revisão dos fundamentos históricos e conceituais dos ataques histéricos e da histeria enquanto psicopatologia, trazendo distinta e comparativamente o antigo diagnóstico de *histeroepilepsia*, dado por Charcot. Todos os capítulos do livro são trançados com casos clínicos cuja escrita remete à forma de romance com características que tocam quase um estilo de investigação policial assim marcada cada vez que a autora convoca o leitor: “retomemos a cena em que o paciente...”; essa estilística permite deslizar a leitura e retoma a estreita relação entre literatura e psicanálise – lembrando aqui que Freud, apesar de não gostar que seus casos fossem lidos como romances, recebeu um prêmio literário por sua bela forma de escrever. Assim, tecido por uma escrita de leitura fácil, pautado exclusivamente na teoria freudiana como fundamento interpretativo dos casos, para além da contribuição

sobre a atualidade da histeria, o livro pode ser tomado como instrumento a serviço da transmissão da psicanálise, como exemplo introdutório e fundamental que mostra o raciocínio investigativo e interpretativo de um psicanalista, associado ao rigor metodológico de uma pesquisa acadêmica. “*Les théories, c’est bon, mais ça n’empêche pas d’exister*”<sup>1</sup>; é com essa frase de Charcot que Renato Mezan resume no prefácio do livro o argumento desenvolvido por sua orientanda, e é com ela que se abre o convite para que os psicanalistas de hoje atualizem suas escutas e redescubram não só a velha princesa da psicanálise – modo de a autora se referir à histeria – mas que redescubram também o seu velho vestido de baile: o corpo em cena.

De outro modo, se o ponto forte do livro é a própria clínica psicanalítica, um ponto metodológico merece igual destaque, revelando que se trata de uma autora-pesquisadora: Berta Azevedo antecipa-se às possíveis críticas apressadas a seu trabalho e reforça a construção do seu argumento retirando os sintomas corporais (expressos pelas crises pseudoepilépticas) do centro da atividade diagnóstica e colocando-os como “o mais um” dos elementos que combinados a outras categorias de análise discursiva sustentam o diagnóstico de histeria. Também extraída da narrativa dos pacientes, uma das mais belas categorias de análise recortada pela autora é a própria *interpretação transcendente* na qual os pacientes se apoiavam para explicar sua manifestação, recentemente destituída de sua origem orgânica. A autora nota que os próprios pacientes adotavam discursos de serem “possuídos” cuja crença em sua veracidade etiológica, como destaca Berta Azevedo, estava muita mais sustentada no fato de tal explicação dar-lhes o lugar de “único”, do que propriamente no caráter espiritual e demoníaco presente, revelando diferentes lados do conflito psíquico que viviam: *misto incompreensível do sublime e do torpe, do celeste e do satânico*; tal descrição que mistura o júbilo de ser “a única” com a interpretação transcendente é

belissimamente representada pelo “caso Flora”, que pode ser resumido na seguinte afirmação de Lacan (1970): “o que a histérica quer que se saiba é, indo a um extremo, que a linguagem derrapa na amplitude daquilo que ela, como mulher, pode abrir, para o gozo. Mas não é isto que importa à histérica. O que lhe importa é que o outro chamado homem saiba que objeto precioso ela se torna nesse contexto de discurso” (p. 32)<sup>2</sup>. Se, por um lado, a escuta da autora reforça o diagnóstico da posição subjetiva histérica representada por *aquela que é única, diferente de todas as outras*, por outro lado, ao apresentar dois casos de histeria masculina, Berta Azevedo quebra, sem querer, outro mito: aquele que supõe que o diagnóstico de histeria se associa quase que exclusivamente às mulheres. A autora destaca ainda da fala dos pacientes o aparecimento constante de descrições de sensações de estranhamento, uma regularidade que lhe permite elevar o conceito freudiano de *Unheimliche* ao estatuto de importante categoria clínica. Dando êtico destaque ao peso e papel fundamental do diagnóstico de *pseudo*, o olhar investigativo da autora percebeu que o *falso*, imposto pela nomenclatura diagnóstica, abriu caminhos para o questionamento subjetivo desses pacientes sobre o que então acontece com seu corpo, mas tal abertura não adveio só, ela veio acompanhada pela descrição do estranho familiar, e assim o *Unheimliche* revelou-se como uma constante nesses casos erigindo-se como categoria clínica, merecendo destaque no livro por ser fruto do rigor metodológico combinado à investigação clínica.

Diagnóstico e dor psíquica:  
a desautorização do sofrimento através da denominação *pseudo* e questões à interpretação diagnóstica da atualidade

Essas coisas não existiram nunca, mas aconteceram sempre

[Salústio]

Da operação de escolha para as categorias de análise, procedimento próprio de uma pesquisa, salta

1 As teorias são úteis, mas não impedem algo de existir.

2 J. Lacan, J. (1969/70). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.



aos olhos o ponto no qual Berta Azevedo problematiza o peso jogado em questão ao paciente quando, diante da não constatação de alterações elétricas que justificassem sua crise convulsiva, eles recebem o diagnóstico de “*pseudo*”. Numa consistente retomada histórica é lembrado ao leitor, num movimento de contínuo resgate – que, aliás, define a identidade do livro – que a problemática do falso sofrimento sempre esteve na origem da categoria de histeria. A pesquisa bibliográfica da autora relembra que Charcot foi acusado por seus contemporâneos de fabricar a histeria e suas pacientes, por sua vez, eram acusadas de forjarem sofrimento e contorções corporais, via uma teatralidade. Toda essa dimensão do *sofrimento falso* e *sofrimento verdadeiro* é novamente colocada em sinuca quando a reavaliação diagnóstica da neurologia propõe que as crises desses pacientes são *crises pseudo*. É justamente nessa hiância diagnóstica, identificada pela autora como um *limbo entre a Neurologia e a Psiquiatria*, é justamente aí – afirma a autora – que a psicanálise deveria recrutar para si a escuta para tal sofrimento. O problema – diz Berta Azevedo – é que os próprios psicanalistas estão contribuindo para o não reconhecimento da existência desse tipo de sofrimento psíquico. A autora fundamenta sua leitura crítica dessa postura atual em duas hipóteses. A primeira delas: “o fator que talvez possa dificultar o reconhecimento da histeria em alguns espaços psicanalíticos seja a tendência de valorização das vivências primitivas em detrimento do Complexo de Édipo” (p. 184); a segunda: “[...] outro fator que pode dificultar pode ser a cultura atual da valorização do novo” (p. 184). Nessa segunda hipótese, a autora traz o importante debate sobre a *supervalorização de certos diagnósticos como o borderline* – fazendo coro a seu argumento, eu acrescentaria a igual desmedida supervalorização de diagnósticos como as chamadas *psicoses ordinárias* ou *psicoses brandas ou compensadas*, que parecem ter proliferado na cena literária atual. Mas, voltando à construção da autora, para Berta Azevedo, a segunda crítica não

é desvinculada da primeira e a sobrevalorização de tais diagnósticos, em detrimento dos antigos, é fundada numa estranha escuta clínica que privilegia aspectos das vivências primitivas e acaba desconsiderando a sexualidade e as vivências edípicas. Podemos verificar que, para esse argumento, Berta Azevedo tem a seu favor críticos tais como André Green<sup>3</sup>, que reconhecidamente explora o mesmo argumento. Para resumir o ponto chave de sua leitura, vemos o comprometimento ético da autora ao deixar implícito nas entrelinhas que a desautorização do sintoma imposta pela denominação *pseudo* é tão nociva à dignidade clínica desse sofrimento quanto a falta de reconhecimento dos psicanalistas sobre a atualidade dessa forma de expressão psicopatológica; nas palavras da autora: “[...] atualmente os sujeitos histéricos estão tão à margem, quanto antes”.

Por fim, adotando uma posição cuidadosamente reticente quanto às novas formas de expressão de sofrimento e de novas sintomatologias da contemporaneidade, Berta Azevedo compõe a justificativa de sua posição ao identificar que um dos alicerces para a proliferação de novos diagnósticos estaria num discurso que canaliza forças para o apagamento negligente de formas de sofrimento tão existentes quanto antes. Ainda que os autores mais cautelosos, advogados da transformação pós-moderna em sua forma menos radical, decretem que a histeria existe, mas sob novas roupagens, a autora concorda com eles apenas parcialmente, já que seu livro vem mostrar que, em certos contextos, não só o rosto é o mesmo, como a fisionomia também é a mesma da apresentação histérica retratada nas lições de Charcot. Essa tomada de posição é pautada pelo mais contundente dos argumentos em psicanálise: a escuta clínica.

Nesse debate, e agora expondo uma reflexão particular provocada pela leitura do livro, parece haver no campo psicanalítico um misto de fascínio e pressão para que os clínicos se posicionem em um dos dois lados da gangorra teórica, definindo qual sua interpretação da atualidade e assim concentrando suas forças, ora para sustentar que o centro é a prevalência de roupagens novas para

3 A. Green, “Has a sexuality anything to do with psychoanalysis?”, *International Journal of Psychoanalysis*, Londres, v. 76, p. 871-883, 1995.

antigos sofrimentos, ora para defender que as antigas formas de expressão do sofrimento psíquico já não mais existem – já que a pós-modernidade apagou as velhas formas de existir no mundo, apagando também antigos sintomas e patologias. Mas os casos clínicos trazidos pelo livro *Crise pseudoepiléptica*, colocando novamente em cena a demonstração do funcionamento histérico em sua forma de sofrimento mais espetaculoso, nos induzem a pensar que talvez seja preciso introduzir uma torção na discussão psicanalítica atual, desfazendo o modo binário e polarizado de interpretar a atualidade (modelo no qual, ou se está do lado do antigo, ou se está do lado do novo). Reafirmando que se trata aqui de um pensamento particular desencadeado pela leitura, em vez de defendermos qual forma de sofrimento estaria no centro do interesse clínico atual (por conseguinte, qual forma de sofrimento estaria em desuso, já superada), parece-me que, a partir das narrativas clínicas encontradas no livro de Berta Azevedo, o campo psicanalítico pode estar sendo convocado a substituir sua interpretação da atualidade feita através de um modelo circular (em forma de esfera, onde há um ponto central e todos os outros são periféricos) por um modelo de leitura que seja em forma de elipse; em outras

palavras, já estaria em tempo de suportarmos um modelo interpretativo da atualidade que permita o reconhecimento da existência simultânea de dois eixos: há formas antigas de sintomas e sofrimento ainda vigentes que precisam ser dignas de reconhecimento atual, diagnosticadas e escutadas como tal, coexistindo com formas novas de mal-estar, sintomas e sofrimentos que precisam ser pensadas e debatidas à luz de novas contribuições.

Esse adendo particular suscitado pela leitura é simples pano de fundo para uma contribuição muito mais produtiva trazida à luz pelo livro. Com o corajoso gesto de trazer a narrativa clínica até seu leitor, a autora devolve à discussão teórica algo fundamental, resgatando uma forma de transmissão da psicanálise que parece estar sendo tão extinta e esquecida quanto a categoria que se dispôs a analisar. Em época de vastas produções bibliográficas, dotadas de complexas e infindáveis erudições ornamentais, com sua escrita simples e descomplicada, Berta Azevedo, em seu livro *Crise pseudoepiléptica*, oferece aos psicanalistas outro lembrete, um gigante detalhe – diríamos assim – cada vez mais esquecido: em psicanálise, a clínica é soberana e é preciso escrever sobre ela!

## Colaboradores deste número

Alessandra Monachesi Ribeiro

40, Rue Caulaincourt  
75018 Paris, França  
Fone: 00(xx)33 6 20 46 72 17  
alemonachesi@gmail.com

Andréa Carvalho

R. Pelotas, 438  
04012-001 São Paulo SP  
Fone: (11) 3889-9406  
andrea@construnet.com.br

Ane Araújo

R. Eng. Antonio Jovino, 220, cj. 61  
05727-220 São Paulo SP  
Fone: (11) 3746-2999  
marcondes@marcondes.net

Ângela Maria Resende Vorcaro

R. Paul Bouthilier, 353  
30315-010 Belo Horizonte MG  
Fone: (31) 3499-5027  
angelavorcaro@uol.com.br

Annie Topalov

13, Rue Du Dragon  
75006 Paris, França  
annie.topalov@wanadoo.fr

Bela M. Sister

R. Maranhão, 584, cj. 42  
01240-000 São Paulo SP  
Fone: (11) 38245-3470  
belasister@terra.com.br

Betty B. Fuks

Av. Rui Barbosa, 500 ap. 602  
22250-020 Rio de Janeiro RJ  
Fone: (21) 2553-0180  
betty.fuks@gmail.com

Clarissa Metzger

R. Sen. César Lacerda Vergueiro, 199  
05435-060 São Paulo SP  
Fone: (11) 3097-9728  
clarissa2007@uol.com.br

Danielle Melanie Breyton

R. Prof. João Arruda, 53  
05016-110 São Paulo SP  
Fone: (11) 3873-3457  
danibreyton@gmail.com

Daniele R. Sanches

R. Manoel da Nóbrega, 354/85  
04001-001 São Paulo SP  
daniele\_rsanches@hotmail.com

Deborah Joan de Cardoso

R. Prof. João Arruda, 53  
05016-110 São Paulo SP  
Fone: (11) 3873-3457  
deborah@santacruz.g12.br

Douglas Emiliano Batista

R. Osiris Magalhães de Almeida, 652,  
ap. 94c  
05634-020 São Paulo SP  
Fone: (11) 2894-0235 / 9125-3260  
demilian@uol.com.br

Elaine Armênio

R. Dr Paulo Vieira, 45  
01257-000 São Paulo SP  
Fone: (11) 3871-5648  
earmenio@uol.com.br

Eva Chaska Uchitel Tesch

R. Padre Cerdá, 355  
05448-050 São Paulo SP  
Fones: (11) 3801-2229 / 8470-0357  
evatesch@yahoo.com.br

Fernando da Silveira

R. Comendador Paulo Bracato, 28  
04017-100 São Paulo SP  
Fone: (11) 9615-5345  
E-mail fesilveira1@uol.com.br

Flávia Branco Volpe

R. Antero Mendes Leite, 155  
04108-020 São Paulo SP  
Fone: (11) 5571-6574  
flaviabvolpe@hotmail.com

Flávio Carvalho Ferraz

R. João Moura, 647 cj. 121  
05412-911 São Paulo SP  
Fone: (11) 3088.9696  
ferrazfc@uol.com.br

Glauca Peixoto Dunley

R. Barão da Torre, 32 B, ap. 803  
22411-000 Rio de Janeiro RJ  
Fones: (21) 9333.3307 / 2247.0155  
glauciadunley@terra.com.br

175

Colaboradores deste número

Heitor O'Dwyer de Macedo

13, Rue Valette  
75005 Paris, França  
hdemacedo@gmail.com

João A. Frayze-Pereira

R. Joaquim Antunes, 727, cj. 72  
05415-012 São Paulo SP  
Fone: (11) 4702-4781  
joaofrayze@yahoo.com.br

Júlia de Sena Machado

R. dos Otonis, 909/406  
30150-270 Belo Horizonte MG  
Fone: (31) 9612-8793  
julia\_machado@hotmail.com

Lucas Fernandes Loureiro

R. Ismael de Faria, 165  
30380-500 Belo Horizonte MG  
Fone: (31) 3297-4847  
cabeica@hotmail.com

Luís Claudio Figueiredo

R. Alcides Pertiga, 65  
05413-100 São Paulo SP  
Fone: (11) 3086-4016 / 3083-3731  
lclaudio@netpoint.com.br

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Av. Paulista, 509, cj. 05  
01311-000 São Paulo SP  
Fone: (11) 3284-5963  
lourdescosta@uol.com.br

Maria Esther Soares

Av. Ataulfo de Paiva, 319 cj. 703/704  
22440-032 Rio de Janeiro RJ  
Fone: (21) 2274-2350 / 9997-7049  
m.ester@uol.com  
tlk@tlkconsultoria.com.br

Maurício Castejón Hermann

Av. Senador Flaquer, 601  
09725-442 S. Bernardo do Campo SP  
Fone: (11) 2381-6180  
attenda@attenda.com.br

Paula Regina Peron

R. São Vicente de Paula, 95 cj. 53  
01229-010 São Paulo SP  
Fone: (11) 3875-0222  
prperon@uol.com.br

Renata Udler Cromberg

R. Atlântica, 776  
01440-000 São Paulo SP  
Fone: 3816-2184  
renatauc@uol.com.br

Renato Cury Tardivo

R. Gabrielle D'Annunzio, 500  
04619-000 São Paulo SP  
Fone: (11) 5561-0671  
rctardivo@uol.com.br

Renato Mezan

R. Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP  
Fone: 3081-4851  
rmezan@uol.com.br

Roberto Villaboim

R. Prof. Antônio Arruda Malheiros, 59  
05418-070 São Paulo SP  
Fone: (11) 3032-8686  
rvillaboim@uol.com.br

Rosa R. Krausz

R. Vicente Leporace, 42  
04619-030 São Paulo SP  
Fone: (11) 5044-7652  
rokra@terra.com.br

Sílvia Gonçalves

R. Barão do Triunfo 88 cj. 1205  
04602-000 São Paulo SP  
Fone: (11) 9980-2245  
silviamgs@uol.com.br

Silvio Hotimsky

R. Ilhéus, 135  
01251-030 São Paulo SP  
Fone: (11) 3862-7743  
silviohotimsky@hotmail.com

Susan Markuszower

R. Luis Anhaia 59  
05433-020 São Paulo SP  
Fone: (11) 3062-5224  
susanmark@uol.com.br

Tales A.M. Ab'Sáber

R. Joaquim Antunes, 490, cj. 2  
05414-020 São Paulo SP  
Fone: (11) 3083-7108  
tsaber@usp.br

Tiago Corbisier Matheus

R. Fradique Coutinho, 1640 ap. 42  
05416-002 São Paulo SP  
Fone: (11) 3813-5923  
tmatheus@uol.com.br

Zygmunt Bauman

1 Lawnswood Gardens  
Leeds LS 16 6 HF  
England



# Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na Revista Percurso pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os trabalhos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por uma página de rosto contendo:

- + o título e o nome do autor
- + sua qualificação
- + endereço (incluir CEP)
- + telefone (incluir DDD)
- + e-mail
- + um resumo de cinco linhas em português e inglês
- + até seis palavras-chave em português e inglês
- + número exato de caracteres do texto, com espaços
- + data de remessa.

2. A página de rosto é destacada quando o trabalho é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor. Portanto, para identificar de qual artigo se trata, o título deverá ser repetido na primeira página do texto.

3. Os trabalhos deverão ser entregues em sete cópias, pessoalmente ou por correio (sem SEDEX), à Coordenação Editorial de Percurso: Rua Amália de Noronha, 198, 05410-010 São Paulo. Não serão aceitos trabalhos enviados por e-mail.

4. Todos os trabalhos são analisados em detalhe pelo plenário da Comissão Editorial ou da Comissão Editorial de Resenhas, que poderão solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres. Uma vez aceito, um membro destas transmite ao autor eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, em particular – mas não só – a fim de o adequar aos padrões gráficos da revista.

5. **Recomenda-se que os artigos enviados tenham até, no máximo, 35.000 caracteres, e as resenhas até 15.000 caracteres (em ambos, incluídos os espaços).**

6. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por Percurso:

- + o que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.
- + colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- + palavras estrangeiras e títulos de livros mencionados no texto: estilo itálico, sem aspas.
- + títulos de artigos mencionados no texto: estilo normal, com aspas;
- + citações: entre aspas, com chamada de nota.

7. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

a. **Nome do autor:** em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.

b. **Artigos e capítulos de livros:** título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem, cidade, editora, ano de publicação e página citada, precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleichmar e C. Bleichmar, “Os pós-kleinianos: discussão e comentário”, in *A Psicanálise depois de Freud*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 286. Caso se trate de uma revista ou periódico, colocar em itálico o nome da revista, indicando número ou volume, local de publicação, ano e página citada. Exemplo: R. Zygouris, “O olhar selvagem”, *Percurso* n. 11, São Paulo, 1993, p. 12. (Não se usa in antes do nome de um periódico).

c. **Livros:** título em itálico, cidade, editora, ano de publicação e página(s) citada(s). Exemplo: J. Greenberg e S. Mitchell, “Object Relations”, in *Psychoanalytic Theory*, Cambridge, Harvard University Press, 1993, p. 377 (ou: p. 377-378).

d. **Textos citados mais de uma vez:** a partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder Bacha, *A arte de formar*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 45; segunda citação, Marcia Neder Bacha, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1009, p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte...*, p. 134; quinta citação, Bacha, *A arte...*, p. 136; e assim sucessivamente.

e. **Referências bibliográficas:** Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: Mezan, R. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; Levisky, D. *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

8. **Para resenhas:** título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as psicoses: primeiros estudos*. Rio de Janeiro:

Xenon, 1994, 274 p. O nome, qualificação, endereço, telefone e e-mail do resenhador devem vir no final do texto, seguindo o solicitado no item 1 destas Normas. Colocar na página de rosto as palavras-chave da resenha: não é necessário apresentar resumo ou abstract.

9. Uma vez atendidas as recomendações das Comissões Editoriais, os trabalhos serão entregues no endereço acima, em CD, no formato Word (.doc), acompanhados de uma cópia impressa.

10. O autor receberá cinco separatas do seu trabalho, além de um exemplar do número em que ele figura. Os trabalhos recusados não são devolvidos; o *copyright* dos aceitos pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na Revista *Percurso*. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no site da revista, [www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso).

## Onde encontrar *Percurso*

### Belo Horizonte

Livraria do Psicólogo  
Av. do Contorno, 1390  
Floresta  
Tel.: (31) 3303-1013 / 3428-5000  
livrariadopsicologo@livrariadopsico  
logo.net

### Fortaleza

Livraria Lua Nova  
Av. Treze de Maio, 2861  
Benfica  
Tel.: (85) 3214-5488

### Goiânia

Dimensão  
R. 1121, nº 249 – setor Marisa  
Tel.: (62) 3281.4135  
dimens@terra.com.br

### Porto Alegre

Livraria Cultura  
Av. Túlio de Rose, 85 loja 302  
Tel.: (51) 3028-4033 / 3170-4033  
dqmanzano@livrariacultura.com.br

### São Paulo

FNAC Brasil – Pinheiros  
Praça Omaguás, 34  
Telefax: (11) 3815.1099 r. 271  
revistaria@fnac.com.br

Livraria APG  
R. Monte Alegre, 948  
Perdizes  
Tel.: (11) 3871-2023 / 3862-9065  
livrariaapg@terra.com.br

Livraria Cultura – Villa Lobos  
Av. das Nações Unidas, 4777 loja 245  
Tel.: (11) 3024-3599 / 3024-3570  
rodrigoh@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Market Place  
Av. Dr. Chucri Zaidan, 902 loja 222  
Tel.: (11) 3474-4033  
gaalmeida@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Paulista  
Av. Paulista, 2073 loja 153  
Conjunto Nacional  
Tel.: (11) 3474-4033  
cgtorres@livrariacultura.com.br

Livraria da Vila  
R. Fradique Coutinho, 915  
Vila Madalena  
Tel.: (11) 3814-5811

Livraria Pulsional  
Rua Min. Gastão Mesquita, 132  
Perdizes  
Tel.: (11) 3865.8950 / 3675.1190  
pulsional@uol.com.br

### Maura Book's

Vila Guilherme  
Rua José Gonçalves Gomide, 545  
Tel.: (11) 2909.1959 / 3865-1232  
mbooks@uol.com.br

Resposta Editorial  
R. Texas, 658  
Brooklin  
Tel.: (11) 5044-7565

### Sorocaba

Psicologia no Cotidiano  
Av. Presidente Kennedy, 316  
Jardim Paulistano  
Tel.: (15) 3327-2104  
contato@psicologianocotidiano.com.br  
www.psicologianocotidiano.com.br

### Salvador

Colégio de Psicanálise da Bahia  
Urania Tourinho  
R. Alfredo Magalhães, 96, 1º andar  
Barra  
Tel.: (71) 3264-3202

### Uberaba

Ilcéa Borba Marquez  
Rua Alfên Paixão, 599  
Mercês  
Tel.: (34) 3312.7761



Galloro. Contribuindo para o seu sucesso.

## Nós entendemos a sua empresa.

Ninguém conhece o seu negócio melhor do que você, e será nossa tarefa conhecê-lo bem, ouvir suas opiniões e compreender os desafios que você e sua organização enfrentam.

## Serviços que excedem as suas expectativas.

Nosso pessoal e nossa estrutura estão organizados de forma que possamos trabalhar lado a lado com sua empresa. Nossa meta é exceder as suas expectativas ao sugerir idéias e fazer abordagens inovadoras, identificando novas oportunidades e oferecendo suporte nas tomadas de decisões.

## Descubra o diferencial da Galloro.



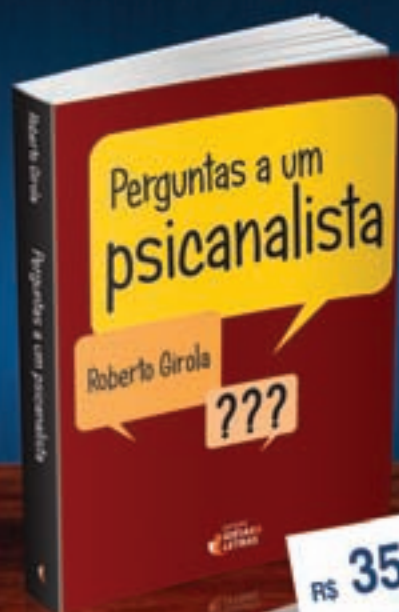
Av. Ipiranga, 104 2º e 3º Andar • São Paulo • SP • Brasil • CEP 01046 918 • Tel + 55 11 3255 0555 • Fax +55 11 3214 1139  
[www.galloro.com.br](http://www.galloro.com.br)



www.galloro.com.br



# DUAS OBRAS PARA ENRIQUECER SEU CRESCIMENTO PESSOAL



## PERGUNTAS A UM PSICANALISTA

**ROBERTO GIROLA**

Com linguagem cativante e acessível, Roberto Girola responde a perguntas simples, nascidas de pessoas comuns que querem apenas uma orientação para viverem seu dia a dia. Ao longo das respostas, o autor se revela cheio de atenção e cuidado pelo humano, buscando estar próximo de cada pergunta.

## OS PADRES EM PSICOTERAPIA

**ÊNIO BRITO PINTO**

Enriquecido por sua longa prática como psicoterapeuta, o autor desta obra traz uma análise e exposição sobre algumas singularidades do atendimento psicoterápico de religiosos católicos. Teoricamente cuidadosa e abrangente, sua pesquisa se torna leitura proveitosa para todos os terapeutas que, independentemente de suas filiações teóricas, queiram aprofundar-se em sua arte.

Ligue e faça o seu pedido

**0800 16 00 04**

[www.ideiaseletras.com.br](http://www.ideiaseletras.com.br)

EDITORA **IDÉIAS &  
LETRAS**

Cultura é o nosso horizonte





# CULTURA DIGITAL TAMBÉM É O NOSSO HORIZONTE

LIVROS À VENDA NOS SITES: [amazon.com](http://amazon.com)

Para ler Kindle e iPad



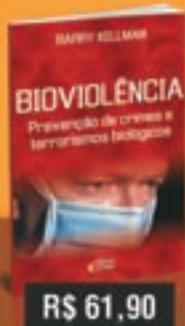
Para todos os celulares que suportem formato ePub e para iPad via aplicativo disponível na App Store



livraria cultura



**BIOVIOLÊNCIA**  
Barry Kellman



R\$ 61,90

**JUNG E A CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA MODERNA**  
Soru Shandassari



R\$ 49,90

**CORA CORALINA RAÍZES DE ANINHA**  
Olivia Carvalho Brito e Rita Elisa Seda



R\$ 35,90

**CATOLICISMO MIDIÁTICO**  
Brenda Carranza



R\$ 27,90

**A ARTE DE FALAR DA MORTE PARA CRIANÇAS**  
Lucilia Elizabeth Paiva



R\$ 26,60

**CIÊNCIAS QUESTÕES IMPERTINENTES**  
Hilton Japiassu



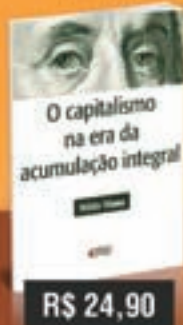
R\$ 25,90

**MODA JEANS**  
Lu Cabrita



R\$ 24,90

**O CAPITALISMO NA ERA DA ACUMULAÇÃO INTEGRAL**  
Nildo Viana



R\$ 24,90

**GUIA PARA PAIS DE PRIMEIRA VIAGEM**  
Tereza Tavares



R\$ 23,90

**BIOÉTICA E INÍCIO DA VIDA**  
Pe. Christian de P. Barchilontani



R\$ 23,90

**CRISES DA VIDA SÃO CHANCES DE VIDA**  
Verena Kast



R\$ 20,90

**O BUDISMO E AS OUTRAS**  
Frank Uzarski



R\$ 19,90

**CRISTÃOS, JUDEUS E PAGÃOS**  
Raquel Franzetti



R\$ 18,90

**SER EXECUTIVO**  
João Barão



R\$ 17,90

**JEANS, A ROUPA QUE TRANSCENDE A MODA**  
Lu Cabrita



R\$ 14,90

[www.ideiaseletras.com.br](http://www.ideiaseletras.com.br)

EDITORA **IDEIAS & LETRAS**

Cultura é o nosso horizonte!

## Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 120,00 (dois números)
- Por telefone:** ligue para (011) 3081-4851, das 9:00 às 16:30, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3081-4851, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Mastercard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para  
*Revista Percurso*  
a/c Setor de Assinaturas  
R. Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP

### Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

NOME:	_____	DATA:	___/___/___			
ENDEREÇO:	_____					
CEP:	_____	CIDADE:	_____	ESTADO:	_____	
TELEFONE	RES.:	( ) _____	COM.:	( ) _____		
CIC:	_____	RG:	_____			
E-MAIL:	_____					
Mastercard:	nº	<input type="text"/>	val.:	<input type="text"/>	/	<input type="text"/>
Visa:	nº	<input type="text"/>	val.:	<input type="text"/>	/	<input type="text"/>
AmEx:	nº	<input type="text"/>	val.:	<input type="text"/>	/	<input type="text"/>
Quantidade de Parcelas:	<input type="checkbox"/>	1	<input type="checkbox"/>	2	<input type="checkbox"/>	5

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS  
R. Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP  
Tel/Fax: (11) 3081-4851

Você também pode nos enviar um e-mail ([percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.

Impresso em Aparecida SP, em março de 2012,  
no parque gráfico da Editora Santuário,  
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae